



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

EVALDO CAVALCANTE MONTEIRO

**ESTRANGEIRAS NO TERRITÓRIO DE VIDA?: UM ESTUDO SOBRE A
PRODUÇÃO SOCIAL DA VELHICE**

Fortaleza

2017

EVALDO CAVALCANTE MONTEIRO

**ESTRANGEIRAS NO TERRITÓRIO DE VIDA?: UM ESTUDO SOBRE A
PRODUÇÃO SOCIAL DA VELHICE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira

Orientadora: Prof.^a Doutora Ângela
Maria Bessa Linhares

Fortaleza

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M775e Monteiro, Evaldo Cavalcante.

Estrangeiras no Território de Vida? : um estudo sobre a produção social da velhice / Evaldo Cavalcante Monteiro. – 2017.
250 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2017.

Orientação: Prof. Dr. Ângela Maria Bessa Linhares.

1. Velhice. 2. Educação. 3. Estrangeiro. 4. Assistência Social.. I. Título.

CDD 900

IVALDO CAVALCANTE MONTEIRO

**ESTRANGEIRAS NO TERRITÓRIO DE VIDA? - UM ESTUDO SOBRE A
PRODUÇÃO SOCIAL DA VELHICE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira

Aprovada em: 13/12/2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ângela Maria Bessa Linhares (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Adolfo Pereira Souza Junior
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Ruth Gelehrter da Costa Lopes
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

À Deus.

Aos meus pais, Etevaldo Maia Monteiro (in
memória) e Maria Zélia Cavalcante
Monteiro

AGRADECIMENTO

A Prof.^a Dr.^a Ângela Maria Bessa Linhares, pela excelente orientação, mas, sobretudo pela forma de acolher humana e cuidados, ensinando-me através do vivido, o que hoje entendo ser a essência de um bom professor.

Aos professores participantes da banca examinadora Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade, Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos, Prof. Dr. Adolfo Pereira Souza Júnior e Prof.^a Dr.^a Ruth Gelehrter da Costa Lopes pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos amigos, mestres e parceiros que compartilharam comigo da minha caminhada até o presente momento. Minha gratidão a todos que, por seus exemplos, me inspiram a ser e fazer melhor. Em especial a Casa do Caminho, Felício Maciel, Sheila Cavalcante, Regina Almeida, Sandra, Rosália, Anália e Lucas Rodrigues, Luiz Gonzaga, Vera Brandão, Tereza Lins, Simone Simões, Elcyana Bezerra, a STDS, Verônica Maciel e Mary Anne Libório e a Cleide Galdino e toda sua equipe pela acolhida. Minha imensa gratidão aos velhos e velhas, veneráveis criaturas de Deus, pela disponibilidade do tempo concedido a mim na pesquisa, tanto nas observações quanto nas conversas, revelando-se heróis e heroínas, anônimos, que muito me ensinaram sobre a vida e a velhice na elaboração deste trabalho.

Aos colegas da pós-graduação, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas.

**“HONRAI A VOSSO PAI E A VOSSA
MÃE.”**

(DECÁLOGO, ÊXODO, CAP. XX, V 12)

RESUMO

Este trabalho é parte integrante do Curso de Doutorado em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, junto à Linha Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola – MovSoc. Parte da problemática da velhice enquanto estrangeira para pensar a pré-expressividade e exposição dialogada como meio de aprendizado adequadas a este universo de pessoas, o qual está em franco crescimento demográfico no Brasil. Utiliza como referencial teórico para pensar a velhice a interseccionalidade entre velhice e gênero. A pesquisa tomou as ferramentas da observação participante, entrevistas e diário de campo – junto a um grupo de idosos vinculado a um serviço público. Teve como objetivo final oferecer uma nova estratégia de atividade sócio-educativa para o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, no âmbito da Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social. A pesquisa evidenciou: o papel de retaguarda das idosas para as famílias, cuidando de seus membros e/ou sustentando-as, 63% dos velhos cearenses são chefes de família. Trabalho é socialmente invisível. Paradoxalmente são maltratadas. Há uma cultura de desvalia dos velhos uma vez que a velhice se inserir no tempo do pós-trabalho formal. Esta cultura passa entre gerações. Os desafios do processo de envelhecimento populacional dizem respeito à sociedade como um todo, posto que o padrão relacional familiar e intergeracional se modificar. O grupo de idosos se mostrou relevante ao fazer rupturas no olhar social da velhice. A educação permanente é necessária como autocompreensão de si neste contexto. O saber técnico-científico entende a morte como estritamente biológico, suprimindo o espiritual, fonte de saber e suporte trazido pelas idosas.

PALAVRAS-CHAVE: Velhice, Educação, Estrangeiro, Assistência Social.

ABSTRACT

This work is an integral part of the Doctoral Course in Brazilian Education of the Faculty of Education of the Federal University of Ceará, along with the Social Movements, Popular Education and School - MovSoc line. Part of the problem of old age as a foreigner to think of pre-expressiveness and dialogue as a means of learning appropriate to this universe of people, which is in rapid demographic growth in Brazil. It uses as theoretical reference to think old age the inter-sectionality between old age and gender. The research took the tools of participant observation, interviews and field diary - together with a group of elderly people linked to a public service that seeks support based on coexistence and strengthening of links. Its final objective is to offer a new strategy of socio-educational activity for the Service of Coexistence and Strengthening of Links, within the scope of the Basic Social Protection of the Unique System of Social Assistance. The research evidenced: the rearguard role of the elderly women to the families, taking care of its members and / or sustaining them, 63% of the old people of Ceará are heads of family. Work is socially invisible. Paradoxically they are mistreated. There is a culture of devaluation of the old as old age enters the time of formal post-work. This culture passes between generations. The challenges of the process of population aging concern the society as a whole, since the family and intergenerational relational pattern changes. The elderly group was relevant when making breaks in the social gaze of old age. Continuing education is necessary as self-understanding of self in this context. Technical-scientific knowledge understands death as strictly biological, suppressing the spiritual, source of knowledge and support brought by the elderly.

Key words: Old Age, Education, Foreign, Social Assistance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura N.º 2.1	Mapa Ilustrativo da Taxa de Suicídio em Idoso no Brasil	69
Figura N.º 2.2	As Lavadeiras	76
Figura N.º 2.3	Café	80
Figura N.º 2.4	Velho em Oração	84
Figura N.º 2.5	Saturno Devorando Filho	111
Figura N.º 2.6	Narciso de Caravaggio	117
Figura N.º 2.7	A Criação de Adão	144
Figura N.º 2.8	O Nascimento de Vênus	147
Figura N.º 3.1	Comedores de Batata	160
Figura N.º 4.1	Você Pode	181
Figura N.º 4.2	Uma Exposição de Objetos Cotidianos e Estimulações sobre Reflexões.	188
Figura N.º 4.3	Relação Professor e Aluno Comum	199
Figura N.º 4.4	Relação Professor e Aluno Singular	200
Figura N.º 4.5	Morte: a vizinha indesejada no xadrez da vida?	205
Figura N.º 4.6.1	Educação Para Que?	209
Figura N.º 4.6.2	Educação Para Vida	209
Figura N.º 4.7.1	As Gerações I	214
Figura N.º 4.7.2	As Gerações II	215
Figura: N.º 4.7.3	As Gerações III	216
Figura N.º 4.8	O Bosque da Vida	217
Figura N.º 4.9	Caminhado	219
Figura N.º 4.10	Diálogo com As Mãos	220
Figura N.º 4.11.1	As Limitações: vivenciando a velhice I	222
Figura N.º 4.11.2	As Limitações: vivenciando a velhice II	222
Figura N.º 4.11.3	As Limitações: vivenciando a velhice III	223

Figura Nº 4.12	Sem Açúcar e Sem Sal, Mas com Afeto	224
Figura Nº 4.13.1	Parangolé – o passado passou I	226
Figura Nº 4.13.2	Parangolé – o passado passou II	227
Figura Nº 4.13.3	Parangolé – Bailando na Vida	228
Figura Nº 4.13.4	Parangolé – Respeito, Reverência ao Vivido	229
Figura Nº 4.14.1	Parangolé – O Futuro Começa Hoje e Aqui	230
Figura Nº 4.14.2	Parangolé – Recebendo o Futuro na Valsa	231
Figura Nº 4.14.3	Parangolé - Reverenciando o Futuro	232

LISTA DE TABELAS

N.º 2.1	Taxa de Crescimento Média Anual da População, por Grupos Etários Brasil 2000-2050	66
N.º 2.2	Condição Econômica dos Velhos	93
N.º 2.3	Envelhecimento e as Sensações e Percepções	100
N.º 3.5.1	Localização de Moradia na Área de Abrangência da Instituição Pesquisada	169
N.º 3.5.2	Localização de Moradia Fora da Área de Abrangência da Instituição Pesquisada	170
N.º 3.5.3	Localização de Moradia em Outros Municípios	172
N.º 3.5.4	Composição Familiar	173
N.º 3.5.5	Escolaridade do Idoso	174
N.º 3.5.6	Tempo de Admissão no Grupo	175
N.º 3.5.7	Condição Econômica do Idoso	176
N.º 3.5.8	Condição Econômica da Família do Idoso	177
N.º 3.5.9	Condição Econômica Total da Família	177
N.º 3.5.10	Condição Econômica do Idoso Quanto a Fonte	178
N.º 3.5.11	Participação por Sexo	179

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico N.º 2.1	Percentagem de idosos na População Brasileira de 1940 a 2000 e Previsão para 2025	64
Gráfico N.º 2.2	Pirâmide Etária da População por Sexo. Brasil, América Latina e Caribe – 1950-2050	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	17
PSB	Proteção Social Básica	17
SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos	18
SUAS	Sistema Único da Assistência Social	21
EJA	Educação de Jovens e Adultos	21
STDS	Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social	21
LOAS	Orgânica da Assistência Social	22
PNAS	Política Nacional de Assistência Social	22
CNAS	Conselho Nacional de Assistência Social	22
MoMA	Museu Arte Moderna de Nova Iorque	23
MAM/RJ	Museu Arte Moderna do Rio de Janeiro	23
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura	24
SESC	Serviço Social do Comércio	25
MAM/SP	Museu de Arte Moderna de São Paulo	45
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco	45
UNIFOR	Universidade de Fortaleza	45
UFC	Universidade Federal do Ceará	45
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	49
PROAFA	Fundação Programa de Assistência às Favelas da Região Metropolitana de Fortaleza	51
MDS	Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome	55
FECOP	Fundo Estadual de Combate à Pobreza	66
MAPP	Monitoramento a Projetos Prioritários	66
PNI	Política Nacional do Idoso	67
LBA	Fundação da Legião Brasileira de Assistência	68
CIAPREVI	Centro Integral de Atenção e Prevenção a Violência contra o Idoso	68
CEDI-CE	Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa Idosa	68
ILPI's	Instituições de Longa Permanência para Idosos	71
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social	72
SNC	Sistema Nervoso Central	98
SNP	Sistema Nervoso Periférico	98
PSE	Proteção Social Especial	122
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social	158
BPC	Benefício de Prestação Continuada	178
PBF	Programa Bolsa Família	178

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	Da biografia pessoal ao objeto de estudo	26
1.1.1	A família foi mudando: e os velhos foram indo aonde?	29
1.1.2	O tempo de envelhecer como tempo de muda	31
1.1.3	O espaço contraditório do Estado e da família	38
1.2	O caminho metodológico	44
1.2.1	Preâmbulo	44
1.2. 2	Tipo de estudo	47
1.2.3	Da Metodologia escolhida: a Pesquisa Participante com ênfase na Artografia	47
1.2.4.	Do caráter da Artografia, no trabalho com o que nomeio de pré-expressividade da arte	48
1.2.5	Evidências empíricas	49
1.2.6	O local da pesquisa	51
1.2.7	Dos sujeitos da pesquisa	51
1.2.8	Critérios de inclusão e exclusão dos sujeitos da pesquisa	51
1.2.9	Aspectos éticos	52
1.2.10	Dos Procedimentos da Investigação (ou técnicas da pesquisa)	52
1.2.10.1	Análise documental	52
1.2.10.2	Entrevista semiestruturada e grupo de vivências	52
1.2.10.3	Observação participante	53

1.2.10.4	Jornal da Pesquisa	53
1.2.10.5	Da entrada no campo	54
1.2.11	A inspiração da Artografia - comportando a pré-expressividade na manifestação dos sujeitos, no momento da intervenção	55
1.3	Dos referenciais teóricos da pesquisa	57
2	AMBIVALÊNCIAS E LUTAS HISTÓRICAS NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA VELHICE	60
2.1	A velhice entrando em cena	63
2.2	A velhice em outras culturas: ambivalências	74
2.2.1	A China - a velhice que se diz em silêncio	74
2.2.2	Judaísmo, uma velhice santa?	78
1.2.3	Velhice grega: entre o infortúnio e a honorabilidade	82
1.2.3.1	Tensionamentos e ultrapassagens na visão da Velhice	86
2.1.1.1	A visão questionadora do presente que os sujeitos conhecem	87
2.1.4	A velhice nos romanos, similitude à velhice dos gregos	90
2.2	Velhice na cena do eu: a estrangeiridade no corpo	94
2.3	Na Velhice: os emblemas da estrangeiridade	104
3	Velhice no contexto social: a estrangeiridade dos outros?	120
3.1	O destino final do corpo	129
3.2	O relacionamento social como mal-estar civilizatório?	139
3.3	Os velhos: estrangeiros em sua sexualidade?	139
3.4	A família faz a velhice ? A velhice faz a família?	146
4	UM JARDIM CLARKEANO PARA A VELHICE?	181
4.1	Os jardins da vida passaram?	182

4.1.1	Epicuro: o despertar de um jardim	182
4.1.2	A dança como ruptura?	187
4.1.3	Reflexão e autonomia: para alcançar a inventividade?	194
4.2	A invenção de si no cotidiano: inspirações em Lygia Clark	207
4.2.1	A intergeracionalidade como problema ou solução?	212
4.2.2	Do passado: pesar, pesa, mas se dança	225
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	233
	REFERÊNCIAS	296
	ANEXO	249

1. INTRODUÇÃO

Nas estradas da vida

Confesso que vi
 Grandes amores se desfazerem e novos laços se atarem,
 Braços que me afagaram terem atitudes ríspidas e rudes,
 Braços que nunca me tocaram me acolherem (...)
 O mais desbragado abandono
 E o inesperado e surpreendente acolhimento
 Na vida, retas e curvas acentuadas e sinuosas.
 Quanto de estrada tenho e quanta surpresa ainda vem?!
 Oh, inesperado, fica comigo!
 (Evaldo Monteiro)

Estrangeiras no território da própria vida? – perguntava uma senhora, que eu escutava, entrevistando-a, ao começar a pesquisa. Na verdade, continuava a estudar e trabalhar com a construção social da velhice, agora no contexto da assistência social pública, que se faz Centro Comunitário São Francisco, pertencente ao Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV, situado no município de Fortaleza-Ceará.

Vinha fazer um mestrado na Pontifícia Universidade Católica – PUC – São Paulo e minha orientadora, Ruth Gelehrter da Costa Lopes, me marcara profundamente. Carregava em mim os desafios de conviver comigo mesmo em meu envelhecer; e repartir as solidariedades que eu tivera tempo de acalorar e acarinhar durante a elaboração da dissertação sobre o envelhecer. Agora, na periferia de Fortaleza, como sempre trabalhara, eu percorria novas avenidas em percursos antigos.

Nos percursos da vida, passei, anteriormente, oito anos no Abrigo Público – trabalhava com velhos e, além da experiência inicial, descobria profissionalmente a velhice, e adentrava na reflexão sobre a monografia da especialização em Gerontologia Social: A apatia no idoso institucionalizado.

Seguindo uma trajetória confirmadora de minha eleição de estudar e trabalhar com a velhice, vieram, depois, mais doze anos com grupos de idosos na periferia da cidade – na rede de Proteção Social Básica - PSB. Este convívio me trouxe uma outra visão da velhice. Se antes se via, no Abrigo Público, uma velhice julgada por muitos como apática e dependente, naqueles dias encontrei velhos ativos e dançantes, falantes e, em certa medida, críticos.

Além de guardar mais experiência com aspectos esperançosos, pude elaborar com eles a dissertação: se o idoso não é prioridade, ele também não é esquecido – e abordei a complexidade de envelhecer no Ceará.

Por fim, chego onde estou, são mais treze anos, agora na gestão e na qualidade de formador dos profissionais para Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV. Trago a prática e a teoria, o estudo do mestrado lastreando a prática desse tempo e a subsequente. Esse tema, o que se pode dizer? É o de minha vida, agora revisitado e revisto.

A suspensão crítica para pensar, estudar e operar com a condição da velhice na periferia ia se dando ao tempo em que se realizava a prática de trabalho e pesquisa. Como dizia Lopes (2000, p:33): “Promover a saúde é um trabalho de implicações filosóficas, éticas e existenciais; portanto, é preciso explicar quais são os valores em jogo no uso dessa ou daquela teoria, desse ou daquele instrumento e técnica de intervenção.”

Trago como objetivos específicos, portanto, conhecer fatores intervenientes na aprendizagem de vida ínsitas na construção social da velhice, em especial visando examinar a articulação Velhice e Gênero, em uma interseccionalidade que Crenshaw (2002) tem utilizado para pensar raça e gênero. E proponho, ainda, para esse exame, a interatividade na Velhice sobre o tripé da autonomia, leitura eu-mundo e corporalidade, nos contextos experienciais trazidos pelos sujeitos da pesquisa.

Elegi, para a pesquisa, a abordagem qualitativa e a metodologia da Pesquisa Participante. Falemos desse caminho de cunho qualitativo (STAKE, 2011): esta Pesquisa Participante possui acento na Artografia, que pensa a arte articulada ao ensino, pesquisa e educação, como um modo de unir arte e existencialidade. Também a Artografia vem de uma vertente de arte e educação reconstrucionista: “aquela que em suas teorias/práticas busca a reconstrução social do indivíduo e comunidades ao dar visibilidade às culturas das pessoas que estão no poder” (DIAS, 2013, p:14).

A pesquisa participante surge como síntese de uma ruptura com métodos positivistas, e abriga-se junto às matrizes da pesquisa etnográfica, que marcaram lugar nos finais do século XIX e início do século XX.

Já a Artografia, como método, surgiu em condições de ruptura com os pesquisadores canadenses, como Leggo, Grauer, Gouzouasis, Irwin e Wilson (IRWIN & DIAS, 2013), todos vinculados à Universidade da Colúmbia Britânica. Eles refutaram, em parte, os métodos tradicionais da ciência positivista por entenderem como inapropriada para captar as sutilezas da arte e seus processos de produção, transmissão e repercussão junto ao público.

Ressalto que “o ponto crítico em Artografia é saber como desenvolvemos inter-relações entre o fazer artístico e a compreensão do conhecimento” (IRWIN & DIAS, 2013, p:25). Com as palavras das autoras: A a-r-tografia é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito) como a imagem (visual), quando eles se encontram em momentos de mestiçagem e hibridização (idem, p.24).

Junto à Pesquisa Participante, temos, então, este acento na A-r-tografia, que pensam intervenções como prática de pesquisa viva. Observava Irwin & Dias (2013, p:31) que “escolher conexões nos proporciona uma compreensão estendida da rota original”.

Como penso a relação entre a expressividade, matriz da arte, com a existencialidade dos sujeitos que vivenciam a velhice, escolhi este acento na Artografia para acrescentar-se ao olhar da Pesquisa Participante. Assim, este trabalho de pesquisa se nos apresenta como possibilidade de intervenção nos contextos da pesquisa, daí ter elegido como método a Pesquisa Participante, com certo acento na Artografia, pela relação expressividade e existência. Elejo, então, o Centro Comunitário São Francisco, no município de Fortaleza-Ceará, como lugar da pesquisa. A escolha se deu em função de eu ter trabalhado uma curta temporada na unidade, o que permitiu familiaridade com o lugar e as pessoas, facilitando, assim, a permissão e a acolhida da pesquisa.

Eu conhecera a atual gestora da unidade, e isso facilitava o acesso, sobretudo porque seria uma pesquisa com intervenção. Vim a perceber também, com o passar da pesquisa, que minha intervenção fora uma referência em um determinado momento da instituição, muito embora eu não tivesse conhecimento disso no tempo em que a realizava, talvez pelo volume de trabalho que eu tinha, pelas mudanças no setor público, municipal e federal, que causavam distanciamento institucional, bem como influíam sobre o trabalho das unidades e também dos idosos e das idosas.

Com relação à Pesquisa Participante, penso que, ao abordar o universo da velhice por meio desta metodologia em pesquisa, digo tratar-se do encontro da solidão e desamparo do pesquisador no embate com o campo de pessoas plenas de significado e múltiplas. A Pesquisa Participante critica o positivismo em ciências e o etnocentrismo, que vem de braços dados com a arrogância do saber científico qualificando o saber das culturas de não saber. Nesse campo de valorização do saber do outro, é que se tem sustentado a ideia de fazer valer comunidades interpretativas em diferentes lugares sociais e culturais, e onde se insere o pesquisador.

Situo esta pesquisa, portanto, na esteira dos estudos que utilizam simbolismos advindos das pesquisas que assinalam o aspecto educacional dos sujeitos articulados a processos artísticos, já que “fornecem respostas a questões que têm a ver com atitudes, sentimentos, sensações, percepções e construções sociais de sentido. Estas pesquisas requerem formas, métodos, metodologias diferentes” (DIAS, 2013, p:16).

Ao reflexionar sobre a perspectiva qualitativa em pesquisa, penso válido observar a rica relação da antropologia com os métodos qualitativos de pesquisa ao considerar o quanto aqueles influenciaram o olhar que sublinha a necessidade de relativizar nosso próprio lugar como pesquisador e o local das culturas (BHABHA, 2003) de modo a poder compreender o outro.

Apesar de sabermos que o pesquisador possui uma visão sobre determinada perspectiva, o aspecto qualitativo nos oferece uma epistemologia que considera o texto do outro como um saber legítimo, remetendo-o à sua verdade, ainda que relativa e marcada ideologicamente e sempre com potencial interpretativo, logo, potente para nos mostrar um sujeito que fala (VELHO, 1978).

O caráter de intervenção na ação educativa para velhos ou idosos, nesta pesquisa com a metodologia da Pesquisa Participante e com acento na Artografia, é factível na medida em que, ao valorizar a alteridade, compreende o ser humano como inacabado, em seu eterno devir, e como um projeto sempre em aberto (FREIRE, 2011). Segundo Boff (2015) e Freire (2011; 1992), a educação é parte do processo de formação dos sujeitos em suas múltiplas dimensões, sendo pré-requisito básico e indispensável para se chegar ao compromisso com os coletivos e à formação para a liberdade e autonomia nos contextos em que as populações produzem suas vidas. Nessa compreensão, há que pensarmos novas formas de transmissão da experiência (BENJAMIN, 1991), na modernidade, capazes também de vincular o aspecto dialogal entre gerações.

É que a autoformação dos sujeitos, dimensão fundamental da formação, necessita que o indivíduo desenvolva sua autoralidade, de algum modo organizando, criando e socializando o que vive e aprende. É esse exercício de autonomia que permite ao sujeito inserir-se no campo da reflexão, assenhorando-se de si enquanto sujeito produtor de saberes de vida (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Segundo Irwin (2013), em Educação, ao realizarmos pesquisa qualitativa, estamos a nos fundamentar na perspectiva antropológica que valoriza a produção textual e simbólica dos sujeitos.

Pensar a velhice dentro desses marcos, envolve, de partida, um lugar em que me implico na produção que faço, uma vez que subjaz no que pesquiso minha experiência na condição de profissional de Terapeuta Ocupacional, integrante do Sistema Único da Assistência Social – SUAS do Estado de Ceará, onde atuo na formação de profissionais, mas, principalmente, de Orientadores Sociais para o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV para idosos.

Os SCFV (Serviços de Convivências e Fortalecimento de Vínculos), onde se insere o Centro Comunitário São Francisco, são locais de educação não formal de atuação da assistência social, que tomam a si o encargo de produção conjunta de um saber que concorre para a formação dos indivíduos enquanto cidadãos (GOHN, 2013). Esta é uma ação de educação voltada para os próprios velhos ou idosos.

No Brasil, segundo Vieira (2015), a educação para os velhos, nomeada gerontológica, está sendo construída e, segundo Peterson (1990), possui três vertentes que se retroalimentam, quais sejam: a educação do próprio idoso em seu envelhecer; a educação crítica da produção social da velhice; e a educação dos trabalhadores nesse segmento social. Neste sentido, a pesquisa realizada teve um caráter também exploratório. Argumenta Vieira (2015) que educação gerontológica é um esforço teórico-prático ainda em gestação, embora assinala os ganhos e heranças da modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA. É neste espaço de silenciamentos (FREIRE, 1992) que a luta social vai tecendo territorialidades novas como forma de resistência para ocupação de espaços sociais negados.

Observa-se que o contexto situacional do Centro Comunitário São Francisco, onde realizei a intervenção com os sujeitos que se identificavam no que me refiro como sendo velhice, é vincado pela dimensão da educação (PEIXOTO, 1998), assistida pelo SUAS no Ceará, com vistas à sua interatividade social e autonomização.

A pesquisa foi realizada neste Centro Comunitário São Francisco, sendo um dos Centros Comunitários que pertencem à Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social – STDS que presta Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos no âmbito da Proteção Social Básica – PSB do Sistema Único de Assistência Social – SUAS, em Fortaleza. Participaram da pesquisa que empreendi os idosos, integrantes do

Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, etapa I, observação. Como sujeitos da pesquisa, elegi um subgrupo destes participantes constituído de nove velhas, na etapa II, intervenção.

Na condição de trabalhador do SUAS e formador de Recursos Humanos, observei, como pesquisador, por um lado, a problemática questão da velhice, que passa a ser arrimo de família, e a diminuta resposta concreta do Estado/SUAS na efetivação das necessidades da população envelhecida.

Apesar dos ditames legais pertinentes à política para idoso; a Política Nacional do Idoso, Lei Nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994; o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, e a Lei Orgânica da Assistência Social- LOAS, Lei Nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993; a Política Nacional de Assistência Social – PNAS, resolução de 145 do CNAS (Conselho Nacional de Assistência Social), de 15 de outubro de 2004, que dá providências no sentido de garantir esses direitos, a dificuldade na efetivação dessas conquistas se acentua também pelo fato de os idosos ou velhos não reivindicarem seus direitos.

Ante essas demandas por direitos sociais, vi que, ao realizar esta pesquisa, era pertinente, de início, dialogar com Simone de Beauvoir (1990), que me oportunizava pensar a velhice como construção social e relacionada a contextos históricos e culturais concretos. Também estabeleço diálogos com Lygia Clark, que me proporciona perguntas sobre a relação do sujeito com a vida, mediada pela arte, que aqui tomamos em sua pré-expressividade – nascedouro da expressão artística. Insiro, nessa abordagem da velhice, diálogos com Lygia Clark, por ela ter reflexionado sobre a relação arte e existência, fomentando ilações em que se discute criação de si, interação com o Outro e experiência no contexto das perdas de espaço pessoal e social. E acrescento, no contexto, também possibilidades de inclusão e afeto na vida contemporânea (PARKES, 2009) que, estudando perdas pessoais e afetivas, propõe processos de reconstrução do sujeito.

Metaforizando a questão, a arte Neoconcreta de Lygia Clark pensa a obra como ofertada à participação e nela se efetivando. Isto é entendido pela Artografia como visceral em um olhar pesquisador: a coparticipação, vista também como exercício de leitura da imagem e da obra feita, é capaz de causar rupturas com papel passivo do expectador e com a reificação do produto da criação.

O movimento artístico Neoconcreto é um movimento que emerge da expressão artística do Concretismo. Afirmava o movimento ser reducionista à influência da ciência positiva sobre a arte, já que seu excesso de racionalismo retiraria a autonomia do sujeito em sua expressividade e *élan vital*.

Em nosso país, Brasil, o movimento Neoconcreto foi deflagrado por um grupo de artistas no Rio de Janeiro e teve momento chave a exposição coletiva que se seguiu ao lançamento do Manifesto Neoconcreto. Enfatizando a valorização da criação espontânea e intuitiva, o movimento buscava “expressar a complexa realidade do homem moderno dentro da linguagem estrutural da nova plástica” (Manifesto Neoconcreto¹).

Para os integrantes do movimento, citado acima, a linguagem das artes, se ligaria as significações existenciais, emotivas, afetivas – e isso me parece fundamental para um olhar mais inteiro à questão da velhice e sua expressividade.

Agregou-se a este fato a abertura dessa modalidade de pensamento artístico à participação do público. No âmbito de uma exposição de Lygia Clark, no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque - MoMA, em 2014, houve uma leitura que afirmou ter tido certo risco à integridade física dos velhos em determinadas vivências propostas pela artista. Questiona-se essa interdição, mas o fato é que nessa exposição de Lygia Clark, que era uma retrospectiva dos últimos quarenta anos de sua produção artística, deu-se publicidade aos riscos e aos filtros culturais com que se tratou redutoramente a experiência.

Em minha pesquisa, contudo, aprendo com as proposições que são relevantes nas vivências com velhos e idosos, inspiradas na arte Neoconcreta de Lygia Clark e Hélio Oiticica, em particular com a sua atenção ao sensível e à participação. Seria a experiência sensível e participativa, estudada a partir da experiência com a pré-expressividade na arte, feita com estas referências, uma via eleita por mim, na intervenção da pesquisa situada, alvo desse estudo. Ainda, o diálogo é tanto meio da conversação aberta no campo, com os velhos ou idosos, como aspecto acentuado no trajeto teórico-metodológico desta pesquisa, conforme estamos a anunciar.

O percurso da artista, ao desaguar numa vertente terapêutica, parece ter dificultado a reflexão e aplicação da produção do sujeito, em sua expressividade, no âmbito da educação. Na verdade, as terapias ainda têm, de modo geral, referencial

¹ Publicado em 23 de março de 1959 no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, como também abertura da 1ª Exposição de Arte Neoconcreta, no MAM/RJ.

muito centrado na biomedicina – e este já foi um dos aspectos que também encontramos na pesquisa matriz desta tese.

Vale sublinhar que aos sujeitos da pesquisa, ora estes se nomeiam de velhos, para utilizar a conceituação sociológica de Simone de Beauvoir, ora se referem a si próprios como velhos, ora como em terceira idade ou idosos. Certamente isso acontece a partir do acesso a políticas públicas para este segmento social.

No tocante aos princípios éticos, busquei observá-los conforme fixados no projeto pesquisa. O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Ceará e submetido à análise sob o número: 1.520.306. Após a análise, recebeu o parecer como aprovado, vide em anexo.

Vimos que Simone de Beauvoir (1990) apontava que, no capitalismo, a vida produtiva centraliza os olhares das políticas e do valor social dos sujeitos. As diretrizes educacionais e os serviços sociais, assim como o imaginário das populações, muito frequentemente derivam desse olhar que dá um lugar de não-sujeitos aos que se situam no campo do pós-trabalho.

Em nosso país, o padrão da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO (2010) refere-se à educação dos idosos a um atendimento redutor que os situa como “fora de faixa”, definindo-os em sua negatividade, sem atender suas especificidades e necessidades de valoração social inequívoca. As políticas públicas no setor parecem partir dessa negatividade ou situação de carência para avançar nas especificidades do atendimento a esses segmentos da população.

No Estado do Ceará, de 2004 a 2013, houve um esforço de sistematização da formação dos Orientadores Sociais para esse serviço de atendimento a velhos ou idosos. Este segmento social, que se definia no trabalho à população dos idosos, se voltava na prática a uma ação que, teoricamente, se inseria na categoria de uma gerontologia acadêmico-profissional, que demanda a educação de profissionais para trabalhar com os idosos.

Neste período atual da discussão da gerontologia acadêmico-profissional, realizado nas últimas décadas, momento em que se insere a política destinada a este segmento populacional nos serviços de assistência social em nosso país, essa complexa e contraditória teia de questões se efetiva no campo de minha atuação concreta.

Buscando conteúdos multidimensionais, capazes de encaminhar eixos discursivos que atendessem a reflexões e práticas que lidavam com o processo de envelhecimento, elegi como *locus* de pesquisa o trabalho no Centro Comunitário São Francisco por ser emblemático desse movimento de inscrição desses olhares, ora conflitantes, ora esperançosos, no setor da assistência social a idosos.

Mirabelli e Fonseca (2016) trazem questões de notória importância para ajudar a pensar a educação gerontológica, eixo que afunila nosso olhar na pesquisa. As autoras apresentam a educação no contexto da assistência social, reportando-se à experiência do Serviço Social do Comércio SESC - SP., para considerar a concepção de educação multirreferenciada como necessária a uma atuação junto a velhos ou idosos. Nesse sentido, propõem o entrelaçamento de três áreas: a assistência social, a educação e a gerontologia.

Nessa confluência, situo meu lugar de pesquisador. Embora Mirabelli e Fonseca (2016) não relatem como se dá a educação pesquisada, as autoras enfatizam o ganho dos velhos advindos da participação no atendimento institucional, onde a educabilidade dessa faixa populacional está a ser pensada como uma estratégia para alcançar a autonomia e o protagonismo social e político.

Em Kamii (2007), temos a constatação de que a educação está, pela sua prática, mais focada na heteronímia que na autonomia. Segundo Freire (2011), a autonomia é o próprio cerne do processo educativo e está ligada também ao âmbito relacional - à forma como o educador se coloca diante do aluno, isentando-o ou não de sua autoralidade e autonomia, e também ao modo como o educador conduz o processo educativo.

Castoriadis (1997) traz a autonomia na dimensão existencial humana, pois, para ele, só se chega à autonomia por meio da reflexão e da autorreflexão, movimento no qual a dimensão relacional e política está presente. Em seu texto sobre política e autonomia, Castoriadis (1997) compreendia que a reversão da situação social, no caso dos nossos velhos na sociedade, passaria pela inversão da posição dos sujeitos, idosos, frente ao mundo. Para isso, haveria, então, a necessidade de os processos educativos trabalharem com os sujeitos ressaltando sua atividade, construção da autonomia e participação no próprio processo político e de educação.

Neste sentido, deveremos buscar efetivar o que preconizava Castoriadis (1997). Para uma educação de velhos e idosos, o devir parece implicar um caminho em

que estes sujeitos deixariam de ser expectadores da vida e das linguagens que os nomeiam, alcançando, assim, pensar os projetos políticos e os direitos que desejam fazer valer.

Levando em conta que esta pesquisa se realiza no âmbito da Assistência Social, no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para o idoso, e no âmbito de uma educação não formal, vale ressaltar que aspectos de políticas de direito se envolvem. Também há que se considerar a experiência de si e do Outro como processos de subjetivação não homogeneizadores, maquínicos ou serializados, evidenciando, nesta intervenção e propositura, a potência dos sujeitos velhos ou idosos como produtores de saber, autores de seus argumentos, leituras e mundo e de sua expressividade.

Por considerar a artisticidade de todos os sujeitos (LINHARES, 2001), escolho ficar no território simbólico que me oportuniza utilizar das várias linguagens expressivas, em seu surgimento (sua pré-expressividade) no sujeito, o que os libera de uma ênfase no domínio da modalidade da arte.

1.1 Da biografia pessoal ao objeto de estudo

O trabalho aqui desenvolvido tem suas raízes fincadas na minha história de vida, mais particularmente em minha relação com a avó materna, a quem dedico todo meu trabalho pelo fato de ter, por seu intermédio, conhecido a velhice e o amor como experiência humana fundamental. Certamente, frisando aspectos de reinvenção da vida, aprendidos no convívio com minha avó, por um lado, e vendo, por outro, o desamparo social e a dor, no trato com o trabalho social, junto aos que vivem o envelhecimento, movi-me na direção de compreender a educabilidade do humano, na velhice, a partir da autocompreensão dos próprios sujeitos que a vivem.

Outros fatores pessoais marcam minha escolha profissional: o trabalho cotidiano com a velhice e a paixão por lidar com seres humanos em momentos de transformação pessoal e social – hábito diário de um terapeuta ocupacional. Desse lugar de profissional, eu vi, ao longo dos anos, como “o processo de envelhecer produz uma mudança fundamental na posição de uma pessoa na sociedade, e, portanto, em todas as suas relações com os outros” (ELIAS, 2001, p:83). E é sob esta perspectiva de quem reflete processos educacionais como transformações eu-mundo (FREIRE, 1992) que

penso educação, e é nela que focalizo o movimento de autocompreensão do envelhecer visto pelos próprios sujeitos que o vivem.

Assim, partindo de um olhar que foge às normatizações e intenta flagrar as transformações do envelhecer, do ponto de vista de quem a vivencia, que me situei para buscar entender a inclinação que trazia para a pesquisa sobre a velhice, não raro afirmando que também eu me implicava nesta escolha. Por uma posição também de adesão à epistemologia qualitativa, que mostra a relação entre pesquisador e objeto de estudo como um lugar onde sujeitos estão implicados, ainda que em posições diversas, mas também porque nessa perspectiva em pesquisa, “os dados recolhidos são qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas”, e o objeto é tomado “a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação” (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p:16).

Esta implicação na pesquisa me leva à escuta de mim mesmo e à construção do objeto de estudo, um caminho levando ao outro e trazendo-me de volta aos dois, à sua distinção e a ambiguidade, às vezes opacidade, outras a transparência. Mas escute-se:

Minha avó foi essa matriz afetiva – fonte de afeto que nunca esqueci; daí veio a ligação profunda com a velhice; esta tese é dedicada a ela.

A casa de minha avó era a fonte de amor de minha infância. A rua fazia um corredor entre minha casa e o seu carinho. Lá, a radiola trazia a música, para uma infância triste. E uma penteadeira misturava perfumes e anjos, nas atenções religiosas de minha avó. Não me lembro de minha avó rezando; eram as imagens dos anjos em seus livros religiosos que me fascinavam.

Havia, na penteadeira de minha avó, os cheiros do talco e dos perfumes, mas, em especial, uma imagem de um anjo abraçando uma criança. E eu me olhava às vezes querendo ser o anjo que protegia, às vezes querendo ser o protegido. Depois, um dia me perguntei: estava ali uma sentença do que eu deveria ser?

(Jornal da Pesquisa)

Em minha infância, eu vi, além desse reduto afetivo que minha avó representava para mim, ambigualmente, um lugar de estranheza que se tinha com relação a ela, lido por mim como apartamento de minha avó materna do resto da família.

Na verdade, minha família era nucleada em torno da figura materna e paterna; e formávamos, ao todo, um grupo de quatro pessoas: eu, meu irmão, meu pai e minha mãe. Minha mãe tinha uma relação muito próxima de minha avó – que a elegeu

como sua cuidadora na velhice. E isso foi um encontro que teve sua construção, senão vejamos.

Essa proximidade não foi algo simples (em 1958) – minha avó havia se separado quando mulheres não se separavam, e até hoje isso é um tabu em minha família. E todo o grupo familiar, com exceção de minha mãe, ficou distanciado de minha avó, pois havia a suspeição de que minha avó elegera outro homem para conviver, mesmo sendo casada.

O fato é que este novo homem passou a viver com minha avó e trouxe para seu mundo todo seu universo de trabalho, o que, ao invés de apartá-la da vida, a trouxe para desafios de transformação inegáveis.

Este novo par de minha avó, que aqui designarei pelo nome de Padrinho, como chamavam a ele, nesse tempo, era de Cantagalo, distrito de Acarape. E trabalhava com caieira – o nome que se dá à extração do cal. A cal é uma pedra, cortada, colocada na fornalha, para só, então, virar o pó que se conhece. Meu Padrinho gostava de livros e de espiritismo, e minha avó transitava não só no universo da caieira, mas no ambiente cultural que seu novo companheiro lhe ofertava.

Nesse novo mundo de minha avó e de meu Padrinho, eu cabia. E à minha mãe, coube a estranha escolha da minha avó, que a apartara, ainda que não completamente, do resto da família. Essa aliança entre minha mãe e minha avó teve como representação a transmissão da casa – o único bem de minha avó – para a filha, minha mãe, que lhe compreendera e cuidara de si até a morte do corpo físico.

Muito depois, convivendo com família de diversos formatos, vi que eu também vivera algo que se estava a corporificar no mundo social: a saída da família parental para a mononuclear.

Vejamos um pouco como se dava esse movimento da produção social da velhice começando pela ideia mutante da família.

1.1.1A família foi mudando: e os velhos foram indo aonde?

O ser humano parece ter sempre se vinculado a grupos, aos mais diversos grupos, incluindo a família que, em culturas e tempos históricos, teve configurações diversas. Isto nos pareceria ser verdadeiro, sobretudo quando cotejamos esta ideia ao

trabalho de Poster (1979), no qual ele nos apresentou quatro modelos de família ocidental sinalizando a variação ao longo do tempo: "família burguesa" situada em meados do século XIX, a "aristocrática" e a "camponesa" dos séculos XVI e XVII e a "da classe trabalhadora", do início da Revolução Industrial. Estes modelos não podem ser tomados de forma absoluta, mas são referências por enunciarem padrões dominantes em um tempo histórico.

Entenderíamos que os modelos postos poderiam ser agrupados, dois a dois, em blocos: o primeiro composto pela família "aristocrática" e pela "camponesa" dos séculos XVI e XVII; o segundo constituído pela família "burguesa" e "da classe trabalhadora" do início da revolução industrial. Chamá-riamos à atenção que, para o autor, as mudanças levaram a uma transposição de um bloco ao outro.

No primeiro bloco, haveria uma preponderância do coletivo sobre o individual. Neste caso, tanto na família aristocrática quanto na família camponesa. Na primeira situação, a aristocrática, as tradições do grupo que se nomeia familiar preponderam sobre o indivíduo, subjugando-o. No segundo caso, a camponesa também sobressai à direção da coletividade, a comunidade aldeã participando de praticamente todas as decisões acerca das vidas de seus grupos. Já no segundo bloco, o da família burguesa e o da classe trabalhadora, haveria uma inversão em relação aos primeiros devido à dominância do individual, em certo sentido, sobre o coletivo (POSTER, 1979). Nos dois últimos, o indivíduo se relacionaria, prioritariamente, com a família, diferentemente dos dois anteriores.

A diferenciação de um bloco para o outro se deve à relação que a família estabelece com as crianças. No primeiro bloco – as famílias aristocráticas e as camponesas – teríamos mulheres procriando em alta natalidade; porém, haveria alta mortalidade infantil. Não haveria uma relação da mãe com a criança tão próxima e íntima. O padrão demográfico como sinalizado, de alta natalidade e de mortalidade, não permitiria o estreito laço de afeição individualizada. Por outro lado, as mães tinham que voltar rapidamente às suas atividades: a camponesa, ao trabalho no campo; e a nobre, junto ao marido nas atividades da corte. Desta forma, a atenção e cuidado dos filhos ficariam delegados a terceiros: para as camponesas, às pessoas da comunidade; e para as nobres, às amas.

As crianças passariam a ser vistas como significativas, principalmente quando poderiam participar das atividades junto aos adultos, o que ocorreria a partir do momento em que elas viveriam sem tanta dependência da figura substituta da mãe.

Nesta participação, mesclar-se-iam várias faixas etárias, os jovens, os adultos e os mais velhos, que conviveriam no mesmo espaço; a infância, portanto, como idade que requereria especificidades de tratamento e educação, não se distinguiria, tanto, das demais idades.

A relação entre família e criança é vista a partir das cenas familiares pintadas, que, pela iconografia, evidenciava como o século XIII tratava essa idade. Entre este século e o XVII, o padrão demográfico não se modificara; a natalidade e mortalidade infantil continuavam altas. Contudo, as crianças, agora, seriam retratadas nas pinturas, o que denotava uma mudança de sentimento para com elas – haveria uma valorização desta fase da vida (ARIÉS, 1978).

Ainda de acordo com o mesmo autor, o investimento afetivo à criança teria sido prévio à mudança do padrão demográfico em mais de um século, quando atingiríamos uma taxa de baixa mortalidade infantil. Poderíamos inferir que a afetividade teria contribuído para mudança do padrão. Este processo teria se efetivado de modo lento e gradativo. Ao final do século XVII, este sentimento, que se iniciara nas classes mais favorecidas, acabaria por acontecer em todas as classes sociais; e no século XVIII, culminaria com a vida familiar gravitando só em torno dos filhos. Nesse movimento, o valor à criança adquiriria, agora, um lugar de destaque, embora trouxesse um resquício da família patrimonial; porém, marcaria a família atual, ainda que possuísse seus moldes relacionais.

A valorização da infância chega, no entanto, somente com a ascensão da burguesia e a constituição da família burguesa – o que advém também com o nascimento da medicina social – articulando um olhar no qual a higienização, como modelo na saúde, vem com uma lógica que Foucault (1990) denominava *modelo da peste*, que adveio com o nascimento da medicina social.

Este culto à criança estaria fortemente relacionado à intimidade familiar. Isto pareceria ser verdadeiro na medida em que, anteriormente, até o final do século XVII, a rua não se distinguisse da casa, ao contrário, fosse um prolongamento dela. Nesse espaço sem fronteira fixa – a casa – imiscuir-se-iam as esferas familiares do trabalho e social. Assim, haveria uma alta densidade social que não iria permitir a

ninguém ficar sozinho. Essa valorização da infância também desencadeou uma tendência de separação destas esferas, o que deu início ao culto da vida privada.

Faz parte desse processo de nucleação da família burguesa a domesticação da mulher e o patriarcalismo – que marca a autoridade masculina com a exacerbação do poder junto ao controle da esposa, dos filhos e dos criados, em uma reprodução ao modelo social vigente e estatal (ARIÉS, 1978). Esta nova modalidade de família, a relacional, traz uma variável que se faz nova: a interação familiar marcada com uma intimidade que, com a família parental, característica anterior, se diluía. “A reorganização da casa e a reforma dos costumes deixaram um espaço maior para a intimidade, que foi preenchida por uma família reduzida aos pais e às crianças, da qual excluía os criados, os clientes e os amigos” (ARIÉS, 1978, p:267). Com a família moderna burguesa, nasce a escola (ARIÉS, 1978) e se solidifica a *norma familiar* como construção burguesa (COSTA, 1989).

A alteração familiar, incluindo neste bojo a educação, criou um hiato entre a criança, o jovem aprendiz e o velho. E esse hiato gerou um distanciamento capaz de se fazer desconhecer um lugar de reconhecimento ao velho. “O sentimento de família, o sentimento de classe e talvez, em outra área, o sentimento de raça surgem, portanto, como as manifestações da mesma intolerância da diversidade, de uma mesma preocupação de uniformidade” (ARIÉS, 1978, p:279). O autor mostra que a criação do modelo ideal burguês e o aparecimento da intolerância e da classificação racial foram concomitantes.

O velho, então, passa a ficar duplamente segregado nessa estrutura, pois não há espaço mais na família para ele, e também não pode preencher os quesitos de produtividade uma vez que sua fase de produção social no trabalho periclita – aspecto que Beauvoir (1990) tratará em seus estudos.

1.1.2 O tempo de envelhecer com o tempo de muda

No colégio aprendi que uma interpretação possível para Dom Quixote, era a de um velho senil, que seria a representação de uma conjuntura político-administrativa que estava ruindo – o modelo medieval de viver.

Não se analisava sua quixotesca empreitada contra os moinhos de vento como delírios utópicos – essa parte era alijada.

Para mim, contudo, ao ler a obra, vi em Dom Quixote um obstinado que lutava por suas ideias, corretas ou não, delirantes ou não, pouco importava.

Para mim, ele não tinha lugar não por ser louco, demente ou velho, mas por ser utópico. A partir de então me identifiquei com ele e construí um fio que me ligaria para sempre à minha avó, apensar do tempo.

(Jornal da Pesquisa)

Minha avó se referia constantemente ao tempo como se fosse “a era”: “isso era da minha era; não é da era, não”. Depois, pude ver isso em outros sujeitos em processos de envelhecimento. Era comum usarem: “não era isso da minha era” referindo-se a esse costume. O termo *era*, então, passa a ter outra intenção, diferente do conceito de longo período histórico, e ganha a intenção que se vê nas canções de roda populares, anônimas:

Lagarta pintada
Quem foi que pintou
Foi uma velhinha que passou por aqui
O tempo da era
Fazia poeira
Puxa lagarta na ponta da orelha.

(Anônimo)

Pelo que vi, penso que a ideia de *era* revela, como outras, como ocorre um espaçamento nas relações das pessoas com os velhos. Nomeio este processo de substituição de nomes, que confere um afastamento nas relações do velho com os outros, de *distanciamento difuso*, e que mostra um obscurecimento do distanciamento ao mesmo tempo em que o reitera. Este processo leva a um isolamento maior do sujeito em processo de envelhecimento em relação a outros sujeitos. Algo similar ao *gap generation*² – um vácuo, um vazio entre gerações, porém, neste caso, o distanciamento do velho das outras pessoas caracteriza-se por um afastamento, sucedido por um movimento de isolamento.

Ora, eu pensara, inicialmente, que em minha experiência familiar, a relação velhos e demais membros da família se dava, basicamente, a partir da díade representada na interação direta entre os avós e seus netos. Depois descubro que havia uma geração intermediária, a dos filhos (meus pais, no caso), que marcava o olhar e a forma de se dar a relação avós e netos.

² Expressão usada por Mead (1970).

Vimos que, em meu caso, a proximidade de minha mãe da minha avó materna também me aproximava dela, avó materna. A relação, então, passava a nutrir-se de uma linha geracional vertical que ocorria tanto no sentido ascendente quanto descendente, envolvendo netos, pais e avós. Na verdade, existe outra linha, a horizontal, que envolve cogerações (geração de irmãos) e que se articula com a vertical, relação tipo avó e neto, interferindo na dinâmica da relação entre avós e netos.

Em minha história, que analiso mostrando a tessitura de uma pesquisa em gestação, percebi que esta relação velhos e moços ou velhos e netos vai além deste âmbito fechado das relações parentais. É que há uma complexidade a que chamei de **teia intergeracional**, que se caracteriza por um conjunto de linhas verticais e horizontais que marcam as relações dentro do contexto familiar.

Queremos com isso dizer que a relação entre velhos e moços e avós e netos passa, antes de tudo, pelos circuitos estabelecidos internamente na rede ou teia de relações intergeracionais que há na família.

Ao estudarmos família e laços intergeracionais (Monteiro, 2002), deparamo-nos com uma face complementar: família e Estado, por meio das suas políticas. Em minha experiência, vi que havia traços da família com feições patriarcais e apresentando ainda algumas marcas da política oligarca e coronelista.

Havia, contudo, uma naturalização do patriarcalismo e das demais práticas de apartamento simbólicas para com os velhos. Esta situação mostra o costume privado espalhando-se sobre o público, tornando o privado publicizado, quer dizer, ocupando um lugar que deveria ser o das políticas públicas ou o do público como acesso ao direito de todos, o que dificulta a implementação de políticas universais e a percepção destas como direito do cidadão. Isto remete – esta naturalização do costume privado que isola e produz o afastamento do velho – a uma visão de velhice que a joga para o mundo do público como se este fosse privado, e, ainda, para a caridade que, dependendo da condição socioeconômica do idoso, o empurra para a esfera asilar.

Um dos trabalhos mais profundos que conhecemos sobre a velhice foi o realizado por Beauvoir (1990), intitulado “A velhice”, em que a autora fez uma leitura de como esta etapa da vida era vista nas várias fases da história ocidental e em diferentes culturas, daí mostrando como estas esferas, do público e do privado, ora se conectam, ora se distanciam. Dada à envergadura deste livro como análise de processos de envelhecer em diversas culturas, tornou-se uma referência obrigatória para quem

trabalha com o segmento longo. Beauvoir (1990) mostra que o conceito de velhice, como produção social e faixa etária específica, é criado na modernidade, mas o tratamento não difere do de antes. Ou seja, ela afirma que não há uma mudança significativa na forma como a sociedade trata o idoso entre os períodos medievais e modernos. Em ambos, os processos de envelhecimento eram os de um crescente desvalor social.

Na realidade, pode-se dizer que a velhice é um conceito complexo, além de produzir, socialmente, o tratamento que se confere aos velhos. No levantamento histórico feito por Beauvoir (1990), chega-se a pensar a velhice como uma trama de interesses que confere um lugar social aos que estão a envelhecer.

Geertz (1989) nos mostrava a complexidade da cultura na construção da vida coletiva e a necessidade de compreendermos os sistemas simbólicos que emergem de seu seio. “O objetivo é tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados (...)” (GEERTZ, 1989, p:38). Este modo de pensar pode ser aplicado à velhice. É que podemos considerar, na complexidade aferida, a compreensão da velhice, e, embutida nela, uma articulação dos fenômenos biológicos, cultural social, existencial, psicológico e espiritual.

O ser humano é o único animal vivo a ter consciência do tempo, e a perceber-se a partir de sua compreensão (GOLDFARB, 1998). A noção de tempo não é única, não é uniforme na nossa história. Encontramos, pelo menos, duas formas de concebê-lo: uma circular e outra linear.

A aceção circular estrutura a noção do tempo a partir de fenômenos da natureza; compreende a sucessão do dia e da noite, as estações climáticas, os ciclos produtivos da lavoura (fases de preparar a terra, de plantar e de colher) e demais processos vividos como períodos que possuem seu movimento. A circularidade do tempo, visto como cíclico, explicita a ideia de um tempo com repetições – como o tempo agrário, onde, terminada a colheita, a terra prepara-se para novo ciclo produtivo. As estações climáticas se repetem e a noite sucede ao dia infinitamente.

Por sua vez, o ciclo da natureza vinculou-se também aos ciclos da vida. Estas etapas eram correspondentes às funções sociais. “A periodização da vida tinha a mesma fixidez que os ciclos da natureza ou a organização da sociedade” (ARIÉS, 1978, p:40). É como se o homem fosse parte integrante da natureza, e, por isso, tentasse, de alguma forma, submetê-la às leis da cultura. Essa percepção do tempo era

compartilhada pelos antigos gregos e chineses, e ainda o é pelos nômades árabes e os que vivem no campo (WOODCOCK, 1972, p:122): “O tempo era visto como um processo natural de mudanças e os homens não se preocupavam em medi-lo com exatidão”. O tempo agrário, cíclico, prevalentemente rural, nos unia à natureza, como os sujeitos do campo o fazem ainda hoje, e havia uma conexão maior entre as idades da vida que, nas culturas tradicionais, fazia com que os velhos tivessem seu lugar como detentores de um saber de experiência.

A produção pictórica, que vai do século XV e chega ao XIX, observa o autor Ariés (1978), vai simbolizar o movimento cíclico da vida por meio das idades, vistas estas como degraus ascensionais. Os quadros apresentavam o movimento da vida sob a forma de um arco, iniciando-se, no lado esquerdo, com a infância e findando no direito, com a velhice. Via-se neste movimento cíclico a ideia de repetição, que acolhia, em si, a transformação.

O tempo linear, diverso do tempo cíclico, agrário, marca, no processo da modernidade, a construção de um arsenal de fatos para justificar o presente como um tempo que faz a urdidura da lógica da mercadoria – “um tempo de fazer dinheiro” – e do processo de industrialização.

Pode-se dizer, sem dúvida: que o tempo linear da modernidade, sendo o tempo urbano, intenta impingir ao campo, tempo cíclico, sua lógica. Como afirma Certeau (1994, p: 226): “A cidade moderna também: é um espaço circunscrito onde se realizam a vontade de coligir-estocar uma população exterior e de conformar o campo a modelos urbanos”.

Esta ideia de tempo linear é aplicada à modernidade para embasar a concepção de progresso, ou seja, da apropriação, da acumulação e do consumo de bens materiais e culturais, no contexto do capitalismo, implicando, também, a transferência do poder dos mais velhos para os mais jovens (GOLDFARB, 1998), (MAGALHÃES, 1988).

O tempo da juventude é um tempo urdido no presente. É o tempo da velocidade. Existe uma urgência que nos envolve, me envolvia. E então, o tempo do passado fica com seu desvalor, atizando a emergência do presente. Na relação com minha avó, no tempo da juventude, a universidade e os movimentos sociais me levavam a viver espaços e percorrer experiências que deixavam longe de mim minha avó, já em um envelhecer que a deixava em casa, frequentemente, mais só. Deixava eu, para trás, em grande medida, minha relação com a família, em geral, nas demandas de formação que vivia. No entanto, eu percebo, hoje,

que não era só uma questão pessoal minha, este caminho para longe de casa que, conseqüentemente, me levava para longe de minha avó. Havia uma produção social da velhice, que se mostrava, no caso, uma consonância de comportamentos dos membros da família, que ratificava o lugar *de limbo* que se dava à minha avó.

(Jornal da Pesquisa)

Na modernidade, o passado está destituído de valor, o que interessa é o futuro, o que está por ser feito não vem como um exercício de recriação do antigo, que o supera e o pensa (GOLDFARB, 1998, p:63). A autora afirma que nascemos e somos formados para ser expulsos do local que nos gerou e cuidou, a família. Ao sermos expulsos, deixamos para trás família de origem com nossos velhos; acabamos por reproduzir a programação da exclusão social da velhice.

Para Maffesoli (1996), refletir sobre a pessoa e seus saberes, hoje, implica aperceber-se de que há diversas facetas ou identificações distintas em uma mesma individualidade, mas que ainda o homem simples, como ele diz, mesmo dentro de novas vinculações familiares e grupais, busca se reencantar com a vida de todo dia. Mesmo que os velhos se apartam de sua família de origem e a que gerou, continuam neles o sentimento pelos que povoaram suas vidas e perseguem o estar junto, os compartilhamentos. Nesse duplo apartamento, sobra o próprio grupo, no qual estávamos, em que se via despontar solidariedades no processo de produção de sentido comum para a vida.

Para Maffesoli (1988), o senso comum é comum não porque seja banal, trivial ou corriqueiro, mas porque é conhecimento compartilhado, potencialmente solidário, e se constrói entre os sujeitos nos seus relacionamentos sociais. Os relacionamentos da vida em comum vão, portanto, mostrar as instabilidades da velhice na vida cotidiana, que está sujeita a descontinuidades, a mudanças e, certamente, porque estamos a vivenciar grupos diversos e mundos plurais nas coletividades humanas. Plurais, porque cada sujeito produz suas significações e seus mundos ficam, assim, múltiplos. Ainda que se viva interações continuadas e que se passe por diversas moradias, agrupamentos e experiências, as subjetividades de cada um trazem um lastro que individualiza os sujeitos e os assegura de serem quem são de modo a atravessar a vida de todos os dias. Assim, se o presente na modernidade fica desencantado, o movimento de reencantar-se é permanente como busca do sujeito.

Se no presente há certa falha ou falta de sentido, a longa experiência da

velhice logo busca seu acervo antigo de referências, e isso resulta por dar uma base à resistência dos velhos e das velhas. Logo, o sujeito em condições de resistir às intempéries busca referências no passado para se armar ante as mudanças do presente e se proteger no lapso de tempo que separa o passado do futuro. Pode-se dizer que o passado é um acervo e o presente é logo posto como um campo de onde se vai caminhar em favor de um porvir próximo.

Os investimentos na realidade presente são alimentados pelo passado de algum modo, isso quando não são sustentados por uma longa construção de resistência – resiliência – ante as mudanças da vida. Se um tecido feriu-se, como disse uma idosa, “a vida cura as feridas da vida”.

Coletivamente, têm-se legados da história. E o futuro comparece, assim, como um continuar do presente, como um campo experiencial que sucede nosso tempo de agora, só que os processos societários, hoje, funcionam mais intensamente, como fluxos temporais que se interpenetram. Este é um dado interessante se observarmos que, atualmente, usualmente, os velhos se referem ao seu tempo como *um tempo passado* –, *o tempo da era* – como se o presente fosse um dado natural e futuro já começasse agora. E isso é sábio. Temos, contudo, categorias explicativas ou teóricas para “apanhar” isso?

Eu via muito que o uso da expressão “no meu tempo” e “no tempo da era” parecia-me um acervo de onde eles tirariam a substância de sentido que faltasse nas horas do presente. A esperança utópica e a memória não eram antagonistas, eram amigas que percorriam tempos inter cruzados para que se pudesse sobreviver em tempos difíceis.

A compreensão do tempo tem um impacto em quem envelhece. A acepção que nomeio de *tempo morto* evidencia uma situação-problema para alguns momentos da velhice: para o sujeito que envelhece em abandono, se o presente encontra-se muito esvaziado de sentido, sua visão de tempo futuro encurta-se e há um maciço hoje. E é aí que o espiritual adentra o sujeito com seu devir esperançoso. E sempre as gerações tiveram sua cota de pensamentos espirituais a sustentar um ideário de vida espiritual. O desencanto da modernidade com a espiritualidade é uma fatia histórica que não diz da história inteira.

Mas, o que seria o presente? Cabe-nos perguntar: o que se projeta no futuro do velho? O que se *projeta* sobre ele? E o que do passado é preciso mudar ou reinventar, e conservar ou preservar? E podemos avançar: a infinitude é algo da

condição humana – não seria?

A ideia de tempo maciço evocada pela modernidade é afetada pela lógica da mercadoria. É justamente com as representações que veiculam uma marcação cada vez mais precisa do tempo, mais ligada à lógica da mercadoria, que ocorrem adulterações na imagem da velhice como tempo morto ou de estagnação. “O relógio transformou o tempo, transformando-o de um processo natural em uma mercadoria que pode ser comprada, vendida e medida...” (WOODCOOK, 1972, p:122).

Woodcook (1972) leva-nos a considerar que é a partir desse registro do tempo, assinalado por esse relógio preciso da lógica da mercadoria, que o capitalismo avança. O tempo passa a ser parte do processo produtivo, reiterando a máxima de que “o tempo é dinheiro”. A medição do tempo permite que ele possa ser dividido em tempo produtivo, de trabalho – e tempo não produtivo, de lazer, de pós-trabalho, de aposentadoria é, em uma palavra: velhice.

O que vamos ver é que não há pós-trabalho ou não trabalho, pois as mulheres idosas sempre cuidam de alguém da família, da casa onde ficam, de cadeirantes ou de pessoas especiais, e, de todo modo, dão suporte familiar – tanto financeiro como suporte no cuidado. Há, pois, dois tipos de suporte que as idosas pobres da periferia dão.

1.1.3. O espaço contraditório do Estado e da família

Leme e Silva (1996), ao trabalharem com o tema família, afirmam que esta tem funções a serem executadas com e para seus membros, tais como política, militar, econômica, religiosa, educacional, reprodutora de espécie e de seguridade social. Funções essas que sofreram variações, ao longo do tempo, na história da família na sociedade. No âmbito da sociedade moderna, parte dessas funções passou à alçada do Estado, sendo desenvolvidas por instituições públicas ou privadas, mas sempre sobre a regência destes.

O Estado parece-nos manter, desse modo, em uma relação proporcional, porém inversa à família; aquela reproduz esta ou ambas se condicionam sob o império da mesma lógica? O fato de o Estado ser contraditório torna mais ambígua a família quando se apresenta como refúgio, lugar em que o homem se protege nos períodos em que o Estado se apresenta fraco como gestor da vida coletiva.

Na modernidade, duas destas funções do Estado e da família – proteção e cuidado – vão interferir na construção da produção social da velhice. Estaremos tratando das condições humanas de sobrevivência – que aqui alcança ser tratada na emblemática questão da aposentadoria – e dos cuidados com a saúde. A ideia de que se constrói todo um arsenal de saber sobre o viver vai forjar uma visão da morte como descontrole, como uma insurgência contra o que se pode prever como vida. E esta concepção do moderno ora se choca, ora se coaduna, com o que vem de outras fontes de saber, como a religiosa.

Lembremos que, anteriormente, as funções políticas, econômicas, militares estavam interligadas e se davam em torno da posse da terra. Observemos dois fatos: 1) a inespecificidade das funções que estavam interligadas e 2) o exercício dessas funções pertencentes a cada família que passaram depois ao Estado. A relação com o território determina, em muito, a compreensão e a inter-relação entre os poderes político, econômico e militar. E, então, se pode dizer que a Casa era a família, e esta viria a gerar o Estado.

Um exemplo dado por Elias, (1993) deste entrelaçamento era a linhagem dos Capetos, que expandiram seus domínios e se tornaram uma Casa hegemônica na França, tendo como primeiro rei da linhagem Hugo Capeto. Essa predominância de uma Casa se dá pelo monopólio da força militar, que aufere o direito de arrecadação de impostos, aos subalternos; daí há a invasão de outros territórios e começa-se uma estrutura maior, de hegemonia. Dentro deste complexo de força, se insere a sustentabilidade dada pela força militar.

Aos poucos, houve uma mudança de função, a moeda foi introduzindo negociações mais complexas, onde a terra deixa de ser a forma dominante de propriedade (ELIAS, 1993). Estas foram as pré-condições para hegemonia de uma das Casas sobre o conserto coletivo, bem como para eclodir este do consequente aparecimento de um órgão central de controle, o Estado.

Este processo de ascensão do Estado não se dá de forma tão rápida assim. Os Capetos, que é o exemplo que estamos pondo em pauta, criaram uma máquina administrativa para gerir as suas rendas e despesas, uma vez que não seria mais possível para o chefe da Casa fazê-lo sozinho. Esta já é uma divisão de funções; é que mesmo tendo montado a máquina administrativa, o senhor tinha a prerrogativa de alocar os recursos, porém via, nesse amplexo, a gestão coletiva com feição privada.

Ora, se o poder absoluto do monarca se dava pela posse da força militar, e também em função da rivalidade entre nobreza e burguesia, este tentava se constituir como força que pairava acima desse duelo – a do regente, que administrava esses conflitos. Esta aparente neutralidade do Estado é uma construção que vem daí. E uma das formas de controle era a concessão de cargos na máquina administrativa. A classe burguesa, então, com as rupturas que se conhece, inicia sua participação no Estado aproveitando-se dessa conflitualidade.

Os burgueses iniciam um questionamento dos privilégios, enquanto instituição social, concedidos à nobreza. Era na defesa da ideologia da igualdade formal que se dava feição pública ao poderio concreto de uma classe: a burguesa. Nesse tempo, os burgueses não competiam com o rei pelo monopólio, no sentido de dividir o poder, como faziam os nobres entre si. Eles almejavam, na verdade, o controle do ônus e dos benefícios inerentes ao poder. “Dá-se um passo nessa direção quando o controle desses monopólios passa a depender de uma classe inteira, e não de um príncipe absoluto” (ELIAS, 1993, p:105). Assim, a revolução francesa foi o coroamento deste processo que pôs fim ao que ficou conhecido como *ancien régime*. A burguesia, como classe, substituiu o rei absolutista e passou a gerir o Estado.

O Estado se apresenta, a partir daí, com algumas das feições que conhecemos na modernidade. Ele, por meio de políticas, assume funções que eram da família, uma vez que esta se modificou, assegurando, desse modo, a mão de obra necessária para o trabalho que, no contexto capitalista, possuía sua formalização e sua estrutura de classes. Veremos duas destas funções, reitero: a sobrevivência do sujeito em sua condição a humana – que aqui tipificamos com a emblemática figura da aposentadoria – e os cuidados com a saúde.

Destas ações, tomemos, inicialmente, a aposentadoria. Começamos por retomar a questão do tempo produtivo ou não. Aposentadoria, se observarmos a literatura, está relacionada ao tempo livre e ao lazer – que se vinculam ao tempo do pós-trabalho, ou seja, do tempo não produtivo. Mas, para entendermos melhor essa articulação entre tempo livre e tempo de trabalho, temos de ver o tempo de produzir e o tempo de pós-trabalho. Para que tenhamos uma dimensão do que é *sair do mundo* ou *deixar o mercado do trabalho*, faremos com que o nosso olhar a um destes aspectos informe o outro, em uma recursividade importante.

A minha avó deixou a caieira no sertão. E vindo à cidade, ficou longo tempo com o Padrinho, até quase sua morte. Antes, porém, separou-se novamente, e com sua aposentadoria teve de viver. Agora, já sem o Padrinho ao lado, precisava contar com a ajuda de minha mãe, que, por sua vez, arregimentava os irmãos – meus tios – para fazer frente as suas necessidades de sobrevivência.

Eu logo via que o tempo do pós-trabalho, de minha avó, era um tempo de depender. Afetivamente? No caso de minha avó, a dependência financeira foi dominante e levava-a a negociar seus desejos também. Mas suas escolhas na vida haviam dado a ela uma autonomia invejável.

(Jornal da Pesquisa)

O mundo do trabalho é um lugar de construção coletiva e afirmação do ser junto ao universo social; mas também é o espaço de conflitualidade devido às formas do trabalho sustentar opressões e uma gramática de classificação ou estratificação social.

Como espaço de produção da vida, o trabalho é campo de formação do humano e também um *locus* de afetividade e fonte de autovalor. Isto nos fornece uma ideia do devir de um trabalhador social como constituindo uma interioridade e, ao mesmo tempo, lidando com uma objetividade que não se esgota no sujeito individual.

O trabalho se constitui em um elo da singularidade dos sujeitos, compreendida como subjetividade e a objetividade do mundo social, no qual o sujeito está inserido, e se constitui a partir deste lugar e tempo. Muito embora o trabalho faça esta união, a objetividade, no mundo do trabalho, é foco central, enquanto a subjetividade é relegada a um plano menor. (SOBRAL, 1994)

E minha avó? Como vivera essas dimensões objetivas e subjetivas do trabalho?

Minha avó ficara muitos anos trabalhando em casa e na caieira; na sua vida, com uma jornada longa e em período longo de vida no trabalho. Um tempo preenchido com as formas sociais que lhe davam um lugar, um sentido, um significado e à sua cooperação nas relações familiares.

Ao final deste tempo longo, ela se depara com os limites do pós-trabalho: financeiro e, também, se depara com um tempo que precisa ser preenchido com um significado, só que agora dado por ela própria.

Como dependia dos outros, de certa forma, sobretudo financeiramente, era uma autonomia regulada? – eu me perguntava.

(Jornal da Pesquisa)

Salem (1980), ao discutir as relações no contexto da família, afirma que os velhos têm a necessidade de ‘ocupar o tempo’ e/ou a ‘mente’, repelindo a invasão de coisas e sensações que se relacionam à morte.

Essas sensações, esvaziamento, advêm da “... perda da função fundamental [produtiva] para a qual foram socializados...” (SALEM, 1980, p:52). Esta passagem reforça a ideia de insuportabilidade do homem a uma falta de explicação ou de simbolização que produz sentido (GEERTZ, 1989). Esta é uma das dificuldades com as quais se defronta quem se aposenta – e quem envelhece.

O local de trabalho é também um espaço para as relações sociais. As amizades e inimizades mobilizam afetos, e a saída do trabalho implica na perda destes depositários e dos argumentos e produções afetivas e identitárias que geram. A aposentadoria também serve como um balizador do tempo e dá o sinal de que a idade provecta se aproxima. Mas terá sido sempre assim? Quando surge a aposentadoria?

Já vimos que os velhos estavam presentes quando a aprendizagem não se dava nas escolas, que dividiu as fases da vida e as faixas etárias. Nesta fase de aprendizado extraescolar, os velhos permaneciam ativos desde que suas condições físicas permitissem, caso contrário, caberia à família o cuidado com ele.

Do ponto de vista social, a aposentadoria passou a existir inicialmente na Alemanha. Na França do séc. XVIII, ela se destinava a funcionários civis e militares por meio das caixas de aposentadorias. Esta questão só se tornou relevante quando a primeira geração de operários envelheceu. Na discussão acerca da criação do sistema de aposentadoria, na França, debateu-se sobre a quem competia o ônus do amparo à velhice: à família, ao Estado ou à empresa? Discutiui-se ainda o que fazer com operários que se tornavam inválidos. Na verdade, a questão em foco *era o que fazer com quem não podia mais produzir*. A velhice, vista como que improdutiva, foi fator determinante para a criação do sistema de aposentadoria, que protegeria o trabalhador do desemprego cíclico e da perda da capacidade produtiva.

A busca pela generalização da aposentadoria gestou-se, de fato, como uma conquista do movimento operário, uma vez que fez parte da pauta de suas reivindicações. Apesar disso, ela apresenta outra face para aquele que a vivência: uma ausência de função social, um tempo livre sem significado, uma vez que o valor social dado pela função produtiva é exacerbado (SALGADO, 1982). Isto se constitui numa contradição: à medida que temos uma maior longevidade, pomos à margem aquele que envelhece, muito frequentemente vivendo um tempo vazio de significado que deverá ser construído por cada pessoa em particular. Observemos que é a partir da conceituação desta fase como terceira idade que políticas públicas começam a ser engendradas para

esse tempo do pós-trabalho (PEIXOTO, 1998).

E, para se pensar em tempo de pós-trabalho, deve-se considerar conteúdos e formas que variam de cultura para cultura, mas que visam às alternativas de preenchimento de tempo com sentido pessoal e social.

Uma vez instituída a previdência, o acesso à aposentadoria tornou-se uma das demandas dos trabalhadores para fazer face à sua vida pós-trabalho. Contudo, devemos ressaltar que vai atender aos interesses da classe patronal, já que realiza a renovação da mão de obra. Neste sentido, a aposentadoria geraria uma vaga que não é gerada pela morte de um trabalhador. A aposentadoria parece antecipar a morte de quem se aposentou, se não a morte física, pelo menos a social.

O novo trabalhador estaria, supostamente, mais qualificado tendo em vista que os jovens dominam melhor as novas tecnologias; outro fator é que o novo trabalhador traz um baixo custo ao empregador. Novamente, aparece uma tensão geracional, uma vez que o sucessor do velho trabalhador, o jovem, o suplanta e o substitui.

Duas ações citadas, assistência à saúde e previdência, usualmente desenvolvidas pelo Estado na atenção ao idoso – categoria social de qualificação dos velhos – favorecem a produção da velhice feita nestas bases. Ambas, em sua proposta, buscam assegurar uma independência do idoso em relação à sua família, no entanto, a ideia que marca o valor social do sujeito, sendo a do trabalho, deixam de fora os velhos desse posto de valor pelo seu próprio grupo parental.

Os filhos deste velho trabalhador, então, podem dedicar-se a seus trabalhos e a seus projetos pessoais sem se sentirem tão culpados. O sistema de amparo dá conta do que seria função também deles: ajudar a produção de sentido para a vida no conviver humano. Assim é que os velhos participam, como trabalhadores, contribuindo com esse sistema que vê a produção capitalista como avaliadora do valor do sujeito.

Ora, a produção da velhice está ligada à produção do trabalho, mas evidencia seu sintoma social na assistência à saúde e na previdência social. E é partir do final do século XVIII e início do XIX que o Estado intervém no espaço urbano/social procurando modificar, de início, as condições sanitárias, pois assim estaria tratando da qualidade de vida de sua população.

Todas as intervenções estatais passam, agora, a ser justificadas desde que sejam para assegurar a vida das pessoas. Embora este fosse o conteúdo manifesto do

discurso, na verdade o que estava em jogo, no quadro sócio-político-administrativo, era o corpo reprodutor e produtor de riquezas para a lógica do capital acumular-se em poder e ganho.

Neste quadro, os corpos da população são aquilatados pela faixa etária e pela sua participação no sistema de produção. E é dessa forma que o corpo adulto e útil torna-se desejado, pois participa do mercado de trabalho. Os outros corpos, os corpos jovens e infantis, são os que podem ter potencial e serem concretamente úteis. E, finalmente, o corpo velho que não mais se reproduz nem produz, portanto não participa mais da produção de riqueza, o que significa, na prática, que a velhice foi posta à margem.

Beauvoir (1990) aponta que o surgimento da concepção da velhice, como produção social, está ligado, na modernidade, a uma leitura que se diz respaldada nos saberes do paradigma biomédico. Mas como é possível se sempre tivemos pessoas longevas? E se os velhos também constituem a cultura e nela deixam marcas? – pode-se perguntar.

Veja-se: o conceito de produção social da velhice é relativamente novo no ocidente. E como se ancora em um modelo da biomedicina, isso leva a enfatizar as mudanças do corpo que envelhece como decadência, decrepitude, menos-valia.

O próprio termo utilizado – decadência – traz implicitamente uma informação, qual seja: se decai é porque se sai de um patamar desejável para um indesejável. E o que seria desejável se não um corpo jovem – produtivo e reprodutivo. Obviamente que, no contraponto, no não produtivo e no não reprodutivo, estaria o corpo do velho. E esse *declínio* supõe uma valoração, um valor depreciativo. É oportuno trazer aqui a observação feita por Mercadante (1997) quando diz que a identidade do velho é dada como o negativo do jovem. A juventude é considerada plena porque é repleta de possibilidades, inclusive por ser útil como mão de obra. O velho já foi útil, logo, o tempo do velho é o do passado.

1.2 O caminho metodológico

1.2.1 Preâmbulo

A pesquisa aqui realizada atendeu, em muito, meus anseios enquanto

trabalhador junto ao segmento idoso. Atendeu também aos interesses sociais, políticos e econômicos que o processo de envelhecimento populacional implica, fato ratificado por Minayo e Coimbra Jr. (2002). Estes autores consideram que pesquisas que tenham o idoso ou o processo de envelhecimento como temática são imprescindíveis para o entendimento acerca das necessidades específicas do segmento populacional longo, sobretudo quando se considera o aumento significativo e célere dessa faixa etária em relação à população geral. Nesse envelhecimento populacional, as projeções estatísticas sinalizam para um peso maior no futuro, chegando à casa dos 34 milhões de brasileiros acima de 60 anos em 2020 (MINAYO & COIMBRA JR., 2002).

Após essas considerações, apresentarei, aqui, alguns elementos do caminho metodológico: uma ideia matriz que muda ao caminhar. A ideia do projeto de pesquisa nasce de uma visita à exposição de Lygia Clark, no Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM de São Paulo, quando realizava o mestrado.

Lygia Clark e Hélio Oiticica me foram apresentados por Luiz Gonzaga, um colega terapeuta ocupacional pernambucano, professor da UFPE. Mestre de tantos ensinamentos, assumiu responsabilidades, entre outros, pela reflexão coletiva sobre a apresentação da abordagem psicodinâmica na nossa profissão.

Bem, desde então, tento visitar Hélio Oiticica e Lygia Clark, por várias vezes, encontrando-os nas Bienais de São Paulo, no MAM do Rio de Janeiro; no Centro de Exposição Permanente de Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro; na UNIFOR, Fortaleza e no MoMA de Nova Iorque.

Observo que, de minha parte, sempre que vejo suas obras, sinto um espanto em que se misturam ludicidade e reflexão; parece que criatividade e sonho, loucura mesmo, se misturam e fascinam.

Fica-me continuamente as indagações: como chegaram a estas proposições artísticas? Como chegaram a estes *insights*? Como tiveram ousadia para tanto? Parece haver em mim um recôndito desejo desta envergadura criativa e medo de me perder nos labirintos que levariam à loucura. Mas em que isso alimentava minha estranheira contra (agora o meu) envelhecer?

(Jornal da Pesquisa)

Para além dessas visitas que me tiravam das reflexões mais singelas ou mais acostumadas, vamos dizer assim, surge o projeto “Enfrentamento à Velhice: a arte neoconcreta de Lygia Clark e Hélio Oiticica como uma possibilidade de ressignificação dessa fase da vida”. Ele foi pensado antes da minha entrada no Doutorado em Educação da UFC. Depois disso, o primeiro ajuste foi em 2013, para submetê-lo à seleção do

curso de Doutorado em Educação. Assim, ele teve o seguinte título: “A arte de Lygia Clark: um instrumento de educação com possibilidade de ressignificação da velhice?” Nesta revisita, o antropólogo Roberto Damatta (2001) inspirou-me ao trazer a relevância do *ouvir* na pesquisa etnográfica, em que se busca o sujeito e seu olhar por ele mesmo; quer dizer, ao ouvir um negro, podemos entender o racismo. Então, será necessária esta aproximação na pesquisa para ver, ouvir e sentir – eu pensava.

Em consonância com este pensamento, estão Minayo e Coimbra Jr. (2002), que, ao tratarem da pesquisa com velhos, sinalizam que a saída apontada é ouvir a lógica interna desse grupo societário e contar com ele para realização de seu anseio dentro de um padrão de vida adequado a ele.

Quando eu me defrontava com a arte de Lygia Clark, passava a conhecer a Artografia, uma metodologia em arte e educação. Até aqui, havia a ideia de aplicar, em minha pesquisa, algo da arte – intervenção de Lygia, conforme havia concebido no projeto feito para a velhice. Em agosto de 2014, viajo para Nova Iorque objetivando visitar a retrospectiva dos últimos quarenta anos de criação de Lygia Clark. Exposição realizada no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque – MoMA, que visitei por duas vezes.

A referida exposição do MoMA estava de acordo com a cronologia da produção artística da autora. Algumas réplicas estavam disponíveis para experimentação, como “Os Bichos” e a obra “Caminhando”, que trazia a Fita Móvil (uma fita-objeto que Lygia Clark utiliza em sua obra “Caminhando”, solicitando a intervenção dos que assistem à exposição, e que se refere à in-finitude do sujeito). Cada pessoa corta a fita em um tamanho e, pelo contexto da obra, é estimulada a pensar, entre outros aspectos, na finitude e infinitude de seus atos e de sua vida. O momento mais vivencial, contudo, ficou a cargo de jovens artistas locais que a expuseram publicamente por meio de aspectos que foram intitulados como *a baba antropofágica* e *o corpo coletivo*.

Pelo caráter das exposições vistas, pensei que, em minha pesquisa, seria melhor eleger algum nível e intervenção – daí escolher como metodologia para este trabalho a Pesquisa Participante, guardando certa inspiração clarkeana que o acento na Artografia endossava. Para comportar essa ênfase, tento preservar algo do que eu vivera na exposição de Lygia Clark para vivenciá-lo no universo sensível dos sujeitos que

estavam a envelhecer no Centro Comunitário São Francisco, bem como na interação vivida como eixo da minha intervenção.

Em 2015, o título do meu projeto de pesquisa sofre nova mudança e fica sendo: “Uma história de educação e arte na promoção da autonomia de pessoas idosas: uma experiência de animação sociocultural em Fortaleza”. Estão presentes nesta versão a inspiração clarkeana e uma sugestão de conteúdo a ser debatido. Uma dúvida me surgiu: como saber que o uso da arte de inspiração clarkeana foi capaz de chegar ao fim proposto? Como avaliar um fator isolado quando ele está, necessariamente, em interação com os outros?

No ano de 2016, encaminho o meu projeto de pesquisa para o comitê de ética. Refaço o título sem mexer mais na metodologia. Permanece a metodologia da pesquisa Participante, com acento (inspiração) na Artografia – arte – e com ilações junto à Pedagogia. Uma pedagogia que abordaria alguns aspectos do envelhecer humano.

1.2. 2 Tipo de estudo

A pesquisa proposta e realizada foi de natureza qualitativa, sabendo-se que o recorte metodológico nas pesquisas qualitativas é uma atribuição do investigador (STAKE, 2011). Seguindo esta orientação, decidi e utilizei como estratégia a metodologia da Pesquisa Participante, com acento e inspiração na Artografia, trazendo, como procedimentos da investigação, a análise documental, a entrevista, a observação participante e o Jornal da Pesquisa. Sempre comportando o que nomearei de pré-expressividade na manifestação dos sujeitos (traço que aprendo com a inspiração na Artografia e que me auxilia no momento preciso da intervenção junto às idosas com as quais trabalhei nesta pesquisa).

1.2.3 Da Metodologia escolhida: a Pesquisa Participante com ênfase na Artografia

O ser humano está sempre em estado de devir; e, ao percebê-lo, em sua observação, age e reage ao que apreende. No contexto da pesquisa, há uma exacerbação desta ação, ou seja, observar-me como observador. Depois, a minha inserção vai se dando de modo mais natural, eu, já como pesquisador, fazendo parte do grupo de mulheres idosas. Desse modo, é que o artificial se insere no contingente, na pesquisa

(MARCONI; LAKATOS, 2005): na ação de conviver. Assim, o pesquisador se imiscui com a coletividade investigada e, forçosamente, participa das mesmas situações e vivências que propõe como parte de sua intervenção.

Certamente, este tipo de estudo comporta intervenção maior ou menor àquele que mais aproxima pesquisador e pesquisa (sujeitos e local da pesquisa) e que se “confunde com ele” (MARCONI; LAKATOS, 2005, p:196). Aprender pelos sentidos aguçados, na experimentação, dá a eles maiores elementos para inquirir acerca do que investiga, e, nesse percurso, analisa a si sobre o que reverbera em si e no vivido. No movimento de ancorar o Outro em mim, surge a confiabilidade e o desejo de rever os sujeitos que se refaziam a cada inserção no campo empírico.

1.2.4. Do caráter da Artografia, no trabalho, com o que nomeio de pré-expressividade da arte

A Artografia articula, na pesquisa, tanto educação quanto arte; a palavra é de origem inglesa, em que o A significa artista, R significa pesquisador, T significa professor e grafia significa escrita ou representação. Por ser pesquisa qualitativa, centra-se na descrição de processos e de falas, que podem ser acompanhados de outros modos de manifestação de imagens associados (IRWIN, 2013, p:29).

Buscando um enlace com a existencialidade – essa vívida expressão da vida dos sujeitos –, proposta pela Artografia na intervenção feita por meio da pesquisa, trabalho um momento que chamo de pré-expressivo por não envolver o domínio já de uma modalidade artística, mas de um campo inicial que seguirá para a expressão artística em sua forma mais clara e específica.

Na intervenção realizada, tanto com as idosas quanto com o corpo técnico do serviço, utilizei essas ferramentas que ficam no movimento expressivo inicial dos sujeitos. Foi visto acima que o delineamento do traçado metodológico deve convergir para a afirmação da pessoa que assina autoria.

Ao propor uma intervenção calcada na expressividade da arte, de inspiração de arte de base clarkeana, junto às idosas, pretendi verificar quão eram capazes de suscitar aprendizados novos, geradores de uma superação que eu via, de certo modo, ser um estigma social – a velhice.

A pesquisa documental feita gerou o perfil socioeconômico dos velhos atendidos no local da pesquisa, assim como o traçado das políticas e serviços voltados à velhice no Brasil e no Ceará. O Investigador contribuiu com o local realizando o preenchimento das fichas. Também foram identificadas junto à instituição as leis estaduais que tratam da velhice; e foi realizado o levantamento do marco legal do atendimento ao idoso, alvo da pesquisa.

1.2.5 Evidências empíricas

A pesquisa de campo foi dividida em dois momentos: **etapa I**, antes da intervenção, em que preenchemos **as fichas de recadastramento**; e depois a observação se procedeu com um grupo maior, ou seja, do atendimento ao idoso no serviço, que foi feita no período de maio a junho. Já na **etapa II**, recorto o grupo da pesquisa e começo a série de 14 encontros, no período de junho a setembro. No final de maio, foi feita apresentação do projeto de pesquisa aos idosos no próprio grupo e o convite para a participação nele.

Inicialmente, a etapa II previa dez encontros. Contudo, realizei catorze encontros, pois a dinâmica do grupo levou a uma ação mais lenta. Reitero que a participação era voluntária, já que poderiam deixar de participar dos encontros e/ou das atividades no instante que desejassem. Ressaltamos que todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, um protocolo necessário para realização da pesquisa segundo Comitê de Ética. Também esclareci acerca da dinâmica do grupo, que não existia uma única maneira de participar ou fazer a atividade; a recusa ou não execução, por momentos, sem abandonar a pesquisa, era uma forma de participação, a passiva, contudo possível e aceita.

No sentido de suscitar a maior participação, pensou-se em registro fotográfico a ser feito por elas. Contudo, não houve interesse significativo, mas houve momentos de recusa. Penso que a máquina semiprofissional inibiu.

Propus a construção de um “**Livro de memória das vivências**”, uma produção construída ao longo dos encontros educativos, constituído do texto temático, do registro dos debates acerca do tema e da vivência, feito pelos próprios sujeitos – o que seria um produto final das intervenções e parte da vivência. Os artógrafos enfatizam a circularidade das produções, conceito que abarca a circulação de produções e de ideias

expressas numa linguagem verbal, mas também não verbal. A função é vivenciar a autoria de seus registros que aqui se fazia evidente.

O resultado da pesquisa foi apresentado aos demais membros do SCFV; nele, registrava a análise dos catorze (14) encontros. Quanto à circulação ampliada, houve uma exposição do que foi realizado no Facebook, denominada “Brotando do impossível chão” – em que se aprendera com a Artografia a circularidade possível no resultado da pesquisa. O endereço eletrônico dessa produção é: <https://www.facebook.com/groups/317150411819605/>.

Os encontros tinham a duração de duas horas de atividades, em que se buscou cumprir a estrutura de funcionamento que trazia algumas referências: 1) Acolhida; 2) Apresentação do encontro; 3) Debate; 4) Vivência, elaboração e execução do projeto estético; 5) Conclusão do debate/atividade – Considerações finais; 6) Planejamento da próxima sessão; e 7) Congratamento, com finalização da atividade e despedida (LIMON & CABORNERO, 2002).

Não houve preocupação rigorosa em relação à técnica, e as temáticas eram acertadas no começo do planejamento. A saída era quase correndo para pegarem um lugar na fila para o almoço. Quanto ao funcionamento do grupo, não houve ponto de atrito, ao contrário, foram muito cordatos. Houve atrasos, mas não comprometeram o funcionamento, e algumas saídas eventuais. Destaco que a observação foi estritamente no local, porém as entrevistas foram realizadas além do local da pesquisa. Fino (2008) enfatiza a obrigatoriedade de um enfoque multidisciplinar em pesquisa.

Geertz (1989), tratando da interpretação da cultura, traça um paralelo entre ela e a perspectiva analítica, contudo faz uma distinção. Para ele, a interpretação da cultura quer tomar um conjunto de atos simbólicos como base para análise. Ainda segundo o autor, os princípios da interpretação da psicologia profunda podem ser empregados na interpretação da cultura. Essa relação fica evidente ao afirmar que apreender a dimensão simbólica “não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionalizadas; é mergulhar no meio delas” (GEERTZ, 1989, p:40). A interpretação da cultura é revelar o que está oculto, ou fazer articulações entre aspectos relacionáveis, e, neste sentido, assemelha-se, de algum modo, à interpretação analítica.

1.2.6 O local da pesquisa

O local da pesquisa foi um Centro Comunitário São Francisco, da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social, que presta o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos no âmbito da Proteção Social Básica – PSB do Sistema Único de Assistência Social – SUAS, em Fortaleza, Ceará. Esta unidade de atendimento é decorrente da construção do conjunto habitacional São Francisco, que foi executado com a função de acolher a população removida da área de risco, localizada às margens do rio Maraguapinho. Este conjunto habitacional fez parte da política de melhoria das condições habitacionais, realizada pela Fundação Programa de Assistência às Favelas da Região Metropolitana de Fortaleza – PROAFA.

1.2.7 Dos sujeitos da pesquisa

O grupo, em geral, foi acompanhado durante todo o decorrer da Pesquisa Participante. Na etapa I, realizou-se um estudo exploratório, base das análises teóricas feitas. Na etapa II, fixou-se o número de nove participantes no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, que se situa, em particular, no Centro Comunitário São Francisco.

1.2.8 Critérios de inclusão e exclusão dos sujeitos da pesquisa

Na etapa I, em que se realizou o estudo exploratório inicial, considerei o grupo de idoso como um todo, e não se fizera necessário estabelecer critérios de participação.

Na etapa II, os critérios para participação observados foram os seguintes:

1) ser mulher, 2) estar inscrito no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, 3) ter sessenta anos ou mais, 4) desejar participar da pesquisa; 5) morar no bairro onde está instalado o serviço ou bairro circunvizinho.

Esclareço que os critérios de exclusão da etapa II da pesquisa também foram observados: 1) homens, 2) idade inferior a sessenta anos, 3) não está inscrito e participando do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

Para evitar algum obstáculo com relação a configurar-se o grupo da área de psicologia ou de educação física, tipos de grupos de idosos comuns nos trabalhos com a

velhice, pediu-se também como critério de exclusão: 4) autodeclarar-se incapaz, ter osteoporose grave e/ou fazer uso de antipsicótico.

1.2.9 Aspectos éticos

Busquei observar os princípios éticos da pesquisa fixados no projeto. Os termos de consentimento livre e esclarecido foram assinados. O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Ceará para ser submetido à análise sob o número: 1.520.306. Após examinação, recebeu o parecer como aprovado. Destacamos que todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

1.2.10 Dos Procedimentos da Investigação (ou técnicas da pesquisa)

1.2.10.1 Análise documental

Leitura, registro, compreensão e análise de textos escritos ou orais, ou de outra forma (MARCONI; LAKATOS, 2005); este aspecto se fez necessário em função dos marcos regulatórios, cuja relevância suscita aqui serem referidos; também os documentos relativos à assistência social, enquanto política pública, bem como os norteadores do atendimento ao idoso no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos do Sistema Único da Assistência Social. Considerem-se, ainda, os documentos do local da pesquisa que permitiram delinear o perfil sociodemográfico dos atendidos.

1.2.10.2 Entrevista semiestruturada e grupo de vivências

A entrevista semiestruturada constitui-se uma modalidade de entrevista cujo roteiro é flexível. Permite, assim, que o investigador, a partir das respostas dadas pelo participante, possa aprofundar os conteúdos que lhe pareçam relevantes para o seu objeto investigado. Informante e pesquisador podem se posicionar livremente frente às perguntas e respostas, respectivamente.

Assim é que esta modalidade de entrevista costuma ser dividida em três subtipos: focalizada, clínica e não dirigida (MARCONI; LAKATOS, 2005). Optamos

pelo terceiro subtipo, a não dirigida, em que a liberdade é total e o entrevistador, assim como o entrevistado, poderão expor seus pensamentos e sentimentos que se associam ao tema proposto. O objetivo é fomentar o informante a falar sobre determinado assunto, sem, contudo, forçá-lo a responder itens fechados.

Já o grupo de vivências, foi proposição que teve sua matriz na Artografia; Possui caráter de intervenção e inclui ação-reflexão coletiva.

1.2.10.3 Observação participante

A observação participante é um instrumento de coleta de informações em que o pesquisador está imerso no campo investigativo, sendo crivado por sensações físicas e emocionais que se articulam para trazer a situação investigada o mais próximo de si. Isto é obtido por meio das interações com o local e as pessoas integrantes do cenário pesquisado. Talvez este tipo de estudo seja aquele que mais aproxima pesquisador e pesquisa (sujeitos e local da pesquisa), e que “se confunde com ele” (MARCONI; LAKATOS, 2005, p:196). Aprender pelos sentidos aguçados, na experimentação, dá a ele maiores elementos para inquirir acerca do que investiga e a si, pelo visto e vivido, trazendo-lhe confiabilidade.

1.2.10.4 Jornal da Pesquisa

O Jornal da Pesquisa são inserções que o pesquisador se autoriza realizá-las no corpo do trabalho científico. Este elemento nos permitiu ter uma visão amplificada da realidade, haja vista que a subjetividade do investigador não subjaz inteiramente oculta. Ao contrário, revela-se na medida em que as experiências de vida, autorreflexões e emoções são expressas, evidenciando, assim, o imbricamento pesquisador e sujeitos pesquisados no próprio corpo do campo empírico.

O “JP é a possibilidade do registro de nossos “andaimos” de percurso. Os andaimos, conforme o autor são os cacos, nossas fraquezas, nossas imperfeições, nossos medos, mas, tratando-se de nossa formação, principalmente para nossos próprios sentidos, esses cacos e amontoados também...”. (VELOSO; BONILLA, 2017, p:53)

As autoras enfatizam ainda mais os aspectos subjetivos que implicam o pesquisador na investigação por ele realizada, acentuando esse aspecto ser indissociável de suas observações participantes. Desse modo, *Jornal da Pesquisa*: “Auxilia o pesquisador a adquirir um ‘sentir multirreferencial’. O *Jornal da Pesquisa* permite que o pesquisador trabalhe a sua subjetividade” (VELOSO & BONILLA, 2017, p:53).

As anotações do *Jornal da Pesquisa* nos ajudam que a pesquisa seja vista por inteiro – em suas potencialidades e dificuldades, a partir da subjetividade do pesquisador – mas articulada com a objetividade da prática em curso. As notas do *Jornal* incluem situações cotidianas vividas pelo pesquisador e trazem possíveis leituras e ilações feitas, que envolvem circunstâncias que afetam na pesquisa. Isso conduz a pesquisa também pela via de um olhar pesquisador que se imiscui como sujeito.

1.2.10.5 Da entrada no campo

Após aprovação do projeto de pesquisa pelo comitê de ética, a primeira providência que tomei foi pedir a chefe da unidade local uma reunião com os envolvidos diretos na pesquisa. Assim foi feita a reunião com a chefe da unidade, a coordenadora do grupo de idoso e o futuro coordenador, ocasião em que houve a divisão, prevista ainda para este mês de maio, do grupo da fase exploratória para o grupo fixo, menor, que ficaria comigo. Aproveitei para colher dados sobre os sujeitos da pesquisa, daí retirando informações de um recadastramento que estava a ser feito e do qual eu participava.

Estes dados extraídos de documentos e do recadastramento feito serviram para que eu elaborasse o Perfil Sociodemográfico, que está exposto no texto da tese. Estes dados sobre o perfil dos velhos envolvidos na pesquisa serviram para eu me situar junto a eles. E para o tratamento multidimensional com o qual nutria meu olhar.

Iniciei apresentando a aprovação do comitê de ética. Neste momento, mostrei as ideias centrais da pesquisa, que se dividiram em dois movimentos: de observação e intervenção.

No que tange ao momento atual do campo, há que se esclarecer que o ajuste institucional da normatização do SUAS (Sistema Único da Assistência Social) para atendimento ao idoso propõe grupos pequenos. Os grupos em atendimento nas unidades participam do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, que preconiza

grupos com menos de quarenta participantes; e nosso grupo deveria adequar-se a essa referência em consonância com o modelo adotado pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome – MDS.

Com relação à intervenção feita na pesquisa, vi-me colaborando no preenchimento das fichas novas. E, na prática do Centro Comunitário São Francisco, houve interesse nos dados desta pesquisa para estabelecer o perfil do usuário. Na qualidade de técnico da instituição, dispus-me a colaborar, articulando dados da pesquisa com as necessidades de caracterização dos sujeitos que eu passava a considerar.

Houve, contudo, um discurso inverso. Certa feita, ouvi do nível médio que estava fazendo as fichas: vou já colaborar com você. Como se o interesse fosse mais meu que uma atribuição deles, que atuavam com a velhice nesta assistência pública em saúde. Inicialmente, havia a ideia de todos se envolverem, o nível médio – trabalhadores de nível não graduado, os dois coordenadores de grupo de idosos e eu. Na prática, apesar do intento inicial, ficamos eu e o nível médio. Ao se eximirem de preencher as fichas – que implica contato direto com os velhos e as velhas – os coordenadores deixavam de obter dados concretos, nesse ambiente relacional, que poderia lhes permitir uma maior percepção direta dos que utilizam os serviços públicos dessa natureza, naquele específico lugar e bairro.

Com relação a mim e à pesquisa, esta ligação proporcionada pela intervenção favoreceu os momentos subsequentes da pesquisa, posto que eu não era mais, para eles, alguém inteiramente desconhecido.

1.2.11 A inspiração da Artografia – comportando a pré-expressividade na manifestação dos sujeitos no momento da intervenção.

A Artografia assume o caráter intervencionista e os artógrafos preocupam-se em perceber como suas intervenções afetam aos outros e a si mesmos (IRWIN, 2013, p:32). Os artistas que trabalham com a Artografia como metodologia querem que espectadores e leitores entendam algo sobre suas vidas e sua expressividade, de forma suscitadora, do novo. Também acentuam que a intervenção feita por seus próprios meios deve fazer diferença para a comunidade em que vivem e para o campo de atuação em que trabalham ou se inserem.

Os que criaram a Artografia sugerem que se preencha o excesso de formalismos que gera vazios pedagógicos e criativos; fazem essa crítica às abordagens praticadas nas escolas e nos ambientes de aprendizagem em geral, e propõem que se parta de novas sensibilidades para se executar intervenções, tomando por base tecnologias do eu com ênfase no visual e no sensorial. Sugerem, ainda, considerar

(...) concepções pedagógicas recentes que destacam as múltiplas representações visuais do cotidiano, como elementos centrais que estimulam práticas de produção, apreciação e crítica de artes e que desenvolvem a cognição, imaginação, consciência social e sentimento de justiça.
(DIAS, 2013, p:15).

Nesse sentido, traçamos as bases para nossa realização da intervenção educacional, com inspiração clarkeana, voltada para a sensorialidade, considerando as sensações e valorizando a participação dos sujeitos. É que a Artografia, por ser um tipo de Pesquisa Educacional Baseada em Arte, desenvolve métodos de pesquisas qualitativas que “fornecem respostas a questões que têm a ver com atitudes, sentimentos, sensações, percepções e construções sociais de sentido. Estas pesquisas requerem formas, métodos, metodologias diferentes.” (DIAS, 2013, p:16).

Nesse sentido, penso ter havido uma congruência entre pesquisa qualitativa e Pesquisa Educacional Baseada em Arte inspirada na Artografia. Destaco que ela é aplicável por quaisquer investigadores, não se atendo a artistas, professor de arte ou artista educador. A nossa condição de Terapeuta Ocupacional, nesse seguimento, não inviabilizou a realização do projeto de pesquisa nessas bases que colhem a intervenção dos sujeitos em sua pré-expressividade, como nomeamos.

Irwin (2004) reforça o que já foi posto na Artografia: a possibilidade de articulação entre arte e intervenção. Fino (2008), por sua vez, afirma que o programa de Mestrado e Doutorado, na linha de Inovação Pedagógica do Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira, instiga essa articulação da prática de intervenção com a etnografia, considerando esta como uma observação participante completa.

Outro argumento favorável a esta metodologia é que, sendo professor e pesquisador, haveria uma tendência de investigar seu próprio *lócus* de trabalho, ou seja a escola. No caso em tela, o ambiente da pesquisa e de trabalho do investigador era a

assistência social. E os idosos participantes da pesquisa eram usuários de um serviço ofertado pela assistência social do Estado.

1.3 Dos referenciais teóricos da pesquisa

A produção social da velhice, aspecto central deste trabalho, toma como referencial primário Beauvoir (1990), para seguir articulando olhares e traçar diálogos com outros autores, como Derrida (2003) e Koltai (2000), visando desvelar a construção social desta fase da vida, em suas singularidades, a partir da ideia de estrageiridade. Oferece-nos, ainda, elementos chaves para um deslocamento de nosso olhar do trivial no que concerne ao modo de se tomar o envelhecer humano.

O tratamento da velhice como produção social teria, portanto, uma condição multidimensional, segundo Papaleo Netto (2016), como já propõe o estudo da velhice na gerontologia, insistindo em seu caráter multidisciplinar e multirreferenciado.

Socialmente, a partir da modernidade, é entendido que a velhice assume relevância quando ocorre o adensamento desta faixa etária, como estudam Salgado (1982), Magalhães (1987) e Debert (1999), e quando se alonga para outros aspectos da saúde e da assistência social pública a essa faixa populacional. São considerados atores determinantes para o fenômeno do envelhecimento populacional: a redução da taxa de fecundidade, segundo Duarte e Barreto (2012) e a migração interna, de acordo com Wong e Carvalho (2006). Aspectos estes que se conjugaram a outros trabalhados por esses autores e que configuram a velhice como produção social junto ao atendimento do setor público a essa faixa da população.

Percebo que a mudança populacional constitui uma demanda de políticas públicas específicas para este público, e esses aspectos mutantes são abordados por Kalache et al (1987) e Peixoto (1998). Contudo, Monteiro (2013) sinaliza para as situações desse segmento populacional no Estado do Ceará ser pouco coberto pela política de Assistência Social.

A saúde, compreendendo o processo de envelhecimento sob a ótica da presença ou ausência de doença, senescência e senilidade, respectivamente, irá nos proporcionar diálogos com Ciosak et al. (2011).

No que se reporta ao corpo em seu aspecto biológico, mas com interrelações com outras dimensões, travaremos diálogos com Nóbrega et al. (1999); ao considerar,

de modo especial, a *atividade* da velhice em sua dimensão biológica, escutaremos Fachine e Trompieri (2012), que estudam o sistema cárdiocirculatório; Esquenazi, Da Silva e Guimarães (2014) fazem observação das mudanças na composição corporal no nível da visão; alterações fisiológica da sexualidade (ALENCAR; MARQUES; LEAL; VIEIRA, 2014); e interrelações com outros fatores (ARAÚJO, 2010); (NEGREIROS 2004).

A produção sociocultural da velhice como marginalidade e estrangeiridade, ou seja, com outra lógica de ser, que se articula com o universo subjetivo dos sujeitos em pauta, leva-nos a considerar Xavier (2012), que discute o lugar do sintoma social no tratamento da velhice, além de outros autores que relevam essa compreensão em meio a outras injunções sociais, como Koltai (2000); Derrida (2003); Messy (1993); Goldfarb (1998, 2016); Birman (1995).

Na caracterização da subjetividade dos velhos pelo sofrimento psíquico diante da morte, traremos Silva (2012), e ante os objetos perdidos na reflexão sobre luto e melancolia, escutaremos Freud (2010); utilizaremos a relação entre cultura e subjetivação também em Freud (1930).

A velhice, relacionada com a morte e a ocultação de ambas nas sociedades urbanas industriais, no âmbito sociológico e cultural, traz-nos à baila Elias (2001). Mead (1970) será referência importante ao tratar da transmissão cultural, quando então aponta para a perda do papel de transmissor dos velhos, na modernidade, e nos auxilia a compreender aspectos dessa natureza. A forma como a sociedade se estrutura e funciona, reverberando no tratamento da velhice, tem mecanismos de manutenção da ordem em Wagner (1979).

Vimos, nesta pesquisa, que os velhos não trabalham, de certo modo, mas contribuem socialmente, realizando um trabalho invisível que ocorre no âmbito privado, em especial na família, junto a excluídos socialmente, como crianças especiais, doentes mentais e deficientes físicos.

Outros autores observaram que havia mesmo função de apoio, de retaguarda (MONTEIRO, 2002), seja financeiramente, seja no cuidado com filhos e netos (VITALE, 2014) e (OLIVEIRA, 1999) e (SALEM, 1980), que os velhos exerciam. Nesse contexto da família, o conflito se faz presente nas relações, segundo Kancyper (1999), e está posto estruturalmente em Mead (1970) e Salvarezza (1991). Em nossa pesquisa, vimos que o conflito é algo que se alça à condição humana no estado do

envelhecer.

A sexualidade dos velhos é elemento ocultado socialmente, embora relevante e necessário ao bem-estar físico e psicológico (DE ALENCAR; MARQUES; LEAL; VIEIRA, 2014); (HUMBOLDT; LEAL; MONTEIRO, 2016); (VIEIRA, 2004); (SALVAREZZA, 2011); (RIBES, 2007); e (MARQUEZ, 2005). Por seu turno, Yglesias (2007) nos oferta a *preparação* para vivência da sexualidade.

Outra dimensão que deve estar presente é a espiritual (LINHARES, 2001). Neste processo educativo, lido com a ideia de que outro ponto fundamental em pauta é a qualidade da relação entre educador e educando (BOFF, 2015; FREIRE, 2011, 1992).

Em face ao contínuo processo de mudança física, mental, emocional e social, que configuram a produção social da velhice em dado tempo histórico, vimos que há um trabalho educativo a ser feito que supõe um momento preparativo. Fecine e Trompieri (2012) mostram algo sobre esses aspectos de ser a velhice a possibilidade da aprendizagem de um estilo de vida novo. Epicuro (2002) advoga que se deve filosofar/aprender da juventude a velhice – o que propusemos também na conclusão desta pesquisa, acrescentando o aspecto da espiritualidade como coadjuvante desses movimentos reflexivos. É que se faz importante, elemento fulcral nesse processo da pesquisa, a articulação da velhice, morte, educação e subjetividade para serem trabalhadas nesse âmbito múltiplo que enfocamos na pesquisa.

2. AMBIVALÊNCIAS E LUTAS HISTÓRICAS NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA VELHICE

Envelhecer

Arnaldo Antunes; Ortinho; Marcelo Jeneci

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer
a barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça
aparecer os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que
agora é pra valer os outros vão morrendo e a gente
aprendendo a esquecer

não quero morrer pois quero ver como será que deve ser
envelhecer eu quero é viver pra ver qual é e dizer venha pra
o que vai acontecer eu quero que o tapete voe no meio da
sala de estar

eu quero que a panela de pressão pressione e que a pia
comece a pingar

eu quero que a sirene soe e me faça levantar do sofá
eu quero por Rita Pavone no ringtone do meu celular

eu quero estar no meio do ciclone pra poder aproveitar
e quando eu esquecer meu próprio nome
que me chamem de velho gagá

pois ser eternamente adolescente nada é mais démodé
com os ralos fios de cabelo sobre a testa que não pára de
crescer não sei porque essa gente vira a cara pro presente e
esquece de aprender
que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr

não quero morrer pois quero ver como será que deve ser
envelhecer eu quero é viver pra ver qual é e dizer venha pra
o que vai acontecer
eu quero que o tapete voe...

Neste capítulo, pretendo tratar das peculiaridades do segmento pesquisado: os velhos. Como categoria sociológica, em suas construções históricas, os velhos são revelados, ora considerados ora de modo ambivalente, são destratados e depreciados. Assim, faz-se necessário caracterizar os sujeitos deste grupo junto ao quadro de questões em nosso país.

Uma das áreas de conhecimento que dará conta disto, neste trabalho, será a gerontologia, que permite que nossa lente sempre se abra para a interdisciplinaridade e multirreferencialidade, de modo a compreender o processo de envelhecimento humano em sua multiface.

A gerontologia, em algumas de suas leituras, pretende ter natureza, interdisciplinar (PAPALEO NETTO, 2016), daí ser tomada como nosso ponto de

partida que lastreará o nosso trabalho sobre a produção social da velhice (BEAUVOIR,1990).

A geriatria está dentro da gerontologia com sua posição biomédica, mas não é suficiente para embasar um olhar mais complexo para a questão da velhice. Precisaremos desse enfoque multidisciplinar para não medicalizar a velhice (LOPES, 2000). Outros autores entrarão para cotejar questões, ofertar eixos discursivos, como Beauvoir o fará, centralmente, neste capítulo.

Após ir situando questões múltiplas na velhice de nosso tempo e país, elejo Beauvoir (1990) para nos trazer aspetos dessa questão junto à diversidade das culturas. Não pretendo, aqui, esgotar a reflexão que possui acento culturalista e histórico também em Beauvoir (1990), nem devo esquecer a crítica capitalista que ela faz; assim, pretendo levar a efeito diálogos e explicitar estranhamentos, já que estas culturas são matrizes de pensamento que perduram em nós.

Na atenção a aspectos tocados por Beauvoir (1990), tem-se um sustentáculo para trabalharmos aspectos e reações ante as questões da Velhice. Dessa forma, posso me ater à ambiguidade com que se trata a velhice, como construção social, em suas diversas dimensões.

Simone de Beauvoir, escritora e filósofa, nasceu em Paris em 1908; formando-se em filosofia em 1929, veio a falecer em 1986. A autora se destacou por ter assumido a discussão sobre a questão do feminino e pela parceria com os posicionamentos de Jean Paul Sartre. O seu pioneirismo foi destacado por Saffioti (1999) e Soihet (1998) ao se referirem à obra “O Segundo sexo” de Beauvoir, publicada em 1949, em que mostra as matrizes de um pensamento maduro sobre a questão do feminino.

Almeida (2007) anuncia que existe uma relação entre as “Estruturas Elementares do Parentesco” de Lévi-Strauss e “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, para além da data da publicação, ambos em 1949. A relação estaria no uso do pensamento de Lévi-Strauss para negar uma possível fase de matriarcado na história da humanidade e também por pensar a relação homem e mulher na perspectiva da alteridade. A relação entre os homens seria simétrica, mas a relação homem e mulher assimétrica.

Segundo Almeida (2007), Beauvoir avança no debate ao refletir na origem das estruturas e ressaltar o princípio regulador destas, fato ausente na obra de Lévi-Strauss. A autora apresenta sua contribuição ao trazer o marxismo e o existencialismo

como elementos embaixadores da sua reflexão. Ressalta o autor que, para Beauvoir: “[...] a percepção de que estrutura e histórica não se opõem, e que a análise das estruturas familiares e de parentesco enquanto disciplina ‘analítica’ não se opõe à crítica ‘dialética’ da economia política das relações de gênero”. (ALMEIDA , 2007, p:193).

Para Almeida (2007), estas variáveis articuladas e desenvolvidas por Beauvoir seriam um avanço no pensamento científico, sobretudo na área da antropologia. Contudo, a categoria guarda um silêncio em relação ao pensamento de Beauvoir.

Beauvoir (1990) não se limitou à questão do feminino, lançando, em 1970, a obra “A Velhice”; contava, à época, com sessenta e dois (62) anos. A estrutura do pensamento que Almeida (2007) sinalizou anteriormente parece aplicar-se também a esta obra que faz uma retrospectiva histórica sobre esta fase da vida. Observe que há, na obra, uma polaridade entre jovens e velhos: os primeiros, valorizados positivamente; e os segundos, negativamente. E a questão política e econômica também se fazem presentes, como se segue:

Se o problema da velhice é uma questão de poder, esta questão não se coloca senão no interior das classes dominantes. Até o século XIX, nunca se fez menção aos ‘velhos pobres’; estes eram pouco numerosos e a longevidade só era possível nas classes privilegiadas; idosos pobres não representavam rigorosamente nada. A história, assim como a literatura, passa por eles radicalmente em silêncio. (DE BEAUVOIR, 1990, p:111)

Beauvoir (1990) deixa clara sua visão de que somente numa sociedade sem classes sociais seria possível ultrapassar as limitações estabelecidas pelo contexto para esta fase da vida. Qualquer alteração que não fosse essa mudança radical seria apenas uma reforma, não uma conquista definitiva. Adverte ainda que o trabalho sobre a velhice não é algo simples, não pode ser reduzido ao fator biológico, já que este também repercute no nível psicológico e em outros, e vice-versa, em uma recursividade permanente.

A autora traz a dimensão existencial que liga tempo e espaço, ou seja, o contexto cultural num determinado tempo histórico. Ela assevera que “o homem não vive nunca em estado natural” (BEAUVOIR, 1990, p:15). Com isto, reforça que o processo de modificações orgânicas advindas com o tempo não dá conta da velhice

humana. E arremata ainda seu pensamento afirmando que “seu estatuto [da velhice] é imposto pela sociedade à qual pertence” (BEAUVOIR, 1990, p:15).

O alerta da autora se aplica, entendemos nós, tanto em estudos como nas intervenções e nas práticas profissionais, assim como nas pesquisas. Considerando que este trabalho é resultado de uma vida de dedicação ao segmento cujo foco é a pesquisa com intervenção, a observância da recomendação é imperiosa.

O fator biológico está inscrito numa cultura e num tempo histórico. Logo, a fase propecta se irmana as demais, uma vez que este princípio se aplica a qualquer ciclo ou fase da vida. O que Beauvoir (1990) apresenta é uma irreduzibilidade da velhice a uma única expressão, ou seja, ante ao fato da construção social da velhice, a resposta deve ser uma complexificação da abordagem multissimbólica.

Neste sentido, baseado em Beauvoir (1990), buscarei apresentar a Velhice nas vertentes sociais, psicológicas e biológicas. Porém, a autora alerta que estes elementos se articulam e interferem uns nos outros, a divisão é meramente didática. Neste trabalho, haverá sempre o cotejamento entre Beauvoir (1990), como uma linha mestra, dentre outros autores, principalmente os brasileiros, que podem ajudar a pensar sobre a velhice enquanto etapa da vida, e o envelhecimento como processo social e histórico em suas múltiplas dimensões. Este é visto como variado a partir do local e da época em que é analisado.

Enquanto partícipe deste processo por meio do Sistema Único da Assistência Social, venho realizar o trabalho de pesquisa e refletir acerca da velhice que se supõe estar inserida no processo de envelhecimento populacional no País e no Estado do Ceará.

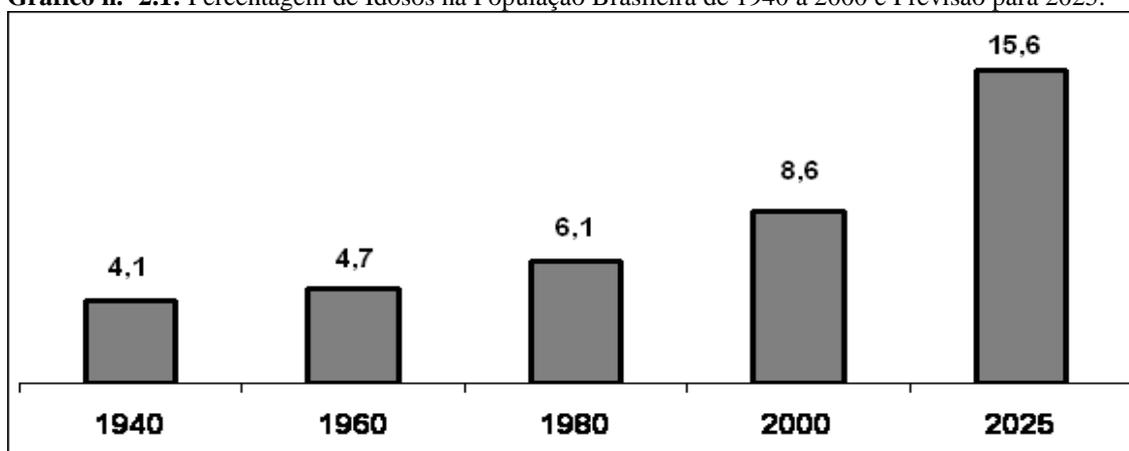
Com Beauvoir (1990), trato a velhice a partir do momento em que esta assume maior relevância social e, conseqüentemente, acadêmica, e os que o processo de envelhecimento impõe à sociedade um olhar para a questão. Como será visto abaixo.

2.1 A velhice entrando em cena

Estudiosos e pesquisadores nacionais que abordam a velhice e os processos de envelhecimento, como Salgado (1982), Magalhães (1987) e Debert (1999), afirmam que a relevância do trabalho com a velhice se torna uma questão social quando se vê o adensamento dessa faixa populacional. Porém, Magalhães (1987) advoga que isto se dá

a partir do momento em que houve seu crescimento também na classe trabalhadora. Esta afirmativa pode ser vista como um complemento à compreensão Beauvoir (1990), quando ela coloca que, inicialmente, o problema da Velhice era da classe dominante. Embora haja esta consideração no gráfico abaixo, isso não representa mais a maioria do comportamento demográfico da população idosa como um todo. Pois, desde os dados já consolidados em função do tempo passado até as projeções futuras para 2025, estima-se que o país esteja no patamar de sexto país do mundo com a população mais envelhecida.

Gráfico n.º 2.1: Percentagem de Idosos na População Brasileira de 1940 a 2000 e Previsão para 2025.



Fonte: COSTA, PORTO e SOARES (2003) citando IBGE, 2002.

São fatores contribuintes para se chegar a este ponto: a redução da taxa de fecundidade e o aumento da expectativa de vida. Em relação ao primeiro ponto, no Brasil, em 2010, havia 1,9 filho por mulher, taxa essa que se manteve estável entre 1940 e 1960, com seis (6) filhos por mulher (DUARTE; BARRETO, 2012). Em 50 anos, houve uma redução da ordem de 66%, taxa elevada num curto prazo de tempo.

Por seu turno, o aumento do número de idosos foi também extremamente rápido. Comparando a França ao Brasil na duplicação da população velha, o primeiro levou 115 anos para sair de 7,0% para 14,0%; o segundo levou 40 anos ao sair de 5,1% para 10,8% (DUARTE; BARRETO, 2012).

Outro fator determinante são os movimentos migratórios internos. O envelhecimento populacional de regiões com altas taxas de natalidade e mortalidade decorrem deste fator. Isso se verifica porque a migração ocorre nas faixas mais jovens, que vivem em regiões pobres, e por isso emigram para regiões mais desenvolvidas em busca de trabalho. Nessas regiões, a permanência dos velhos faz com que a proporção

de idosos aumente (WONG; CARVALHO, 2006).

Existe uma transição de uma condição de pai jovem para a condição de velho. Essa mudança é denominada de mudança do perfil demográfico. Isto tem repercussões nas políticas públicas, entre elas, a saúde.

As implicações na saúde estão relacionadas com o tipo de adoecimento e morte. Isto é chamado de perfil epidemiológico. Com a mudança do perfil demográfico, espera-se uma mudança também do epidemiológico. Quando a mudança ocorre, classicamente, diz-se que se sai de um padrão de doença infecto-parasitária para o padrão crônico degenerativo.

Cada realidade apresenta um comportamento. No caso do Brasil, essa mudança não foi automática. No País, a existência simultânea de “elevadas taxas de morbidade e mortalidade por doenças crônico-degenerativas com altas incidências de doenças infecciosas e parasitárias, e a prolongada persistência de níveis diferenciados de transição entre grupos sociais distintos” (DUARTE; BARRETO, 2012, p: 529) ainda é elevada se comparadas às taxas de outros países. A situação se apresenta mais complexa, exigindo melhor planejamento da política de saúde uma vez que se adocece e morre por uma multiplicidade de fatores.

Observemos que os desafios implicados no processo de envelhecimento populacional trazem dificuldades para todos nós; não trata de algo estrito ao segmento, como bem enfatiza o autor. É evidente que inúmeras repercussões deste processo afetaram a sociedade como um todo.

Essa é uma das mais importantes modificações estruturais verificadas na sociedade brasileira, com reduções na taxa de crescimento populacional e alterações na estrutura etária: há um crescimento mais lento do número de crianças e adolescentes paralelamente a um aumento da população em idade ativa e de pessoas idosas.

Conforme Wong e Carvalho (2006), citando Nações Unidas em tabela abaixo.

Tabela n.º 2.1: Taxa de Crescimento Média Anual da População, por Grupos Etários Brasil 2000-2050
Em porcentagem

Períodos	Total	0-14 anos	15-24 anos	25-64 anos	65-74 anos	75 anos e mais
2000-2005	1,2	0,32	0,38	2,26	3,04	4,84
2010-2015	0,9	-0,26	-0,65	1,60	3,68	4,27
2020-2025	0,6	-0,75	-0,06	0,73	3,86	4,50
2030-2035	0,4	-0,41	-0,73	0,38	1,90	4,46
2045-2050	0,1	-0,52	-0,22	-0,42	2,14	2,27

Fonte: Dados brutos, Nações Unidas (2003).

Na tabela acima, observe-se que a faixa de 0 a 14 anos começou a decrescer a partir de 2010, e que as faixas de 65 a 74 e 75 anos e mais estarão sempre crescentes. A discussão da nova realidade demográfica brasileira é cada vez mais urgente, no sentido de que estas questões devem ser levadas em consideração no planejamento e reformulação das políticas sociais, econômicas, educacionais e de saúde, para citar algumas. Há que se ter em mente que o Brasil é um País que ainda apresenta fortes desigualdades regionais, devendo-se, portanto, ao se pensar em planejamento de políticas públicas, considerar aquelas que são peculiares a cada região, já que apresentam ritmos distintos de transição demográfica e que irão se refletir nas novas demandas. Neste aspecto, variações e flutuações quanto aos números projetados são factíveis de ocorrer em decorrência das distintas transições percorridas por cada uma das regiões consideradas.

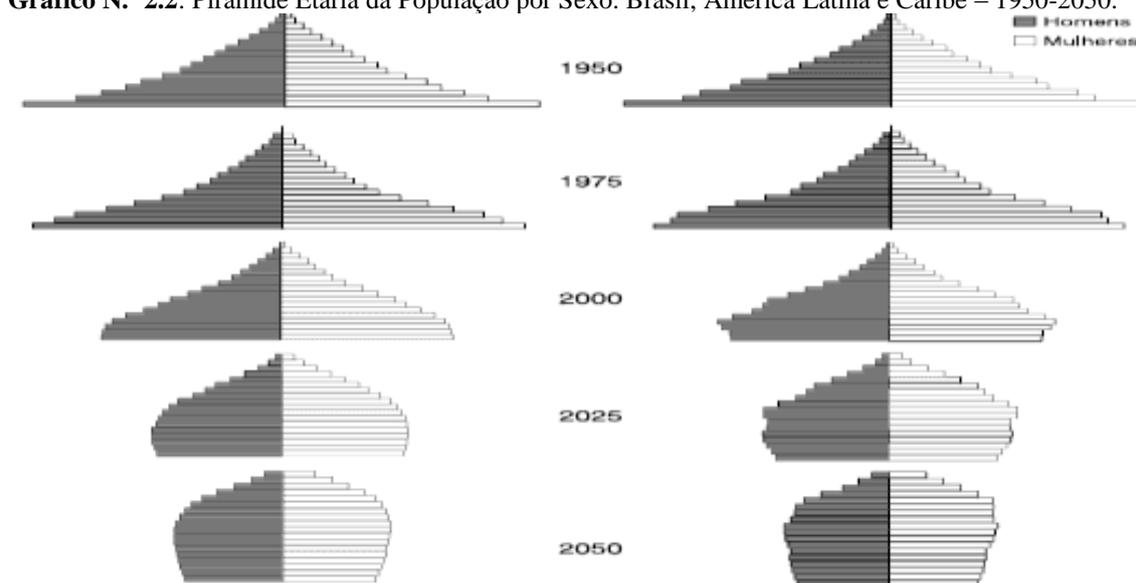
No planejamento e na execução orçamentária do Estado, o aporte financeiro a projetos na área da assistência social para o segmento em tela não seguem a tendência de crescimento da demanda. Entretanto, em meio à crise orçamentária e fiscal do Estado do Ceará, os orçamentos de 2016 e 2017 suprimiram a rubrica destinada ao público idoso do Fundo Estadual de Combate à Pobreza – FECOP; os recursos são identificados pela sigla e um número. No Caso do idoso MAPP 34³, que constou pela última vez no orçamento em 2015⁴.

3 MAPP- Monitoramento a Projetos Prioritários

4 Informação do site da entidade -

http://fecop.seplag.ce.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=43390&Itemid=42

Gráfico N.º 2.2: Pirâmide Etária da População por Sexo. Brasil, América Latina e Caribe – 1950-2050.



Fonte: Dados Brutos, Nações Unidas (2003).

Fonte: Wong e Carvalho (2006) citando Nações Unidas.

Com ou sem crise, o incremento da população idosa continua acontecendo. Nos gráficos acima, contam o que já aconteceu, porém, o mais importante é o que está projetado para o futuro próximo. Esta perspectiva reforça o debate sobre o processo do envelhecer como uma questão posta, haja vista que teve e continuará tendo repercussões econômicas para a vida social. Ao Estado, vai-se demandar atendimento maior aos aposentados, logo fica evidente a solicitação por políticas públicas específicas. Para as famílias que outrora arcavam com os custos de seus idosos, agora passam a transferir esse custo para o Estado ou grupos sociais, afetando as relações entre gerações (PEIXOTO, 1998).

Ao cotejarmos Kalache et al (1987) com Peixoto (1998), colocamo-nos o questionamento quanto à resposta que a sociedade está dando a este processo. O envelhecimento populacional, como vem sendo posto pelos estudiosos e teóricos, é uma questão que pode vir a ser um problema. A seguir, apresento o comportamento do Estado em relação a este processo.

Muito embora Peixoto (1998) apresente uma transferência do cuidado e do ônus do idoso para o Estado, isto ratificaria o que foi visto acerca do Estado anteriormente. Porém, o pesquisador percebe na resposta deste certa leniência. Ainda que no Brasil haja um marco regulatório com duas leis específicas: a Política Nacional do Idoso – PNI, Lei n.º 8.842 de 4 de janeiro de 1994; o decreto 1.948 de 3 de julho de 1996, que regula esta lei; e o Estatuto do Idoso, Lei n.º 10.741 de 1º de outubro de 2003.

Após vinte e três anos (23) da primeira lei, 21 anos do decreto 1.948 da PNI e 14 anos da segunda lei, os novos serviços ainda não foram implementados no Estado do Ceará, embora estivesse previsto, neste decreto, uma gama de serviços hierarquizados. Até agora perdura a inexistência de serviços como: centros de cuidados diurnos, casas-lares, oficinas abrigadas de trabalho e atendimentos domiciliares. Há apenas a repetição do que já existia e se denominou de *série histórica*, ou seja, grupos de velhos do Projeto Conviver e o atendimento asilar, serviços e práticas oriundos da tradição assistencial da Fundação da Legião Brasileira de Assistência – LBA. Essa desassistência parece favorecer a situação de violência contra o idoso – o que é um fenômeno mundial.

O Brasil, reconhecendo o fato e no enfrentamento deste, criou o Plano de Ação para o Enfrentamento à Violência contra a Pessoa Idosa. Como parte desse plano, no Ceará, foi inaugurado, em fevereiro de 2009, o Centro Integral de Atenção e Prevenção à Violência contra o Idoso – CIAPREVI, que contou com a iniciativa e o apoio do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa Idosa – CEDI-CE. O serviço prestaria atendimento aos idosos com direitos violados e a seus familiares. Foi instaurado com recurso da Secretaria Nacional dos Direitos Humanos para o primeiro ano, tendo o Estado assumido o ônus da continuidade da unidade.

No ano da criação, foram realizadas 418 denúncias; em 2010, foram registrados 678 casos; em 2011, foram 850 casos; em 2012, foram 1051 casos; em 2013, a unidade encerra suas atividades, tendo recebido 926 casos até novembro. Nos quatro anos de existência, foram averiguados e/ou acompanhados 3.923 denúncias⁵, encerrando suas atividades.

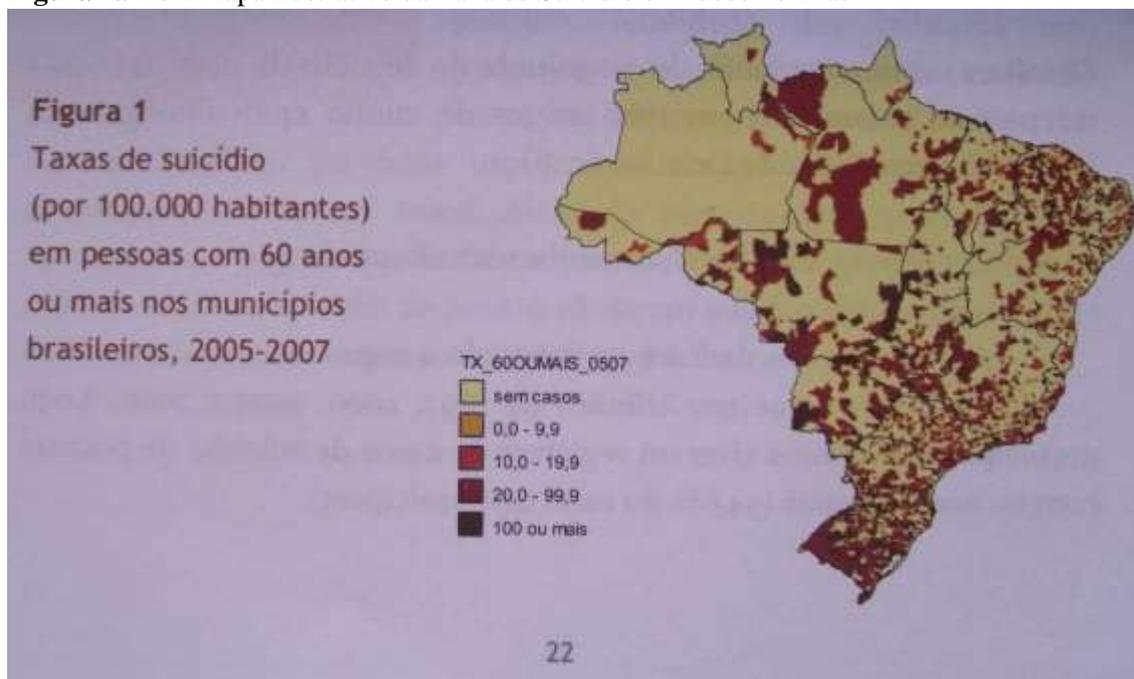
Provavelmente, os números seriam maiores, mas não há como saber dos casos não notificados, embora haja obrigatoriedade da área da saúde notificar as ocorrências logo que identificadas. Ante esse número, o CIAPREVI chegou a estabelecer um quadro da situação de violência, indicando o perfil da vítima, que era idosa, e de seus agressores, que eram filhos ou netos usuário de drogas lícitas ou ilícitas.

Outra situação de violência presente no Estado é a autoinfligida. Na Pesquisa Nacional sobre Suicídio de Idoso e Possibilidades de Atuação do Setor de Saúde, o Estado do Ceará aparece como um dos estados que alavancam o índice nacional para cima; o outro Estado foi o Rio Grande do Sul (MINAYO, 2012). Veja, a

⁵ Dados colhidos pelo pesquisador junto à própria unidade quando em funcionamento.

seguir, o mapa ilustrando a taxa de suicídio por 100.000 habitantes. Observe como os citados estados estão preenchidos pelos tons de marrom, indicativo da taxa mais elevada.

Figura N.º 2.1: Mapa Ilustrativo da Taxa de Suicídio em Idoso no Brasil



Fonte: Ilustração da publicação do relatório da pesquisa

Segundo Meneghel et al. (2012), o fator determinante, para este quadro, em ambos os sexos, foi o *isolamento social* vivido pelos suicidas. Embora este fato tenha um componente cultural, chamo a atenção para este caso específico, pois as políticas públicas em geral não estão alcançando os sujeitos que deveriam estar mirar e incluir toda a atenção, o que só reforça que a negligência do Estado contribuiu para esta situação. Isto é visto pelo pesquisador como os primeiros sinais da transformação da questão social em problema social, ou seu *torn point*, o que significa “o exato momento da alteração de direcionamento” dos acontecimentos sociais.

Na qualidade de presidente do Conselho Estadual da Pessoa Idosa – CEDI-CE, participei do evento de divulgação da supracitada pesquisa. A gravidade da problemática do idoso me fazia ler também em mim muito do que eu via. Mas eu não deveria implodir no canto em que eu atuava, embora ele fosse fundamental. Deveria encorpar o conjunto dos que fazem as lutas maiores acontecerem.

Assim é que foi montado um grupo de trabalho (GT) para se apropriar das informações e fazer proposições através de um relatório final, capaz de influir na política estadual. O relatório final foi aprovado através da Resolução 03/2014 em 19 de maio de 2014

(Jornal da pesquisa).

O relatório final CEDI-CE encontrou na citada pesquisa a problemática do suicídio feminino das idosas. E foram arroladas as seguintes causas para o suicídio feminino:

- 1) isolamento social - 31,71%;
- 2) ideações suicidas, tentativa prévia ou suicídio na família - 27,4%;
- 3) doença ou deficiência física ou mental invalidante - 15,2 %;
- 4) impacto de morte ou doença na família - 15,1 %;
- 5) violência (abusos físicos ou verbais), relações extraconjugais do marido - 6% e
- 6) sobrecarga financeira (endividamento pessoal ou familiar) - 4,5 %.

Neste caso, há que considerar a existência de um conjunto de fatores que concorrem e que se retroalimentam: história pessoal, o papel desempenhado por transtornos, as relações de afeto e os sofrimentos acumulados. Os pesquisadores destacam que pode haver depressão (patologias) presentes, porém advertem que não se pode reduzir o suicídio a esta causa unicamente, porque é multifatorial o plano das causas. Há fatores da personalidade, doenças físicas, perdas e luto recente que podem estar presentes, sendo agravados pelo abandono pessoal e social.

O GT também identificou no relato da pesquisa fatores sociais coadjuvantes para esta situação:

- 1) Valorização absoluta da juventude, cujo padrão se perde com o envelhecimento biológico;
- 2) Ênfase excessiva do ser humano como força de trabalho na crença de que a pessoa vale pelo quanto produz e ganha, o que torna o velho descartável, um peso para a sociedade e, muitas vezes, para a família;
- 3) A destinação do idoso a um lugar estereotipado em que o aparente cuidado social lhes reserva, na verdade, o recolhimento interior (eufemismo do afastamento do trabalho sem colocar nada prazeroso no lugar); inatividade (rotulação

dos aposentados); e a infantilização da velhice, o que não corresponde às aspirações de muitos velhos;

4) Tratar a velhice como doença, apresentando uma visão essencialista de dimensão biológica, tornando-a um tempo de restrições;

5) Considerar o envelhecimento apenas pelo lado das perdas (como morte de pessoas próximas, saída do trabalho, desconfiguração do corpo jovem, diminuição da libido, entre outras), sem ressignificar as inúmeras possibilidades que poderiam ser delineadas nessa etapa existencial.

Após todos esses estudos causais das problemáticas dos idosos e das idosas verificados pelo GT, listaram-se cinco tópicos que deveriam ser desenvolvidos e trabalhados com vistas a fazer frente à situação que se encontrava o suicídio do idoso no estado do Ceará e que avultava importância em relação ao cenário nacional. Além de apontar as propostas, o GT designava as Secretarias de Governo citadas pela área de atuação e que estavam envolvidas em cada item. Segue abaixo as propostas:

1) Sensibilização para a necessidade do apoio familiar e de amigos, envolvendo laços afetivos, amparo social e encontros de sociabilidade e lazer mediante a criação de espaços de convivência e lazer para o idoso (Enviar projeto do Complexo Gerontológico para assistência social, criação de um Centro-dia em cada regional de Fortaleza e nas cidades de grandes porte do interior do Ceará, seguidas das de médio e pequeno porte); 2) Amparo material de modo a proporcionar condições dignas de moradia, alimentação (pela previdência) e fornecimento contínuo de medicamentos necessários (saúde);

3) Quanto aos locais e métodos utilizados para o ato suicida: a. Palestras em entidades de bairros para familiares de idosos visando à conscientização dos riscos, e orientação sobre medidas preventivas; b. incluir o tema "prevenção de suicídio nos idosos" em cursos de gerontologia, enfermagem, cuidadores de idosos e outros (assistência social/saúde/educação); c. palestras de conscientização para jovens em escolas do ensino fundamental e médio (educação);

4) Quanto à prevenção dos fatores associados aos suicídios: a. Atendimento diferenciado para idosos nas unidades de saúde pública, com acompanhamento médico e psiquiátrico (saúde); b. formação de equipes da saúde da família especial para atendimento a idosos em suas residências e ILPI's, com atenção especial para idosos

do sexo masculino que, segundo constatação, se cuidam menos, vão menos ao médico, têm menos contatos sociais e comunitários e são o grupo de maior risco (saúde).

5) Quanto ao impacto do suicídio na família: a. Acompanhamento social (inclusão em atividades sociais, físicas e recreativas) e psicológico (clínico) aos familiares para ajudar na superação do trauma (assistência social / saúde).

Apesar do esforço do CEDI-CE na análise e proposição do relatório, gerou zero de ação por parte do governo estadual. Isso só confirma, para nós, uma visão do Estado não só leniente e omissa, mas também negligente. Fato este que vem ratificar o desamparo e a situação de violência promovida pelo próprio Estado

Consta ainda no relatório final que o GT identificou que famílias com suicidas precisam de uma atenção maior dos serviços de assistência social, considerando-se que outros eventos possam acontecer.

Monteiro (2013) constata que, após a aprovação da lei que cria Política Nacional do Idoso junto ao decreto que a complementa, se nada se modificou no Estado do Ceará no amparo a velhice, é preciso, então, modificar a luta.

Ante esta situação, entendemos que a luta deve encaminhar-se para uma maior politização da questão do envelhecimento, com ampliação do debate em torno da gerontologia social, entendendo a velhice como produção social, histórica e pessoal. Para tanto, haveria a necessidade do engajamento dos profissionais nos debates sobre o envelhecimento, formação do estereótipo e seu desmonte, além de uma educação gerontológica voltada para os diversos níveis e que fosse preconizada na lei e assegurada por uma ação mais profícua do Ministério Público.

Outro fator a pontuar seria, primeiramente, dar-mo-nos conta da violência institucional (omissão do Estado) para se propor um trabalho de educação não formal para os idosos, com vistas a instigá-los na construção da cidadania.

Viu-se também a necessidade de uma qualificação para os orientadores sociais de grupos de idosos, bem como dos técnicos dos Centros de Referência da Assistência Social – CRAS que referenciam os Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para esse fim. E, por último, dos sujeitos idosos que desejamos e entendemos deverem ter assento no CEDI-CE, com voz e voto.

A ausência dos idosos é representativa da visão tutelar que se tem do idoso, ou seja, de ente frágil, de quem se cassa a voz e de quem o destitui de sua autonomia. O trabalho de pesquisa aqui realizado viu, nessa situação, a transição que se deu, ao

observar que há, potencialmente, novos sujeitos históricos nas lutas ao lado dos idosos, quais sejam, o movimento negro, o feminista e outros movimentos sociais coadjuvantes das conquistas por melhores condições de vida na periferia.

Percebendo alguns aspectos da singularidade do processo de envelhecimento populacional local, retomo Beauvoir (1990), para quem a dimensão política para os velhos parece deslocada. “Os velhos não têm arma nenhuma, e seu problema é estritamente um problema de adultos ativos.” (BEAUVOIR, 1990, p:110). Nesse caso, caberia a eles, então, decidirem qual é o papel dos velhos na sociedade, já que este seria estabelecido segundo os interesses e ideologias deles. A autora afirmaria, ainda, que o problema do negro é um problema dos brancos; o da mulher é dos homens. Assim os primeiros lutariam contra opressão; os segundos, pela igualdade. Então caber-nos-ia perguntar: e o dos velhos? Não deveriam lutar pela inserção social? Destituídos do poder de barganha, poder-se-ia abstrair que a eles faltariam, *a priori*, a liberdade de escolha e de autodeterminação.

Na busca de entender o estatuto do velho, a autora faz uma incursão em várias culturas estudando a velhice – o que nos parece importante, porque são berços que nos deram um caldo cultural significativo. Com a descrição de Beauvoir (1990), temos aspectos comuns ou contraditórios que nos valem cotejar.

Uma vez que a situação da Velhice pode variar em relação ao tempo e espaço, vale compreender as discussões feitas para se observar que delineamentos foram utilizados por Beauvoir (1990) para descrever, analiticamente, os quadros das populações estudadas em relação à velhice.

Assim é que trago um recorte das culturas estudadas por Beauvoir, apresentando o tratamento dado aos velhos na cultura chinesa, judaica, grega e romana. Sustentando o texto, temos as falas das idosas – o campo empírico da tese – tomando corpo e definindo posições analíticas de minha parte, de maneira que veremos que padrões de cuidado e relacionais comparecem, de modo semelhante ou diverso, nas diferentes configurações.

2.2 A velhice em outras culturas: ambivalências

2.2.1 A China - a velhice que se diz em silêncio

Segundo Beauvoir (1990), o caso chinês é ímpar no mundo. A condição geográfica e econômica permitia à população lutar apenas pela sobrevivência, o que demandava um poder centralizado e autoritário. À administração cabia manter tudo como sempre fora, como vincam os governos reprodutivistas. Fatos que findavam por afetar o modo de funcionamento familiar eram desvendados. E toda a família devia obediência ao homem mais longevo. Esta estruturação deve-se a Confúcio, que “modelou à imagem coletividade o microcosmo” familiar (BEAUVOIR, 1990, p:112). Não havia espaço cultural para oposição ao poder do velho. A cultura demandava experiência nas diversas instâncias sociais, e quem tinha experiência era o velho.

Observe que elementos destacados por Almeida (2007) estão presentes, quais sejam, a situação econômica e política, além da polaridade entre atores sociais. Perceba que, na dinâmica cultural e política, se estabelece um movimento circular de ratificação de saber-poder dos velhos, confirmando-lhes a autoridade e a imutabilidade da cultura chinesa.

A articulação da subjetividade e o contexto sociocultural se apresentam em Xavier (2012) como um sintoma social. A partir dessa intersecção, penso a cultura chinesa como um suposto paraíso, um lugar possível de ser idealizado e desejado, uma vez que vivem o oposto – a exclusão e a marginalidade social da Velhice. Assim, a situação da velhice chinesa pode lhes ser cara por realizar aquilo que lhes falta.

Sob o viés da construção social da velhice, no quadro desfavorável, sem perspectiva de luta e reversão da situação vivida, sobra-lhes a manifestação da dor da alma que se lhes apresenta no corpo, revelando no sujeito o *sintoma social*. Um sintoma que mostra as famílias mudando, com as avós assumindo o sustento da casa, mas sendo tratadas de modo insuficiente, segundo elas próprias. Esta queixa se faz presente nas velhas que vivenciaram a intervenção da pesquisa-ação e se manifestou por várias vezes.

Dores d'alma, dores do corpo

Idosa: Essa noite, meu filho, foi uma das noites que eu não dormi, porque eu acho que está com mais de trinta anos que eu sinto uma dor nesse quarto

aqui... Dói, mais dói aqui... Aqui e no joelho, mas a dor mais é daqui. Ela parece que vai passando, se alastrando... Mas tá aqui, eu estou aqui, mas a dor está também. E vai se misturando, às vezes, com outras dores que as pessoas dizem ser dor da alma... Saudade de quem se foi... Misturada com a falta de paciência dos netos com a gente... A gente tem vergonha de dizer dos mau tratos...

Nunca vi isso no sertão... A gente tinha respeito aos mais velhos...

E olha que a gente sustenta eles...

(Narradora Idosa)

Vê-se a contradição: a idosa sustenta os netos e mesmo assim se diz maltratada. Quer dizer: há uma cultura da desvalia dos velhos em nossa cultura; no universo urbano, sobretudo. Porque no mundo rural era diferente: “Nunca vi isso no sertão... A gente tinha respeito aos mais velhos...” Insone e com polialgia, que se apresenta na fala dessa idosa, revela-se a dor da alma com o tratamento dos mais jovens a si.

O Corifeu (o sujeito que dialoga com o coro grego nas tragédias), na peça *Agamenon*, de Ésquilo (apud Beauvoir, 1990, p: 127), comenta:

Nós, velha carne, insolventes,
ali deixados pela expedição,
permanecemos, a guiar,
com nossos bastões,
nossa força pueril...

O trecho do texto de Ésquilo, “Permanecemos a guiar, com nossa força pueril”, acima exposto, expõe com clareza a tarefa da qual a idosa não se demite: de guia das gerações futuras, apesar de sua “força pueril”, como o autor sugere.

Em nossa pesquisa, viu-se comparecer “a sensação de ser estrangeira em seu próprio corpo”, que retorna, muitas vezes, as idosas manifestando esse estranhamento que se torna algo no qual elas não se reconhecem de pronto:

Estrangeiro e estranhamento

Idosa: Não me reconheço mais no meu corpo...

Eu era tão ativa... !

Agora sou mais lenta nos movimentos, e tem coisa que não consigo fazer mais... Quem viveu na luta com o corpo ativo, estranha...

Eu era de andar léguas; ir no roçado, faxinar uma casa...

Agora os braços já não dão conta do peso de muita roupa na lavagem...
E eu me estranho, como é que pode? Eu estranho a mim mesmo ...
Preciso aprender alguma coisa pra dar conta dessa coisa estranha de não me sentir em mim...
Com esses movimentos menores, às vezes doídos...
Tem vez que parece que a dor irradia...

(Narradora Idosa)

(Grifo meu.)

As mãos das lavadeiras contam coisas...

Figura Nº 2.2: As Lavadeiras



Cândido Portinari, 1944.

Ouvia as mulheres do Centro Comunitário São Francisco envelhecendo e falando da lavagem de roupas, de suas mãos cansadas...

Observando a obra “As Lavadeiras” de Portinari, 1944, dois elementos chamam atenção. Primeiro, os tons das cores mais suaves que os usuais em suas obras.

A doçura do feminino, apesar de tudo. A cor meio gasta parece-nos, contudo, representar o desgaste das roupas expostas ao sabão e ao sol. É como se os desgastes das roupas fossem transferidos, como que por meio de um contágio, às lavadeiras. Ser humano e objeto se misturam.

O outro aspecto é que as mãos têm uma centralidade na obra. As mãos grandes, instrumento de trabalho hipertrofiado, parecem concretizar “a lei do uso e desuso”, no qual o maior uso leva ao maior desenvolvimento, enfatizando, assim, o intensivo uso, abusivo e mesmo explorado do corpo que se nos apresenta como máquina-instrumento. A obra deixaria no ar uma melancolia? Perde-se um corpo que nunca se possuiu inteiramente? Que fora adulterado pelo excesso no trabalho coisificante?

Aquilo que é previamente anunciado na obra se observava nas idosas, um corpo que dói, “enfermiço”, e demanda atenção e cuidado; são dores diversas? Vê-se novamente a imagem de um corpo que é percebido como um estranho, como se estivesse contrário a si mesmo, em uma estrangeirice evidente. “Quem viveu na luta com o corpo ativo, estranha”, diz a Idosa ao falar de suas dores. Fica claro seu estranhamento quando revela que seria preciso algo aprender desses limites, dessas dores, dessa estrangeirice. Veja-se: “- Não me reconheço mais no meu corpo.” E conclui, observando: “- Preciso aprender alguma coisa pra dar conta dessa coisa estranha de não me sentir em mim...”

Há que ser considerado, ainda, o risco da reação de forma melancólica ante a perda de objetos ou pessoas amadas. É preciso que haja a elaboração dessa perda; faz-se necessário vivenciar o luto; caso este processo seja inconcluso, fica a energia psíquica vinculada ao objeto perdido, advindo daí a melancolia (FREUD, 2010).

Se pudermos ver o sujeito da velhice como um ser humano que se deblatera com seu sintoma social, também poderemos ver os espaços aonde os velhos vão viver e que irão evidenciar a vida possível.

2.2.2 Judaísmo, uma velhice santa?

Beauvoir (1990) abre esse trecho informando que os judeus são conhecidos pelo apreço à velhice. Em seguida, se pergunta acerca do assunto: o que é a parte do mito e da realidade? E se responde como uma fronteira que não se demarca facilmente.

Trazendo a base econômica, esta explica que os judeus haviam se fixado na Palestina, pondo fim do nomadismo. Agora eram agricultores e a sociedade se transformara tendo mais classes sociais.

Neste contexto, a velhice era uma recompensa da virtude. Se os preceitos divinos fossem observados, teriam vida longa na terra. E, em sendo esta fase uma dádiva de Deus, a velhice seria abençoada e exigiria respeito e obediência. Está nos dez Mandamentos – honrar pai e mãe. Para que Moisés não fizesse a transmissão, só foi-lhe dada uma Gerusia.

Gostaria de chamar a atenção para a pouca polarização entre jovens e velhos. Destaca-se, no caso da cultura religiosa judaica, a ênfase na forma de lidar consigo mesmo; estimula-se a virtude, como cumprimento das prescrições estabelecidas nas mesmas escrituras, para se chegar à longevidade. A aliança entre política e cultura religiosa, nesse quadro, faz diminuta a tensão intergeracional.

Embora tenhamos uma cultura religiosa judaico-cristã, esta não comparece com a mesma dimensão e proporção que a realidade judaica a assume. Ao contrário, aqui no Brasil a tensão intergeracional é muito marcada.

Margaret Mead (1970), ao tratar da transmissão cultural, afirma que as gerações, desde a Segunda Grande Guerra, estão isoladas umas das outras. Nenhuma será igual a outra, nem a que antecede e nem a que a sucede. Torna-se insular cada uma. A comunicação entre elas fica truncada.

Para elucidar a questão, Mead (1970) utiliza o exemplo da comunicação entre um americano e um inglês. Ambos falam o mesmo idioma, porém existem diferenças culturais e linguísticas que os tornam estrangeiros um para o outro.

Trazendo a discussão para mais próximo, afirmo que um português no Brasil terá sotaque, pois vem de fora. Para ilustrar, um cearense expressará sua extrema

fome com “estou morrendo de fome”, uma expressão hiperbólica em que a ausência poderia ser de tal ordem que a própria existência pode estar comprometida. Enquanto um português dirá “estou cheio de fome”. O cearense se indagará: como posso estar cheio de um vazio? Cheio para ele implica uma saciedade. A comunicação não é da ordem do impossível, mas do estranhamento. Há que se fazer um esforço, uma análise para compreender o cheio. Ele não é da ordem de saciedade, mas da totalidade. Assim, a intergeracionalidade trará o mesmo estranhamento: será estrangeira uma a outra, e, conseqüentemente, haverá uma dificuldade comunicacional que, recursivamente, alimenta a tensão e, por sua vez, é alimentada.

Tomando por base o pensamento de Mead (1970) na transmissão da cultura, vejamos: no primeiro momento, os velhos detêm o saber e passam para os mais jovens, o momento Pós-figurativo, como conceitua a antropóloga; no segundo momento, a geração do meio, a dos adultos, autorizam a inovação cultural dos mais jovens, o momento co-figurativo; e, no terceiro momento, os jovens ensinam aos mais velhos, o momento pré-figurativo.

A vivência do pós-figurativo foi vista com as idosas pesquisadas: é o ensino dos mais velhos aos mais jovens. É quando um saber geracional – ancestral – cumpre-se e é transmitido. Esse saber realiza sua transmissão, quase sempre, em situações junto ao trabalho, “que cansa o corpo”.

Experiências pretéritas

Idosa: Eu pequeninha já ia pro roçado...

Idosa: Aí ele olhava e dizia: tá certo, tá errado. Então, a gente aprendia ali na convivência vendo o outro fazer.

Idosa: No roçado tudo eu sei fazer. Torrar farinha, arrancar mandioca... O que precisar disso eu ensino.

(Narradora Idosa)

O trabalho do mundo rural cresce como lembrança nas memórias das velhas do Centro Comunitário São Francisco: a roça, o trabalho com o corpo coletivo assegurando mais-valia...

Figura N.º 2.3: Café

Cândido Portinari, 1935.

Os trabalhadores agrícolas da cafeicultura, aqui representados na pintura de Portinari, são postos com corpos, como máquina-instrumento, fisicamente fortes. Isto está expresso tanto nos homens quanto nas mulheres. Já o cotidiano dos trabalhadores da agricultura apresenta-se fisicamente desgastante. Está presente a colheita, o manuseio e o transporte detalhando uma rotina extenuante. Estes corpos-máquina-instrumento apresentarão, cedo ou tarde, sinais de desgaste, dores e diminuição da força. Mas este é também um espaço de aprendizado, pois os velhos sabem ensinar aos futuros trabalhadores que, na tenra infância, se forjavam adultos na labuta enquanto aprendiz das técnicas e do corpo-máquina-instrumento.

O momento co-figurativo, como fase de transição na inovação cultural, é trazido pelos jovens, mas com anuência da geração do meio. A mais velha não mais é consultada. Esta fase não apareceu na pesquisa, mas subentende-se que, para a geração vindoura, que a sucede, possa fazer sua transmissão.

Na geração mais nova, então, tem-se o momento pré-figurativo, que se configura como a ensinagem dos mais jovens aos mais velhos; e neste aspecto, ninguém escapou.

As novas tecnologias realizam um momento pré-figurativo, ímpar, na história: os jovens (especialmente os netos) ensinando o manuseio de aparelhos e, dentro disso, a transmissão se dá de modo importante.

O tempo passa e as coisas mudam

Idosa: Eu não sei mexer é com nada desses aparelho moderno...

Idosa: Eu tenho o meu bonitão, mas não sei fazer muita coisa. De primeiro eu não faço coisa nenhuma, eu só sei passar o dedo pra apertar, depois foi desarnando...

Idosa: Quando chega um celular diferente... Quem é que vai me ensinar a mexer? Os netos. Alguma coisa eu aprendo com eles mais. Mas não sei como eles.

Idosa: Vou aprendendo com o neto porque o neto já sabe mexer nos equipamentos.

(Narradora Idosa)

Assim, a transmissão da cultura, no pensamento de Mead (1970), apresenta gerações que possuem traços mais pré-figurais, ou mais pós-figurais. Essa ideia de analisar a transmissão pelo que cada geração pode ensinar apresenta-se como válida para compreender o lugar dos velhos na nossa cultura contemporânea. Dele se apreende que o lugar que o velho ocupa não é mais o de estar na condição de transmissor de um saber prático operacional, ao contrário, o coloca na condição de *aprendiz com a nova geração*. Contudo, seu vivido traz, intrinsecamente, a experiência, um saber do valor ético e moral inegável e que pode e deve ser intercambiado com os mais jovens.

O lugar de intercâmbio entre dois estrangeiros, dois sujeitos diferentes, pode ser marcado pelas transmissões de um tipo ou de outro em sua dominância. Isto implica, para ambos, o desafio de se disporem na condição concomitante de aprendizes e transmissores, bem como no esforço, em nome desse processo, de superar as barreiras geracionais – a superação do estranhamento de ambos.

Posso afirmar, desde agora, que este processo foi vivido na pesquisa quando o pesquisador, geração mais jovem, se propôs a trazer saberes, porém, logo se viu revelando-se como aprendiz. A aproximação e a descoberta causaram admiração e

encantamento para com esses idosos fortes, essas mulheres corajosas, cheias de solidariedades pulsando-lhes no coração da vida. Viveram e venceram muitos desafios; e não estão mortas.

1.2.3 Velhice grega: entre o infortúnio e a honorabilidade

É importante enfatizar que os elementos sinalizados por Almeida (2007), constituidores de características relacionais entre gerações, compreendendo-se aqui a situação econômica e política e a polaridade entre velhos e jovens, estão presentes no contexto grego. A polaridade entre velhos e jovens, sendo apresentada no discurso e produções dos intelectuais, por meio da apologia de um e desqualificação do outro e vice-versa, é mantida mesmo com o passar do tempo.

Beauvoir (1990) destaca, na cultura grega, dentre outros aspectos, o econômico e político, e afirma: enquanto a Grécia viveu seu feudalismo, era imperativo o vigor físico. Neste caso, se o idoso teve esse vigor na vida social, ele passou a ter um papel honorífico pelos feitos belicosos alcançado.

Segundo a autora, com a mudança econômica, o cenário político também muda. Com o advento da aristocracia, mediante o acúmulo de riqueza, a realeza, se não foi abolida, teve um papel figurativo ou, no mínimo, decrescente. E suas conquistas também foram tendo outro acento. Desse modo, essa minoria rica deseja manter-se no poder, e é neste sentido que os Conselhos de Anciãos buscam seguir o mesmo perfil de valorização do saber e experiência dos velhos. O feito, conseguido a partir desse empenho, frisava seu aspecto conservador na pretensão de firmar, como figuração política, o Conselho de Anciãos – a Gerusia – que era formado por vinte e oito (28) velhos que possuíam poder deliberativo quando consultados.

A função de conselheiro a Gerusia era vitalícia, e nela se ingressava tardiamente. Este seria um mecanismo de controle para manter os jovens alijados, embora cada membro pudesse ter relevância social por seus feitos; mas, individualmente, não eram tão respeitados. “Em Atenas, as leis de Sólon conferiam todo poder às pessoas idosas”, constata Beauvoir (1990, p: 126) ao comentar o modo como os conselhos de anciãos tentavam assegurar a força e o poderio dos velhos na cultura grega. Este cenário se altera com a mudança política, principalmente quando se prepara

para a instalação da democracia. Neste momento, houve perda de poder dos velhos ainda que não tenha sido total essa expulsão de um lugar proeminente.

O aspecto econômico ligado à velhice e que favorece a continuidade do poder dos velhos seria o regime de propriedade. A posse, à vista disso, só aumenta com o passar do tempo, e por isso o valor do velho vai amoedando respeito ao mesmo tempo em que o faz juntar riquezas materiais. Apesar de, por vezes, estar mentalmente incapaz, a velhice ainda guardava a posse que lhe dava respeitabilidade.

A autora segue apresentando os estados de tensão na polaridade entre jovens e velhos. Cita, inicialmente, Minermo de Jônia, que enaltece a juventude e deprecia a velhice. Sólon, por seu turno, rejeita as ideias de Minermo e afirma que consegue aprender apesar dos seus oitenta (80) anos de idade. Menandro considera a velhice uma “força maléfica” (BEAUVOIR, 1990, p: 133).

Em Esparta, de acordo com Beauvoir (1990), a velhice era respeitada. Homens e mulheres tinham uma vida de rígida disciplina por meio da vida na caserna. Os homens, após os sessenta (60) anos de vida, estavam “predestinados a manter a ordem” que haviam aprendido (BEAUVOIR, 1990, p:125).

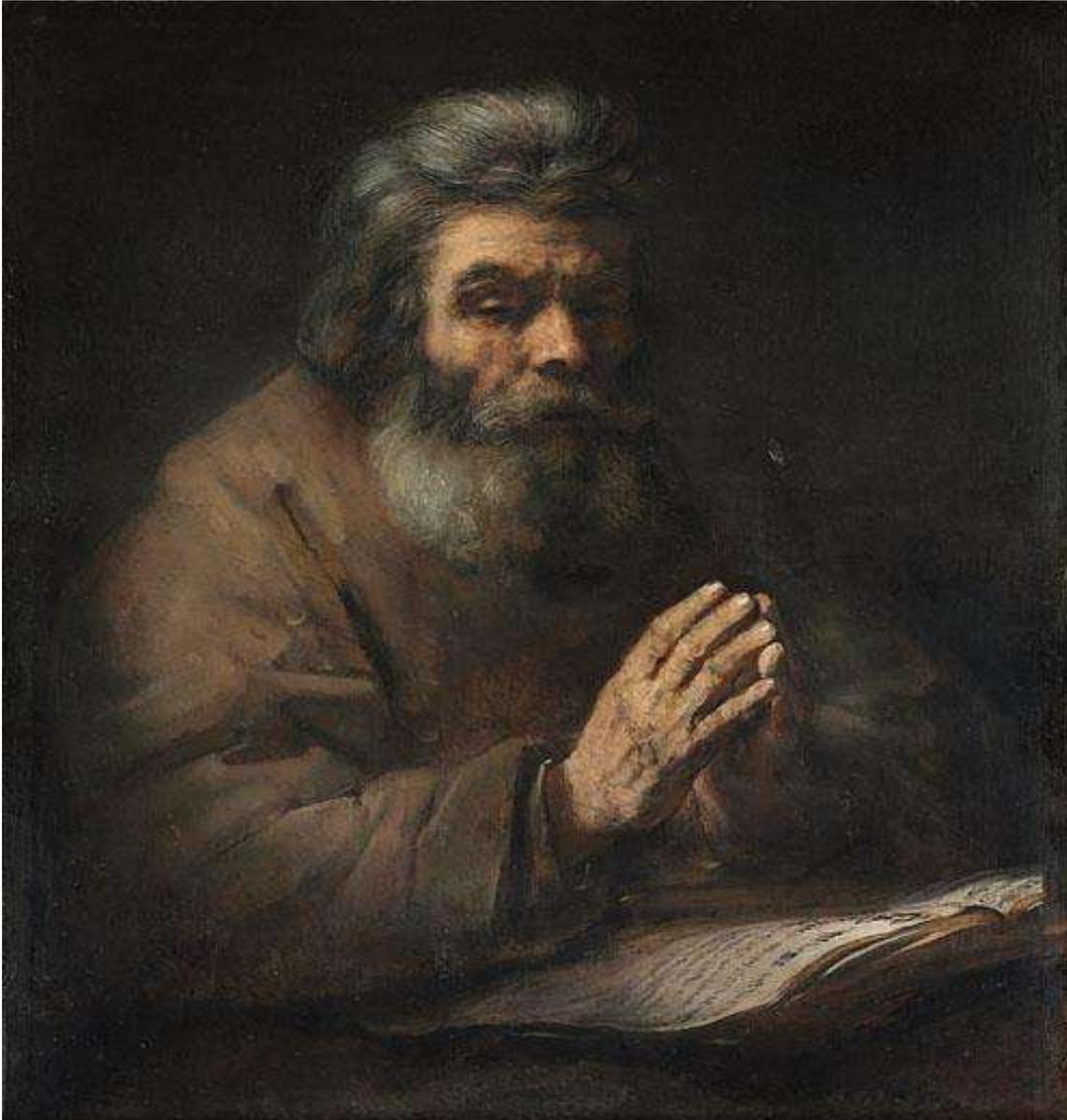
Beauvoir (1990) deu destaque a Platão e a Aristóteles. O primeiro advoga uma educação ao longo da vida. O filósofo, após os cinquenta (50) anos de idade, seria possuidor da verdade; nesta condição, poderia ser o guardião da Pólis [cidade grega]. Seu intuito seria a formação de uma gerontocracia.

Na filosofia platônica, haveria uma supremacia da alma sobre o corpo. Sendo esta imortal e infinita no homem. Quando trouxermos os dados da pesquisa, será visto que a espiritualidade se fará presente – nos velhos e em nós.

Durante minha estada no campo de abril a setembro de dois mil e dezesseis (2016) todos os dias trezes (13), sempre que coincidia com minha ida ao local, eu me juntava aos trabalhadores da unidade e ia à missa na igreja do bairro. Tudo organizado com o pessoal da cozinha que liberava o almoço mais cedo. Ao final da missa havia o momento de conagração com os velhos, sobretudo com as velhas, as maiores participantes, que vinham nos cumprimentar. Uma renovada alegria. Saímos, quase sempre, para comer um picolé numa sorveteria em frente à igreja. Quando possível, proporcionava esse mimo.

(Jornal da Pesquisa)

Figura N.º 2.4: Velho em Oração



Rembrandt, ano 1660.

Neste sentido, o que ocorreria no corpo, inclusive no processo de envelhecimento, seria circunstancial e irrelevante? Ante a magnificência da alma, tanto mais velha, tanto mais experiente e sabedora, poder-se-ia ter o velho como mestre, isso é evidente no pensamento grego.

Outro aspecto destacado por Beauvoir (1990) acerca do pensamento platônico foi a sexualidade. Platão defende que haveria o fim do desejo sexual nos velhos; e diz que isto seria favorável, pois libertaria o homem de um de seus instintos, trazendo-lhe mais possibilidades de serenidade.

A autora finaliza a apresentação do pensamento de Platão considerando a perfectibilidade da alma aprimorada pela velhice: ‘Os mais idosos devem mandar e os jovens obedecer’ (BEAUVOIR, 1990, p:135).

Embora o pensamento platônico seja favorável aos velhos, quando ressalta o saber e experiência de vida deles, isto não tem aplicação automática, pois, como já dito anteriormente, em Mead (1970), a cultura, após a Segunda Grande Guerra, sofre solução de continuidade. Isto implica em um esforço de atualização sistemática do que se produz culturalmente numa educação continuada ou permanente.

Em relação à sexualidade, este assunto será abordado mais à frente, ainda neste capítulo. O que se pode adiantar, no entanto, é que há duas visões sobre a mesma situação: uma conservadora e estereotipada, que nega a existência da velhice; e outra que compreende as modificações e a manutenção do desejo.

Beauvoir (1990) prossegue apresentando os gregos a partir de Aristóteles. O pensamento deste filósofo, no que se refere à velhice, diverge de Platão. Existe uma união entre corpo e alma de tal forma que a primeira afeta a segunda. A alma não seria “puro intelecto” (BEAUVOIR, 1990, p:136). Uma boa velhice seria aquela sem deficiência, porém, isto dependeria, em parte, do próprio corpo e, em parte, dos reveses da vida. Faz-se necessário, no entanto a ressalva de que um sábio suportaria os reveses de forma digna. E a partir desse fato, em que se afirma que o bem da alma está atrelado aos bens do corpo e exteriores, que, agora, se tem um sujeito, em sua singularidade, como ser espiritual.

Beauvoir (1990) afirma que Aristóteles, na obra “A Retórica” apresentaria a juventude “com cor e mais risonhas: calorosa, apaixonada, magnânima” (BEAUVOIR, 1990, p:136), já via que a velhice seria o seu contraponto. Ainda na mesma obra, os velhos teriam “mau gênio”, porque poderiam “supor que tudo está pior [...] e desconfiam de tudo por causa de sua experiência da vida” (BEAUVOIR, 1990, p:137).

Acerca deste tópico, a autora tece suas considerações: “a experiência não é fator de progresso, mas de involução” (BEAUVOIR, 1990, p:137); e a juventude, na obra de Aristóteles, ao contrário, premia a vida com sua paixão e magnanimidade; enquanto aos velhos, refere-se o autor terem um mau gênio.

A dualidade da cultura grega, que ora é favorável e ora é desfavorável tanto aos velhos como aos jovens, permanece. É possível deduzir deste contexto a contenda intergeracional. Comparando a cultura chinesa e a judaica à grega, podemos inferir que, nesta última, o conflito seja mais marcante que nas demais. A ambiguidade também se faz presente nas falas das próprias velhas pesquisadas e que vivenciaram a intervenção.

1.2.3.1 Tensionamentos e ultrapassagens na visão da Velhice

A dualidade da cultura grega aparece em nossa cultura na ambiguidade com que se trata a velhice: ora se amparar ou afirma dever fazê-lo; ora a rejeita, pondo-a no ostracismo, ocultando-a, culpabilizando-a pelos problemas sociais e econômicos ou negando-lhe cuidado. É uma desvalorização que parece ter raízes bem fincadas no capitalismo, considerando o tempo do pós-trabalho. Pós-trabalho? Mas se continua a haver trabalho! Trabalho para velhos é obrigação? Vejamos esses aspectos.

O ontem e o hoje, tá melhor ou pior?

Idosa: Não, pra mim agora é que o negócio tá melhorando.... Porque a gente tem um grupo né, tem esse aqui...

Idosa: A única coisa boa é o nossos grupos mesmo...

Idosa: A minha velhice é onde eu estou vivendo.

Idosa: É por isso que eu não fico em casa, tá entendendo? Mesmo com dor aqui, eu quase não me levanto com dor nos rins... Eu venho. Mas eu venho que é pra eu não ficar em casa pensando nas dívidas, nas coisas, sabe?

Idosa:...Porque hoje eu não tenho problema de trabalhar, pois ainda trabalho, tenho obrigações, como se diz; já acostumei com isso a vida toda, tenho minhas obrigações de trabalhar. Mas eu saio mais, as pessoas me vêem mais com olho melhor, pelo ganho, mesmo na velhice. Venho para meu grupo aqui. De primeiro a gente só vivia pra trabalho.

(Narradora Idosa)

Ressaltam as idosas, que não só têm de se preocupar com as “obrigações”, pois, em geral, são trabalhos não considerados trabalho, como os trabalhos domésticos, tais como ficar com crianças, lavar roupas, arrumar casa, vigiar e cuidar de cadeirantes e outros sujeitos mais frágeis, que ficam sob sua responsabilidade...

O que as idosas dizem refere-se, bem claramente, à ambivalência: obrigações devem ser feitas, mas não são visualizadas como trabalho. “Hoje eu não tenho problema de trabalhar, pois ainda trabalho”; “já acostumei com isso a vida toda”; e “continuo com minhas obrigações”, concluem.

As idosas evidenciam também que veem o nosso grupo como referência para suporte e apoio. Estar entre os pares parece trazer-lhes ganhos. Por estranho que nos apreça, dizem sair mais que antes, quando viviam para o trabalho. O trabalho de agora as deixa, apesar de tudo, um pouco mais livres. Isso parece ser uma construção interior de liberdade, de luta para superar o sentimento de rejeição, solidão ou os fantasmas do desamparo pessoal e social.

2.2.3.2 A visão questionadora do presente que os sujeitos conhecem

O ontem e o hoje, tá melhor ou pior?

Idosa: Era melhor do que hoje. Naquele tempo. Era melhor. Porque eu era nova e tinha força, pegava uma cavalo, selava, num instante eu ia no Parazinho lá no interior de Camocim.... Hoje eu tenho vontade de dar uma carreira num cavalo, mas não vou fazer isso porque tenho medo de cair.

Idosa: A força não tem mais aqui, não tem mais.... Hoje, eu vivo com meu filho cadeirante... deixo ele lá só em Deus... A cabeça pensa nele [preocupação]... A minha vida, aquela que eu tive, era outra; eu era alegre, não tinha as preocupações que tenho hoje. Quem vai cuidar assim de meu filho quando eu me for? Porque tenho mais idade, é bem possível que vá antes... para o outro lado da vida... E como fica?

Hoje, eu estou preocupada também porque eu estou sentindo a minha vista muito ruim; fraquejando; e dói, coça, era pra ter sido operada, não sei o que falta...

(Narradora Idosa)

Observa-se na fala das idosas uma força que não se pode negar: é ela que cuida do filho cadeirante. Mas o que ela, a idosa, parece reconhecer disso não é esse valor, é o que lhe falta no corpo, a vista fraquejando, ruim... Certamente, a reprodução de um *sintoma social* que se refere aos velhos como desvalia e os tratam da mesma forma.

Percebe-se, acima, que a dualidade na cultura grega, expressa por Beauvoir, parece se estender à cultura ocidental, em geral, até chegar aos dias atuais. Hoje, as idosas trazem em si, no seu modo de ver e viver esta fase da vida, a contradição social e

cultural que já foi posta lá, desde os gregos. O discurso que chega a si como sintoma social da desvalia do tempo do pós-trabalho, como se diz sem razão (porque, como se vê, as idosas trabalham) é assimilado e passado no cotidiano da velhice *entre gerações*. E como se constata, com toda a ambiguidade. Neste sentido, parece haver um campo de possibilidades e também de escolhas para seguir aprendendo, e isso posso afirmar que se faz presente, como observação participante, junto às idosas pesquisadas, além dos próprios textos que confirmam suas lutas diárias.

Tem-se que as idosas trabalham, ainda que de outras formas que não a forma de um trabalho oficialmente remunerado e com carteira assinada; mas só se considera ser trabalho nessa forma social. Verifica-se também uma questão de gênero nesse desmerecimento do trabalho, pois quando é feito em casa, é “obrigação”, não sendo considerado, quanto ao valor, como trabalho. O cuidado com o filho cadeirante não parece ser classificado como trabalho, mas “obrigação” – e obrigação é da ordem do não trabalho; “obrigação é uma coisa que se tem de fazer”, “mas não é trabalho” – como a idosa disse.

Tal fato me faz pensar que a maneira como se colocam as idosas (a forma como lido com minha própria velhice) estaria influenciada por três vertentes:

- o condicionamento cultural, ou seja, o que apreendi com os velhos que passaram pela velhice e o que socialmente é mostrado como sendo o envelhecer;
- a previsão que construo nesse contexto a partir da minha história de vida e por onde passo, com certos limites. Conviver com o que está posto, relacionar-se com outros, nessa ambiguidade de que falamos, mas se fortalecendo;
- a própria avaliação da trajetória de vida, que é capaz de permitir fazer rupturas com o que socialmente é colocado como envelhecer e velhice, além de possibilitar aprendizados. Aqui seria preciso aprender algo capaz de ofertar elementos para se conseguir um lugar que seja menos vulnerável.

Neste caso, vejo três perspectivas, as quais se conjugam pelo que vimos na observância dessa pesquisa até então:

- a mais culturalista, que mostra aprendizagens feitas na cultura sobre o envelhecer e a velhice, em toda a sua ambiguidade;

- a que realiza previsões, que será de suma importância para que se possa conviver com limites e minorar vulnerabilidades no tempo presente e futuro;
- e, por, fim, a que possibilita a aprendizagem com possibilidades de mudar, em que se precisa somente avaliar a própria trajetória de vida para aprender com ela a realizar rupturas.

Voltando ao conteúdo da obra de Beauvoir (1990), gostaria de chamar a atenção para a questão trazida por ela, mas levantada por Platão sobre o filosofar e educar. o filósofo mostraria a necessidade que esses processos já se iniciassem na juventude, para, na idade provecta, se tivesse esse alimento acumulado em experiência e sabedoria.

Na realidade, isto também vai estar presente em outro pensador grego, Epicuro, sendo historicamente mais recente, período em que a Grécia não mais gozava de independência e estava sob o domínio Assírio.

Segundo Lorencini e Carratore (2002), a importância da filosofia na obra “Carta sobre a Felicidade”, de Epicuro, reside nos seus efeitos – o de fazer o homem feliz. Deste fato – da filosofia fazer o homem mais feliz – decorreria o valor de filosofar, que ultrapassa uma determinada temporalidade. A filosofia deveria, portanto, ser praticada em toda a dimensão existencial humana, da juventude à velhice, como asseverava Epicuro (2002), para garantir esse esforço em direção à felicidade.

Refletindo sobre as assertivas, tanto a epicurista quanto a platônica, pode-se pensar numa educação ao longo de toda a existência humana. A atitude filosófica reflexiva deixa implícito que o processo de educação é também uma autoeducação, que se dá numa relação do ser com o saber e na sua maneira de estar no mundo. Essa autodeterminação do sujeito, seu autorizar-se para decidir seu destino e vida coletiva, veio ser frisada, principalmente, na filosofia moderna. No entanto, de outras formas, a conquista da sabedoria e o acúmulo da autocompreensão na busca da felicidade eram compreendidos, por Platão e Epicuro, respectivamente, na necessidade da filosofia.

A fiabilidade dessas assertivas leva-me, enquanto pesquisador e trabalhador do sistema público de assistência social, a sentir-me implicado nas lutas por modificações nesse quadro de necessidades da velhice. Passei a me ver mais fortemente ligado no que se refere às reflexões mutantes, que deveriam ser uma prática social sobre a construção coletiva da velhice.

Passei, a partir daí, a lutar nacionalmente por direitos sociais dos idosos, ao passo que executava a ação educativa na periferia de Fortaleza de maneira crescentemente mais engajada. Os tempos mudavam. Era urgente aproveitar espaços sociais para conquistas coletivas. A pesquisa me colocava mais refletindo e analisando, embora, por momentos, eu acompanhasse a questão política nacional, afastando-me para melhor fazer a crítica social de modo a contribuir concretamente com reflexões para a consecução de direitos e a formação deste segmento populacional. Tratava-se, assim, de uma ação teórico-prática acerca da velhice como construção social, tendo por base a história do sujeito que a empreende. Daí que, mais que uma postura da pesquisa participante, ressalto minha implicação como uma escolha política definida.

2.2.4 A velhice nos romanos, similitude à velhice dos gregos

Beauvoir (1990), ao tratar da velhice dos romanos, abre seu texto estabelecendo a relação entre as condições existenciais dos velhos, no contexto desta cultura, com a estabilidade econômica e política. Na verdade, estamos constatando que as condições existenciais na velhice se relacionam com os modelos e mudanças nos regimes políticos, que também se munem de coletividades interpretativas. Ainda que repletas de ambiguidades, como se observa, já que não são redutos homogêneos, é certo que sempre haverá rupturas tanto no pensamento dos sistemas políticos como nas subjetividades e nos desafios de superação de limites.

Assevera Beauvoir (1990) que a história do povo romano permite inferir esta relação de modo muito vivo. Então, afirma que até o século II, antes de Cristo, a República era sólida e conservadora, os privilégios da fortuna eram significativos e o governo oligárquico favorecia a velhice.

A representação teatral em Plutarco traz, por outro lado, os pais velhos como avarentos, que rivalizam e obliteram o prazer dos filhos. Beauvoir (1990) tece seu comentário acerca do dramaturgo, arguindo que se os velhos tivessem realmente o poder como na China, não teria sido permitido que ele desse esse colorido à velhice.

A autora retoma o aspecto político e econômico afirmando que, devido ao fim da oligarquia, os velhos perderam privilégios, que logo se refletiu no corpo social, vindo, posteriormente, a ruir completamente muitas das conquistas feitas.

Nesta fase conturbada, o senado perde força política, cedendo-a para a força militar, e nessa admissão da juventude, da força física, o poder que os velhos alcançaram também se dilui. O imperador é esse homem jovem que governa quase sozinho, ou seja, sem o senado, mas que perde funções administrativas e políticas. Assim, a ambiguidade dos gregos se faz presente em Roma. Beauvoir (1990), por meio de Cícero, reafirma esta posição social em que a extrema pobreza financeira torna a velhice insuportável, até mesmo para um sábio.

Em nosso país, pode-se dizer que, no universo rural, mesmo nas classes populares, os velhos e as velhas eram mais bem tratados. Certamente, eles haviam plantado e roçado para sustentar os filhos – tanto o homem como a mulher – e, quando já não conseguiam isso, com a perda das forças físicas, havia um lugar de reconhecimento de seu papel na família e no ambiente social. Veremos que havia uma supremacia do homem sobre a mulher – e essa questão de gênero será abordada mais longamente. Por agora, ressalto aqui que a perda de território, a migração dos sujeitos que viviam no mundo rural para as cidades não lhes deu, no mundo urbano, o mesmo lugar que no rural.

Sertão X Urbano

Idosa: A gente no interior era mais valorizada. Os velhos tinham trabalhado a vida toda. Calejados. E os filhos reconheciam isso. Parece que trabalho de velho na cidade ninguém reconhece.

Mulher, então, que fica no lar, fazendo muita coisa até hoje, não é valorizada. É como se ela não trabalhasse, porque não tem carteira assinada.

Mas no interior, no roçado, mesmo vida dura, a gente era mais estimado pelos filhos e netos. Mais respeitado.

(Narradora Idosa)

Assim como no mundo romano houve a perda de lugar social, que influiu na desvalorização dos velhos, com a perda de força do mundo interiorano, em geral sertanejo, no Nordeste do Brasil, na vinda para a cidade, na migração para o mundo urbano, o homem que vivia no mundo rural queda-se em desvalorização. Seus saberes aqui não possuem mais valor como antes; não possuem serventia; advém o desemprego maciço; e o lugar de quem é trabalhador é perdido, diluído, modificado.

No Memorial de Maria Moura, de Rachel de Queiroz (2010), tem-se a vida no campo, como antigamente o era, sem tantas mediações de consumo para quem é

pobre: “da mão” (do trabalho no roçado, feito com as mãos) “pra boca” (para alimentar-se). Com as palavras da autora:

O velho, que se chamava Amaro (a mulher se chamava Libânia), depois de ouvir meu relato, só fez um reparo:

- Aqui não tem vizinhança. Não tem onde se comprar nada. A gente vive da mão pra boca.

(RACHEL DE QUEIROZ, 2010, p:115)

E, mais adiante, em uma fuga de Maria Moura, que se veste de homem para escapar de violências e estupro contra ela, tem-se os avisos, a guia e o saber dos mais velhos ensinando o caminho do seu jeito.

Minha ideia era seguir entre o norte e o poente, como ensinava o Avô. Mas, “entre o norte e o poente” é bom de falar. Na prática, parece que o mundo inteiro pode ficar entre o norte e o poente. Afinal, isso quer dizer a quarta parte do horizonte.

(...) Dizia o velho: No que avistasse a serra, era só procurar os serrotes do pai e do Filho. Pelo menos a gente tinha esta referência, os tais serrotes de pedra que não mudavam de rumo, nem desabavam no chão, como casa velha.

(RAQUEL DE QUEIROZ, 2010, p: 229)

Metáfora segura para nossa reflexão sobre o que vai ruindo e o que se sustenta: havia referências que não mudavam, ficavam fincadas, como Maria Moura percebia ser alguns ensinamentos do velho que a guiava; e havia coisas que ruíam como a casa velha. Realmente, o velho vai guiar a Moura pelos lugares aonde ninguém andava, já que ela objetivava uma fuga – inclusive da situação de espoliada, pois os parentes que se julgavam mais ricos, acreditavam ter mais direitos sobre ela; que ainda era usada em sua condição feminina, o que ela virá a falar mais depois. Veja a narrativa sucinta de Maria Moura:

– Não vê – eu disse – estou aqui vestida nestes trajes de homem, à força, para me esconder dos meus inimigos. Vossemecê conheceu logo que eu sou uma moça – moça de boa família, não é? Fui expulsa da minha fazenda por uns carrascos, que queriam se apossar do que era meu, quando me viram órfã de pai e mãe. Fizeram tudo para me tirar do meu sítio e, por fim, tocaram fogo na minha casa.

(RACHEL DE QUEIROZ, 2010, p: 114)

Voltando ao contexto concreto das lutas sociais da velhice e considerando o aspecto econômico concernente à população local, esclareço que os velhos tiveram, entre 1998 e 2008, uma redução do quadro de pobreza como um todo.

Na condição de indigência, renda domiciliar *per capita* inferior a $\frac{1}{4}$ de salário-mínimo, havia 13,57% indigentes em 2008; já na condição de pobreza, renda domiciliar *per capita* inferior a $\frac{1}{2}$ de salário-mínimo, existia 21,30% de pobres em 2008 (COSTA, 2010).

Ainda trazendo dados econômicos desta feita do grupo de convivência do qual se retirou um subgrupo para a intervenção, os dados foram obtidos junto às fichas de cadastramento. Vejamos o perfil econômico dos integrantes do grupo pesquisado:

Tabela N.º 2.2: Condição Econômica dos Velhos

Renda Individual	Número	%
Sem renda	6	4,62
De R\$ 1,00 a 880,00	108	83,08
De R\$ 801,00 a 1.000,00	3	2,31
De 1.001,00 a 2.000,00	9	6,92
De R\$ 2.001,00 a 3.000,00	2	1,54
De R\$ 3.000,00 a 4.000,00	2	1,54
Acima de R\$ 4.001,00	-	-
Não informada	-	-
TOTAL	130	100,00

Fonte: o pesquisador.

O grupo tem uma concentração extremamente excessiva na renda mais baixa, um salário mínimo, ou seja, 83,08%. Lembrando que, mesmo com esta pífia renda, 63% dos idosos são a referência das famílias, ou seja, como chefe. A segunda maior faixa está entre R\$ 1.001,00 de R\$ 2.000,00, ou seja, 6,92%, seguido dos sem renda, 4,62%. A tabela não traz novidades.

2.2 Velhice na cena do eu: a estrangeiridade no corpo

Retrato

(Cecília Meireles)

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
– Em que espelho ficou perdida
a minha face?

A poesia representa um campo de leituras em que se dá o não reconhecimento de si, de como a própria autora, enunciando seu eu lírico, veio a ser algo em que não se reconhece no que vê refletido no espelho. Este espelho, ou melhor, este reflexo pode ser dado não só pelo objeto concreto que retrata o rosto – o espelho –, mas, sobretudo, o texto parece sugerir aquilo que os outros expressam sobre o si mesmo. Ou seja, o que se expressa no conteúdo das falas, na forma com que falam, nos gestos em não me reconheço naquele lugar, no estranhamento. Antessala do estrangeiramento?

Nas observações participantes, procedimento da Pesquisa Participante utilizado neste estudo, foram feitas anotações, além dos textos que os sujeitos falavam, mostrando limitações da velhice.

Corpo-metamorfose

Idosa: Foi eu adoecer e não ter mais condição de trabalhar, que era a coisa que eu mais gostava na minha vida, era de trabalhar. Minha profissão era lavar roupa, e não pude mais porque tive problemas de coração crescido. Fui proibida pelo médico.

(...) As vistas ficam fraca. Fraca... E a gente se sente fraca também.

(...) O pior é diabete, bursite e todas as dores de junta que a gente tem... Daí a gente fica se sentindo menos que os outros...

(Narradora Idosa)

A perspectiva biológica do envelhecimento é tomada a partir da fisiologia. O organismo humano, para estudo, na vertente da biomedicina, está dividido em partes, em sistemas. Trago aqui alguns desses sistemas, cuja escolha recaiu sob aqueles que estão diretamente ligados à mobilidade e aos sentidos, justamente por estes permitirem a interatividade com os outros e o meio. Além de fazerem parte da caracterização da Velhice, predominantemente nessa visão biomédica, estes aspectos foram escolhidos por serem acionados enquanto partícipes da ação educativa, que é a intervenção realizada nesta pesquisa.

Ressaltamos que viver mais tempo implica um processo contínuo de mudanças da capacidade funcional, nominada aqui de envelhecimento – fato que ocorre desde o nascimento. Este processo, na fase propecta, apresenta duas possibilidades: a senescência e a senilidade. A primeira consiste no envelhecimento dito normal, ou seja, *na diminuição progressiva* da condição da reserva funcional em responder às demandas, agressiva ou rigorosa, do meio ambiente. Já a segunda, é quando a condição responsiva está comprometida, desencadeando uma patologia, seja por estresse emocional, por acidente ou pelas condições orgânicas (CIOSAK ET AL, 2011). Com uma Idosa: “Só enxergo agora de um olho”. E outra: “Eu estou doente, mas sou costureira. Agora não posso mais ver, pelo meu olho ter ficado assim; eu não enxergo direito com eles...” (Jornal da pesquisa)

Entre o envelhecimento senescente ou senil, ficarei com o primeiro, haja vista que estes tenham sido os mais recorrentes aspectos advindos da fala dos sujeitos pesquisados. No entanto, ambas as visões, a senescência e a senilidade, são necessárias ao trabalho com velhos, como medidas preventivas e como elemento do trabalho educativo a ser realizado. Prestados estes esclarecimentos devidos, seguem as modificações corporais propriamente ditas.

Nóbrega et al. (1999), ao tratarem da atividade física, apresentam os sistemas que interferem diretamente nesta ação. O cardiocirculatório é o primeiro. Afirmam que perdura a dificuldade de distinção entre envelhecimento normal e patológico.

Já em Fachine e Trompieri (2012), foi verificada que há uma *diminuição* da frequência cardíaca, uma bradicardia no esforço e em repouso. Há um enrijecimento das veias e artérias com elevação da pressão. E ainda existem *perdas* de fibras musculares com hipertrofia das subsistentes.

Os enigmas do corpo

Idosa: (...) Com essa dorzinha eu tive um negócio aqui, um começo de arritmia...

Idosa: (...) Nos ossos e nas juntas é tudo inflamado. Artrite, artrose... Estou com a lombar *vertebral* tudo inflamada...

Idosa: (...) Esse braço aqui está que não vale mais nada; esse aqui também não...

Idosa: (...) Olha aqui, olha, está nascendo um nozinho nessa juntinhas.

(Narradoras Idosas)

(Grifo nosso, falas dos sujeitos da pesquisa)

Vimos, nas descrições que elas fazem – as idosas – que ocorrem modificações em seus corpos que podem ser decorrentes do processo de senescência, que vai ficando acentuado, concomitantemente, ao processo de senilidade e suas patologias associadas.

No envelhecimento ósseo, Nóbrega et al. (1999) asseguram haver *perda de massa* óssea para homens e mulheres, sendo mais evidente nelas, podendo vir a caracterizar o quadro de osteoporose e possível acometimento de fraturas.

É certo, como dizem os autores (NÓBREGA et al., 1999), que o exercício repercute positivamente tanto na estrutura óssea como na massa muscular e no sistema cardiocirculatório, bem como em outros sistemas físicos de nosso corpo, desde que praticado regularmente. A atividade deve ser realizada de três a cinco vezes por semana, entre vinte e trinta minutos no mínimo, ou executada para se atingir um gasto energético de 2000 kcal por semana. Este gasto pode ser praticado com atividades programadas, como as cotidianas regulares, estando, entre elas, a dança.

O problema é que a atividade física tem um *discurso prescritivo* em excesso, não raro medicalizador de tudo, mesmo do psíquico, funcionando como tampão para a gama de respostas singulares do sujeito na vida. Como diz Lopes (2000, p:37): “O processo saúde-doença designa um estado dinâmico de um organismo e

aponta para a intersecção dos determinantes biológicos e dos determinantes sociais”. Existiriam associações entre o discurso da doença física e os impasses de um sujeito em dificuldades psicossociais?

Os autores (NÓBREGA et al., 1999), quando abordam a questão óssea, informam que a atividade física é um coadjuvante e que esta deve ser concomitante à medicação. Por outro lado, quando tratam da questão muscular, asseguram que a atividade física é a preponderante. Mas não deveria se perguntar às idosas que exercícios são mais usuais ou se concatenam com as formas de vivenciar o cotidiano em suas vidas?

No trabalho com corpo, a empiria tem mostrado que é uma atividade muito atrativa para os velhos em geral; e, na nossa pesquisa, a preferência recai sobre a dança. No Ceará, por exemplo, a escolha da dança traz predominantemente o forró. Monteiro (2002), ao trazer o trabalho de grupo de idosos, sempre coloca a dança muito presente. No entanto, a dança é institucionalmente questionada enquanto atividade a ser desenvolvida nos serviços; a dança é inclusive uma força de resistência ao uso estereotipado do corpo, em situações de cuidado e saúde. A dança mostra uma estesia, mostra dimensões artísticas, às quais é importante atentar, e que as populações sempre protagonizaram. Na rejeição da dança pelo serviço e saúde, também se tem o duplo preconceito: pela idade (quer-se um idoso que se despeça do mundo, embora lhe diga o contrário), e pela sexualidade (monitoração da sexualidade feminina). Esta problemática reaparecerá sendo mais bem tratada depois.

Retomando as alterações mais usuais nesta fase da vida, a visão apresenta a presbiopia, que consiste na [...] “*diminuição da capacidade* de acomodação ou de focalização de objetos próximos, além da [...] *diminuição do campo visual* periférico, da sensibilidade ao contraste, da discriminação das cores, da capacidade de recuperação após exposição à luz, da adaptação ao escuro e da noção de profundidade. (ESQUENAZI; DA SILVA; GUIMARÃES, 2014, p:14).

O sistema vestibular é responsável pelo equilíbrio físico, possui órgãos importantes no caminhar para evitar quedas. As alterações dele são as reduções progressivas na densidade dos receptores e no número delas. Os velhos podem ter eventos de vertigem com quedas e possíveis fraturas. (ESQUENAZI, DA SILVA, GUIMARÃES, 2014). Ambos os tópicos anteriores estão ligados à deambulação e à

segurança para fazê-lo, tendo uma relação direta com o acesso dos velhos aos trabalhos a eles oferecidos.

Observando as quedas em idosos vê-se que elas não impedem exatamente a ida a grupos (nesta pesquisa há uma idosa de mais de vinte anos que frequenta este lugar de convivência em que atuo, na periferia).

No entanto, muitas das quedas são impossibilitantes, eu estudava, e quase sempre se ligam à fragilidade do corpo e da alimentação, sendo que essas vulnerabilidades podem estar associadas à questão da tristeza, ou melancolia, em suas variadas gradações.

(Jornal da Pesquisa)

As alterações neurológicas são de duas ordens, uma no Sistema Nervoso Central – SNC e outra no Periférico – SNP. Segundo Esquenazi, Da Silva & Guimarães (2014): “O córtex cerebral é uma complexa região formada por bilhões de células nervosas relacionadas a funções complexas como motricidade, sensibilidade e mecanismos cognitivos” (Idem, 2014, p: 17). Assim, as alterações nessa área repercutem significativamente na vida do idoso, gerando, não raro, limites que eles vão superar de variadas formas, em especial as sancionadas pela cultura onde ele se insere.

Fechine e Trompieri (2012), ao tratar do envelhecimento psicológico e social, citam Canineu e Bastos (2002), que consideram haver um *declínio gradual* nas funções cognitivas. Contudo, a capacidade intelectual pode ser mantida até os oitenta (80) anos.

Fechine e Trompieri (2012) apontam que o *declínio* cognitivo, em função do envelhecimento, “depende de fatores como educação prévia, saúde, personalidade, nível intelectual global, capacidade mental específica, entre outros” (Idem, 2012, p: 126). O perfil socioeconômico dos pesquisados será apresentado na análise, dando destaque a baixa escolaridade, característica do grupo, que repercute na sua saúde e na aprendizagem, foco da intervenção.

O sistema nervoso periférico (SNP) também desempenha uma importante função, a sensório-motora, sobre o sistema mantenedor do equilíbrio por meio de impulsos nervosos para a periferia, especialmente para os músculos. Existe conexão entre SNC (Sistema Nervoso Central) e SNP (Sistema nervoso Periférico). Integração que realiza o arco reflexo, ligando estímulo a reações de defesa e proteção. Nele estão contidas as vias aferentes que levam os estímulos impressos no corpo para o SNC, que

os processa e responde pelas vias deferentes. No processo de envelhecimento, o tempo de resposta, arco reflexo, vai estar aumentado, o que implica afirmar que *todo processo está mais lento*.

Lento é bonito. Eu no campo observando as chegadas das idosas. Eu via o caminhar lento de cada uma. Por que isso não seria bonito? Por que reafirmar as representações sociais depreciativas quando se vê esses movimentos nos velhos?

Lembrei-me de uma música de Altamar Dutra⁶ falando de seu pai.

Meu velho

“É um bom tipo meu velho
 Que anda só e carregando
 Sua tristeza infinita
 De tanto seguir andando
 Eu o estudo desde longe
 Porque somos diferentes
 Ele cresceu com os tempos
 Do respeito e dos mais crentes
 Velho, meu querido velho
 Agora caminha lento
 Como perdoando o vento
 Eu sou teu sangue meu velho
 Teu silêncio e o teu tempo
 Seus olhos são tão serenos
 Sua figura é cansada
 Pela idade foi vencido
 Mas caminha sua estrada
 Eu vivo os dias de hoje
 Em ti o passado lembra
 Só a dor e o sofrimento
 Tem sua história sem tempo
 Velho, meu querido velho
 Agora caminha lento
 Como perdoando o vento
 Eu sou teu sangue meu velho
 Teu silêncio e teu tempo
 Velho, meu querido velho
 Eu sou teu sangue meu velho
 Teu silêncio e teu tempo
 Velho, meu querido velho.”

6 <<https://www.vagalume.com.br/altamar-dutra/meu-velho.html>> acessado 1/12/17

Dentre o biológico e o cultural, salta a poesia. Não se trata de negar ou anular o biológico, mas criar viabilidades para o processo de envelhecimento. Rompendo com o olhar unívoco, insurgindo múltiplos olhares sobre ele.

Retomando a dimensão biológica e no intuito de demonstrar as alterações no SNP, segue abaixo a tabela criada por Fonteine (2000), citado por Cancela (2008), a qual traz a intensidade do impacto do envelhecimento nos órgãos dos sentidos. Na tabela, fizemos acréscimo da coluna, alteração necessária devido aos inúmeros registros de fatos, nesse sentido, advindos da observação participante, procedimento metodológico da pesquisa. Fica implícito como este sistema pode interferir na vida e na qualidade da interatividade da pessoa que vive estas alterações.

Tabela nº 2.3: Envelhecimento e as Sensações e Percepções

Modalidade	Efeitos da idade	Alteração*
Gosto	Muito fraco	Disgeusia
Olfato	Muito fraco	Hiposmia
Cinestesia	Muito fraco	
Tacto	Forte	
Temperatura	Forte	
Dor	Forte	
Equilíbrio	Muito Forte	
Visão	Muito Forte	Presbiopia
Audição	Muito Forte	Presbiacusia

Fonte: Fonteine (2000)

* Contribuição do pesquisador

Identifiquei que parte destes sentidos tem um termo, na literatura, que designa alteração ou ausência da função que pode estar presente no envelhecimento: disgeusia, sensibilidade gustativa, alteração do paladar; hiposmia, sensibilidade olfativa, alteração do olfato; presbiopia, alteração da visão; e presbiacusia, alteração da audição.

Os Terapeutas Ocupacionais conhecem bem os sentidos, principalmente os tratados nas afecções neurológicas e traumatológicas, como o tátil, o cinestésico, o doloroso e o esterognóstico, este não está presente na lista acima, trata-se de uma sensibilidade profunda relacionada à percepção e à identificação das formas.

Apresento agora uma situação vivida por mim para ilustrar aspectos que inter-relacionam dimensões diversas no sujeito, não estando, necessária e redutoramente, vinculados às sensações orgânicas somente, mas denunciando as relações destes aspectos sensoriais com os aspectos mais profundamente subjetivos.

Eu lembrava ao ver os limites da velhice, dois idosos de uma instituição em que trabalhara, os quais se supunham cegos, viviam em uma ajuda mútua e compartilhando o mesmo quarto.

Um dia, houve um mutirão oftálmico em que profissionais da área avaliaram e encaminharam os casos de acordo com o diagnóstico. Os dois idosos foram levados para avaliação. Um era operável, mas o outro não.

O primeiro recuperou a visão e foi grande sua alegria, queria ver todos que só conhecia pela voz. Já o outro, ficou numa tristeza, num estado de não reatividade e de imobilidade que causava preocupação a todos.

Observei, então, que ele ficou cego pela segunda vez, mas cego de ciúmes e de tristeza. Percebe-se com isso como uma dimensão afeta a outra. Ratificando o início do capítulo do ser humano como unidade psicofísica, social e espiritual (esta última dimensão, a espiritual, Beauvoir não reconhece, mas mesmo a Organização Mundial de Saúde já o faz).

(Jornal da Pesquisa)

Enfatizo que os condicionantes, seja em relação à saúde ou adoecimento, são influenciados por fatores físicos, psicológicos, sociais e culturais, mas também por econômicos e políticos (CIOSAK ET AL, 2011) e espirituais (LINHARES, 2001). Além dos condicionantes no atendimento ao idoso, constitui-se um grande desafio, para a equipe de atendimento, criar possibilidades em que as limitações não sejam um impeditivo para cada sujeito viver com sua singularidade. “Essa possibilidade aumenta à medida que a sociedade considera o contexto familiar e social e consegue reconhecer as potencialidades e o valor das pessoas idosas, pois parte das suas dificuldades está mais relacionada a uma cultura que as desvaloriza e limita” (CIOSAK ET AL, 2011, p: 1765). Fato que o trabalho aqui desenvolvido e que se situa no *locus* desta pesquisa anseia superar.

Ressalta-se, em todo esse percurso teórico-prático, o caráter multidimensional do envelhecimento, mas agora destacando outro ponto. O que faz a autora Beauvoir (1990) trazer do pensamento sartreano a categoria do irrealizável para pensar a velhice. O

irrealizável o é por não passar pela volição do sujeito. Não há possibilidade de escolha, de não envelhecer, salvo se a morte ocorra antes.

Outro aspecto do irrealizável é o que o outro pensa e/ou sente a respeito de mim, é uma dimensão que não alcanço, não intervenho. O outro detém algo de mim que não tenho controle, é algo que acontece de modo alienado. Não posso ser o que o outro pensa ou sente sobre mim. Isto se aplica à questão sociocultural da Velhice. Há algo que é dado de fora, que estabelece o que é velho ou não. Devo causar rupturas nas representações sobre Velhice, mas isso não é algo que tenha controle absoluto.

Voltando à teoria após o trabalho de campo, não posso deixar de trazer a temática da sexualidade, tema que se fez presente no momento da observação. Trago a sexualidade feminina por ser foco na pesquisa. Sigo mantendo a abordagem físico-fisiológica: externamente, pode-se ter a perda dos pelos e os seios se tornam flácidos (GALVÃO, 2000); com a diminuição do estrógeno, há a diminuição da secreção vaginal (ALENCAR; MARQUES; LEAL; VIEIRA, 2014); quanto aos órgãos genitais, os pequenos lábios perdem o tecido adiposo e a elasticidade (DE ARAÚJO, 2010); as paredes da vagina delgadas e com menor elasticidade, quando associadas à alteração da lubrificação, podem resultar em ardência ou dispaurenia, dor durante o ato sexual; a reação orgástica tende a ser menor (ALENCAR; MARQUES; LEAL; VIEIRA, 2014). Essas mudanças retratariam o declínio da função sexual por não mais se sentiam atraentes (ALENCAR; MARQUES; LEAL; VIEIRA, 2014); (OLIVEIRA, 2015); (NEGREIROS 2004). Por outro lado, a menopausa pode ser a libertação: sem o risco de gravidez e sem a pressão de dedicar maior tempo à educação dos filhos e à vida profissional. A citada autora recomenda, ainda, intensificar as trocas de carícias e contatos físicos no dia a dia, mesmo fora do contexto sexual (ARAÚJO, 2010).

O aspecto biológico se articula com o existencial já apregoado por Beauvoir (1990). Este aspecto sempre foi colocado de lado por mim, pois, trabalhando no social, sempre me detive nas questões culturais, psicológicas e políticas. O físico-fisiológico me parecia como algo já estabelecido como certo, e agir nesta esfera era da alçada da saúde. Assim, não caberia a mim, enquanto ator social no campo da assistência social, intervir.

Ao pensar e refletir sobre o público enquanto serviço, direito a ser acessado pela população, revejo o posicionamento citado no parágrafo acima, passando a lutar para se fazer entender que a dimensão física do ser é parte da sua condição existencial de ser e

estar no mundo, e que se relaciona com as outras. Não preciso agir apenas nesta dimensão, mas preciso saber que ela tem uma ação significativa no direcionamento e escolha dos sujeitos. Entendê-la pode ser útil a mim na ação de educar e orientar os velhos e, principalmente, para saber que pode haver limitações tanto de ordem física quanto psicológica, social e espiritual. As primeiras demandarão adaptações; as segundas, cuidado e/ou orientações. A respeito disso vinha pensando:

Registrava agora na pesquisa um exemplo pessoal. Após mais de trinta anos revisitei a casa da minha avó que frequentei quando criança.

A casa antes percebida como grande não mais se apresentava assim, isto se deu em função da diferença com que eu via o mundo.

A percepção que eu tinha ficava entre a de um corpo infantil que eu tivera – e que olhava o espaço como maior; e a de um corpo adulto, que eu passava a ter e que olhava o espaço como menor.

E este corpo que eu tinha continuava se modificando; ele mudaria como eu vira minha avó no processo de envelhecimento mudar.

Eu reparava que a estrutura física que eu tinha não se modificava àquele tempo, mas eu era outro. Meu olhar, agora, era mais horizontal. Eu crescera.

(Jornal da Pesquisa)

Há uma proposta velada aqui para os trabalhos com idosos: escutar e possibilitar que simbolizem as percepções que têm mais subjetivas. Simbolizar, para que não se reduza os sujeitos a seus corpos.

Agora, olhando o outro extremo, no caso a criança, certificar-se-á que ela é fisiologicamente diferente do adulto, no entanto é vista como em evolução. Já o idoso é posto numa situação de involução ou declínio. Ambos os termos consideram a fase anterior como ideal, a da infância.

Com relação ao fato biológico, a diferença é interpretada e a ela é atribuída um valor: fase de evolução, valoração positiva; involução, declínio, valoração negativa. Não é a vida que é feita de fases qualificadas assim, é o humano que assim as define e, deste modo, adentramos na ordem da cultura. Logo, a ciência é um modo de produção de conhecimento, de saber, porém, por tratar também da biologia, *naturaliza-se* o saber biológico produzido pelos velhos e pelas velhas sobre si como uma verdade óbvia e inquestionável. Esquecendo que são verdades históricas. Isso me parece ter um peso

sociocultural que recai sobre todos, reforçando uma lógica excludente, estigmatizadora dos sujeitos que envelhecem.

No trato com o envelhecimento a partir do corpo, ressalto a saída apontada por Zimerman (2000), citado por Fechine e Trompieri (2012), de ser a velhice a possibilidade da aprendizagem de um estilo de vida novo. Nesse sentido, poder-se-ia pensar os cuidados físicos com o objetivo de promover as minimizações das perdas, ou as alterações físico-fisiológicas e funcionais comuns à longevidade, que estes idosos apresentam na sociedade. Os autores apontam para o estranhamento ante o corpo que se modifica, que não é mais o mesmo, e nem responde igualmente como antes. Observemos que o autor traz proposição de uma educação gerontológica, ainda que não a designe desta forma. Os autores apresentam a necessidade de que o velho entenda o próprio processo de envelhecimento biológico/físico para saber lidar com os limites e possibilidades dessa etapa da vida. Falam em limites e possibilidades, mas só anunciam limites. A **categoria de experiência** não comparece nos estudos brasileiros, por isso eu aqui a proponho para valorar a multidimensionalidade do sujeito e o olhar multirreferenciado da Velhice.

2.3 Na Velhice: os emblemas da estrangeiridade

O Estrangeiro

Heróis da Resistência⁷

Não consigo entender sua lógica
Parece mais um esforço inútil
Quando a noite cai no oriente
Ainda é dia no meu relógio

Nas muralhas dos seus mistérios
Tudo toma um outro sentido
Pra palavras na sua boca
Eu preciso de outros ouvidos

Outros deuses/planetas à parte
Um estrangeiro na sua cidade
Outros deuses/planetas à parte
Um acidente na sua viagem

⁷< <https://www.lettras.mus.br/herois-da-resistencia/112704/>> Disponível em: acessado em: 10 out. 2017, às 22h03min.

Nos haréns, dentro das mesquitas
Sob os véus que te cobrem o rosto
Tanta coisa e eu me perdendo
Entre as dunas do seu pensamento

Que lógica teria o envelhecer que foge das mãos do sujeito que o vivencia? O Estrangeiro dos Heróis da Resistência, música acima, trata daquele que vem de fora e o nativo que não se está a entender sua lógica; mas, por outro lado, nós estamos considerando, neste trabalho, a possibilidade de existirem estrangeiros em nós. Os quais nos parecem que de tão diferentes e distantes que seriam como se nós não fôssemos.

Koltai (2000), ao trabalhar com o tema estrangeiridade, instigou-nos a pensar os velhos nesta condição. A autora aborda o tema sob duas vertentes: a psicanalítica e a política. Ao primeiro modo da abordagem, cabe a compreensão; à segunda forma de abordar o tema, tem-se uma resposta relativa.

Quem é o estrangeiro? Koltai (2000), na dimensão política, coloca que o estrangeiro, como é compreendido atualmente, surgiu quando da formação do Estado-Nação moderno, com suas fronteiras e suas contraditoriedades. Tudo que estivesse fora, além da fronteira, seria estrangeiro.

Por outro lado, o estrangeiro para Derrida (2003) é alguém que vem de outro lugar e que pode ser mandado embora, ser repatriado. Isto implica uma categoria sociopolítica e uma exclusão. Essa é a noção vigente. No entanto, nem sempre foi assim. Anteriormente, o estrangeiro era visto apenas como o não familiar (KOLTAI, 2000).

Derrida (2003, p:43) observa que “hoje em dia, uma reflexão sobre hospitalidade pressupõe, entre outras coisas, a possibilidade de uma delimitação rigorosa das soleiras ou fronteiras: entre o familiar e o não familiar, entre o estrangeiro e o não estrangeiro (...)”. Vinha ele a dizer, e sua reflexão assim começa, “a questão do estrangeiro é uma questão *de* estrangeiro”, ironizando já aí a inferioridade que se confere ao diferente e à sua diferença, uma abarcando a outra.

Nestas afirmativas, acende-se um debate em torno do estrangeiro, da pessoa quem vem de fora (o diferente), o “fora de fronteiras” ou “o entre fronteiras”, pondo-se em foco a condição do estrangeiro de ser diferente, de causar estranhamento, de vir de

fora, de incomodar o estabelecido, que é o visto como “de dentro”. Neste sentido, em sendo a relação dual, o estrangeiro também questiona igualmente ao ser inquirido.

Nas discussões trazidas a partir do estrangeiramento (a diferença e a reação de estranhamento causada em função de fronteiras e exclusões políticas) e que ao estrangeiro são direcionadas, há uma culpabilização ao outro, ao estrangeiro, pela sua diferença. Para os autores, o estrangeiro é aquele que vem de fora, logo, estando nesta condição, ele é um ser diferente que, por este fato, inquieta e é inquietado. A linha que separa o nacional e o estrangeiro é uma linha imaginária na qual se afirma que, daquele ponto em diante, se circunscreve a nação e tudo mais é estrangeiro, estranho, em vias de ser expatriado.

O que me intrigava, ao olhar a fala da velhice em seus estranhos processos de reconhecimentos e desconhecimentos, era ver que o que parecia o estrangeiro, na velhice, era justamente o ela dizia de nossa semelhança. O que as velhas que ali estavam diziam de processos que em si desconheciam, em parte, era um espanto que causava aos outros, onde o que no Outro era semelhante a ela é que lhes parecia [ao Outro] assustador.

(Jornal da Pesquisa)

Como eu percebia esse estranhamento por parte das velhas com quem trabalhava, eu tentava mostrar semelhanças e dessemelhanças como aspectos referentes à condição humana.

A proximidade com a avó materna, que eu tivera, é que me permitia, na pesquisa, atravessar essas Noites de abalos com as velhas com quem convivia.

E essa proximidade que agora eu revivia com outros, que não minha avó, é que mobilizava, eu via, para o que me era familiar no estranho e que, então ficava próximo novamente.

Paradoxalmente, agora, o diferente não me era estranho mais, mesmo tendo sua alteridade confirmada.

(Jornal da Pesquisa)

A linha fictícia que delimita o estranho e o familiar é semelhante à que se aplica ao estrangeiro e ao nativo, como também ao próximo e ao distante.

No trabalho com a velhice, havia um divisor de águas: as idades e seus direitos. Direitos fixados em leis referidas a idades específicas. Assim: quem tem 59 anos e 364

dias de existência não é velho. Um dia a mais se cruza, de forma irreversível, a fronteira; quem tem sessenta (60) anos ou mais anos, torna-se velho e um estrangeiro.

Há, pois, uma relação entre o estrangeiro e o não estrangeiro que supõe inquirições de parte a parte. Ao último, cabe acolher o que vem de fora, hospedá-lo, promover a hospitalidade ao seu hóspede – ou não.

O interessante é que Dufourmantelle, em Derrida (2003), no livro de diálogos entre os dois autores, embora assinado por Derrida, argumenta que a palavra *hóspede* tem a mesma raiz latina de *hostis*, que chegou à palavra *hostil*: inimigo.

Há uma ambiguidade na constituição da própria palavra em que o hóspede pode ser *hostil*. Dufourmantelle não afirma, mas penso de maneira análoga que também pode não haver hospitalidade. Este fato é ratificado por Derrida (2003) quando se reporta ao estrangeiro e o distingue do bárbaro. O primeiro seria alguém que tem nome próprio, patrocínio, família e estatuto social; o segundo seria destituído de tudo isso, sendo designado pelo autor como o outro absolutamente estrangeiro.

A ambiguidade também está presente na forma do lidar com a velhice. Como foi visto anteriormente, havia os bárbaros, aqueles que eram absolutamente negados, em que o outro não se reconhece ou não reconhece nele o humano. Diferente dos gregos ante os romanos; aqueles poderiam ser assimilados em seu saber; e, antropofagicamente, poder-se-ia dizer [os gregos] – o que era diferente dos outros povos, os bárbaros.

Contemporaneamente, isto fica evidente nas políticas públicas, em que há um faz de conta. Ninguém pode afirmar que o estado não faz. Tomando como exemplo, o Estado do Ceará acolhe idosos abandonados e vítimas de violência em um abrigo público. A ação é correta e devida. Quantos abrigos o estado tem? Um. Qual sua capacidade de atendimento? Cem pessoas. Qual a população de velhos no estado? É de 844.399, 10% da população do estado, segundo o censo IBGE de 2010. Deste contingente populacional, apenas cem (100) vivem em situação de violência ou são abandonados? Então faz de conta que se atende. Isto está posto em Monteiro (2002) quando afirma que, se o idoso não é prioridade, ele também não é esquecido. Não? De que lembrança estamos falando?

O estrangeiro pode trazer consigo um outro absoluto (DERRIDA, 2003). Este conceito me parece que o ser pode se tornar tão diferente que não guarda nem uma relação conosco – é um ser humano que desconheço como humano. Neste ponto, retomo a Koltai (2000) para elucidar a questão, já que, em sua obra, ela apresenta algo que caminha no sentido de Derrida (2003). A condição de estrangeiro e bárbaro não seria fixa, mas cambiável no contexto histórico.

Koltai (2000) se reporta à Segunda Guerra Mundial em que os judeus foram reduzidos a um número, coisificados, ficando assim postos na posição de não pertencimento à condição humana, diferentemente do outro, o opressor, que preservava sua condição e desconhecia a estrangeiridade dos judeus. Podemos trazer Koltai:

Lacan, com seu “estágio do espelho”, será necessário para entender o fascínio primordial de cada indivíduo por seu semelhante. Fascínio que exclui, de imediato, o estrangeiro, aquele com quem não posso me identificar, pois racharia o espelho. É aí que reside o racismo psicológico, sustentado no social por um discurso que ao designar um bode expiatório, mobiliza a agressividade pulsional, designando um objeto ameaçador, que deve ser odiado. É assim que ganha força a ideia que o corpo do estrangeiro – seja ele estrangeiro pela cor, origem ou etnia – de ser eliminado, pois não é merecedor de pertencer à raça humana. (KOLTAI, 2000, p:34)

Koltai, referindo-se a Levinas, mas se diria isso dela mesma, colocam no centro de suas reflexões o outro “entendido como alguém irredutível a mim, a minha pessoa ou ao meu ser, alguém que devo respeitar, pois, por isso, jamais poderei conhecer a mim mesmo”.

Para isso, no entanto, a autora traz a noção de inconsciente como um lugar extenso e maior que nós mesmos, que não conhecemos (embora o saibamos). E observa a autora: “Ao discorrer sobre o Outro, a filosofia ocidental termina sempre por reduzi-lo a um outro Eu, um igual a mim, que tenta ser reconhecido por mim como Eu, ainda que para tanto tenha de recorrer, frequentemente, à uma luta violenta” (KOLTAI, 2000, p:61). Podemos ver, com isso, que temos um certo impulso de olhar como ameaçador quem difere de mim. E o avesso disso? A velhice seria um ser igual que quero estrangeiro por quê?

Nesta circunstância de total estrangeiridade, o outro absoluto, dito o bárbaro, da ordem de estranhamento em que perderia a condição humana, sem conectividade, numa desvinculação absoluta, poderia, sem culpa, ser eliminado. E o foi

por ser considerado como inimigo do estado, assim como: judeus, homossexuais, ciganos, soldados inimigos e os que a história proscreveu.

Trazendo a dimensão política, Koltai (2000) afirma que, nos Estados totalitários, a segregação existe por toda parte para negar a própria condição humana do outro. Porém, contrariando esta ideia, a democracia, como devir, iria permitir a convivência com as diferenças, mantendo o mínimo de individualidade do estrangeiro.

Koltai (2000) apresenta outra explicação para o que ela menciona ser um temor ao estrangeiro. No desenvolvimento infantil, por volta do oitavo mês, há uma reação do medo diante do rosto desconhecido. Para que isso ocorra, a criança já terá a noção de si mesma como diferente do outro e dos adultos que ama. Ressalta-se que essa reação só é possível por haver essa distinção entre os que a criança reconhece e os que ela não conhece. Ao nomear o “eu”, dizendo “este sou eu”, cria-se no mesmo instante o “não eu”, o outro. Se existem dois, é porque são diferentes.

Contudo, o estrangeiro não seria completamente estranho – seria um *estranho conhecido*, afirmaria Koltai (2000), a ambivalência derivaria de um recalçamento da experiência infantil de estranhamento, que faria parte do inconsciente. A autora explica que no desenvolvimento infantil, por volta do oitavo mês, haveria uma reação do medo diante do rosto desconhecido. A criança já teria a noção de si mesma como diferente do outro e dos adultos que ama. O medo ante ao desconhecido só seria possível por haver essa distinção. Ao nomear o “eu”, dizendo “este sou eu”, criar-se-ia no mesmo instante o “não eu”, o outro. Mais adiante no desenvolvimento da criança, ao falar e no seu processo de socialização, encontraria a denominação estrangeiro. O processo de estranhamento ante o diferente que teria ocorrido, encontraria, agora, uma palavra, estrangeiro, para nomeá-lo e dar-lhe sentido. Se anteriormente existiria algo internamente sem uma representação, doravante denominaria de estrangeiro o que não conhece.

Pode-se dizer que só existe um fora porque existe um dentro. O homem é um ser pleno de possibilidades, contudo, ao delimitar-se, ou seja, ao fazer uma escolha, todo o campo de possibilidades ficará reduzido a uma opção, ou em suspensão à que foi determinada. Desta forma, ficará de fora todo o restante.

Assim, ao delimitar um território, que é a nação, o resto é estrangeiro. Da mesma forma, ao definir o eu, o resto é o não eu. Mas há os reconhecimentos. Que mecanismos nos fazem não reconhecer o Outro, um não eu humano como eu?

O que faz do estrangeiro algo tão temerário? Derrida (2003) apresenta o estrangeiro como possível parricida. Ele chama atenção para o fato de que, para cometer esse ato, o parricídio, tem que ser da família.

E porque o estrangeiro teria outra família, traria consigo, inconscientemente, a instância de outra lei? Com Derrida: “a questão *do* estrangeiro é uma questão *de* estrangeiro, uma questão vinda *do* estrangeiro e uma questão *ao* estrangeiro, dirigida ao estrangeiro” (DERRIDA, 2003, p:05).

As fronteiras entre o sujeito, sua interioridade e o que foge ao seu controle, como a lei pública, Derrida interpreta como sendo uma questão explorada na Antígona de Sófocles – a que afronta a lei da pólis, da cidade, representada por Creonte, a fim de enterrar seu irmão Polinice, um revolucionário que invadira a cidade e cujo corpo está jogado à rua, em exposição, para servir à política dominante. Duffourmantelle, em diálogo com Derrida, apõe:

A Antígona de Sófocles representa o apelo de uma tênue esperança, apelo que o pensamento de Creonte escondeu completamente de nós: o fato de que o homem não se pertence, que o seu sentido não é o Sentido, que o sentido humano chega ao fim quando se chega à beira da Noite. E que a noite não é um nada, mas pertence a isso que ‘é’.

(DERRIDA, 2003, p:144)

E observa, ainda, Duffourmantelle, ser a noite “A abertura para o que abala” (idem, 2003, p:44). Entende-se o termo pai, simbolicamente, como lei, norma, instância, na psique; e já o estrangeiro traz consigo a vivência de outra lei, de outra norma – o que seria ameaçador.

O estrangeiro não só põe em xeque o teor da lei que o acolhe como denuncia a falsa naturalidade dela, da lei, na qual todos da coletividade estariam supostamente imersos, lhes parecendo natural ou normal. A lei estaria antes de mim e permaneceria depois de mim, não fosse o estrangeiro vir questioná-la.

Assim, a lei do nativo parece eterna e verdade única possível. Já o estrangeiro, ao denunciar a falsa naturalidade, por sua própria existência, a desvela como invenção humana, como algo histórico, portanto revogável, remetendo-me à angústia ante o possível caos dos sem pai ou sem lei. Cabe então perguntar:

- O que velho traz que incomoda?
- O que denuncia?
- O que o torna ameaçador?

Ele denuncia: - Eu sou você amanhã? O que ficou popularmente conhecido como *efeito orloff*: *estará você nesta condição amanhã*, como dizia uma propaganda que teve grande repercussão. Cabe-nos, então, perguntar qual o futuro que compete ao velho. O que esse futuro anuncia ou recusa? Continuemos buscando pensar de outro lugar.

A partir da imagem de Goya, temos o Tempo (Chronos) em cena.

Figura 2.5: Saturno Devorando Filho, de Goya.



Chronos, para os gregos, é semelhante a Saturno para os romanos; e representa o Tempo. Retomemos, pois, ao mito. “Se, na realidade, *Krónos*, Crono, nada

tem a ver etimologicamente com *Khrónos*, o Tempo, semanticamente a identificação, de certa forma, é válida: Crono devora, ao mesmo tempo que gera” (BRANDÃO, 1986, p:198).

Desta forma, o mito traz não só a inexorabilidade de avançarmos no tempo, mas a implicação das modificações que disso decorre, e, mais ainda, de que isto remete à finitude. Ou há um fundo possível de infinitude? Este fato é considerado por Suassuna (1975) como mal irremediável. Em Goldfarb (1998, p:85), a “morte reativa a angústia de aniquilamento”, ou seja, há um intenso sofrimento humano ante o fato.

Observando a imagem Chronos, vemos o Tempo devorando seu filho. A imagem é representada por um velho pavoroso numa atitude bárbara e suscitaria em nós uma aversão ao Tempo? Ou esse devorar seria uma ênfase na inexorabilidade?

Chronos é o Tempo também como tempo cronológico. Enquanto o Kairós é um tempo subjetivo: uma construção do temporal, a aversão ao Tempo/tempo é o horror ao tempo que transcorre fugidamente e parece ser prenúncio da morte.

Na realidade, a velhice só é possível com o tempo transcorrido; e pergunto: poderíamos dizer que seria a velhice ela própria devorada? Goya, no quadro acima, ao representar o Tempo, Chronos, mostra-o como um velho que estabelece uma relação autofágica. A velhice é devorada pelo velho Tempo, o Chronos. Inelutavelmente, somos fadados à morte física. A questão que se nos impõe é o que fazemos do tempo enquanto a morte não chega.

Assim, o ideal de adulto no papel produtivo, independente e autônomo, passa com o tempo e o pai Chronos vem nos devorar? O que o velho denuncia? A natural valoração desta faixa etária aferrada ao valor do trabalho? A transitoriedade da existência? Ou a estranheiridade de um Outro que eu não quero me assemelhar e cujo corpo fenece?

Que ostracismo se quer dar ao estrangeiro – e à velhice? O tempo seria algo vazio de significado? Se a velhice é uma invenção humana, com dimensões culturais, políticas e econômicas de uma sociedade estruturada para produção e consumo, a conotação que se dá ao tempo não o seria?

O estrangeiro parece ser aterrador. Derrida (2003) afirma que é sempre possível evocar o estrangeiro como louco ou cego. Assim, cabe-nos perguntar: o que o nativo não quer entender ou ver? Isto não seria um mecanismo de defesa e de controle

ante a ameaça de ver-se como estrangeiro no país do tempo e da inexorabilidade do envelhecer na condição humana?

A partir daí, iremos nos aproximar dos semelhantes e nos afastar dos diferentes? Em outras palavras, amaremos os iguais a nós e rechaçaremos os diferentes? Mas diferentes em que sentido? Dentro dessa lógica, desse raciocínio, o mecanismo que gera o estrangeiro é o mesmo que gera a discriminação e o racismo da questão judia.

A partir da criação da psicanálise, entende-se que há um estrangeiro em cada um de nós, convivendo conosco no nosso interior, no aparelho psíquico, no inconsciente. Desde então, vivemos com esta inquietação, este desconhecimento interior. No entanto, o processo terapêutico profundo irá nos familiarizar com este estrangeiro que trazemos, com o que não reconhecemos ainda em nós, conscientemente, mas que o sabemos.

Além do que não é consciente, há um corpo que diz do inconsciente. Um corpo que, na velhice, parece ir “apresentando falhas no seu funcionamento”. Há uma não coordenação do que se fora; um aparente ou real esquecimento de si; uma dor indizível; ou uma marcha lenta, um andar cambiante como a própria trajetória? Como uma rosa de botão, que floresce e vai caindo pétala a pétala, restando-lhe a haste, em um contínuo desfazimento.

Assim parecem dizer as velhas entrevistadas. Seriam representações construídas por quem? As velhas reproduzem representações do Outro? Ou a fazem por si mesmas? Como essa intersecção acontece?

Eu me via começando a pesquisa. E ali estava também eu a envelhecer?

Novos acenos me mostrariam um outro de mim? Por que eu também me via estranho em mim mesmo? Não há acordo possível?

(Jornal da Pesquisa)

Ao trabalhar a temática da morte, surge a compreensão do processo de transformação após a vida apresentando, a partir do tema O desejo inorgânico do Corpo, a compreensão da finitude em relação à infinitude do eu, instalando, assim, a problemática da morte, a vizinha indesejada. Relativiza-se isso?

O inexorável na existência

P.: Todo corpo, todo nosso corpo, deseja voltar a ser inorgânico? O que é isso? É uma palavra meio estranha, né?

Velha: Com certeza.

P. : Mas a gente pode usar uma expressão da bíblia que vai traduzir isso. Vieste do pó, ao pó voltará?

Idosa: Orgânica, é o estrume.

Idosa: Nós vamos virar estrume?

(Narradoras Idosas)

As explicações de Koltai (2000) e Derrida (2003) são distintas e não contraditórias. Elas trazem a condição individual para complexificar a questão do temor ao estrangeiro. Enquanto eles situam seus argumentos, articulando o contexto sociocultural e o registro do simbólico, eu os vejo como aspectos complementares com fortes vinculações.

A estrangeiridade, tanto em Koltai (2000) como em Derrida (2003), traz a situação do “de fora”, do diferente, como sendo uma dificuldade que tem uma construção interna e que acha sua correspondência externamente.

Para iluminar a compreensão dos diferentes sujeito internos “que eu rejeito”, o termo estrangeiridade abrange imigrantes, árabes, nordestinos, negros ou judeus. Mas abrange os Outros que não reconheço em mim. E os Outros que continuam diferentes de mim, para além dos direitos sociais, devo, com uma aceitação tácita, indiscutível ao Outro que não eu mesmo, acolhê-los em sua diferença. Com o autor:

Trata-se de saber se esse pacto, esse contrato de hospitalidade que lida *ao* estrangeiro e que lida *reciprocamente* o estrangeiro, vale para além do indivíduo e se estende, assim, a toda a família, à geração, à genealogia.

Não se trata, ainda, que as coisas sejam conexas, do problema clássico do direito à nacionalidade ou à cidadania como direito de nascença – ligado, aqui, ao solo, e, lá, ao sangue.

(DERRIDA, 2003, p:21)

O diálogo aprofunda, ainda, outras questões: “A guerra interna ao logos, esta é a questão do estrangeiro, dupla questão, a altercação do pai com o parricida” (DERRIDA, 2003, p:9). Perceba-se: não se trata apenas de uma questão de fronteiras, de estar dentro ou fora de determinado lugar, país, mas também de fronteiras e

dessemelhanças reconhecidas ou não no espaço interno. As fronteiras que Kotai observa podem ser ultrapassadas pela palavra (2000, p: 103).

Esta fronteira, este limite, que pode estar também nos grupos sociais ditos minoritários, é uma questão valorativa e política, a qual eu também percebia. Estrangeiridade traz, portanto, não só a dimensão política e topográfica, mas uma política da relação entre pessoas e do gesto social de acolher ou rechaçar o diferente. Daí poder se acrescentar a esta lista outras tipologias como o velho – o que é um pleito meu.

Derrida (2003) vem ratificar o que Sócrates declara diante do tribunal quando afirma, textualmente, que é tanto um estrangeiro pela idade quanto pela língua que fala, no caso, a filosofia. Sócrates ao assegurar isso relacionaria a velhice à estrangeiridade. Retomo esse tema.

De Beauvoir (1990) trazemos a crítica que ela fez em relação à separação entre velhos e não velhos; ela é lapidar, neste apartamento, em que “a velhice é uma coisa que só concerne aos outros. Assim, pode-se compreender que a sociedade consiga impedir-nos de ver nos velhos nossos semelhantes.” (BEAUVOIR, 1990, p:12).

Já se sabe, e foi dito anteriormente, que há um estrangeiro em cada pessoa e, segundo Koltai (2000), o inconsciente possui sua estrangeiridade. Porém, creio na existência de outro estrangeiro em cada um, o próprio corpo.

No tópico anterior, isto foi citado por Zimmerman (2000) e também por Fehine e Trompieri, quando trazem a necessidade de uma educação do velho para lidar com seu corpo; corpo que, com as modificações advindas pela longa existência, torna-se diferente.

Eu me via começando a pesquisa. E ali estava também eu a envelhecer?
 Novos acenos me mostrariam um outro de mim? Por que eu também me via estranho em mim mesmo?
 O que sei sobre ele, meu corpo que envelhece também?
 O que sei sobre os cuidados com ele, não atende às novas demandas de saberes de mim? Que sei do meu adoecer, dos riscos e possibilidade? Preciso de aprendizagens para lidar com diferenciações?

Eu estava implicado.
 (Jornal da Pesquisa)

Simone de Beauvoir (1990), quando traz o irrealizável sartreano, observado anteriormente, expõe que esse processo de modificação da vida não passa por mim, pela minha anuência, mas, ao contrário, se dá à minha revelia, como se tivesse uma sobredeterminação. Porém, ela nos mostra um matiz: esse corpo que falha, que causa dor, que me trai, irá, inexoravelmente, à morte. Como espiritualista, digo: Mas esse corpo não sou eu!

Veja que as modificações, tanto físicas como fisiológicas, advindas da duração existencial que afeta os órgãos dos sentidos, trazem, conseqüentemente, uma alteração da qualidade da relação do ser com o meio, do ser com outro ser e dele consigo mesmo. E com o que se poderia nomear como plano espiritual ou transcendente. Assim, as vinculações do ser com o outro ou com o meio irão se tornando esmaecidas, num processo que tende a se tornar uma desvinculação feita gradativamente. Se eu me constituo na vinculação com os outros, o corpo como um todo que envelhece, romperia a conectividade do ser e estar no mundo? Como um tecido cada vez mais roto, propenso a romper fibra a fibra, posso pensar numa predisposição orgânica ao desfazimento das vinculações físicas. Mas coincido com o físico que possuo provisoriamente? Estas rupturas paulatinas levam a um olhar mais amplo para o fenômeno da Velhice.

Isto me remete, inevitavelmente, ao quadro de Narciso de Caravaggio: que olhar me sustentaria nessa passagem?

Figura nº 2.6: Narciso de Caravaggio⁸



Conforme se vê na obra de Caravaggio, Narciso está à beira do lago debruçado sobre sua imagem, que está, na pintura, perfeitamente refletida. Imagem de tamanha igualdade nos remete à simetria das conchas. Sabendo, por meio da mitologia, que ele irá pular na água, ao realizar esse ato, imageticamente descreveria um arco de movimento em que objeto e reflexo se aproximariam, semelhante ao arco de movimento da concha que se fecha.

O mito afirma que ele se afoga, morre. Esse pensamento e reflexão pictográficos em torno da obra de Caravaggio são para trazer a noção de que o isolamento físico-fisiológico e social é um risco de fechar-se em si mesmo, levando, conseqüentemente, à morte psíquica e física.

⁸ <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Caravaggio>>. Acesso em: 15 jul. 2016, às 22h10min.

Beauvoir (1990, p: 661), ao tratar do sentido da existência, aponta para o trabalho em prol da coletividade e para a necessidade de manter “paixões fortes o bastante para evitar que façamos o retorno sobre nós mesmos”.

Retomando a estrangeiridade em Derrida (2003), ele esclarece que o estrangeiro deve pedir a hospitalidade em uma língua que “[...] não é a sua” (p:15), a qual não tem domínio, é uma outra língua que lhe é imposta por quem o acolhe. O autor avalia isto como um ato de violência.

Percebo que existe uma demonstração da força hierárquica de valores daquele que acolhe por se mostrar superior, e por isso se impõe ao estrangeiro. Há uma expressão popular que bem traduz essa questão: quem precisa que se estica, ou seja, o necessitado de ajuda deve se esforçar para merecer a condescendência. Neste sentido, torna-se imperativo o aprendizado da língua àquele que é acolhido.

No aprendizado de uma língua estrangeira existe, num primeiro momento, a correlação de palavras. Logo, nos é necessário recorrer várias vezes ao dicionário. Neste momento, há uma tradução literal até que, tendo acumulado um saber e nos enfronzado nesta cultura, possamos apreender o sentido da palavra, suas nuances, no contexto. Muito embora possamos vir a ter o domínio da língua, da fala e da escrita, continuaremos estrangeiro, pois não vivemos o que o nativo viveu, nem compartilhamos, desde sempre, as experiências dele. Poderemos, no entanto, tê-las de agora em diante. Assim, não nos tornaremos um igual, embora o aprendizado da língua seja parte de um processo de familiarização, a busca de tornar o estranho em algo familiar, portanto não ameaçador. A familiarização está apregoada por Derrida (2003).

Koltai (2000), por seu turno, propõe uma saída à grega. Os gregos não tinham o preconceito com relação aos estrangeiros como nós temos modernamente. A democracia deles era tolerante, chegando mesmo a encorajar a presença deles, inclusive dando-lhes direitos civis que eram prerrogativas exclusivas dos cidadãos. Assim, podiam inclusive participar da administração do Estado sem, contudo, ter direitos políticos.

Inspirado em Koltai (2000) e na saída pela política, e considerando a leniência e conseqüente negligência do estado na efetivação de políticas públicas, fixada em lei a 23 anos, é que penso neste trabalho. Um trabalho cujo propósito é político, cuja

estratégia é a educação como condutora da autonomia das velhas. Seria possível uma desestrangeirização de si para si? Seria possível uma familiaridade com o próprio estado de envelhecer? Uma filia que se volta à mudança?

Koltai (2000), citando Freud, afirma não haver novidade nem estrangeiridade, mas algo conhecido na vida psíquica que veio a ser estrangeiro devido ao recalçamento. Logo, é algo meu que se desloca, passando a ser visto como não meu, não familiar, um estranho, um estrangeiro. Esse jogo de espelho que me reflete não sou eu, é um diferente. Há um trabalho a ser feito no sentido de mexer na causa da ocultação. É importante e necessário para explicar o rechaço da diferença, da diversidade, neste caso, da velhice.

O trabalho da educação como um todo e, em particular, da educação gerontológica, assim como da assistência social, deveria ser o de desestrangeirizá-la. Ou seja, tornar o estrangeiro mais familiar para que não houvesse um estranhamento de tal ordem em que se promovesse a hostilidade, o banimento ou extermínio. Assim, parece-nos tornar-se imperativa a educação de caráter desestrangeirizadora, quer para os próprios velhos, quer para sociedade como um todo. Neste sentido, é preciso criar uma mentalidade predisposta à inclusão, e não só isso, mas também instituir mecanismos inclusivos, a exemplo dos gregos (KOLTAI, 2000). Nesta perspectiva, pensamos a educação de caráter desestrangeirizador como uma pedagogia da esperança. Segundo Cortella, em vídeo no youtube, esperança não é do verbo esperar, mas do verbo esperançar, é ir atrás, é não desistir. A busca pela inclusão deve ser uma constante. A seguir será mostrado o tópico que abordará a velhice na dimensão social.

3. VELHICE NO CONTEXTO SOCIAL: A ESTRANGEIRIDADE DOS OUTROS?

Segundo Wagner (1979), o homem é um ser no mundo a partir do seu corpo. Porém, esse mundo preexiste para qualquer pessoa e tem um modo de funcionamento, ou seja, *modus operandi*. Nesta condição, vivemos este modo como a correnteza de um rio pelo qual as pessoas são levadas, arrastadas; isso é vivido de modo contínuo de uma normalidade, de forma irreflexiva, em certo automatismo. É preciso que algo ocorra, e que nós percebamos o acontecido e que isso faça uma ruptura neste fluxo continuado de normalidade para que possamos fazer uma reflexão. O que faz a ruptura no fluxo da mesmice é o diferente, há aqui também um estranhamento. Ele não afirma isso com essas palavras, mas entendendo assim.

Considerando que o ser no mundo se dá a partir do seu corpo, e considerando que este se modifica física e socialmente ao longo do tempo, abre-se, então, a possibilidade de eu romper um fluxo do senso comum e, conseqüentemente, a expectativa para a questão do estranhamento e reflexão no que diz respeito a essa fase? Não necessariamente. Uma vez que essas modificações podem estar previstas na programação social, não ocorrerá ruptura do fluxo. Porém, culturalmente haerá uma tendência à negação da velhice, ou seja, a vivência no corpo pode ser acompanhada de uma inadequação.

Veja, em Elias (2001), uma visão acerca da velhice. A partir de uma experiência própria, ele começa a refletir acerca da dificuldade dos jovens se colocarem no lugar do velho. Nesta reflexão, há momentos em que a dificuldade se apresenta. A primeira, quando ele afirma que “a maioria das pessoas jovens não tem base de experiência própria para imaginar o que ocorre quando o tecido muscular endurece gradualmente, ficando às vezes flácido, quando as juntas enrijecem e a renovação das células se torna lenta” (ELIAS, 2001, p:80). Mais a frente, na mesma obra, quando aborda a empatia, assevera que “não é fácil imaginar que nosso corpo, tão cheio de frescor e muitas vezes de sensações agradáveis, possa ficar vagaroso, cansado e desajeitado” (ELIAS, 2001, p:80).

Na condição aqui posta, entendemos que existe um paradoxo. Salvo a morte ocorra antes, deve-se ter um processo de mudanças contínuas ao longo dos ciclos de vida, chegando à última fase nomeada de velhice. Embora isto seja o destino certo para a grande maioria, ver-se nesta condição futura parecer ser impossível, posto que ela se nos apresenta como abjeta. Como expressão dessa dificuldade, o chiste de mau gosto, tendo por tema a velhice, parece ser um mecanismo de defesa. Nas palavras do autor, “a crueldade que se expressa na zombaria dos velhos desvalidos” (ELIAS, 2001, p:82)

Embora Elias (2001) afirme que esta seja uma reflexão inicial, ele já sinaliza, conforme trechos acima, que essa projeção se encontra obliterada quando uma possível sensação de vir a ser velho, para os jovens, pode estar ausente. Como nos colocarmos num corpo que está falindo? Poderemos nos pôr numa zona de desconforto? Como ocuparmos o lugar do diferente? Do estrangeiro? Do desvalorizado? Só assim pode o autor asseverar que a velhice é percebida como desvio, algo doentio.

O pensamento de Elias (2001) se aproxima do pensamento de Mead (1970) ao tratar da transmissão cultural, trabalhada mais acima, quando esta percebe que cada geração está isolada uma da outra, ficando a comunicação entre gerações truncada. Diante da estrangeiridade, há um estranhamento, como foi posto anteriormente. Elias (2001) e Mead (1970) reforçam a ideia de ela ocorrer num mesmo agrupamento em função da idade e do pertencimento a vivências distintas. Tão distintas que não parecem ser da mesma coletividade, mas de fora, embora com semelhantes dificuldades de diálogo e entendimento mútuo. A ideia de estrangeiridade, que começa além das fronteiras, consegue ultrapassá-la e, chegando ao mesmo território, afeta comunidades distintas até chegar à comunidade familiar. Apesar de o aspecto geracional não se reportar à família em Mead (1970). Salvarezza (1988) afirma que estes momentos e modos distintos de transmissão do conhecimento podem estar presentes em nossa realidade de forma concomitante, o que elevaria o grau de complexidade e de dificuldade nas relações intergeracionais.

Retomamos Elias (2001) para reforçar esta ideia. Apesar de ser visto como fenômeno *comum*, a geração mais jovem, quando chega ao comando, passa a maltratar a geração mais velha. O aspecto geracional é citado diretamente pelo autor, diferentemente da estrangeiridade que está implícita. Queremos, nesse instante, aproximar a gerontologia do material trazido pelo autor. A chegada da geração mais

nova ao comando, no contexto familiar, é nomeada como inversão de papéis, assim, quem cuidou passa ser cuidado. É nesta condição que o tratar mal é chamado de ajuste de contas, os sentimentos, ou melhor, os ressentimentos, que eclodem e lhes é dado vazão. Tudo que foi percebido como indevido pode ser cobrado, sobretudo nas famílias muito fechadas em si mesmas. As relações familiares, muito pelo contrário, estão longe de serem pacíficas, vide Minayo (2005).

Família e conflito, duas faces da moeda

Idosa: Num é dificuldade de brigar, de bater não, mas com internet (...)

Idosa:... ontem eu fiquei decepcionada com meu filho porque, do jeito que ele falou, Evaldo, ele falou assim uma coisa de mim como se eu não fosse uma viúva honrada, Porque eu tenho essa mania de abraçar as pessoas, né? Chega abraço, cheiro... Ontem eu passei mal, minha pressão subiu, diabetes... “ah porque depois que o pai morreu, a senhora não pode ver fulano de tal alisando, fulano pra cá, fulano pra lá.” E eu disse rapaz, tu me respeita porque eu sou uma viúva de respeito ... Ele disse assim, mãe depois que o pai morreu eu não confio mais na senhora não. E isso me doeu ... eu não tenho nada com ninguém, eu venho pra cá para dançar, não tenho nada com ninguém, isso me magoou, porque ... fazendo das tripas coração para criar os dois, mesmo que o pai dele era uma pessoa boa, na comida, tudo, ele era uma pessoa boa.

Idosa: Mas um filho que me vê ali todo tempo, eu fiquei traumatizada.

(Narradoras Idosas)

Outro aspecto que me chamou a atenção no autor foi a intensidade com ele afirma ser comum o uso da agressão no modo de se tratar o idoso. Esse tratar mal resvala para a violência. Esta se instaura mediante a ausência de diálogo, cujas condições estruturais estão postas. Além disso, coloca que o estado não intervém no âmbito do privado onde o fato ocorre.

No Brasil, ao contrário, existe o Disque 100, um disque denúncia vinculado à pasta Nacional dos Direitos Humanos que repassa as denúncias para os estados e municípios averiguarem. O Sistema Único da Assistência Social conta com a Proteção Social Especial – PSE, que age nestes casos considerados como violação de direitos e vínculos familiares comprometidos.

Elias (2001) coloca que o controle das epidemias, por meio do conhecimento, teve papel fundamental para mudança dos sentimentos e comportamento humano ante a vida e a velhice. Vou além, não só o controle sobre as epidemias, mas

sobre os agravos à saúde como um todo. A partir daí, foram desenvolvidos recursos na prevenção, tratamento e reabilitação para controle das doenças e seus agravos, conseguindo, assim, adiar o morrer, que ocorre, portanto, tardiamente, na fase prolecta da vida. Tendo sido postergada, foi permitido um aumento de expectativa de vida. Contudo, o avanço tecnológico e científico no controle da vida encontra na morte uma barreira. Nesta organização, ela se torna uma desordem, logo, ameaçadora, daí o medo da morte.

Curioso que Messy (1993) apresenta três tipos de morte que correspondem aos elementos utilizados aqui a partir de Beauvoir (1990) para entender a velhice. São elas a morte social, que corresponde a vida produtiva para os homens e reprodutiva para as mulheres; a morte psíquica e a morte biológica ou física.

Esta ideia reforça o pensamento de Goldfarb (1998) quando, ao tratar do morrer, afirma que a velhice é vista como antessala da morte. A autora apresenta a situação como justaposta. Assim sendo, é pensar topograficamente como a sala que antecede a outra e, funcionalmente, como lugar de espera. Neste caso, as duas formas de pensar podem ser vistas conjuntamente. Estando cronologicamente na condição de velho e instaurada a morte social, perde-se o papel produtivo e reprodutivo, ocorrendo um lapso de tempo até a morte biológica, este é o tempo da velhice. Como não há uma programação social estabelecida para ele, nós temos esse tempo designado como tempo vazio de significância. Ante esta condição, aquele que a vivencia tem que inventar um sentido para existência, eis o que nomeamos de mal-estar na velhice.

Messy (1993) estreita mais ainda esta relação ao considerá-la como relação de parentesco. Com a saúde intervindo no espaço social e no corpo por meio de todo um arsenal de controle do adoecer e de combate à morte, torna a visão do morrer um descontrole, uma falha, sendo visualizada com extremo horror, que denominamos de tanatofobia. A morte é, sobretudo, a do ideal de homem potente, independente e autônomo. Somente a perda desse extremo valor, revelado como uma ilusão, pode explicar a pujança da segregação da velhice na modernidade, a chamada gerontofobia, a qual consideramos irmãs siamesas da tanatofobia.

Birman (1995) aponta outra visão acerca do tema. Ele trata a questão do envelhecimento sob a ótica do corpo. Esclarece que, a partir do século XIX, o corpo recebe a atenção do Estado, sendo tomado como um bem de interesse público,

justificando, assim, a intervenção no espaço urbano e social para preservá-lo. O autor afirma ainda que este conteúdo é manifesto de um discurso, porém, o que estava subjacente era o quadro sociopolítico e administrativo do corpo: é produtivo e reprodutivo. Ele estava sendo avaliado segundo sua participação no sistema produtivo.

O padrão ideal, o desejável, é o corpo jovem ativo, produtivo e reprodutivo, do qual o idoso fica de fora, uma vez que não mais reproduz nem produz riqueza para a sociedade. Definida a fronteira do ideal, o velho, em oposição a estes valores, é posto à margem. A partir desta exclusão, podemos pensar nele como estrangeiro, muito embora ele contribua socialmente na vida da família. Há um trabalho de desvelamento a ser feito.

Este fato trazido por Birman (1995) coloca mais luzes ao que foi exposto por Elias (2001), quando ele fala a respeito da dificuldade de relacionamento entre a população mais jovem e os velhos, mesmo destacando a intervenção da saúde. Em ambos os casos, o diferente, o estrangeiro está posto.

Elias (2001) apresenta que há certas atitudes dos velhos que podem ser entendidas como evitamentos pelo temor à perda da força, da independência e do controle sobre si. Para Elias (2001), isto é uma preocupação, um temor, evitar ser colocado num lugar destituído de valor social, na condição marginal.

Para Goldfarb (1998), certas perdas, como beleza física condizente com o padrão, saúde plena, trabalho, colegas e amigos de muitos anos, família, bem-estar econômico e, principalmente, a percepção do futuro como largo, tudo remete a finitude (p:29), finalizando “com a fantasia de imutabilidade e imortalidade” (GOLDFARB, 1998, p:30). Deste leque, a saúde faz interface com todos os elementos sinalizados por Elias (2001), já citados anteriormente.

Segundo Birman (1995), os velhos já estão socialmente apartados, marginalizados. Já Elias (2001) traz a relação do sujeito consigo mesmo como a última fronteira, mas que não é vivida pacificamente. Neste confronto entre o “eu” ideal e o corpo que caminha para inorganicidade, o ego apresenta-se como a manifestação da feiúra, não se reconhecendo: “esse não sou eu” (GOLDFARB, 1998, p:55). Assim, o sentimento de finitude que se instala poria fim no sentimento de onipotência.

Esta condição remete à fase primeira vivida na infância, é a fase fusional com a mãe, antes do “este sou eu”. Há percepção de risco da desintegração do eu retornando ao estado fusional. Porém, isto não é um retorno. Eu até posso zerar o hodômetro⁹ do meu carro, mas não posso zerar meu tempo vivido.

Para finalizar esta seção, retornamos a Elias (2001) quando afirma que o poder e o status das pessoas mudam cedo ou tarde, em qualquer idade acima dos sessenta, ou seja, no momento em que a velhice se instaura. Ele assevera ainda que o entendimento da velhice passa pela compreensão do processo de mudança. Diferentemente, Messy (1993) declara que a entrada na velhice é circunstancial; ele a define como: perda do equilíbrio entre perda e ganhos. Conseqüentemente, a velhice é decorrente de qualquer perda, no entanto, pode até deixar de existir. Em se tratado de humano, a generalização é um risco grande, entendo que ambos estão certos. Em Messy (1993), a velhice pode não advir, mas o mais usual é que aconteça.

A questão é quando se instaura a velhice? Isto é variável assim como sua duração. Tomo por exemplo a demência, que pode ocorrer cedo ou tardiamente, o seu tempo de duração dependerá, em parte, da qualidade da assistência, mas a velhice estará instalada, assim como outros quadros orgânicos limitantes. Messy (1993) vai mais além, pois acredita que haverá alguma perda de qualquer ordem. Eu o complemento citando situações de perdas, considerando que sejam do ser humano, de condição física e/ou funcional, de objetos materiais ou de situações vivenciais, que podem precipitar a instalação da velhice.

Messy (1993) traz um alumbramento. Ele apresenta uma vivência do Freud para esclarecer seu pensamento. Em seu texto, Messy (1993) apresenta um Freud aos 53 anos e disposto, mas que se sentia proscrito na Europa. No entanto, em viagem aos EUA, sentiu-se ‘acolhido pelos melhores como um igual’(p:21), o que Messy (1993) chamou de banho narcísico. Porém, mais a frente, na mesma página, ele assevera que a posição social dada ao velho, sem que haja um investimento narcísico, trará uma precipitação na velhice. Em outras palavras, é no confronto dos recursos internos e externos que a velhice encontra ambiência favorável ou não para se instalar.

⁹ Medidor de quilometragem do carro.

Neste capítulo, sendo sabedor de que os velhos eram os sujeitos desta pesquisa participante em educação, busquei responder quais eram as singularidades do ser velho. Dessa forma, busquei identificar as suas peculiaridades para que estas fossem observadas no processo educativo da pesquisa. Abriu-se para nós, como resposta, um campo da multidisciplinaridade. Encontrei e escolhi adotar a preconizada por Beauvoir (1990), que toma as áreas da física, da psicologia e da social. Estes elementos, como ela própria advertiu, estão imbricados e interligados. Porém, aqui, se revelou como pano de fundo a estranheira, como que fazendo a urdidura ao buscar a compreensão do tema, principalmente quando abre um contraponto à procura da familiaridade.

Considerado o que já foi sinalizado acerca da velhice e das alterações físicas-funcionais, psicológica e sociais, ressaltamos que, dentre as modificações, algumas poderão ocorrer como perda, sendo estas em caráter definitivo para quaisquer elementos citados. Ante a perda, como bem sinalizou Freud (2010), existem duas possibilidades de reação: luto e melancolia. O luto seria uma reação tida como normal ante uma perda, porém a perda aqui tem um sentido lato (Idem, p:173). Ressalto que qualquer objeto material, capacidade física-funcional, condição social e afetiva investida de energia psíquica, pode ser perdido em decorrência do luto ou da melancolia.

A diferenciação entre luto e melancolia é que, nesta última, a autoestima está afetada, apresentando-se diminuída, e há também expressões de recriminação de si e até mesmo de ofensa e expectativa autopunitiva. Já no luto, o que foi perdido é consciente, há sofrimento e dor, mas, ao final, a energia psíquica, a libido, que os vinculava, por ser retirada do que foi perdido retornando ao sujeito para ser reaplicada em outros objetos e situações.

No caso da melancolia, a energia fica presa ao que foi perdido, está inconsciente, pois não sabe o de si estava vinculado ao que de foi, “ele sabem quem, mas não sabe o que perdeu nesse alguém” (FREUD, 2010, p:175). Desta forma, o luto fica não elaborado. Este quadro psíquico de uma pequenez de si pode vir acompanhado de outros elementos, como insônia, desejo de não se alimentar e uma falta de elã pela vida. O autor aponta como comportamento do melancólico uma contínua autoexposição de forma regozijadora. Com a perda do objeto, o melancólico perdeu o amor próprio (FREUD, 2010). O autor, mais a frente, traz, em sua obra, a remissão do quadro

melancólico, que se dá pela perda do valor do objeto ou quando cessada a raiva (FREUD, 2010, p:193).

Goldfarb (2016) traz, ao citar Freud (1929) em o *Mal-estar na Cultura*, a questão da finitude ante a qual “não pode renunciar a dor e a angústia” (GOLDFARB, 2016, p:1336). Para fazer frente a esta situação, a autora apresenta alguns argumentos, com alusão a Freud (1929), em que, para este, só existe saída via sublimação, a saber: a religião, projetos científicos, satisfação com a arte, sublimação em geral ou ainda substâncias embriagadoras e desensibilizadoras, o amor e trabalho. Isto se constituiria proteção ao “desamparo” e substituição do “medo” (GOLDFARB, 2016, p:1336).

Esta função protetiva cabe, em parte, a sociedade na distribuição de papéis e funções. Goldfarb (2016), citando Freud, considera que isto não é um estado patológico, mas, sim, constitutivo dos sujeitos. Ante ao que foi argumentado, é pertinente nossa indagação: o que tem sido ofertado socialmente a este segmento? E mais, são objetos suficientemente bons para obliterarem estas faltas, quer permanente ou temporariamente?

Goldfarb (2016) reforça a ideia ao afirmar que “Sustentamos a existência de um fundo depressivo no envelhecimento que tem haver com a realidade, mas pode não se constituir uma depressão [...] se os diversos fatores não comparecem com suficiente força e quantidade para constituírem o quadro” (Idem, p:1336). Destaca que a percepção do tempo está alterada – o tempo que resta pode ser bom, porém pouco – e também para uma possível elaboração de um luto.

A autora, ao tratar da velhice no âmbito sociocultural, reconhece o crescimento demográfico, neste aspecto, e percebe que os velhos são apenas uma cifra, um percentual ainda que significativo. Goldfarb (2016) assegura, no entanto, que o lugar sociocultural do velho é praticamente inexistente. É mais categórico situá-lo nas bordas da sociedade.

O que a autora apresenta é a condição marginal em que o velho é colocado. É justamente esta posição, que foi vista, quando discutimos a estrangeiridade. Assim estrangeiro não seria apenas o que vem de fora, mas todo aquele que ocupa um lugar periférico no contexto social. É bem verdade que esse estranho não o é de todo, e justamente por esta razão que é rechaçado.

Nesta condição sociocultural, segundo a autora, o modo possível de subjetivar é ancorado na passividade, na pobreza de trocas simbólicas e na renúncia do papel de agente social e de todo poder sobre si mesmo. A política de exclusão, legitimada sociocultural, leva-o a praticar uma autoexclusão, a qual o faria optar por não buscar a inclusão para evitar conflitos.

A marginalidade sociocultural é construída pela perda produtiva das funções, via trabalho e produção de bens de consumo, e pela perda da capacidade reprodutiva de gerar novos trabalhadores para a mesma sociedade. O sentido utilitarista está voltado para os valores socioeconômicos da sociedade capitalista. Aquilo que for feito que não esteja em consonância com a produção de bens e reprodutiva, estaria destituído de valor. Entre os que estão fora de valor, Goldfarb (2016) destaca as produções culturais, artísticas e intelectuais. Eu acrescentaria ainda o papel de retaguarda de cuidado com os membros familiares, doentes ou não, e de suporte financeiro em situação de apuros, entre outros.

Neste capítulo, ao buscar responder sobre os sujeitos desta pesquisa, abriu-se como resposta a multidisciplinaridade preconizada por Beauvoir (1990), o que faz da gerontologia um campo *per se* multidisciplinar. Estes elementos estão imbricados e interligados, como advertiu ela.

No aspecto psicossocial, a estrangeiridade aparece como grande pano de fundo. Na busca da compreensão do tema e da lida com o estrangeirismo, abre-se o contraponto – familiaridade e imperativo à sua procura – para quem trabalha com os excluídos socialmente, como os velhos, por exemplo. Foi visto que a condição sociocultural influencia na subjetividade dos velhos. Tomando a condição dos velhos delineada neste capítulo, proponho a educação gerontológica para eles tendo em conta a autonomia, que não deixa de ser um projeto também político, social e subjetivo.

A gerontologia, na sua multidisciplinaridade, traz papel relevante para a educação, seja a educação do idoso em si, da sociedade em geral, ou mesmo da formação dos trabalhadores. Esta situação é reiterada na assistência social. Seja em que nível for esta educação, a assistência social deverá mostrar a construção social e cultural desta estrangeiridade. Sendo este construto, portanto artificial, cabendo tanto a assistência social quanto a educação apontar para os nexos ou convergências entre estrangeiros e não estrangeiro.

No caso da velhice, este estrangeiro está duplamente em cada um: tanto no inconsciente como no corpo que caminha para o inorgânico. Ao buscar conhecer a singularidade deste aluno, apareceu o corpo que se modifica interferindo nas relações consigo e com os demais, além da condição psicossocial de estrangeiro para si e para os demais. Tudo isto deverá ser observado pelo educador/trabalhador social como obstáculo ao processo de educação/inclusão social e, ao mesmo tempo, como elemento do processo.

3.1 O destino final do corpo

Então Vale a Pena¹⁰

Gilberto Gil

Se a morte faz parte da vida
 E se vale a pena viver
 Então morrer vale a pena
 Se a gente teve o tempo para crescer
 Crescer para viver de fato
 O ato de amar e sofrer
 Se a gente teve esse tempo
 Então vale a pena morrer
 [...] Não tema a sua sorte
 Abraça a sua morte
 Como a uma linda ninfa nua.

Quando trabalhamos neste texto a questão da civilização de Freud (1930), consideramos como realizações as produções materiais e o conhecimento, sobretudo aqueles ligados à preservação da vida. Do abrigo às intempéries, do mundo rural ao espaço urbano, do universo ancestral ao arsenal tecnológico, o mundo modificou os contextos do envelhecer humano. Uma consequência direta destas realizações é o aumento da expectativa de vida, ou seja, o aumento médio dos anos de sobrevida e as visões de morte.

Quanto, a partir do Freud (1930), podemos pensar nos ganhos advindos dessas realizações na civilização. Já em Elias (2001), encontramos o avesso, os aspectos

¹⁰ <<https://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/entao-vale-a-pena.html>>. Acesso em: 1º nov. 17, às 14h20min.

negativos destas realizações. Para este autor, tanto a velhice quanto os moribundos estão banidos do contexto social nas sociedades urbanas e industriais. Porém, para nós, há uma ambivalência exposta nas observações participantes e nos textos que reverberavam o dito abaixo:

Um jardim a florir

Idosa: Foi bom envelhecer e ter tanta gente como tronco que se abre para a vida.

(Narradora Idosa)

O envelhecer, na condição humana, tanto é fruto como tronco.

Quanto mais se pensa e procura controlar os agravos à saúde, evitando, assim, a morte, tanto mais esses episódios tendem a ser vistos como estando fora do controle, ao contrário da experiência humana que possui sua singularidade. Como disse a narradora idosa: “Envelhecer é como qualquer coisa na vida. Tem seu bom e seu amargo.” No entanto, prepara uma mudança no ser que advém com a morte.

O universo biológico parece deixar, em suspenso, a ideia de que morte é uma desordem insuportável no mundo civilizado dominada pelo saber técnico-científico que idealiza sua supressão. Carneiro (2000), ao tratar do tema morte, assegura-nos que, quando pensamos ter a certeza, iremos nos deparar com a dúvida, ou seja, quando pensamos ter suprimido a morte, novas formas de morrer, novas epidemias e adoecimentos nos fazem confrontar com nossos próprios limites.

Ontem sim, hoje não mais

Idosa: Antes a pessoa caducava. Parecia que a morte era uma coisa que vinha mais serena. Mais dentro do costume da gente, do jeito do povo viver. E as pessoas parece que até esperavam a sua hora, com bondade. Como um fruto que se desprende por estar maduro.

Agora, morrer é uma coisa que não se quer nem falar.

Acho que a gente se esqueceu que a gente não controla tudo no nosso corpo, nem no mundo.

Tem uma coisa sobre a morte que derrapa...

(Narradora idosa.) (Grifo nosso.)

Esse rechaço à morte pode ser percebido em expressões utilizadas pelos profissionais de saúde em suas práticas, principalmente no hospital. Expressões substitutas da palavra morte, tais como: o paciente não resistiu, o paciente veio a óbito, perdemos o paciente, nos dão a ideia da supressão desta do vocabulário dos profissionais. Aventamos que tal fato se dá em função do sentimento de fracasso diante do trabalho dos profissionais de saúde de valorizar a vida e restabelecer a saúde. Mas não haveria também uma pretensa onipotência perante os aspectos da vida que a religião permeava de sabedoria?

A morte seria o limite da nossa capacidade interventiva e de nosso saber-poder, era o que se ouvia nos consultórios médicos e nas antessalas de profissionais de saúde. As idosas, diferentemente, afirmavam sobre o que parecia fatal: “Só Deus na causa.” E logo após: “Deus é que sabe mais que a gente.” Havia algo da natureza do espiritual nesse alongar das frases reportando-se a alguma instância que não nos cabia controlar?

O imponderável

Idosa: Tem uma coisa sobre a morte que derrapa...

(Narradora idosa.)

Elias (2001) afirmava que nem sempre foi assim, esclarecendo que, nas sociedades pré-industriais vinculadas a uma economia agrária em ambiente rural, a própria família se ocupava dos velhos e dos seus moribundos. E o ato de morrer tornava-se mais *público*, algo que, por ser da instância do espiritual, se devia viver como patrimônio de todos. Uma idosa dizia: “Não sei por que a gente não fala de morte. É que a gente não quer falar de Deus? Não quer admitir que não sabe tudo sobre a vida?”

Existia, sim, certo número de falas sobre a onipotência dos saberes em saúde (criticava-se isso). E havia uma remessa ao lado espiritual da vida. E eu anotava.

Nos álbuns de fotografia de minha avó eu vira sempre fotos de defuntos, de velórios, de pessoas com aqueles santinhos que traziam a foto do ente morto. E eu fui ver isso quando procurei suas coisas para dar conta da saudade, para lembrar mais do que se esquecer dela.

Eu me percebia lembrando-me de minha avó e sua morte. Pela primeira vez eu estivera ante o incontrolável. Diante do inexorável.

Mas eu pensei: Há um saber-poder que devo simbolizar. E sair da pseudo-onipotência que nos faz eliminar Deus e a instância do religioso na vida.

Eu via também que os profissionais se quedavam ante seu saber incompleto e não ante a pergunta pelo divino.

(Jornal da pesquisa)

Pensar em velhice, saúde e morte traziam implicações que nos levavam também a questões concretas, pois elas influenciam e condicionam o pensamento mutante da produção social da velhice. Logo, era necessário reportar-se às questões demográficas e epidemiológicas, já que se estava falando em um lugar que enunciava serviços públicos em saúde, como era o Centro Comunitário São Francisco, uma unidade de serviço social.

Era sabido que existia uma transição de uma condição de país jovem para a condição de país que possui seus velhos. Esta mudança é denominada de mudança do perfil demográfico, cujas repercussões refletem nas políticas públicas, entre elas, na área de saúde. As implicações na saúde estão relacionadas ao tipo de adoecimento e morte, ou seja, delineiam um perfil epidemiológico.

Quando a mudança ocorre, de maneira clássica, diz-se, por exemplo, que se saiu de um padrão de doenças infecciosas e parasitária para o padrão crônico degenerativo. No caso do Brasil, essa passagem ou mudança do perfil epidemiológico não foi automática. O país “combina elevadas taxas de morbidade e mortalidade por doenças crônico-degenerativas com altas incidências de doenças infecciosas e parasitárias, e a prolongada persistência de níveis diferenciados de transição entre grupos sociais distintos.” (DUARTE; BARRETO, 2012, p:529).

A situação se apresenta mais complexa, exigindo melhor planejamento da política de saúde, já que se adocece e se morre por uma multiplicidade de fatores. No entanto, há concretudes e sinuosidades nessas modificações coletivas que enunciam padrões de saúde e mortalidade.

Anteriormente, neste capítulo, esclarecemos que há duas formas de envelhecer: a senectude ou a senescência. Em ambos os casos, somos remetidos a Freud (1930), para quem haveria um instinto contrário à vida, que buscaria a dissolução do

corpo, levando ao estado original de inorganicidade. Esta força de Thanatos (morte) parece estar interferindo na nossa relação com o mundo, segundo o pensamento freudiano, e também na relação dos velhos com mundo.

Havendo uma diminuição da inserção social no mundo público do trabalho, existem diferenças tanto na forma de se ver como na maneira de funcionar socialmente. Melhor dizendo, as idosas atuavam no mundo privado prestando, em geral, serviços de cuidado a sujeitos com deficiências físicas e mentais, às crianças e outros velhos, como já observado e referido nesta pesquisa. Além disso, prestavam ainda apoio financeiro, já que possuíam aposentadoria, e isso era sustento para uma família pobre.

Eu via, contudo, um obstáculo na conectividade das idosas com outros sujeitos sociais e com o meio – por que isso se daria? Na verdade, não partia delas a visão redutora da velhice. Se o sustento da família possuía sua significativa ajuda (63% no Ceará), por que vê-las como inoperante?

E quando fazem serviços preciosos, como cuidar ou criar filhos de filhas e netas sem marido ou que vão trabalhar; ficar com pessoas especiais na família, com deficiência mental ou físicas, em mesmo, conviver e cuidar de outros velhos...? Por que se lhes julgava incapaz?

Eu ouvia e via, nesta pesquisa, como era significativo o número de idosas que se reportavam a outros que assumiam inúmeras tarefas familiares. E também a guarda dos filhos e netos quando os pais eram detidos.

Por que as representações sobre elas, as idosas, não modificavam-se logo, já que não eram fiéis ao que se tinha como acontecimento social?

(Jornal da Pesquisa)

As representações sobre a velhice feminina eram agravadas pelas falhas no funcionamento corporal, como esquecimento, incoordenação, dor, marcha lenta, andar cambiante, etc.; ou eram arranjos antigos e devedores de um industrialismo ou de um trabalho “de carteira assinada”, como diziam, em que não eram mais o personagem principal.

A lida continua

Idosa: Eu cuido de um filho cadeirante. Eu estou aqui, mas a cabeça está lá, pensando nele.

Outro dia, eu estava aqui e recebi um telefonema do meu filho, desse filho, dizendo que ele tinha caído da cadeira. E me chamando.

Eu liguei para o meu cunhado e pedi para ir lá em casa. Mas por aí você vê eu o negócio é comigo.

(Narradora idosa.)

Ora, eu via que os velhos eram remetidos a essa diminuição de seu vigor físico. E mesmo que o conhecimento técnico-científico da civilização pudesse criar artefatos que trouxessem a superação de limitações, não havia o acesso dos velhos pobres a esses tipos de objetos e utensílios (artefatos), e muito menos assistência de saúde ou amparo social. Assim vivem o desamparo. Mas se houvesse o cesso, na mesma proporção em que existiam os limites físicos, aumentar-lhe-ia a capacidade de lidar com dificuldades. Assim não se absteriam dos trabalhos sociais, em especial na família.

Segundo Silva (2012), o que caracteriza a subjetividade dos velhos é o sofrimento psíquico diante da morte. Só que, desta feita, a morte surge como certeza e não mais como possibilidade. O enfrentamento a esta situação depende dos recursos internos, psíquicos; e dos externos, sociais. A autora garante o potencial transformador aí embutido desde que haja “espaços e condições para elaboração da morte” (SILVA, 2012, p:25). O trabalho da autora, aqui citado, foi uma pesquisa-ação criando espaços de reflexão acerca da vivência da velhice. Ela ainda afirma ser imprescindível “continuar se sentindo vinculado ao mundo e aos outros, sendo fonte e objeto de amor” (SILVA, 2012, p:25).

Esses dois aspectos citados constituem uma realidade de todo ser humano, independente da idade. Entretanto, é possível que se revelem de forma mais acentuada nesta fase, pelo menos em alguns grupos culturais, por tratar-se de um momento de desprestígio (em parte). A autora trata desse aspecto psicológico a partir da relação dos velhos com a morte, e atesta a capacidade que os velhos têm para lidar com esta situação. No entanto, ela toma como resposta não o potencial individual, mas a capacidade responsiva da sociedade, no seu quadro sociocultural e histórico, de ofertar visibilidade social da velhice.

E continua-se a dizer: “os idosos e idosas *foram* úteis, *foram* produtivos e *foram* reprodutivos” – eu ouvia preofissionais dizerem na unidade. Tiveram seu apogeu e vivem o ocaso. *Foram?* – eu perguntava.

O que minha pesquisa me dava agora era uma certeza: havia um descompasso entre as representações sobre idosos e o que de fato eles

viviam, no que se refere a seu trabalho (visto de variadas formas, como estamos a dizer) ou sua inércia ou apatia.

(Jornal da Pesquisa)

Nesse sentido, há um descompasso entre o que vivem os idosos e o que se pensa deles.

Silva (2012), tratando do tema luto, diz haver um luto possível de ser vivido e um luto permitido socioculturalmente. Os velhos poderão não ter a acolhida de seus lutos por não se enquadrarem ao repertório sociocultural estabelecido.

O luto é observado nos diálogos, pelo que as idosas me contavam, ao falar do ontem e do hoje, que: “antes, havia mais demonstração da dor e via-se a morte de perto; os velórios eram em casa e não em agências funerárias”. Agora, eu pensava: era aquela impessoalidade que se queria evidenciar. “Não se pode externar o pesar que se sente”, dizia outra. “Agora a gente tem de ter uma morte calada, uma morte onde não se fala no morrer. Por medo de quê?” – ela se perguntava.

Mais uma vez a tensão entre subjetividade e cultura. A resposta a esta situação, segundo Silva (2012), estaria na relação entre o luto e a educação, que proporcionaria espaço para as falas.

Quando minha avó morrera eu quis mostrar meu pesar, mostrar suas fotos bonitas, mostrar seus feitos, falar de sua vida, de seus casamentos, de seus filhos e netos, e era repreendido. Ela era uma morta? Para mim, não.

Estava-se a realizar uma morte social depois da morte, agora, na modernidade?

As falas pessoais e sociais deveriam ter seu espaço de elaboração, eu acrescentava. Daí que seria valoroso pensarmos em uma educação para a morte, que seria para a vida que continua. E isto exigiria aprendizado: primeiro, nas relações familiares; e depois, nas sociais, que eram mais abrangentes; nos outros grupos de inserção que temos...

(Jornal da Pesquisa)

Eu poderia propor uma educação que envolvesse o tema morte e que fizesse a abertura para a conversação sobre o próprio tema e seus correlatos, “as perdas, as situações-limite da vida, o luto e o sofrimento” (SILVA, 2012, p:37). A autora

considera que essa educação poderia ser ampliada, chegando a envolver o “processo de envelhecimento humano, criando uma *educação para o envelhecimento*” (SILVA, 2012, p:38). Eu proporia uma Educação para a Morte-Vida, que abordasse as percepções da morte como experiência de vida.

Segundo Silva (2007), a educação dos velhos é entendida como gerontológica, mas deve ser multidisciplinar, com vistas a responder às várias dimensões vividas por eles, tais como qualidade de vida, seu direitos, papéis sociais, paixões e sentimentos, e conhecimento acerca de si. A autora aponta para a necessidade de os velhos serem ouvidos e acolhidos, além de assinalar que a mudança do padrão interacional velhos e sociedade passa pela comunicação, pela relação interpessoal e pela participação em grupos diferenciados.

Destacamos que a acolhida está presente nos trabalhos educativos de Boff (2015) e Freire (2011). A atitude de quem trabalha com os velhos deve ser de acolhida, seja qual for a natureza do serviço, quer terapêutico, educacional ou de assistência social. Esta postura, nós procuramos ter na pesquisa no momento da intervenção educativa.

Silva (2007) finaliza suas considerações afirmando que a modalidade de atendimento, grupo de reflexão, é um elemento importante para a rede de apoio psicossocial. A autora destacou a escuta como parte fundamental do trabalho, porque esta permite que haja a fala e, com ela, a circulação do desejo. Além disso, o grupo permite o sentimento de pertença, a circulação de informação e aprendizagem.

A minha intervenção educativa com o grupo de velhas integrantes da pesquisa agora encontrava um momento culminante. Primeiro, discutia-se a morte como vizinha da velhice.

Morte, vizinha indesejada?

P. - A velhice é a última fase da vida...? O que é que vem depois?

Idosa: - A morte?

P. - A morte, então, é o fim?

Idosa: - Desta vida.

P.: - Então, a velhice é vizinha da morte física?

Idosa: - A velhice é a antessala da morte física?

(Narradora Idosa)

Sabe-se que a morte possui representações que a situam como *um destino inexorável*. Apresentamos anteriormente a ideia freudiana de o corpo desejar ser inorgânico, na inexorabilidade da morte. E como a modernidade vê a morte: calando os sentimentos e deixando que ela se cumpra no campo da lógica de mercado – com as funerárias encenando o fim desta vida física.

Observei que, pela pesquisa que estava a fazer, havia a necessidade de se elaborar a morte e seu campo semântico coadjuvante, como espiritualidade, limites e possibilidades. Pude ver também que as representações sobre morte dos cientistas sociais não são as dos sujeitos comuns, da pesquisa, pois estes (idosas) pensam a morte como física, e não como fim de tudo.

Foi visto antes que as representações sociais sobre idosas as diminuía socialmente, apesar de existir ambivalências nesse sentido e apesar de as idosas contarem que tinham certa liberdade agora. E isso não coincidia com o modo como se via os idosos e sua prática social.

O passo seguinte foi aliviando essa carga negativa que o tema trazia – da minha parte ou delas?

Primeiramente, tentei escutar a vivência da morte, da perda e do luto, e de como estes fatos aconteciam ao longo da vida, como experiência humana, *e por que se desejava falar nela*. Em seguida, vi que, quando se introduzia o pensamento da perda, se falava *em ter ganhos* e aprendizagens. A este bloco de diálogos da intervenção nomeamos de *relativização da morte*, como se segue.

Relativizando a morte; entre perdas e ganhos

P (partindo de um fato que se comentava): - Quem na sua juventude teve uma paixão assim alucinante? Daquelas que não acaba?

Idosa: - Eu tive.

P.: - Quando acabou esse namoro, o que é que aconteceu?

Idosa: - Chorar e ficar triste.

P.: - Então, essa era uma situação de perda?

Idosa: - Sim.

P.: - Você perdeu o namorado. É uma situação de perda.

Idoso: - Como de morte.

P.: - Por quê? Porque morreu o sonho de efetivar o namoro?

P.: - O que eu quero passar pra vocês é que essa ideia de morte ela não tá só ligada ao corpo, ela tá ligada à paixão, ela tá ligada à saúde. (...)

Estamos nós aqui aí a gente tem uma AVC, fico lá todo paralisado, aí eu não consigo mais vir no grupo... Isso é uma situação de morte, porque morreu o quê?

Idoso: - A minha saúde.

P.: - Então, morte pra nós aqui é...

Idosa: - **Quando o mundo desaba.** Quando a gente perde pessoa, a gente pensa que nunca mais vai ser feliz.

P.: - Eu vou botar aqui porque eu gostei do mundo desaba... Então, essa sensação de que o mundo desaba é que a gente tem nessa questão da perda.

O mundo se acaba e a gente vai junto. ... Agora, toda perda traz algum ganho, o que é que eu ganhei com essas perdas?

Idosa: - Aumentou minha fé em Deus.

Idosa: - Aumentou a minha liberdade.

(Narradora Idosa)

(grifo nosso)

Vê-se aqui que a ideia de perda não é semelhante à de morte. Só em termos do peso: “o mundo parece desabar” na morte de pessoa querida, como na perda. No entanto, a ideia de perda por paixão possui uma negatividade que a morte física não tem: na morte se “aumenta a fé em Deus” e “a liberdade”.

Destacamos que este último elemento é aquele que buscávamos para desenvolver dentro da área da Assistência Social: ouvir o idoso e suas próprias elaborações.

O que havia no campo sobre educação para idosos eram só palestras. Eu estava me sentindo perfazendo um caminho novo, mas eu não poderia abandonar de todo muitas intervenções de minha parte. Até para animá-las, as idosas, a falarem, já que esta não era uma prática comum na assistência a idosos. Desde aí, eu ia concluindo

a necessidade de uma ação educativa mais sistematizada para idosos e que comportasse elaborações de suas experiências vitais, inclusive sobre perda, morte e limites.

3.2 O relacionamento social como mal-estar civilizatório?

Ainda no que tange ao mal-estar na civilização, Freud apresenta os relacionamentos com os outros enquanto pulsão de vida. Neste capítulo, veremos o relacionamento dos velhos com os membros de sua família e os relacionamentos sexuais a que se reportam.

Os velhos, enquanto membros e sujeitos da política pública realizada pelo estado – a Assistência Social – serão vistos. No entanto, seria oportuno esclarecer que a pesquisa-ação foi realizada no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos no âmbito desta política, o que significava, para mim, abordar suas falas sobre a vida como um todo.

3.3 Os velhos: estrangeiros em sua sexualidade?

O Gosto do Amor
Gal Costa
Compositor: Gonzaguinha

Curiosa pra danar
Fui chegando no forró
Só vi gente empareada
Parecendo até um nó
Todo mundo coladinho
No escuro do salão
No picado miudinho
Sem querer sair mais não
Das meninas ai e ui
Dos rapazes ui e ai
E das veia diga Deus
Porque que eu já não posso mais
Xote, rock, foxtrote
Um beijinho no cangote
Tome xote, muito xote
Tô querendo é provar

Mãe falou pra eu ter cuidado
 Pai falou é tentação
 Mãe falou não vá na dança
 Pai falou é perdição
 Mãe falou isso é pecado
 Pai falou faça isso não
 Mãe falou ruim pra diabo
 Pai falou até que é bão
 Mãe gritou isso vicia e esse vício só traz dor
 Pai falou de dor se chega ao céu,
 é o gosto do amor

Ai, mãe, que vontade de gritar
 Ai, mãe, que vontade de dançar
 Agarradinha nesse nego eu vou me embora
 Ainda tô na dor e tô querendo me acabar
 Imagina quando eu chegar no céu
 Aí mesmo é que eu vou gostar

A música traz uma visão que mostra os conflitos de olhares para a sexualidade. Reifica, também, uma visão estereotipada acerca da sexualidade dos velhos (DE ALENCAR; MARQUES; LEAL; VIEIRA, 2014). Embora a sexualidade seja compreendida como uma produção biopsicossocial e cultural, torna-se uma conjunção de fatores que se articulam entre si (HUMBOLDT; LEAL; MONTEIRO, 2016).

Fatores socioculturais que dificultam a vivência da sexualidade (ARAÚJO, 2010):

- 1) a não aceitação de que há vida sexual na velhice;
- 2) o estereótipo de velhice como sinônimo de doença ou incapacitação;
- 3) o corpo físico não mais atraente;
- 4) o enrijecimento, esquecimento, aborrecimento e incapacitação de aprender o novo.

A autora apresenta ainda o aspecto psicológico: a ansiedade quanto ao desempenho sexual; o temor pode inibir a vida sexual dos idosos. Outro fator é o local de habitação, a coabitação com filhos ou o viver em instituições onde a vivência da sexualidade pode ser inibida (ARAÚJO, 2010).

A impossibilidade de viver a sexualidade devido às visões negativas promove o isolamento social, o rebaixamento da autoestima, o constrangimento, a culpa pelo desejo, e também leva a uma perda da qualidade de vida dos velhos (VIEIRA, 2004).

Dentre as idosas mais antigas no Centro Comunitário São Francisco, reencontrei uma das idosas mais antigas do grupo. Eu a conhecia quando fiquei volante entre vários CC, inclusive o pesquisado.

A idosa ficava à direita no salão, junto a outras contemporâneas. Sempre que me aproximava, apresentava sua queixa da dificuldade de comer, contava sobre as quedas que tinha levado, da instabilidade na marcha, que fora comprovada por uma pesquisa de uma educadora física, realizada na unidade...

E também me pedia para verificar a pressão: isso deve ter ocorridos umas vinte vezes. Ela morava com uma filha que vinha trazê-la e pegá-la. Um semblante sem elã, com um histórico de quedas e dificuldade de comer.

Ante este quadro, e pelo olhar que lançava à dança, considerava a existência de um corpo que gritava, pedindo para ser tocado, para ser confirmado.

(Jornal da Pesquisa)

Salvarezza (2011), ao abordar a sexualidade, traz a questão do toque; ele nos convence de que este é como o ar ou como a liberdade, os quais só são percebidos em suas reais relevâncias ante suas ausências. Isto parecia se efetivar no recorrente pedido de aferição da pressão, uma forma de ter atenção e ser tocada. E pelo desejo reiterado de dançar que eu via nos seus olhares. Indícios que me faziam pensar na dificuldade de investir em outros aspectos da vida. A sexualidade, assim como os demais aspectos da vida nas diversas fases, está imersa em regulações, mas também em emancipações.

Neste sentido são sinalizados como espaços de controle social e também como emancipação: a comunidade, a escola, o governo, os meios de comunicação (GONZALEZ E BRENES, 2007). Ainda que convivamos com esse controle, sabe-se que a resistência sempre está ínsita nos atos mais simples de reprodução social.

No que se refere à sexualidade dos velhos, há enorme retração de falas pelo diminuto espaço que ocupa nas mesmas mídias (SOARES, LIMA, LUCENA, SANTANA E DANTAS NETO, 2014).

Salvarezza (2011) advoga que o preconceito e os estereótipos acerca da velhice levam à invisibilidade do desejo sexual dos velhos. Inferimos, a partir desta assertiva, que pode haver uma dupla via em que os estereótipos alimentam os preconceitos e vice-versa, ambos agravando quadros de exclusão social. O autor expressa que são tidos como anormais ou perversos os velhos que se manifestam sexualmente. Mesmo que haja evidências de que a sexualidade é essencial para a saúde física e mental das pessoas, para proteção da identidade e da autoestima, por que seria uma forma de controle e manutenção da exclusão essa recusa à vida da velhice?

Apesar disso, os velhos continuam ativos, com vida social e projetos, com suas responsabilidades; fazem novas amizades e planos para o futuro, além de serem pródigos de sentimento, afetividade, desejos de abraçar e serem abraçados, beijar, fantasiar e viver as fantasias sexuais, tudo isso para eles é um exercício da sexualidade. A idade não tira a sexualidade do longo, mas a sociedade o faz (ARAÚJO, 2010).

Gonzalez e Brenes (2007, p:41) assinalam como positivo na expressão da sexualidade: maior intimidade consigo mesmo e com parceiro, expressão da paixão, do afeto, da admiração, da lealdade e outras emoções. Também, neste sentido, Trudel, Turgeon e Piché (2010), citados por Humboldt, Leal e Monteiro (2016), afirmam que os velhos que se envolvem em atividades sexuais se beneficiam com o reforço e prazer, que pode aumentar o bem-estar psicológico e físico e contribuir para reduzir problemas de saúde física e mental.

A mulher de casal observado, casal de campo da pesquisa, observado em momento exploratório, relata que após a viuvez caiu num depressão de ficar no fundo de uma rede. Uma amiga a convidou para ir a um grupo de velhos.

No primeiro dia conheceu seu atual parceiro, com que tem uma vida conjugal.

Afirmou, então, que superou a depressão.

(Jornal da pesquisa)

Observe que o novo relacionamento a ajudou – a idosa – a superar a fase mais difícil da viuvez, o que ratifica a afirmativa dos autores citados logo acima. Quem a vê hoje, como nós a vimos, não pode imaginar seu passado depressivo no fundo de uma rede. Hoje, ela é uma mulher alegre, participante de outras atividades, além da dança.

Freud (2010), em *Luto e Melancolia*, coloca que os quadros de melancolia podem ser revertidos quando o luto for elaborado. Neste caso, vê-se que, na elaboração do luto, a pessoa pode reverter a desistência de si quando se permite que outro objeto amado possa entrar no lugar do objeto perdido. Instantaneamente, lembramo-nos da música poética de Ivan Lins (2006)¹¹: “O amor tem feito coisas que até mesmo Deus duvida, já curou desenganos, já fechou tanta ferida [...] deixa tão cicatrizado que ninguém diz que é colado [...]”. Não seria isso? O novo amor é tamponado e a ferida narcísica do amor é perdida?

Nesta inventividade e recriação, chamamos atenção para Salvarezza (2011), que declara que a vivência da sexualidade passa pelo toque. E ainda de acordo com o autor, os corpos velhos não são tocados nos serviços que os atendem, pois o que predomina é o tratamento asséptico. Enfatiza também que o toque é como o ar ou a liberdade, só os percebemos ante sua ausência, e aí, conseqüentemente, nos apercebemos da sua relevância.

Salvarezza (2011) é categórico ao afirmar que nunca tomamos consciência da situação do velho, porque não é na nossa pele, não a vivemos. Ele é mais contundente: nunca nos colocamos na pele dos velhos. Ele nos inquire: e se fôssemos velhos e não fôssemos tocados, como nos sentiríamos? Peremptoriamente, assegura, seríamos atravessáveis, prescindíveis, fantasma de um passado esplendoroso, transparentes; seríamos tudo, menos seres humanos desejáveis e humanos.

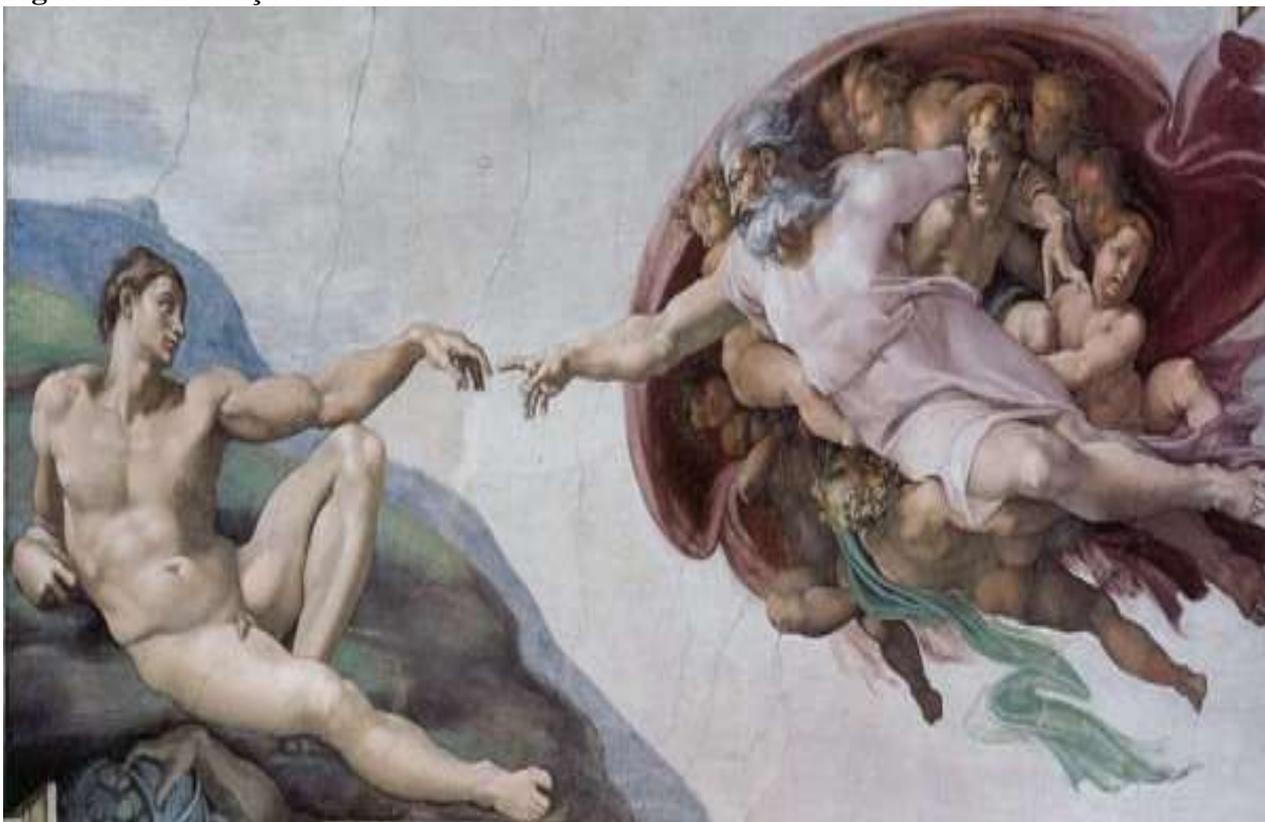
Vejamos a importância do toque na obra: *A Criação de Adão* de Michelangelo. Afresco no teto da Capela Sistina no Vaticano.

Esta me é uma figura extremamente cara. O toque, sobretudo o suave, traz todo cuidado, carinho e respeito. O toque suave e amoroso da pele atinge a alma. Despertando-a na mesma intensidade em que recebe. O amor de Deus seria tão grande que dera vida a Adão.

(Jornal da pesquisa)

11 < <https://www.vagalume.com.br/ivan-lins/discografia/>>. Acesso em: 10 maio 2017, às 9h42min

Figura 2.7: A Criação de Adão¹²



Michelangelo (Michelangelo Buonarroti), 1511.¹³

Esta pintura de Michelangelo faz parte de um conjunto de pinturas retratando muitas passagens bíblicas que ilustram o teto da Capela Sistina no Vaticano. Neste caso, retrata o Livro do Gênesis em que Deus dá a vida à sua criação primeira: a criação humana, Adão. Observemos que a forma de fazê-lo é pelo toque e isso difere da forma usual apresentada por boa parte das religiões, o sopro.

Notadamente, a primeira ação que nos cabe é respirar, o sopro da vida, que deflagra a vida biológica. Tomo essa imagem como emblemática por representar o nascimento da vida psíquica. A vida humana na tenra infância demanda cuidados, assim como os corpos que são manipulados pelos cuidadores. A pele é a fronteira corporal, o limite, sendo também o ponto possível de contato e de manifestação do afeto. O recém-nato percebe e vivencia a sua relação com a cuidadora, que pode ser sua mãe biológica

12 Informações e imagem colhida em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Cria%C3%A7%C3%A3o_de_Ad%C3%A3o>. Acesso em 30 jan. 2015, às 15h.

13 Data provável. <https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Cria%C3%A7%C3%A3o_de_Ad%C3%A3o>. Acesso em: 30 nov. 2017, às 4h53min.

ou não, numa só unidade, fusionados. Depois é que o eu se diferencia.

A distinção entre ambos decorre da falha. E ainda há a demora no pronto atendimento das necessidades do bebê por parte da mãe. O lapso de tempo e o espaço entre desejo e satisfação faz ruir no bebê a suposta unidade mãe filho, entre outros aspectos que vão tecendo a diferenciação do sujeito e de seus pais. Assim, surge o novo membro distinto daquele que lhe deu origem. Dessa forma, instala-se a possibilidade da subjetivação mediada pelo corpo, que carrega o olhar do outro para dentro de si.

Delineados esses aspectos, retomemos a questão sobre o toque e a sexualidade nas velhas que encontramos no campo de pesquisa.

Esta idosa, eu a conheci no primeiro dia que cheguei à unidade pesquisada. Estando deslocado, vou cumprimentado um e outro na tentativa de me fazer visto e buscar vinculações. A senhora está sentada, me aproximei a cumprimentei e fiz um ligeiro afago nas costas dela na altura da omoplata. Ela me avisou para não fazer isto. Mais que imediatamente me falou que sua cama era grande e macia e me chamou para conhecer sua casa.

(Jornal da Pesquisa)

Ao chegar para o primeiro dia de observação na pesquisa, dou um olhar panorâmico e penso que tenho que me aproximar deles. Vou caminhando e me aproximo da citada senhora para cumprimentá-la e travar algum diálogo; faço o afago como parte desta aproximação. No entanto, ela faz o pedido para eu não fazer o afago – não por desagrado, mas, ao contrário, agrado em excesso, isso mexia com sua sexualidade.

Retomemos Salvarezza (2011) para trazer mais luzes sobre a questão. Ele toma o abraço em sentido concreto e simbólico na integração dos opostos. Por exemplo, o dentro e o fora da relação, o desejar e ser desejado, o amar e ser amado, tocar e ser tocado, cuidar e ser cuidado, é uma relação de afeto, confiança e responsabilidade mútua que estão presentes na intimidade, na dialética do abraço amoroso. As conexões podem ser de várias ordens, como: física ou sexual, emocional, espiritual e intelectual. A relação assim pensada contribui como suporte e proteção contra a solidão e o sentimento de ser desnecessário.

O abraço de salvarezzesco, na sua amplitude, está presente na dança, a qual

consideramos cenário tradicionalmente da expressão da sexualidade dos velhos. A dança, observada, não parece ser um fato isolado. Podemos destacar que a dança esteve sempre presente nos grupos de velhos estudados por Peixoto (2000), tanto em Paris como no Rio de Janeiro. Acrescentaríamos a essa listagem o estado do Ceará, cujo estilo de dança, o forró, está presente em quase todos os grupos de velhos cearenses; e eu via o forró, no grupo exploratório, como expressão da sexualidade da velhice e de seu reconhecimento social.

A observação empírica aponta para a formação de pares constantes, independentes do estado civil deles. Sempre vimos, nesses momentos, a expressão da sexualidade mostrar-se pujante nas danças, inclusive quando as duplas ou preferências eram entre mulheres. O aspecto estético do dançar não deve ser esquecido. Monteiro (2002) considerou a dança como um dos tripés do atendimento ao idoso, por estimular a sexualidade e a arte.

Deixemos de lado esse aspecto mais geral da sexualidade e adentremos ao feminino público desta pesquisa, mulheres idosas. Alencar, Marques, Leal e Vieira (2014), ao tratarem da sexualidade feminina, informam que ela se encontra vinculada ao mundo relacional, mas também à beleza, ao corpo, ao sentir humano. Assim apresentada, haveria uma estreita relação entre a sexualidade e o mito de Vênus.

No mito grego, Vênus havia sido gerada pelas espumas (*aphros*, em grego) em uma concha onde teria nascido. O mito remete à própria pérola, preciosa e bela. Assim, as imagens mitológicas relativas à Vênus trazem um corpo de forma perfeita, percebida como bela, sedutora e atraente. Como veremos abaixo em Sandro Botticelli, 1485.

Figura Nº 2.8: O Nascimento de Vênus¹⁴



Sandro Botticelli, 1485

Contemporaneamente, a sexualidade está intimamente associada à juventude. As mudanças físicas, fisiológicas, entre outras, advindas do envelhecimento, retratariam o declínio da função sexual – um aspecto sem dúvida vital para o sujeito e sua sexualidade. A realidade, no entanto, é bem mais complexa e inclui a sexualidade no mundo do desejo do sujeito. Dessa forma, na pesquisa, eu me perguntava: que estranheiridade moveria esse corpo que se reconhece sentindo e não é reconhecido dessa forma? Haveria mudanças no mesmo eu que se expressava em sua sexualidade, e que, agora, na velhice, esta lhe reaparecia diferente, estrangeira no eu?

Vimos, na pesquisa, que houve uma abordagem multidimensional, em que os sujeitos eram considerados em suas amplas dimensões, incluindo-se a biológica, sem deixar de perceber, no entanto, que o corpo físico que o Outro vê e o que se tem é também um corpo simbolizado.

A regra geral, pelo que se encontrava na pesquisa, chamava atenção para

¹⁴ https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Nascimento_de_Vênus.

enxergarmos a sexualidade como investida nas funções tradicionais do papel feminino da mulher como cuidadora. E se isso era importante, e não deveria ser valorizado às expensas de uma dessexualização feminina na velhice. Se as representações da mulher nessa área eram tolhidas, é porque existiam rupturas, como se vê na pesquisa. Tem-se a recusa de algumas mulheres a serem monitoradas, porque lhes castravam tanto a sexualidade como a busca mais concreta delas pelos parceiros sexuais.

Dedicando-se à família, auxiliando financeiramente ou cuidando dos netos, dos doentes ou de pessoas mais idosas ou frágeis, a sexualidade vige. Outra forma é a sublimação dela pela prática de atividades religiosas (NEGREIROS, 2004). A autora associava a religiosidade à sexualidade como uma sublimação; não descartemos, portanto, este aspecto, pois, no grupo, vimos o âmbito religioso mais vinculado à questão de Deus, da liberdade e de razões últimas, em que o sentido da vida é buscado.

O cuidado familiar fora visto por mim como um *papel de retaguarda* que era conferido ao idoso. E isso ainda ocorria, ao se falar de sexualidade, mesmo com novos parceiros na velhice. Se o controle sexual feminino, na velhice, chegava a uma violação de direto, já sinalizado anteriormente, não fora raro ocorrer revoltas e rupturas.

Conversou-se no grupo maior, do estudo exploratório, sobre a resposta sexual que, segundo Araújo (2010), mostra ter por base: o desejo, a excitação e o orgasmo. No desejo delas, haveria uma variação, indo da ausência à elevação. Na excitação, ocorreria uma resposta qualitativamente igual à da jovem, porém, fisiologicamente, menor. No orgasmo, as velhas apresentavam contrações diminuídas; porém, a prática contínua ajudava na lubrificação vaginal. A menopausa era vista como um momento de liberdade do risco de gravidez e/ou da pressão do tempo dedicado à educação dos filhos e à vida profissional. A citada autora recomenda intensificar as trocas de carícias e contatos físicos no dia a dia, mesmo fora do contexto sexual.

A existência de enfermidades dos parceiros ou das velhas pode ser um fator para ausência ou diminuição da vida sexual ativa (ALENCAR; MARQUES; LEAL; VIEIRA, 2014). Os efeitos colaterais de medicação também podem afetar o impulso sexual ou o orgasmo, tais como antidepressivos, sedativos, antiúlcera, medicações cardíacas, etc. Recomenda-se, desse modo, a avaliação periódica para verificar redução, suspensão ou substituição (GALVÃO, 2000).

Kessel (2001) acrescenta, nesse estudo, barreiras físicas, como o uso de cateteres e diminuição da mobilidade, além da mudança na imagem corporal decorrente de cirurgias mutilantes, que podem atuar como inibidores. Outro fator limitante apontado por ele é o aspecto econômico. Existe o receio de que os novos parceiros assumam o controle dos recursos e/ou se favoreçam deles. Ou ainda, a perda da pensão pelo recasamento. Este temor está, sobretudo, nas mulheres idosas (CATUSSO, 2005). A parceria é outro elemento. Quando existe e estes buscam preservar a amizade ou companheirismo amistoso, favorece-se o exercício da sexualidade (NEGREIROS 2004).

No que se refere a novos territórios desejantes, tem-se que as mudanças sociais trazem possibilidades de inversão de poder, saindo-se do domínio masculino para o feminino. Se o homem exerceu o papel de provedor, na esfera pública, ao se aposentar, volta para esfera do privado, que é de domínio da mulher. Há uma tendência a ficar inseguro ante o domínio de múltiplas funções da mulher, tanto nesse espaço como fora, passando o homem velho, assim, a mudar, ensaiando ser referência no que diz respeito ao afeto e cuidados e participando inclusive da vida dos filhos e netos.

A ausência de parceiro funciona como fator inibidor (ZAVALA, 2011). A autoerotização pode ser uma alternativa recomendada quando não houver parceiros. Esta não é uma atividade regredida, típica da adolescência (ALENCAR; MARQUES; LEAL; VIEIRA, 2014).

Foram observadas no campo duas senhora que nos chamaram a atenção.

Uma tinha como característica uma risada extremamente alta, mas profundamente prazerosa. A outra mais discreta. Eram amigas e às vezes dançavam juntas. A maior característica era a alegria. Elas eram para mim apaixonantes. Se destacavam por estarem sempre bem produzidas. Dir-se-ia com roupas escolhidas a dedo, combinando tudo. Eram alegres, dançavam sozinhas, fazendo uma dupla ou dançavam com outros.

Tive oportunidade de conversar com a que tinha a risada maravilhosa. Disse-lhe que estava linda e eu observava que estava sempre bem arrumada, pronta para ir a um grande baile. Então me explicou dizendo: que se arrumava primeiro para Deus, depois para si e o resto não interessava.

(Jornal da Pesquisa)

Na situação de intervenção apareceu o seguinte relato em relação à dança,

ao forró.

Liberdade melhor que forró

P.: Então isso foi o que me surpreendeu porque eu achei que todo mundo, ou pelo menos a maioria, quando vinha pros forrós era porque estava procurando alguém pra ficar junto. Aí você foi e disse: eu prefiro minha liberdade. E a senhora também disse, prefiro minha liberdade, prefiro ficar livre. Isso foi uma surpresa pra mim porque eu achava...

Idosa: Tu achava era Evaldo?

P.: Eu achava, eu achava que quando se dançava forró, era sempre procurando alguém.

(Narradoras idosas)

Embora eu soubesse que havia arte.

(Jornal da Pesquisa)

Minha expectativa era a de que estar no forró significava estar em busca de parceiros, ou da arte. As idosas me esclarecem que não. Haveria uma sexualidade não vinculada a um objeto específico? E havia uma alegria que se espalhava em uma sexualidade mais ampla, em que o sexo, no sentido estrito, não é o mais importante?

O namoro e o companheirismo foram sinalizados como elementos substitutos do sexo devido à ausência de parceiros para a relação sexual (ALENCAR; MARQUES; LEAL; VIEIRA, 2014). Outra possibilidade de realização era a canalização da energia psíquica – quando cessados os papéis de mãe e esposa, buscava-se desenvolver vocações, entre elas a universitária (NEGREIROS 2004). Isso se dava na realidade de outros idosos, pois, em nosso caso, a pobreza condicionava outras escolhas.

Não é na produção científica que encontramos a resposta, mas na arte literária. Gabriel Garcia Marquez (2005), para ajudar a entender a sexualidade na velhice, diz: “Naquela noite descobri o prazer inverossímil de contemplar, sem angústia do desejo e os estorvos do pudor, o corpo de uma mulher adormecida” (MARQUEZ, 2005, p: 35). Ao traduzir a sutileza que a sexualidade pode assumir nesta descoberta, o personagem passa a entender que o estilo de vida havia lhe imputado, pela condição de homem e de macho, o sexo carnal como destituído de afeto, constituindo-se, assim, sua experiência num estilo de sexualidade-prisão. Entretanto, mediante essa vivência, ele obteve sua redenção ao constatar: “Desliguei o telefone, saturado por um sentimento de

libertação que não tinha conhecido na vida, e finalmente salvo de uma servidão que me mantinha subjugado desde os meus trezes anos” (MARQUEZ, 2005, p: 52). Diante disto, podemos pensar que as duas mulheres, acima apresentadas, estariam, para nós, enamoradas pela vida. Esse pensamento é ratificado na apresentação da obra de García Marquez, em que se diz que seu texto é “um hino de louvor à vida e, por extensão, ao amor, já que não existe um sem o outro...”.

Foi a partir daí que começamos a pensar, metaforicamente, a sexualidade na velhice como um aquífero, ou seja, um reservatório de água subterrânea e invisível. A sexualidade dos velhos também poderia estar invisível, ou não tão visível, mas isso não significaria inexistência, assim como o aquífero. Abrir espaços para que o tema seja trabalhado e debatido é imperativo, de modo a permitir que mais pessoas se beneficiem com sua reflexão.

Em muito se pode contribuir na mudança de mentalidade relativa ao processo de envelhecimento, permitindo que haja uma vivência da sexualidade livre de tabus nesta fase da vida, quer individual, quer social, advoga Yglesias (2007). Para tanto, faz-se necessário um trabalho educativo tanto para os velhos quanto para população em geral. A educação gerontológica sobre a sexualidade, nesta fase, deve tratar das modificações advindas do avançar no tempo e das possibilidades de vivência dessa sexualidade para o empoderamento do segmento. A Gerontologia possui um papel importante de incrementar ou manter a autonomia e a independência dos velhos. E a vida longa só faz sentido se acompanhada de qualidade de vida, ou seja, com capacidade funcional, bem-estar “psicológico, social e familiar, afinado com os preceitos de cidadania e dignidade humana” (VIEIRA, 2004, p: 192).

A partir do material levantado na pesquisa e refletindo acerca das mulheres idosas, sujeitos do universo trabalhado, considero fundamental valorizar sua inteireza – das mulheres idosas. Para isso, penso que se deve trabalhar no sentido de fazer uma reflexão sobre elas e com elas como sujeitos sociais e históricos.

No conceito de Charlot (2000), o sujeito histórico seria um ser aberto, em constante movimento, na direção de seu devir. Por ser marcado por sua historicidade, há um entrelaçamento de sua história pessoal com a coletiva. Desse modo, cada percurso singular seria assinalado por escolhas, que se situariam na conjunção dos aspectos intersubjetivos e, portanto, sociais. A luta pela cidadania dos velhos seria, então,

pessoal, social e histórica.

Além deste conjunto complexo de fatores, seria imprescindível ressaltar o papel ativo que o ser em velhice assume na constituição de si, tanto no seu agir no mundo como sobre ele. Porém, esta ação não se dá de forma isolada, mas no contexto das demais relações sociais com os outros seres. O aspecto de ser um sujeito histórico, a meu ver, perpassa por todo o trabalho com a desconstrução das representações limitantes e redutoras da velhice feminina. Dessa maneira, nossa ação deve se encaminhar na direção de construções mais abertas e criativas em que o ser irá assumir mais liberdade em seus devires.

3.4 A família faz a velhice? A velhice faz a família?

Velhos e Jovens

Adriana Calcanhoto

Antes de mim vieram os velhos
 Os jovens vieram depois de mim
 E estamos todos aqui
 No meio do caminho dessa vida
 Vinda antes de nós
 E estamos todos a sós
 No meio do caminho dessa vida
 E estamos todos no meio
 Quem chegou e quem faz tempo que veio
 Ninguém no início ou no fim
 Antes de mim
 Vieram os velhos
 Os jovens vieram depois de mim
 E estamos todos aí

A relação dos velhos com a família ocorre enquanto velhos pais, com seus filhos; e velhos avós; com seus netos; e de outras formas que se pense e veja as famílias se organizarem. Estas relações são construções que se dão no contexto e história singular de cada família. Neste item, abordaremos a dinâmica dessas relações familiares a partir dos lugares em que se fala e vive a velhice.

A presença dos velhos na família pode ser intensa ou invisibilizada; a influência

dos velhos também variaria, porém, esta relação ou este silêncio deixaria, sim, suas marcas. Logo, percebe-se que os velhos têm uma função significativa de serem registro e memória da história da vida familiar; mas **a velhice tem seu presente. Há uma temporalidade a ser vivida e vista e considerada, um presente aqui e agora.**

Assim como a infância não é apenas um vir a ser ou um futuro, e as juventudes não são apenas uma preparação para a fase adulta, a velhice não é apenas um “já sido, já foi, já se viveu”. Há um aqui e agora: um inegável presente, não existe apenas a velhice e uma espera pelo morrer.

Isto é mais significativo quando estamos diante do referencial psicanalítico, para quem os pais abrem a rede de socialização dos novos membros da família, seus filhos, aos demais membros da sociedade. Os membros da família mais próximos dos velhos são seus próprios filhos, que os apresentam a seus netos. E a teia de relações se fia. Então, os membros jovens apresentam a geração mais velha, seus pais e avós de seus filhos, a este novo membro: o que vem.

No processo de envelhecimento dos velhos, entre pais e avós há um contínuo; e os membros mais velhos podem se apresentar com independência ou com dependência, maior ou menor, tendo esta, pelo menos, três aspectos: a dependência física, a psicossocial e a financeiro.

Vale dizer que a velhice, vista de modo redutora, qualquer que seja a natureza dessa redução, afeta a família e o mundo social maior. Inclusive, socialmente, é imputada à velhice esta condição de redução de valor como base para poucas respostas das políticas públicas. É necessário esclarecer também que a natureza do serviço em que foi realizada a pesquisa exige certa independência da idosa como condição básica para que se possa pensar o pensamento, mas não significa que não apresentem suas dificuldades de fazê-lo.

Doer dói, mas estamos aqui

Idosa: ... - Eu acho que está com mais de trinta anos que eu sinto uma dor nesse quarto aqui... dói, mais dói aqui, aqui e no joelho, mas a dor mais é daqui. Mas tá aqui, eu estou aqui, mas a dor está também.

Idosa: - É o tempo do condor.

Idosa: - Tem dia que a gente esmorece, mas diz: - Eu vou [para o grupo].

(Narradoras idosas)

Podemos observar que, apesar dos limites traduzidos como dor, as idosas continuam partícipes das atividades de atendimento e lutam com os limites do corpo físico. O fato, porém, de serem velhas, ainda que mães e avós, não as impedem de serem socialmente discriminadas dentro da própria família. Ao contrário, a questão de ser velha parece se sobrepor às funções familiares realizadas pelas idosas. E isso tem um custo afetivo para elas.

O peso da discriminação ou redução do valor do outro

Idosa: ... Não se pode dizer nada, não se pode opinar. “Ah, isso é coisa de velho.”

Idosa : - Muitas vezes a gente mesmo diz isso.

Idosa: - Mesmo que a gente se ache diminuído.

(Narradoras idosas)

Toda discriminação ou redução do valor do outro tem seu peso. No nosso trabalho, lidando com a temática da diversidade humana na assistência social, percebemos este peso da redução do velho ou da idosa ao negativo da vida.

Eu ouvia muito que havia um discurso delas que se parecia com o dos deficientes e dos negros; era muito semelhante. Elas diziam: quem entende os velhos são os velhos. Como quem dizia: só quem entende a situação do negro é o negro e a do deficiente, o deficiente.

Isso sinalizava para a aguda dor da discriminação ou da redução do valor do outro, que empurrava para uma tendência à baixa autoestima.

Mas, se empurrava para uma baixa autoestima, empurrava também para um fechamento em si mesmo.

Eu escutava: “quem entende a gente é a gente mesmo. Às vezes a gente se coloca de lado e às vezes os outros nos colocam de lado. É assim”.

(Jornal da pesquisa)

Elas escreviam suas histórias ativamente. E diziam que deixavam um legado já na relação com os filhos e netos: a luta pela vida. As vivências, boas e/ou más, que tiveram com seus filhos estão registradas nas memórias dos velhos/pais/avós que compartilharam a vida consigo – dos membros das suas famílias. E observam as dificuldades relacionais dos membros mais jovens:

Quem não se ajeita se enjeita

Idosa: - Às vezes a gente mesmo se coloca de lado.

Idosa: Eu tenho uma irmã que, meu Deus do céu, que ela chegar até uns setenta anos, eu não sei como é que vai ser a velhice daquela menina não. Não gosta de nada, não gosta de conversar com ninguém, não gosta de se misturar com os velhinhos.

Idosa: Ah, meu Deus, eu não imagino ela no meio do mundo... Como um bocado de velho dançando.

Idosa: Ela vai ficar velha; eu disse: - Minha irmã, você vai ficar uma velhinha chata, enjoada. Eu disse a ela.

(Narradoras idosas)

A história e a memória dessas vivências chegam até à nova geração. E nesse fio condutor, os segredos familiares podem se revelar de forma expressa, velada ou oculta. Repetem-se, então, padrões de relações ou estes são refutados. De todo modo, são vivências que influirão no padrão relacional das famílias das gerações subsequentes. Este aspecto não se costuma ver na velhice, pois com ela também se está a construir padrões relacionais familiares que perdurarão nas gerações.

Na relação com os netos, Vitale (2014) nos conclama a observar o fato de que os velhos avós, apesar de numericamente expressivos, não “despertam a menor atenção”, apesar da sua importância na “relação afetiva” familiar, qual seja, a “socialização” das gerações familiares mais novas, bem como dos seus netos ou membros mais novos.

É comum no Brasil, os velhos e velhas colaborando, até de forma monetária, para o sustento da família. Embora exista esta importância no contexto familiar brasileiro, poucos estudos e pesquisas têm sido realizados para abordar esses velhos avós pela perspectiva deles mesmos. No entanto, esta invisibilidade não seria prerrogativa só do Brasil, este fato também se apresentaria na França (VITALE, 2014,

p: 108).

Eu diria que a ideia de velhice parece preponderar sobre as representações das funções familiares de mãe e avós que, de tão pujantes, seriam capazes de mudar essa visão redutora do envelhecer humano. Apesar de contribuírem no sustento de suas famílias, as idosas parecem não estar modificando certa cristalização de ideias e representações a seu respeito. Tais fatos sociais reforçam o estigma da velhice no contexto familiar.

Os velhos e velhas, ainda assim, continuam colaborando com as famílias, seja com uma ação efetiva, monetariamente falando, seja no cuidado e no afeto dos filhos, netos e membros mais vulneráveis. Ouçamos aqui como os velhos veem as ações que realizam muito focalizadas para quem faz. E não parecem se dar conta de que estão a auxiliar todo o grupo familiar.

Velhas na retaguarda como cuidadora familiar

Idosa: - Tem filho que diz assim: eu quero ir pra tal canto; e reúne os irmão tudo. E os menino? A mãe fica.

(Narradora idosa)

A idosa estava a oportunizar o passeio para todo o grupo familiar; mas isso não comparece na fala dos membros que são beneficiados.

Vitale (2014) afirma que a maioria dos velhos avós estão disponíveis a colaborar na lida com os netos, bastando, para tanto, serem acionados. Outros seriam obrigados pelas condições econômicas. Para a autora, esta solidariedade se dá pelo desamparo das políticas públicas, inclusive as sociais.

Penso que não, pois há um traço cultural da afetividade das populações brasileiras, sobretudo no Nordeste. E a ideia de que o idoso vive o presente significa que ele precisa afetivamente de alimento e isso não significa que não se lute por políticas públicas.

Nosso entendimento é que esta ação é um ato voluntário, é a solidariedade intergeracional familiar em que o mais velho realiza a ação, que alimenta afetivamente a família. Observe que, na citação acima, a direção final da atenção esteja voltada ao neto, os filhos também são beneficiados, assim como a família, em geral, é agraciada.

As velhas avós fazem o papel de cuidadoras, além de organizarem e abrirem sua casa para o outro; cuidam das pessoas e assumem a guarda de alguns deles (OLIVEIRA, 1993). Neste caso, recorrem a adágios populares para reforçar este compromisso com a família que reencenam. Desse modo, Vitale (2014) afirma: “são sangue do seu sangue” e “carne da minha carne”. O fato é que este cuidado permanente está presente nas famílias e fica ao encargo das idosas. Agora vejam que, além desta ação, outras ações são possíveis.

Velhas na retaguarda financeira

P.: - ... Quem tem filhos aí levanta a mão.

Idosa: - Quem tem o quê? Filhos?

P.: - Na hora que aperta o cinto, eles correm pra onde?

Idosa: - Pra mamãe aqui.

P (imitando suas falas): - Mamãe eu fiquei desempregado, mamãe o menino tá doente, mamãe o menino tá precisando de remédio, mamãe o menino tá precisando do fardamento, o menino tá precisando... diga aí o que mais?

(Narradoras idosas)

Quando eu pesquisara (MONTEIRO, 2002) a relação avós e netos sob a ótica dos velhos, verificara a existência da ajuda dos velhos avós, que nomeara de *papel de retaguarda*, sendo esta uma ação voluntária na família realizada como resposta a uma situação, na maioria das vezes, vivida como situação-limite.

Na época de minha pesquisa anterior, este fato tinha sido vinculado estritamente à ajuda das avós aos filhos. Hoje, revendo e ampliando o conceito do *papel de retaguarda*, diria se tratar de uma ação voluntária de solidariedade, intergeracional, de natureza familiar, articulada como resposta a uma situação que se tem firmado como usual, de modo que se ampliou essa ajuda de filhos para abarcar os netos. No caso da retaguarda vinculada ao aspecto financeiro, vimos que estas velhas se tornam, mesmo sendo avós, mães chefes de família.

Outras pesquisas e dados trazem, como Vitale (2014), a presença do avanço desta condição em nosso país, o que só confirma minhas observações no estado do Ceará. Segundo Vitale (2014) e de acordo com os dados do IBGE (censo 2000), neste ano referido, os idosos foram 62,4% contra 60,4% em 1991. Em 2000, 54,5% das idosas

viviam com os filhos, sendo a principal fonte de renda familiar. A autora, citando Camarano (1999), afirma que os velhos pais e avós têm condições econômicas melhores que os jovens, chegando a ter renda maior, sem contar que a maioria das idosas possui casa própria.

Chamamos a atenção para fato de ninguém fazer menção ao benefício de um salário mínimo previsto na constituição 1988 e regulamentado da LOAS em 1993. Trata-se do Benefício de Prestação Continuada implementado pela Assistência Social e operacionalizado pelo Instituto Nacional do Seguro Social – INSS. Este recurso, indubitavelmente, coloca muitos desses velhos na condição de chefe de família, sem, contudo, mudar sua condição de velho.

Como foi visto acima, o poder econômico que se aliava a certa autoridade, na velhice, estava explícito no adágio popular: “comeu do meu pirão, come do meu cinturão”. Ou seja, aquele que me é dependente financeiramente, submete-se a minha ordem. Como tem sido visto, nesta pesquisa, não é mais assim. Esta autoridade se esvaiu, e se esvaiu de tal modo que há o risco real da solidariedade das idosas recolher-se como troco a uma situação de violência. Isto será visto mais adiante.

Como descrito anteriormente, é praticamente generalizada a ação solidária dos velhos para com os mais jovens, filhos e netos. Agora, para darmos conta da dinâmica desta relação, faz-se necessário que vejamos o contrário. A solidariedade dos mais jovens para com os mais velhos. Quem cuidava passa a ser cuidado.

Inversão de papéis

P.: Isso que ela está falando a gente chama de inversão de papéis, o que é essa inversão de papéis?

Idosa: Explica.

P.: - Quando seus filhos eram pequenos, vocês eram que cuidavam deles, deram educação, deram cuidado, alimentavam, davam banho. Agora, como vocês estão velhos, tem uma idosa aqui que a gente diz que há uma inversão de papéis, ela passa de cuidadora, a ser cuidada.

Idosa: É verdade.

(Narradoras idosas)

Nesta inversão de papéis, o cuidado também pode ser uma ação direta de zelo ou financeira. Como o segmento investigado, pela natureza do serviço, demanda idosos independentes, o cuidado direto não se apresentará nesta pesquisa. Segue abaixo o apoio financeiro.

Sendo Cuidada financeiramente

Idosa: - Ele me dá ajuda com cem reais. Meu filho.

Idosa: - Para mim, ele traz uma feira; eu cuido dos netos, mas ele recebe uma cesta e deixa lá em casa.

(Narradoras idosas)

Diante desta situação, somos levados a uma sequência de associações e, imagetivamente, nos vem a obra: Comedores de Batata, de Van Gogh, que mostrarei a seguir. Para mim mesmo, porém, acrescento ainda a música de George Michel, *Hand to mouth*, e, por fim, Rei Lear, de Shakespeare.

Hand to Mouth
George Michael

Somebody shouted, "Save me"
But everybody started living hand to mouth
Hand to mouth, hand to mouth, hand to mouth

(Alguém gritou: "Salve-me".
Mas todos começaram a viver da mão à boca.
Da mão a boca, da mão a boca, da mão a boca.)

A expressão inglesa “da mão à boca” reporta-se à dureza para obtenção de comida ou de dinheiro, cujo ganho seria o estritamente necessário para viver. Os maus remunerados viveriam da mão à boca, sem, contudo, terem atendimento médico ou outros benefícios. Da mão à boca significaria a sobrevivência no sentido estrito, quer dizer, viver da mão à boca é viver em condições bastante precárias, em que não sobraria nada que pudesse estar além do estritamente necessário. Situação similar à dos comedores de batata.

Figura N° 3.1: Comedores de Batata

Van Gogh, 1885.

Van Gogh, ao nomear os trabalhadores como comedores de batata, em suas refeições, faz uma crítica social evidente. Traz-se nessa expressão a implicação a uma repetição; assim, seriam comedores contumazes, seja por falta de opção, seja por falta de condição de vida que ultrapasse essa busca incessante. Eles comem um tubérculo rico em amido, as batatas, que fornecem energia e saciam a fome. Igualmente, também se verifica os comedores de farinha de mandioca com rapadura, no Nordeste. Mudam-se os objetos, mas a situação é a mesma.

Estas considerações nos levam a outra. Fomos, inevitavelmente, enviados à obra *Rei Lear*, de William Shakespeare. Nesta peça, o Rei Lear divide seus bens, em vida, com suas filhas na condição de ser mantido por elas; mas, no jogo de interesses financeiros, elas vão diminuindo a pensão, até levá-lo à loucura.

Ao amearhar com as filhas sua pensão, o Rei Lear afirma: "... Se

concedermos à natureza humana apenas o que lhe é essencial, a vida do homem vale tão pouco quanto a do animal...” (SHAKESPEARE, 1999, p:66).

Nas três situações acima encontramos a reinteração da pobreza como aviltamento da condição humana. Temos como ideal, o que todos querem, é não precisar de visceral ajuda. Porém, há situações que demandam isso.

Havia, como sujeito da pesquisa, aquela idosa que tinha uma condição de dependente, como acima referimos: tinha artrose no joelho e andava com dificuldade, sempre acompanhada. Não é aposentada, tem três filhos que a ajudam, embora ela complemente a renda com pequeno comércio em casa e venda produções artesanais. Quer dizer, mesmo na condição de dependente, dos filhos, trabalha tendo algum comércio.

Outra possibilidade de ajuda é a da geração mais nova, sobretudo seu neto. Eles têm um domínio melhor do recurso tecnológico. Há um campo de possibilidades, mas não significa que isso seja efetivado. Isto é importante e merece melhor atenção da parte das políticas públicas. O aspecto das relações intergeracionais poderia ser melhor aproveitado.

(Jornal da Pesquisa)

Nas relações familiares, nem tudo são rosas, e os conflitos podem ficar em um nível de recordações e aprendizados.

As velhas na relação com os demais no contexto familiar - os conflitos.

Idosa: - Num é dificuldade de brigar, de bater não, mas com internet. Eu acho ruim, mas até aprendi um pouco com eles.

(Narradoras idosas)

Nas rosas familiares, alguns espinhos marcarão mais que outros: a violência, que vai depender da qualidade da relação prévia, posto que, nesta condição, pode haver o que se chama de ajuste de contas. Observemos a seguir a violência em si.

Da violência familiar

Idosa: ... Ontem eu fiquei decepcionada com meu filho porque, do jeito que ele falou, Evaldo, ele falou assim uma coisa de mim como se eu não fosse uma viúva honrada,

Porque eu tenho essa mania de abraçar as pessoas, né? Chega abraço, cheiro.
....

Ontem eu passei mal, minha pressão subiu, diabetes...

- “Ah, porque depois que o pai morreu, a senhora não pode ver fulano de tal que sai alisando, fulano pra cá, fulano pra lá.”

E eu disse:

- Rapaz, tu me respeita porque eu sou uma viúva de respeito. ...

Ele disse assim:

- Mãe, depois que o pai morreu eu não confio mais na senhora não.

E isso me doeu... eu não tenho nada com ninguém, eu venho pra cá para dançar, não tenho nada com ninguém, isso me magoou, porque... fazendo das tripas coração para criar os dois, mesmo que o pai dele era uma pessoa boa, na comida, tudo, ele era uma pessoa boa... Mas eu lutei muito.

E ele é um filho que me vê ali todo tempo; eu fiquei traumatizada.

(Narradora idosa)

Muito embora os maus-tratos ou violência familiar sejam mais lembrados pela ótica da ação física, existem outras formas de violência. A psicológica é um delas; há palavras ou expressões de coações, de depreciação e de constrangimento que são muito violentas. Esta atitude filial de suspeição da mãe pode ser vista como tal, além da atitude controladora da sexualidade da genitora.

Minayo (2016) traz o conceito de violência segundo a Organização Mundial da Saúde: a violência consiste em ações ou omissões cometidas uma ou várias vezes, prejudicando a integridade física e emocional e impedindo o desempenho do papel social dos violentados.

O fenômeno da violência para com a velhice expressa uma quebra de expectativa por parte das pessoas que cercam as idosas, sobretudo filhos, cônjuges, parentes, cuidadores e comunidade (MINAYO, 2016, p: 1326). Segundo a autora, estes dessagrados são expressos segundo a natureza de sua forma: física, psicológica, sexual, negligência, abandono, recusa de ajuda financeira e distanciamento psicossocial, estando este último aspecto em franca ascensão no cenário nacional, sendo o dobro se comparado a outras faixas populacionais.

Outra classificação possível seria a violência estrutural, institucional, relacional e intrafamiliar. A classificação apresentada pela autora deixa de fora o que julgo ser o ponto fulcral, a ação do Estado. Em artigo feito por mim (MONTEIRO, 2013), ao analisar a aplicação da Política Nacional do Idoso e do decreto que a regulamenta, vê-se sinalizado que, no estado do Ceará, somente os serviços oriundos da Fundação Legião da Assistência Brasileira – LBA, os grupos de idosos (Projeto Conviver), e o atendimento asilar são realizados. A leniência do Estado é de tal ordem que chega a negligência. Assim, deixa-se grande contingente de famílias desamparadas, fomentando secundariamente a violência praticada por seu cuidadores, especialmente quando estes arcam com todo ônus, seja financeiro e emocional, no trato dos seus familiares.

O Conselho Estadual dos Direitos do Idoso – CEDI – CE, no exercício de suas funções já teve algumas iniciativas: identificou o recurso e iniciou o projeto para a implantação do CIAPREVI, no qual me envolvi.

Ressalto que após dois anos em que o serviço foi implantado, viu-se um bom trabalho, mas teve curta duração, logo foi fechado.

Outro projeto no qual me envolvi, na qualidade de presidente, foi o Complexo Gerontológico Mariazinha Barroso, no qual se articulavam centro-dia, república e atendimento asilar.

Com o fim da gestão, esse projeto se perdeu nas gavetas da Secretaria, a qual o Conselho está vinculado.

Por tudo que vi e vivia agora nesta pesquisa, nestes trinta e dois anos de serviço público, saída plausível é a participação direta dos velhos na definição e participação nos rumos das políticas que lhe dizem respeito. Os velhos se assumirem como sujeitos sociais.

(Jornal da Pesquisa)

Outro aspecto que chamamos a atenção com relação à violência é o paradoxo: a solidariedade intergeracional familiar protagonizada pelos velhos pode se tornar uma situação de violência. Basta, para tanto, deixar de ser um ato voluntário e passar a ser exigido, cobrado ou forçado por quem recebe.

Minayo (2016) destaca algumas ações que julgamos interessantes e que podem contribuir para a diminuição da violência para com os idosos. O protagonismo social e político proposto pela Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas cujo lema é “nada sobre nós sem nós”.

Outro aspecto é pensar uma sociedade para todas as idades. Esta seria uma ação inclusiva para todos vislumbrada a partir das necessidades dos velhos. Esta proposição esteve presente no Ano Internacional do Envelhecimento Saudável 1999 e foi ratificada pela II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, Madrid, 2002. Apoiar famílias cuidadoras, capacitar os trabalhadores para o atendimento e prevenir dependências de diversas naturezas são alguns dos destacados e percebidos nas lutas sociais.

O protagonismo dos velhos e a capacitação de trabalhadores no atendimento aos idosos são dois elementos que destacamos na base deste projeto de pesquisa. Primeiro, a intervenção educativa desenvolvida deve ter por finalidade a promoção da autonomia das velhas de modo que possam refletir sobre o fato de serem atrizes de sua história familiar e social, considerando este momento do tempo presente um fato gerador. Segundo, a temática da velhice deve ser pautada nas capacitações dos orientadores sociais, ou seja, dos trabalhadores que conduzem os grupos de idosos, como é conhecido o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

Outro aspecto basilar em nossas observações de pesquisa refere-se à forma de tratar do idoso a Si Mesmo.

Colocando limites: um trabalho de respeito ao Si Mesmo

Idosa: - Olha, aqui tem uma outra questão que é você saber colocar limite nas coisas, tá certo? ... tinha uma idosa lá do lugar que eu trabalhei, ... Não vou lembrar o nome.

(...) Enfim, ela morava com a filha, né, e a casa era dela e o que que ela fez pra ela ter o mínimo de espaço dela? O quarto dela ela tinha a chave e ela carregava a chave no peito.

Porque assim ela tinha a privacidade; aquele canto era o canto dela e todo mundo respeitava.

P.: Isso.

Idosa: ... Então, não tinha como entrar pra mexer. Então, esse é um limite que você coloca, entendeu? Esse limite tem a ver com a questão do respeito. Daqui você não passa, aqui é meu espaço.

P.: - Tem a hora da gente ficar só.

Idosa: - Toda e qualquer relação é como casamento, né... Tem o momento de

você tá junto, tem a hora do bem-bom e tem a hora de você ficar sozinho, né?
... Então a gente tem que saber colocar limites, porque o limite tem a ver com o respeito e a gente é que põe o respeito do outro pra com a gente.

(Narradoras idosas)

O limite é dado na relação, não é só a questão de estar junto ou separado, trata-se do respeito de si e do outro para consigo. É um aprendizado de convivência. E eu já vi, nesta pesquisa, que a relação dos pais velhos com seus filhos era comumente uma relação especular: os filhos se relacionavam com os avós olhando, como em um espelho, o modo como os seus pais o faziam.

Destaca-se, aqui, dentro desses parâmetros, que cada família é uma unidade singular, tendo normas que lhe são próprias.

Cada família uma sentença

Idosa: - Não. Meus filhos, mandam eu ir pro forró, mãe vai se arrumar, vai pro forró, vá dançar, arruma um véi lá pra mãe, mãe. Eu digo, eu não. Eles faz é mandar.

Idosa: - Pois eu se eu for dizer que vou arranjar um véi pra mim, o seu L que dançava comigo há dois anos... Aí o seu L queria mais do que a dançarina, ele queria uma pessoa para companhia, porque ele vive só lá no São Miguel.

Aí quando ele me falou que queria uma companhia, eu disse: - Não, seu L, é porque eu tenho um casal de filhos e eu moro com a minha filha e assim eu ajudo muito filhos.

Se eu falar que vou arranjar uma pessoa, nem brincadeira eu falando, eles já mandam eu...

- Dê-se ao respeito, mãe, deixe de conversa de homem aqui, de véi, num sei o quê...

Deus já levou o pai é porque não quer ver você sofrendo por negócio de homem, num sei mais o quê...

(Narradoras idosas)

Enquanto alguns filhos proíbem a mãe de refazer a vida conjugal em razão da situação de violência acima descrita – no primeiro momento; outros, ao contrário, incentivam que a vida continue.

As diferenças intergeracionais, generetoin gap, foram apresentadas pelas idosas evidenciando a variação de escolhas e de milites. No entanto, a questão retorna

com outra coloração. A diferença fica mais evidente.

A sociedade do ter

Idosa: - Seis pares de sandália está lá anotado; e coisa importante mais vai faltando...

Idosa: - Se a gente não soube criar, né, também... Tudo é criação da pessoa.

P.: ... Aproveitando o que a senhora está falando, a gente já entra num outro tema, que é o dessa nova geração; ela pertence a um tempo, que é nosso, também, onde há um hiperconsumo... O que é o hiperconsumo? É o consumo exagerado de coisas que a gente às vezes não tem necessidade... E que movimentam e centralizam muitas riquezas com poderosos grupos...

Idosa: - Tem muita coisa em jogo.

(Narradoras idosas)

Procuramos mostrar que nem tudo é educação dos pais. A nossa intervenção aqui era explicitar que existe uma conjunção de fatores em que eles mesmos concluem o que deve ser tematizado, ou deixam os temas virem à tona e o problematizam, ou vão elaborando novos assuntos. Além disso, já se sabe que a sociedade nos imprime um ideal, um modelo a ser seguido (WAGNER, 1979), porém, há rupturas: o envelhecer diz delas. Assim, buscamos mostrar a construção social da velhice, revelando o que ela pode ir modificando no mundo. Percebemos, então, padrões relacionais serem modificados por contextos complexos, mas o sujeito não desaparece, e, portanto, luta-se.

O retorno do tema denuncia o quanto à questão de viver a velhice e conviver com os jovens podem estar em aberto. O que precisa, no entanto, é ser mais bem trabalhada, elaborada, tanto no pessoal como no coletivo, para ser compreendida. Observemos que abaixo o tema emerge novamente.

Culpabilização X condicionantes sociais

Idosa: - Não soube criar, né, também. Tudo é criação da pessoa. Meu filho está criando melhor os netos?

P.: - Eu não diria que a gente pode dizer que fulano não soube criar, é o que eu tô tentando mostrar pra vocês; é que a sociedade mudou a forma de conceber a nova geração, essa coisa do respeito, da autoridade, está mudando. Há o diálogo.

Idosa: - É. Acho que o diálogo é agora.

(Narradoras idosas)

A leitura de mundo se dá a partir do mundo experiencial dos sujeitos. Entretanto, há que se fugir de uma visão reducionista, estreita, das relações familiares como único aspecto constitutivo da realidade. Ao firmar que tudo depende da criação, ela, a avó, pode está admitindo que tudo é passível de mudança. E, nesse nível, se sai de culpabilizações para escolhas e responsabilidades. Tentamos discutir sobre condicionantes socioculturais e históricos, mas sem desconhecer a experiência, de onde se sai o melhor: a criação é lugar de muda.

Dentre estes condicionantes, como veremos a seguir, está a influência dos pares. As vivências da velhice não se dão sem conflitos familiares e sociais. Se há, segundo Kancyper (1999), o vertical, hierárquico, há os âmbitos relacionais mais horizontais. Ainda segundo o mesmo autor, o conflito é constitutivo da família. Mudar exige liberdade e escolhas – e isso se dá em terreno de conflituosidade, sendo importante e necessário lidar, de modo dialógico, com atos de mudanças. Assim, ao permitir as experiências de cada um, em ambiente dialógico, a família dá sinais de saúde mental. O inverso seria o adoecimento psíquico.

Temos, de um lado, fatores familiares, e, de outro, fatores culturais, em que ambos concorrem para o conflito e para as possibilidades do diálogo intergeracional. Esta relação dará a identidade geracional.

As vivências geracionais parecem ter uma diferenciação abissal. A questão é como trazer essas dessemelhanças para serem trabalhadas, pois, sem elas, as gerações irão viver uma eterna queda de braço na disputa de poder, de espaço social e de valoração de si.

A educação poderia se dar também em torno dos aspectos intergeracionais, enfatizando a força dialógica das trocas reais e simbólicas. Haveria a necessidade de uma educação permanente e para a vida? Poder-se-ia instrumentalizar a comunicação entre as gerações? É nossa proposta.

3.5 Perfil do grupo

No levantamento de dados realizados por meio das fichas cadastrais dos idosos, identificamos algumas características do grupo de observação, nas quais estão inclusas as mulheres idosas que vivenciaram a intervenção. A este levantamento feito na pesquisa documental denominou-se de perfil sociodemográfico dos idosos, em que se constatou também que o local onde mora, entendido como endereço, não importava muito para os idosos, pois eles buscavam, na verdade, era ocupar seu lugar no espaço urbano, guiados pela fruição.

Na composição familiar, prepondera o casal, mas encontramos arranjos diversos, inclusive a coabitação com sobrinhos. A renda do idoso é baixa, diferentemente do preconiza Camarano e Pasinato (2004), mas é com esta renda que 63% dos velhos cearenses são chefes de família. A renda familiar nem sempre era informada, porém verificou-se, naqueles que a revelaram, uma elevação significativa na renda, embora não saibamos como é composto o gasto. A **participação no grupo** tem um elevado número de idosos, e há os que já estão com trinta anos de participação. Este fato **sinaliza a importância deste lugar para os velhos**. A participação masculina é mais elevada do que a apontada por Camarano e Pasinato (2004). E, certamente, o forró, em sua ampla dimensão, é fator determinante.

3.5.1 Perfil sociodemográfico

O Centro Comunitário do São Francisco está situado na região Noroeste de Fortaleza. Ele surgiu mediante a construção do conjunto habitacional para o reassentamento das comunidades ribeirinha do rio Maranguapinho. Tanto o conjunto habitacional como a instituição foram construídos pela PROAFA há 31 anos, ou seja, por volta de 1985, segundo informe das velhas do campo.

Os dados do perfil, obtidos a partir das fichas de recadastramento dos velhos, teve a colaboração do pesquisador que as preencheu. Neste momento, foram feitas duas pastas: uma para o grupo já existente, das terças e quintas-feiras pela manhã;

e a outra para o grupo das segundas e quartas-feiras à tarde, de acordo com a opção dos velhos. O grupo a ser criado seria um desmembramento do já existente, pois estava muito grande, com mais de cem participantes. Isto seria um ajuste do serviço ao preconizado no SUAS, que demanda grupos de até 50 participantes no SCFV.

O Primeiro item que apresento é a localização da residência. Este é um elemento importante para o SUAS, já que ele se propõe a trabalhar com o georreferenciamento de área, ou seja, pensar na relação dos atendidos com os imóveis, suas potencialidades e deficiências, com vistas a ações na área. Com relação à localização das residências dos velhos, identifiquei três tipos: na área de abrangência da unidade pesquisada, fora da abrangência, mas situada em Fortaleza e em outros municípios.

Tabela 3.5.1: Localização de Moradia na Área de Abrangência da Instituição Pesquisada

Na área de abrangência	Total	%
Antônio Bezerra	13	10,00
Autran Nunes	2	1,54
Jardim Guanabara	2	1,54
Genibau	4	3,08
Quintino Cunha	37	28,46
Vila Velha	2	1,54
Subtotal	60	46,15

Fonte: o pesquisador

Veja que, das fichas válidas que gerou a tabela 5.1, 46,15% dos idosos atendidos moram na área de abrangência da instituição, logo, a grande maioria, 53,85%, mora fora desta área. Isto implica na dificuldade de fazer o atendimento dos velhos com pauta no georreferenciamento preconizado pelo SUAS. Como entender a relação do idoso com seu entorno, com sua comunidade, se este meio não é conhecido? Quais as características deste lugar, suas limitações e potencialidades? Deste modo, como orientar e realizar encaminhamentos se são desconhecidos os equipamentos e serviços disponíveis na área de moradia da maioria dos idosos. Isto constitui um entrave para o atendimento que vai além do preenchimento do tempo.

Mesmo que o elemento crie dificuldades para o trabalhador que atende diretamente o idoso, isto pode ser visto como um ganho. O idoso, a partir do usufruto de seu direito à gratuidade, pode se deslocar para buscar o que lhe apraz onde estiver. Portanto, isso constitui não só o exercício do direito de ir e vir, mas é também o exercício da autonomia, de escolher estar onde lhe é propiciado o que deseja. Assim sendo, a maioria faz suas escolhas a partir do que lhe apraz.

Porém este ganho pode estar sob ameaça, haja vista que a lógica burocrática e burocratizante, que permeia o serviço público, desejará a restrição, já que lhe aferiria o controle sob a população na justificativa de bem lhe servir. Na verdade, iria lhe poupar trabalho. No entanto, é possível, no atendimento do velho de outra área, informar que desconhece a área onde ele mora, contudo, ele pode identificar e informar qual a unidade é responsável pelo território onde mora, repassado o endereço. Caber-lhe-ia, ainda, esclarecer que a unidade poderia ajudá-lo, pois disporia de informação sobre ele. Porém, se o trabalhador quiser ser mais proativo, poderá ligar para o serviço se identificando e pedindo maiores informações para que ele próprio repasse ao idoso. Essas atitudes, seguidas do monitoramento do caso, são elementos de suporte que asseguram ao atendido uma relevância pessoal e social.

Veja agora a tabela que registra os dados relativos àqueles que moram no município de Fortaleza, mas que estão fora da área de abrangência institucional.

Tabela 3.5.2: Localização de Moradia Fora da Área de Abrangência da Instituição Pesquisada

Fora da abrangência	Total	%
Alvaro Weyne	2	1,54
Barra do Ceará	1	0,77
Barroso	1	0,77
Bela Vista	1	0,77
Bom Futuro	1	0,77
Bom Jardim	1	0,77
Bom Sucesso	3	2,31
Carlito Pamplona	1	0,77
Centro	1	0,77
Cidade Oeste	3	2,31
Conjunto Ceará	2	1,54
Conjunto Esperança	1	0,77

Conjunto Palmeira	1	0,77
Couto Fernandes	1	0,77
Cristo Redentor	1	0,77
Dom Lustosa	1	0,77
Henrique Jorge	3	2,31
Jardim Iracema	2	1,54
Jacarecanga	1	0,77
João XXIII	2	1,54
Lagoa Redonda	1	0,77
Maraponga	2	1,54
Messejana	4	3,08
Montese	1	0,77
Mucuripe	1	0,77
Mondubim	4	3,08
Nossa Senhora das Graças	1	0,77
Parangaba	1	0,77
Parquelândia	3	2,31
Parque Santa Rosa	1	0,77
Planalto Pici	1	0,77
Presidente Kennedy	2	1,54
São Miguel	3	2,31
Santa Cecília	1	0,77
Serviluz	1	0,77
Vila Manuel Sátiro	1	0,77
Vila União	1	0,77
Subtotal	59	45,38

Fonte: o pesquisador.

Observe que o percentual é inferior ao da área de abrangência, mas é quase equivalente. Porém, quando este percentual for somado ao fora de Fortaleza, chega a 53,85%. Assim, mais da metade está fora da abrangência. Nesta tabela, resalto que alguns bairros são bastante longínquos e, até, diametralmente opostos, tendo o participante que atravessar praticamente toda cidade, a exemplo dos bairros do Serviluz, da Messejana, da Lagoa Redonda, do Mucuripe e da Parangaba. A distância, nestes casos, não se constitui um impedimento para buscar grupos que lhes agradem. Mais a frente, quando formos ver a tabela de gênero, irei identificar a causa da escolha do

grupo. Ao comparar com a tabela abaixo, destaco que o Município de Caucaia é mais próximo que os citados bairros. Deste fato decorre sua maior concentração.

Tabela 3.5.3: Localização de Moradia em Outros Municípios

Outros Municípios /RMF	Total	%
Caucaia/Araturi	1	0,77
Caucaia/Jurema	1	0,77
Caucaia/Metrópole	1	0,77
Caucaia/Parque das Nações	1	0,77
Caucaia/Parque Potira	1	0,77
Caucaia/Pe. Julio Maria II	1	0,77
Caucaia/Tabapuazinho	2	1,54
Pacatuba	2	1,54
Subtotal	10	7,69
Outros municípios		
Itapipoca	1	0,77
Subtotal	1	0,77
TOTAL	11	8,46

Fonte: o pesquisador.

Existem participantes fora da região metropolitana. Observei que a mudança de endereço não implicou uma ruptura com o grupo de origem. Desta forma, para este participante, o grupo é uma referência significativa que o leva a preservar os vínculos de participação e afetividade. Se o trabalhador encarregado de conduzir o grupo impelir o desligamento em função do georreferenciamento, ou, por outro motivo, julgar lícito os aspectos subjetivos deste sujeito, este será desprezado. Isto se constitui em impingir a maior desqualificação a uma pessoa, o que pode levar a uma subjugação, uma dominação.

Caminhando no sentido contrário, foi vista, no capítulo III, a valoração de aprendiz, em Freire (2011), como promotor da autonomia. São nessas pequenas filigranas, nas sutilezas das tessituras da relação que se fincam as grandes bases da dominação. Isto é ratificado por Boff (2015) ao afirmar que mesmo aquele que tenha uma intenção libertadora poderá, na prática, atuar no sentido contrário. E isto deve ser levado em conta quando se for mexer nestas situações. O próximo item a ser apresentado é o modo de viver do idoso traduzido como composição familiar.

Tabela 3.5.4: Composição Familiar

Situação Familiar	qto	%	1	%	2	%	3	%	4+	%
Sozinho	39	30,00	-	-	-	-	-	-	-	-
Acompanhado	91	70,00	-	-	-	-	-	-	-	-
Tipo de acompanhamento										
Marido/Mulher *	34	26,15	-	-	-	-	-	-	-	-
Filho(a) natural ou não	-	-	43	33,08	14	10,77	2	1,54	2	1,54
Nora/Genro	-	-	14	10,77	-	0,00	-	0,00	-	0,00
Neto	-	-	13	10,00	5	3,85	5	3,85	-	0,00
Bisneto	-	-	2	1,54	-	0,00	-	0,00	-	0,00
Irmão/irmã	-	-	3	2,31	-	0,00	-	0,00	-	0,00
Cunhado(a)	-	-	2	1,54	-	0,00	-	0,00	-	0,00
Sobrinho(a)	-	-	0	0,00	2	1,54	-	0,00	-	0,00
Enteado(a)	-	-	1	0,77	1	0,77	-	0,00	-	0,00
Outros (amigos, primos)	-	-	2	1,54	-	0,00	-	0,00	-	0,00

Fonte: o pesquisador

Obs. 1) * Vivendo Junto; Obs. 2) pode haver mais de um coabitante.

Observe que na tabela 5.4 identifiquei dois grandes blocos, os que estão acompanhados (70%) e os que estão sós, que o IBGE nomeia como unidade unipessoal, com percentual bem elevado de 30%. Esta tem sido uma tendência que parece estar aumentando. O fato de composição familiar reduzida tende a crescer em razão do número de casais com um ou sem filho. Existe uma tendência da conjuntura econômica e financeira levar os jovens a migrarem em busca de emprego ou melhores condições de trabalho; porém, parte dos velhos fica.

A velhice solitária pode carrear consigo a violência. A primeira notícia que tive desta condição foi o latrocínio ocorrido dentro de uma instituição de longa permanência em Fortaleza, no Joaquim Távora. Foi o roubo de uma televisão seguido de estupro e morte. A Segunda vez foi no interior – uma idosa morava em frente à praça da igreja principal, no meio do quarteirão, sozinha. Após dias de mau cheiro, vieram a descobrir sua morte. Os assaltantes tiveram que passar por várias casas sem que ninguém os visse ou ouvisse nada. O terceiro caso, mais recente, foi no meu bairro. Além desta vulnerabilidade, o risco de desnutrição e acidentes domiciliares é grande. É

preciso pensar numa rede de solidariedade e acompanhamento para estas unidades unipessoais, que devem ter prioridade na PSB.

Os que vivem acompanhados (70%) têm, em sua maioria, uma escala ampla de variação, que vai do companheiro ao amigo e ao primo. Surpreende-nos, entretanto, o fato de os filhos serem um percentual maior que os de companheiros, ou seja, 33,08% contra 26,15%, isto quando se fala em apenas um filho; ao considerar todos os filhos, esse percentual é bem maior, 46,93 %. Assim, os filhos são, percentualmente, os maiores coabitantes dos idosos deste grupo. Os números apresentam quantos estão vivendo com os idosos, porém não se sabe como está se dando esta relação doméstica. Foram vistos, anteriormente, os velhos como referência de chefes de família.

Tal fato pode ser compreendido ao se considerar a preponderância feminina no envelhecimento populacional como um todo, além do número elevado de viúvas, que, provavelmente, seja o fator determinante. Destaco que pelo menos uma das idosas do grupo da intervenção morava sozinha e próxima ao filho casado. Este, segundo a idosa, toda noite ia dormi na casa dela.

Os demais idosos, que vivem com outros membros, fazem um arranjo familiar bem variado, o que surpreendeu, pois a distribuição se deu de forma equilibrada. Já em relação ao acompanhante, este variou em grau de parentesco, mas o que preponderou foi o membro familiar. Esclareço que o registro não fecha em cem por cento porque pode haver mais de um membro coabitando com o idoso. Veja a seguir a educação.

Tabela 3.5.5: Escolaridade do Idoso

Nível escolar	Número	%
Analfabeto	30	23,08
Fundamental incompleto	73	56,15
Fundamental completo	3	2,31
Médio incompleto	3	2,31
Médio completo	8	6,15
Superior incompleto	1	0,77
Superior	3	2,31
Não informada	7	5,38

EJA	2	1,54
Total	130	100,00

Fonte: o pesquisador

Quanto ao grau de escolaridade em relação aos dados coletados, 23,08% são analfabetos, não correspondendo ao percentual apresentado pelo IPECE/Costa (2010), que era de 46,48%. Certamente que a realidade local poderia variar, mas não se esperava um montante tão elevado, dobrando a cifra.

Esclareço que todas as informações obtidas no formulário de recadastramento eram autodeclaratórias. A experiência tem me mostrado que há um constrangimento do idoso ao se declarar analfabeto; e o que poderá ter gerado este diferencial? Destaco que, em todos os níveis de formação, houve representação com destaque para o nível médio incompleto e, inclusive, para o superior, tanto completo como incompleto. Veja a seguir o tempo de admissão.

Tabela 3.5.6: Tempo de Admissão no Grupo

Anos	Número	%
De 1 a 5 anos	64	49,23
De 6 a 11 anos	31	23,85
De 12 a 17 anos	10	7,69
De 18 a 23 anos	16	12,31
De 24 a 29 anos	7	5,38
De 30 a mais	1	0,77
Não informado	1	0,77
TOTAL	130	100,00

Fonte: o pesquisador

A primeira observação a ser feita é a longevidade do grupo, que está referenciada pelo participante que tem mais de 31 anos de participação. É quase o mesmo tempo de trabalho para uma aposentadoria. Isto só confirma o que Monteiro (2002) diz, que as atividades de atendimento em grupos se tornaram popular na década de 1980. Observe que há 26,92% dos participantes entre 12 e 31 anos, ou seja, 19 anos

depois os velhos continuam sendo participantes, o que mostra uma grande vinculação ao grupo.

Os grupos parecem estruturantes do cotidiano, pois alguns velhos buscam, a cada dia, participarem de um grupo, estabelecendo, assim, uma rotina em substituição à do trabalho. Monteiro (2002) trata este tempo após aposentadoria como vazio de significado; a definição dada pelo velho atribui à rotina uma forma de aliviar a angústia desta tarefa.

Com a estruturação do SUAS, estes grupos têm prazo de duração de um (1) ano. Deve durar o tempo da execução de uma programação, como se esta formação fosse suficiente para os velhos enfrentarem seu processo. Existem aí dois equívocos, a informação como elemento não suficiente para dar conta desta situação; e o envelhecimento é um processo contínuo, sendo assim cada vez mais demandante de atenção, fato que não deve ser ignorado.

Tabela 3.5.7: Condição Econômica do Idoso

Renda Individual	Número	%
<i>Sem renda</i>	6	4,62
De R\$ 1,00 a 880,00	108	83,08
De R\$ 801,00 a 1.000,00	3	2,31
De 1.001,00 a 2.000,00	9	6,92
De R\$ 2.001,00 a 3.000,00	2	1,54
De R\$ 3.000,00 a 4.000,00	2	1,54
Acima de R\$ 4.001,00	-	-
Não informada	-	-
TOTAL	130	100,00

Fonte: o pesquisador

O grupo tem uma concentração extremamente excessiva na renda mais baixa, um salário mínimo, ou seja, 83,08%. Lembrando que, mesmo com esta pífia renda, 63% dos idosos são a referência das famílias. A segunda maior faixa está entre R\$ 1.001,00 de R\$ 2.000,00, ou seja, 6,92%, seguindo aqueles sem renda, 4,62%. A tabela 5.7 não traz novidades.

Tabela 3.5.8: Condição Econômica da Família do Idoso

Renda do Familiar	Número	%
<i>Sem renda</i>	0	0,00
De R\$ 1,00 a 880,00	14	73,68
De R\$ 801,00 a 1.000,00	1	5,26
De 1.001,00 a 2.000,00	1	5,26
De R\$ 2.001,00 a 3.000,00	2	10,53
De R\$ 3.000,00 a 4.000,00	1	5,26
Acima de R\$ 4.001,00	0	0,00
TOTAL	19	100,00

Fonte: o pesquisador

Obs. Nem sempre a renda foi declarada.

A obtenção desse dado era o mais difícil, pois os velhos, usualmente, não sabiam informar, tinham medo de serem percebidos como bem-sucedidos financeiramente e perderem o grupo. Logo, há um sub-registro do dado. Do que foi registrado, posso afirmar que o ganho familiar se iguala ao do idoso, ficando a maioria com um salário-mínimo, ou seja, 73,68%. O padrão econômico tende à repetição, mantendo-se na mesma classe socioeconômica dos pais, embora haja a possibilidade pequena de ascensão socioeconômica, 10,53%.

Tabela 3.5.9: Condição Econômica Total da Família

Renda Familiar total	Número	%
De R\$ 1,00 a 880,00	4	3,08
De R\$ 801,00 a 1.000,00	0	0,00
De 1.001,00 a 2.000,00	39	30,00
De R\$ 2.001,00 a 3.000,00	5	3,85
De R\$ 3.000,00 a 4.000,00	2	1,54
Acima de R\$ 4.001,00	5	3,85
TOTAL	55	42,31

Fonte: o pesquisador

Obs. Renda Familiar total – somatório dos idosos e familiares.

Quando a renda é vista em conjunto, idoso e demais membros, o nível socioeconômico melhora e a grande maioria fica na terceira faixa de renda, 30%. Outras faixas aparecem, mesmo que de forma diminuta; já não existem o sem renda, e 3,08% estão no padrão mínimo. A quarta e a sexta faixa se equivalem, com 3,85%. A faixa

menor é a quinta, com 1,54%. A renda conjunta eleva o padrão socioeconômico como um todo, porém não se sabe como é efetuado o gasto e quanto cabe a cada um, isto seria mais significativo que o montante em si.

Tabela 3.5.10: Condição Econômica do Idoso Quanto à Fonte

Fonte da renda	Número	%
PBF	5	3,85
BPC idoso	6	4,62
BPC pcd	1	0,77
Aposentado	90	69,23
Pensionista	21	16,15
Sem renda	9	6,92
Na ativa	13	10,00
Não informado	13	10,00
Total	158	121,54

Fonte: o pesquisador

Obs1. A fonte refere-se apenas ao idoso. Obs2. Há idosos com mais de uma fonte.

Segundo a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, o primeiro elemento que se destaca como público-alvo preferencial dos serviços de convivência são os de baixa renda, em especial, os beneficiários de programas de transferência de renda, como o Programa Bolsa Família – PBF e o Benefício de Prestação Continuada – BPC. Ambos trabalham com recurso da Assistência Social. Um elemento que pode contribuir para o baixo percentual BPC do idoso seria o equívoco de algumas pessoas ao considerar o BPC como uma aposentadoria. A Aposentadoria é arrecadada e repassada pelo INSS, portanto contributiva. O BPC é recurso da assistência social, um benefício que não implica contribuição prévia. Os dois são geridos pelo INSS, por isso poder ocorrer a confusão. Isto também pode explicar o baixo índice do BPC do Idoso. No entanto, ao aposentado e pensionista são disparados os melhores índices, 69,23% e 16,15%, respectivamente, que totalizam 85,38%. Outro elemento que surge são os idosos que ainda permanecem ativos, 10%, abaixo da média nacional, já apresentado no capítulo II. Veja a seguir a participação por sexo.

Tabela 3.5.11: Participação por Sexo

Sexo	Quantidade	%
Masculino	43	33,08
Feminino	87	66,92
Total	130	100,00

Fonte: o pesquisador

Há dois aspectos a serem comentados acerca da tabela 5.10: o quantitativo, tanto feminino quanto masculino. O primeiro mostra a preponderância das mulheres na participação dos grupos e no processo de envelhecimento como um todo, fato apresentado por Camarano e Pasinato (2004). Ainda segundo as autoras, o percentual masculino chega ao máximo de 20% dos participantes, fato que não se repete no grupo investigado. A resposta, creio, está no diário de campo. O tipo de atividade ofertada parece selecionar o gênero. Veja o que foi observado.

Quando o local investigado tentava desmembrar o grupo em dois pesquisadores acompanhou o movimento do campo. Assim fomos a primeira reunião no turno da tarde. Nesta reunião, o que nos chamou atenção foi a fala de dois participantes homens ao tratarem das atividades desenvolvidas nos grupos. Um avisava: “só vou se tiver forró, se não tiver eu não vou”. O outro afirmava: “não me bote pra colar figura”. Estes homens sinalizavam que a participação deles está atrelada ao tipo de atividade ofertada pelo grupo.

No caso do grupo investigado, três atividades ocorrem concomitantemente e de modo permanente. Uma é o grupo de artesanato. Este é realizado na última sala do corredor, constituído praticamente de mulheres, com a participação apenas de um homem, que foi servidor público e antigo instrutor de artesanato da unidade. O outro é o grupo dos jogadores de dominó, que fica no corredor contíguo ao salão do forró. São duas mesas funcionando e a atividade é mista, porém há predomínio dos homens. Por último, o forró, que acontece num grande salão onde também se dá a reunião. Aqui, a predominância é das mulheres. No forró, concentra-se a maior participação dos homens, embora haja um número maior de mulheres. Existe também uma tendência à formação de pares, que podem ser só dançantes ou afetivos.

O forró parece ser um elemento forte da programação para assegurar a presença masculina. Em conversa telefônica com Tereza, amiga e gerontóloga, ela me ajuda a elucidar a questão quando diz que, na dança, é o homem quem conduz. Assim, o papel do homem, macho no comando, fica preservado. Sem contar com o prazer da atividade em si e da eroticidade que gira entorno dela.

(Jornal da Pesquisa)

A reunião do grupo se encerra, então, com a oração católica puxada pela coordenadora do encontro dos idosos, seguindo-se depois o almoço. Verificamos aqui que o tripé do atendimento ao idoso, assinalado por Monteiro (2002), comer, dançar e rezar, ainda perdura. Embora no grupo investigado haja algo mais, o artesanato e o jogo. Contudo a base perdura.

4. UM JARDIM CLARKEANO PARA A VELHICE?

Figura N° 4.1: Você Pode



Intervenção no espaço urbano - **Autor desconhecido**

Pensar que podemos criar, propor e executar coisas tanto quanto às que apreciamos no tempo presente, é uma forma de pensar que potencializa as pessoas. Este é, no fundo, o propósito deste trabalho com as idosas do Centro Comunitário São Francisco: criar viabilidades, inicialmente, para as velhas participantes da pesquisa. Depois, se as proposições forem factíveis, disseminá-las ao mundo da cotidianidade, como um exercício de jardinagem.

Neste capítulo, apresentaremos nossas proposições de intervenção mais precisas. Partiremos da articulação das ideias epicuristas, que inclui as visões de

felicidade, para nos inspirar nas concepções de Lygia Clark, que trazem o olhar sensível às intensidades existenciais.

É nesse campo do simples, do que emerge como cotidiano na existência e no tempo presente, que me atenho às proposições do que nomeio de pré-expressividade da arte: o nascedouro da arte, onde o sentido que se esvai nas coisas cotidianas é buscado na forma fugidia do que se elabora no grupo de vivências dos idosos.

4.1 Os jardins da vida passaram?

4.1.1 Epicuro: o despertar de um jardim

A ideia de um jardim foi pensada a partir da fala de uma idosa. E eu me remeti ao Jardim de Epicuro, espaço que existiu de fato e era, na verdade, um híbrido de escola e moradia. Nele se vivia de forma comunitária, cujas bases eram os princípios filosóficos do grego Epicuro. Segundo Lorencini e Carratore (2002), no Jardim de Epicuro, vivia-se quase de modo ascético, mas a felicidade era um devir pensável.

Se Epicuro tinha em mente uma filosofia prática, provavelmente determinante da fundação do Jardim, sua perspectiva filosófica, ao contrário, era essencialmente ético-moral. Ela refletia e superava também o momento histórico grego, pós Cidade-Estado e pós-democracia, pois a Grécia havia sido anexada ao Império Macedônio. Nesse contexto, Epicuro fala de uma felicidade factível, possível, vista como elemento político fundamental para pensar o corpo do sujeito e, em decorrência deste, talvez o corpo social.

Pensar nos jardins de Epicuro como metáfora capaz de condensar a ideia de uma felicidade factível me interessava, pois abria fendas de possibilidades no trabalho com a velhice, capacitando-me a buscar pistas de saída para a condição sociocultural limitante imposta a eles. Neste texto, iremos trazer, nos movimentos de idas e vindas, de *esmorecimentos* e força, mediante as narrativas e as falas em grupo das velhas do Centro Comunitário São Francisco, os sujeitos de minha pesquisa e as reflexões sobre a existência segundo a fala deles mesmos.

Jardim, um vir a ser

Idosa: Os jardins da vida passaram? Acho que não. Eles estão dentro de nós.

(Narradora Idosa)

Há que se destacar, ainda, que eu fazia um nexo entre Epicuro e a inspiração em Lygia Clarck. Tanto em um como no outro existe, como pano de fundo, um cenário político e social desfavorável, e por que não dizer violento. Em Epicuro, a felicidade, como será vista abaixo, centra-se no corpo, réplica do corpo social; na busca da ausência do sofrimento e na serenidade de espírito. O corpo, na arte de Lygia Clark, também emerge em um contexto maior, na prática vivida pela própria artista num cenário político em que vige uma ditadura militar. Decorrente deste fato, a artista Lygia Clark concebe e premedita o autoexílio em Paris por cinco anos. Havia, penso eu, no país hoje, um pleno golpe do mercado aliado a uma política cuja representação periclita como resistência ao desmonte de um processo de viabilização de políticas públicas para os setores populares. Um cenário político grave, onde a violência da acumulação se institucionalizava como modelo político.

Pensando nesses três momentos históricos, que focaram o corpo como possibilidade de felicidade, e nos sujeitos da pesquisa, as velhas, buscar-se-á agora ouvir os senões do envelhecer e a força para cultivar esse jardim ou um lugar no eu do autoexílio, para onde as velhas poderiam continuar seus sonhos.

O lugar de fuga para as idosas em relação às representações que as coisificava, segundo minha percepção, era no momento da Dança. Descoberta esta dos trabalhadores que escutaram a cultura popular e suas práticas de vida. Assim, o corpo na dança era um grito de vida, uma resposta à velhice adoecida e parada em um canto do palco da existência.

Pelo que eu vira,

Arregimentar forças

Idosa: Tem dia que a gente esmorece e diz, eu vou [para o grupo] mesmo assim. E danço.

(Narradora Idosa)

Como foi visto no capítulo 1, o corpo passa por modificações físicas/fisiológicas e psicossociais (é um corpo social representado e simbolizado). Tais mudanças afetam os velhos: em sua relação consigo mesmo; em sua maneira de se relacionar com os outros, sejam eles outros velhos, membros mais jovens da comunidade ou a própria família. Apesar disso, há uma resistência deles em se entregar ao *esmorecimento* – e, assim, pela via da dança, que é um lugar de trabalho social que se faz com idosos, tem-se um “devo retomar este corpo unindo força de psicofísica e social”.

O que impressiona, nesse conjunto de questões que envolvem limites reais e representações restritivas, é a capacidade de a idosa viver com limitações físicas e aprender a conviver com o diferente. Assim é que em uma participante da pesquisa relata o apoio recebido.

Conhecendo sua história de vida ao longo dos encontros, sei que ela conta com o apoio da família, dos filhos e da cunhada, que sempre a trazem e a levam para o grupo. E ela continua se divertindo e saboreando a vida.

Uma escolha a fazer: envelhecer só ou morando com filhos?

Idosa: - Eu moro com um filho,... E eu não quero morar só.

Idosa: - Mas você se dá bem com a sua nora?

Idosa: - Tem aquelas coisinhas,... Mas eu não quero morar sozinha eu não quero. Porque é ruim uma pessoa de idade morar sozinha numa casa. Me acontece uma coisa de noite. Quando eu viajar, pronto.

P.: - Aí são outras coisas que acontece com a nossa, com o nosso envelhecimento.

Idosa: - Só aqui pra poder pegar o exemplo dela, tá? Aí é um medo e uma questão de segurança, né?... o mundo hoje tá bastante violento e você fica inseguro de ficar sozinho, porque é um risco maior.

Idosa: - É perigoso.

P.: - Ou eu fico sozinho e corro o risco ou eu posso morar com uma nora e com meu filho e ter os aborrecimento. É isso que você diz?

Idosa: - ... É. É uma escolha. Quero morar sozinha na minha casa quando meu marido morrer,... Porque eu não gosto de ser incomodada, ... olha, da mei dia pra tarde eu almoço, tomo banho, almoço, armo minha rede no meio da casa e durmo até o outro dia se eu quiser.... E mora parede comigo. E as meninas lá são sabidas, parece que quando dá meio dia pra tarde elas já

dizem vovó de jeito nenhum, elas já sabem que vovó tá dormindo. Agora se elas me verem do lado de fora, enquanto não tá elas não vão não.

(Narradora Idosa)

A vivência das alterações físicas, fisiológicas e psicossociais pode trazer uma percepção de fragilidade e insegurança. Ante essas vivências, há uma escolha a ser feita, não existe regra. Foi visto que a maior parte dos idosos do grupo pesquisado coabita com algum parente. Dessa forma, eles percebem que cada escolha tem suas vantagens e desvantagens, contudo, fazem-se necessários alguns cuidados com os limites da relação na convivência.

O limite é dado na relação – eles diziam. “Não é só a questão de estar junto ou separado, disse uma idosa, o problema é tratarem a gente com respeito” – falou outra idosa. E completou: “Porque há limites maiores e maior dificuldade na convivência, quando se é violento do que quando se está ficando velha e o corpo muda”.

A senescência, que é um envelhecimento tomado como normal (sem graves adoecimentos), em que há uma diminuição progressiva da condição funcional em responder às demandas do meio ambiente (CIOSAK et al., 2011), tem se misturada aos agravos da velhice. Porque as representações sociais que recaem sobre as idosas, em termos de aproveitar um pouco a vida sem se devotar apenas aos cuidados dos outros, são tão carregadas de acuidades, de reprovações à sua sexualidade como mulheres, como já vimos anteriormente. Notadamente, ainda existem rupturas.

4.1.2 A dança como ruptura?

O forró, segundo o Perfil Socioeconômico que fiz, revelou ser a atividade preferida, tendo uma presença significativa do sexo masculino. Diante disso, gostaria de entrar agora na dinâmica da atividade em si a partir das observações feitas em torno dela.

Na condição de observador participante dancei por três vezes. A primeira vez fui saudado por um número significativo de pares dançantes, sobretudo os homens, que me davam tapinhas nas costas, como boas vindas e também

como se dissessem “esse é um dos nossos, é um igual”. Isto era significativo na medida em que sinalizava uma aceitação da minha presença.

Quanto ao dançar, confesso que me diverti, gostei e saí pensando que eles teriam razão em preferir dança a outra atividade. Na dança, tinha os pares fixos, os avulsos e os observadores, em um espaço interativo que congrega a maioria dos participantes.

Havia o toque, aspecto que mostra a necessidade humana de intimidade mais profunda.

E havia um sinal: estou viva; danço, possuo minha sexualidade.

Envelhecer é gostar mais da vida? – era isso que eu via ali. Estaria certo?

(Jornal da Pesquisa)

Algumas personalidades me sugeriam atentar para certos sinais emblemáticos, e assim o fiz identificando presenças marcantes, como: a Senhora da blusa amarela; o casal da Vila das flores; a Velha Senhora Triste; as Solteiras Dançarinas. Ante este quadro, considerei a existência de um corpo que dança, que diz ter desejos, estesia, que quer ser visto e procura se relacionar com as situações do mundo que lhe solicitam a atenção.

Na dança, percebia-se que a energia psíquica precisava dos objetos externos para se vincular e, assim, obter prazer, alegria, contato social, e estes objetos, comumente, são socialmente estabelecidos. O sentido social e subjetivo de cada estímulo ia, paulatinamente, sendo recriado por aquela idosa que envelhecia. E era importante ver a luta que se punha como prática cotidiana, nas falas das velhas, por esta ir de encontro às representações que lhes negavam aspectos que elas julgavam estarem presentes na dança.

Eu dera copos de cores diversas, com água, e começara uma discussão sobre sabores e cores. Partia de um ponto simples. Cotidiano.

Antes eu trabalhara a relação educador e educando, que mostrarei depois, e logo a seguir, senti que queria falar desse desejo às vezes velado de dançar. Que elas tinham, as velhas. E era algo muito forte no grupo, que deixava divididos os educadores sociais: uns achavam isso pueril, sem sentido; outros reafirmavam o valor da cultura local do forró e das interações que nele se criava.

Mesmo que eu ficasse com a segunda postura, agora me interessava a forma com que isso era discutido ou abafado entre as falas. Era uma forma de

aprender minha, também, ouvir suas formas de sair para viver, quando tudo às vezes “era de se ficar esmorecido”, como diziam.

(Jornal da Pesquisa)

Por ocasião deste encontro, procedi de forma similar à vivência anterior, porém, já não era mais a relação em si do educador (função educadora) e educando (função de aprendiz) que se tocava, como se verá mais adiante. Desta feita, seria o mesmo o conteúdo das falas que iria se diferenciar, mostrando resistências na medida em que escolhas do que é viver eram feitas.

Tudo começa pela vinda para o grupo.

Idosa: Eu chego no ônibus, quando eu entro, eu digo assim:

- Ei, meu filho, dá prá você me dar sua cadeira? Eu estou cansada, mais velha que você, estou esmorecida, olha, muito cansada (e ele olha pra mim, olha de novo).

Idosa: E ele diz:

- Pois não, senhora...

Idosa: Agora as cadeiras amarelas *eu exijo*, porque é o meu direito, e *se nós num tirar a lei do papel ela num vai vogar não!* ... Você num acha?

(Narradora Idosa)

(grifo nosso)

Começou-se uma discussão em que cada uma mostrava um exemplo que se fazia valer como direito. O mais discutido foi o que começara a narração da tarde. A ideia mais forte e recorrente foi a exposta no caso da vinda para o Centro comunitário São Francisco e a luta que se dava no ônibus para usufruir do direito de vir sentada, como preconiza a lei: “ agora as cadeiras amarelas *eu exijo, porque é o meu direito, e se nós não tirar a lei do papel ela não vai vogar não!*”

Depois de certo momento, a discussão percorreu um esvaír-se do tema. Então, como eu preparara uma estimulação sobre o que seria a própria diferença e a igualdade social, comecei.

Primeiramente, eu distribuí os copos, como se vê na figura abaixo, e as opções seriam entre insípido e incolor e cores e sabores diversos. Isso foi feito justamente para problematizar as formas de ser e de aprender com o envelhecimento, que cada um fará a seu modo. Depois que cada um escolhia seu copo e seus conteúdos/sabores, falava de sua eleição.

A exemplo do encontro anterior, neste montamos dois cenários o das expressões comuns e ou singulares, lembrei-me do preço que se paga com as nossas escolhas. Eu também aí estava. Desta vez as idosas deveriam realizar a escolha entre água, suco de tangerina ou morango. E falar de si, depois, como se disse.

O conteúdo era variado porque a forma de aprender também seria diferenciada em cada um. Haveria uma escolha possível e que, se totalmente consciente, poderia trazer conteúdos mais profundos do eu.

(Jornal da Pesquisa)

Figura N.º 4.2: Uma Exposição de Objetos Cotidianos e Estimulações sobre Reflexões.



Exposição de objetos de uma vivência grupal. Arquivo pessoal do pesquisador

Considerando essa centralidade e suas possibilidades no corpo e a dança das idosas, em seu maravilhamento, eu enchia os copos e organizava a mesa, perguntando-me, intimamente: haveria algo em comum entre estes campos do desejo, os jardins de Epicuro, da dança das idosas, do cenário de usurpações e do autoexílio, e também das promessas de felicidade?

Experienciando uma outra sala

Idosa: - Então, os copos lá são os alunos tratados como comuns, todo mundo é igual?

Idosa: - Ninguém faz diferença em alguns lugares. Tem lugares que as pessoas são tratadas diferentes porque são diferentes.

Idosa: - Mas tem a igualdade dos direitos. No próprio direito a gente tem de ser tratada diferente.

Idosa: - [...] então vocês vão escolher o que que vocês vão beber e o sabor, ou a cor, ou se vocês querem morango ou querem tangerina. E acho que isso na vida não é simples. Tem escolha que a gente não imagina o preço.

Idosa: - Então você vem aqui, se serve, faz suas escolhas, faz suas escolhas na vida...

Bebam o que vocês querem, dancem... A gente escolhe dançar. Mas tem tanta gente que vê um mal nisso!

Idoso: - Aí, é? Eu danço mesmo assim.

Idosa: - Pode começar a escolher o copo?

P.: - Pode.

Idosa: - Como eu sou chique, como eu sou chique, eu gosto é de coisa dourada.

Idosa: - Eu bebi água.

Idosa: - Eu sou uma pessoa comum. Uma idosa comum. Que vem para sair de um fechamento.

Idosa: - Penso na minha diferença. Não quero que me diminuam por causa dela, da diferença que a velhice traz.

Idosa: - Eu tomando no copo de ouro... Sinto que me supero.

Idosa: Eu como sou simples, quero superar meu esmorecimento... Bebi no copo de água.

Idosa: É porque eu gosto de ser gaiata, chique, né, que eu gosto de tudo no dourado. Na outra encarnação eu era rica, dona do ouro. Nessa, foi luta mesmo... Muita.

Idosa: Minha filha, quantos anos cuidando dos filhos eu trabalhei! Corri demais no tempo que eu era nova. Trabalhei que só uma jumenta. Agora quero pensar a vida; viver e pensar como desejo. Saborear.

Idosa: - Antes escolhiam por mim. Eu entendia quando escolhiam por mim. Eu era quieta. Tentava obedecer, agradar, aprender. Mas quanto mais tentava agradar, menos era compreendida. Hoje, eu sei que pago um preço alto pelo que eu escolho, mas eu quero pagar esse preço.

Idosa: - Escolho; quero saber tudo sobre o que vou escolher.

Idosa: - Também eu. Só quero fazer o que percebo que devo. Tomo mais de conta de mim mesma que antes. Isso é envelhecer.

(Narradoras Idosas)

O que podemos ver do expresso acima pelas idosas:

A) descobriram que as escolhas possuem um preço: e as idosas querem pagá-lo. Porque já sabem que toda escolha tem preço.

B) Aprenderam que escolher implica assumir um lugar para expressar seu desejo; daí querer saber tudo do que podem escolher.

C) Perceberam que a igualdade dos direitos sociais deve comportar a diferença de cada um.

D) Compreenderam o envelhecer como uma diferença, porém, descobriram que a diferença social aparece, quase sempre, como diminuição de si; e esse tratamento elas não querem: não querem diferença como diminuição de seu valor.

E) Entenderam, com a vida, que existir nem sempre implica agradar ao outro; e que pode ser preciso mudar a posição na vida.

Esta leitura do que as idosas nos disseram permite ver o conflito: há por traz do expresso, nas entrelinhas, uma ideia do desengajamento do idoso, de sua desvinculação progressiva ao mundo onde estão os outros. E existem as lutas sociais, os direitos, e a resistência de se viver a velhice com suas diferenças, mas sem a redução do valor social dos velhos e das velhas, como vimos nesta pesquisa.

Sabe-se que os documentos internacionais sinalizam para a manutenção desses sujeitos como ativos e participativos, de modo que eles sejam direcionados para uma perspectiva de engajamento com suas diferenças, eu diria.

O que se percebe, socialmente, são sinais contraditórios no modo de se viver o envelhecimento. E entre a luta por igualdades no envelhecer e a singularidade dessas escolhas, cuja solução fica a cargo de cada um, deve se discutir estratégias de mudança.

Verifica-se, aqui, que não havia, em geral, falta de objetos externos, de amor; eles eram socialmente ofertados como possibilidades ricas para se conviver com

os outros, seja a família ou a comunidade. No entanto, a *forma* de conviver é que não mais interessava às idosas. Elas se sentiam usadas e, não raramente, mal compreendidas, embora fossem solicitadas para os cuidados e o sustento dos outros, principalmente da família.

Algumas radicalizações se faziam presentes: s, por um lado, eram alijados do amor, que se lhes devia: por outro, lhes restava a energia para se conectar com o próprio corpo, a Dança. Nesse sentido, pode ser acolhida a crítica do dançar se ela funcionar como uma forma de não se buscar afetos ou tiver características muito forte de evento fugaz.

A Dança pode, como costume social e prazer estético, ser considerada importante. E negá-la, é obstruir qualquer possibilidade de aprendermos com as soluções e saídas da cultura popular, em que os sujeitos históricos, no caso, os velhos e as velhas, reinventam possibilidades de vitalidade.

Cada idosa eu via aprendendo a refletir sobre o conteúdo do vivido de forma particular, observando que a cor e o sabor característico de suas escolhas eram vivenciados de uma forma toda sua. Sim, havia isso, eu anoto.

Decorrendo daí, não mais se ouvia queixas, dores se mostravam não se acentuavam as que já existiam; parecia-me que havia mais um corpo que gritava, um clamor por ser reconhecido, confirmado em seu valor.

Mas muitas vezes, em intervalos, eu via pedirem para medir a pressão repetidas vezes. E eu pensava: seria a necessidade do toque? Havia velhas que sob o título da doença ganhariam o toque, ainda que asséptico, dos profissionais enfermeiros e médicos. Ou dos seus? Esta condição poderá caminhar para um estado psicopatológico. Todavia, era esse aspecto como *sintoma social* de necessidade de ser reconhecido em sua diferença é que me fazia compreender tudo o que eu não tinha visto até então.

(Jornal da Pesquisa)

Havíamos de considerar que ante a perda de objetos amados, tinha a solução da substituição ou de novas demandas nesse sentido, além de se constatar a sublimação. Porém, era preciso elaborações reflexivas desse trabalho para que fosse devolvido às idosas um lugar de sujeito, quando esta se sentisse apenas um objeto em razão das demandas advindas de outros, ainda que legítimas.

Nesse processo, muito luto ficava inconcluso, com uma energia psíquica vinculada ao objeto perdido, daí advindo a melancolia (FREUD, 2010). Mas isso não era a tônica. Havia, então, no movimento dos idosos, uma corrente que impulsionava rupturas.

Assim é que, olhando as representações dos possíveis, da felicidade no tempo presente e no cenário de conflituosidades e de lutas sobre a velhice, em diversos níveis, que poderíamos dizer que se pode fazer brotar um sujeito que realiza rupturas com esse lugar social que se lhes oferta.

Lorencini e Carratore (2002), ao comentar o pensamento de Epicuro, mostravam que este estava presente nos estudos de Karl Marx influenciando seu pensamento, uma vez que ele repelia o determinismo e o fatalismo em relação ao mundo social humano por preservar a liberdade e a autodeterminação no contexto da vontade política. Assim, com Epicuro, voltaremos para os manuscritos filosóficos enfeixados no título Carta sobre a Felicidade: a Meneceu.

Nesta obra, Epicuro defende a tese de que devemos filosofar da juventude à velhice. O ato reflexivo filosófico é entendido como saúde da alma. Está implícito, aqui, um trabalho de educação, de autoeducação, inclusive na velhice.

No processo de reflexão, de autoeducação e de autocompreensão dos sujeitos que envelhecem, tem-se a relação do ser com o saber vista de maneira atenta e aberta de estar no mundo e de poder mudá-lo. Este modo de ser ou de envelhecer, em suas diferenças, como se viu na experiência reflexiva dos copos com suas cores e sabores, têm implicações: teria de se ter a liberdade e pagar o preço de tê-la; e a vontade, em duas palavras, a autodeterminação e a autonomia atuam como tarefa que começa no indivíduo e termina nele. Partindo dessa necessidade reflexiva, o que se pode dizer da autoeducação e da autocompreensão dos velhos e das velhas, chegou-se, enfim, à autonomia?

Pensando a autonomia, Castoriadis (1997) aliava política à filosofia e afirmava que uma ou outra estavam presentes como devir na sociedade grega, tendo sido esta a primeira expressão de autonomia, quer individual e coletiva, na história da humanidade. Ele apresenta a ideia de liberdade como não sendo o não se deixar influenciar demasiado sobre o que se quer pensar.

O que Epicuro estaria propondo, anteriormente, considerando seu momento histórico, era manter a esperança de felicidade mesmo em tempos sombrios; e lutar por autonomia, apesar de se ter um sistema político sem democracia; fato este que ocorria com os gregos que, naquele momento, se encontravam sob o domínio da Macedônia. Neste caso, ter-se-ia aí uma autonomia do ser independente do contexto, ou seria uma autonomia brotando em contexto adverso – isso é possível?

Pensamos que a filosofia se tornou importante para ajudar o ser humano a se tornar mais autêntico e ser mais autônomo; logo, educar é filosofar. Por isso, proponho aqui esse estudo. E se filosofar é uma tarefa de autoeducação, a autonomia é um exercício dela.

Isto se aproximaria da situação social dos velhos com quem se lida. Na pesquisa, viu-se que, historicamente, o isolamento deles era maior em grande parte das culturas. Vivia-se em um contexto adverso, de marginalidade, de estigma social, de tal modo que não só o sujeito que envelhecia estava a mudar, sentindo-se estrangeiro em si mesmo, mas o mundo social também se apresentava como uma incômoda estrangeiridade, tratando os velhos como estranhos e inválidos. Representações estas que não se coadunavam com o que as idosas faziam, por exemplo: cuidavam dos filhos, netos, dos membros que apresentavam diferenças especiais, e ainda era comum darem sustento a muitos da família. Uma representação pode perdurar se a prática social a invalida? Pelo que vimos, sim; mas se os interessados na mudança não se assumirem como sujeitos sociais das transformações necessárias.

Ainda assim, com limites tão graves, seria possível pensar em uma autonomia dos velhos e das velhas?

A autonomia, voltando a Castoriadis (1997), consiste sempre num projeto. Para Castoriadis, seria preciso elucidar mais esta colocação: refletindo sobre o projeto do devir do sujeito e sua felicidade, pensamos que este não seria algo definitivo, porém, uma vez conquistado, estaria consolidado num eterno vir a ser, em que se vivenciaríamos percursos permanentemente em construção.

Se a autonomia humana tinha por base a reflexão e era um devir, enquanto parte do projeto humano de emancipação não poderia cessar até efetivasse. Desse modo,

estava implicado e seria Necessaria uma reflexão ampla em que a constituição de si e das instituições não deixassem nada de fora.

Na autonomia, por meio da reflexão, o indivíduo deixaria de ser produto de sua psique, de sua história e seria um ser em devir, um campo de ensaio se instituindo como sua formação. O autor dirá que: “a formação de uma instância reflexiva e deliberante, da verdadeira subjetividade, libera a imaginação radical do ser humano singular como fonte de criação e alteração e o permite alcançar uma liberdade efetiva” (CASTORIADIS, 1997, p:8).

A autonomia, enquanto criação, entendida como fazer-se diferente, ensaia a liberdade e o novo como atos criativos, o que implica na absorção da dimensão política enquanto poder; educacional enquanto reflexão sobre a transformação; e da atuocompreensão dos sujeitos enquanto construção social, no nosso caso a velhice, como objeto de intervenção, que se daria por meio da atividade lúcida e deliberante. A própria sociedade seria o lugar em que esta compreensão do político como política da vida se interseccionaria com a arte em seu apelo ao novo, à nova existência.

4.1.3 Reflexão e autonomia: para alcançar a inventividade?

Lygia Clark, cuja autonomia e inventividade teria se dado de maneira radical, tanto nela própria, em sua existência, como na produção de suas obras, enquanto resultado de uma formatividade que a fazia sujeito do seu fazer, assinalava o lado de desfrute e de recepção de sua obra. Lugar de autoexílio?

Sabe-se que a autonomia tem suas bases na relação do ser consigo mesmo, no entanto, este modo de lidar consigo poderia ser aprendido. É o que advogaria Freire (2011), para quem a pedagogia estaria fundada na ética, no respeito, na dignidade e na autonomia, que é um dos objetivos da educação e a forma de torná-la autopossuída pelo educando. Nesse percurso, Freire (2011) afirmava também que a amorosidade seria necessária às relações educativas.

Entendendo que a amorosidade é essencial no processo de educação, ela também seria uma abertura ao novo, e uma disponibilidade de tempo, espaço e afeto

para o encontro com o outro, o educando. Dito de outra maneira: seria um investimento afetivo que deveria surgir no aspecto relacional da relação educador e educando.

O aprendizado da autonomia também se daria na relação educador e educando. Freire enfatiza, substancialmente, o papel do educador na relação com o educando, ambos sujeitos do saber, ao afirmar que a convivência amorosa dele com seus alunos e a postura curiosa que assume estariam, ao mesmo tempo, provocando eles a se assumirem como sujeitos sócio-históricos e culturais.

Nesse tom, e provocando a si mesma nesse ensaio de tornar-se alvo da criação não só de obras, mas também da reinvenção de si, prosseguia Lygia Clark ao experimentar suas intervenções artísticas. Ela nos dá lições com isso. Assim, pensamos: tornar factível a produção das representações transformadoras do Outro e do mundo seria produzir indiretamente transformações no outro. E nisso, a função educadora seria um exemplo a ser seguido ou, no mínimo, um produtor dialógico do encontro formativo entre sujeitos que medeia a ação de mudar contextos sociais desfavoráveis. Concordamos com Freire (2011) ao afirmar que a relação do educador com o educando seria relevante aos dois, porém viria a ser mais marcante para o segundo, por ele estar em formação.

Compreendemos a relação educador e educando como um campo de possibilidades que surge em terreno dialógico e transformador. E, enquanto a relação humana, a relação com o Outro, medeia a produção de conhecimento, como confere a inspiradora presença dos artógrafos e de Lygia Clark, e como dizia Irwin (2013), no livro que organiza sobre artografia (com colaboradores): “O desdobramento de entre/visões é uma abertura ativa dos espaços existentes entre possibilidades e limitações”. E tem-se a explicação maior de Irwin trazendo-nos novas posturas estéticas do ser educador:

As entrevisões são discernimentos penetrantes guiados por uma compreensão perceptiva. Elas escavam as estruturas internas das coisas, dos seres e das ideias. Percebem e apreendem o autoconhecimento. Entre/visões abrem ou desdobram as sensibilidades estéticas implícitas presas dentro da visão. (IRWIN, 2013, p:184)

Nesse jogo do saber, é preciso considerar que a necessidade da formação do educador deve ocorrer em bases pautadas em sua dimensão ético-moral e em sua amorosidade, mas também em sua sensibilidade.

Gostaríamos de reforçar, agora, a relevância e repercussão dessa relação educador e educando no devir dos sujeitos que se educam. Para tanto, recorreremos a Voltolini (2011). O autor percebia – a relação educador e educando – de forma tão marcante que acreditava ser possível alguém ensinar algo que não sabia, mas que aprendera na interação. Esta condição poder-se-ia ilustrar citando o exemplo de Freud. A autoria da descoberta do peso da sexualidade na etiologia da neurose, Freud atribuiu aos seus mestres, Charcot, Breuer e Chrobak, fato este que teria sido refutado por eles.

Com o exemplo acima, o autor nos dá a entender que a relação, por ter sido marcada de forma positiva, desdobramentos na vida do Freud. Porém, devemos ressaltar que estas podem ter forma negativas e que trarão, também, suas repercussões. Retornando a Freud seus mestres não estão mais presentes, no entanto, suas marcas permaneceram. Logo, continuam influenciando, retroativamente, no rumo do educando e trazendo de volta um ser que se ia mostrando mais inteiro. Como ficam aqueles que trazem marcas negativas das suas relações como seus mestres?

Eu refletia em como na relação pesquisador e sujeito da pesquisa daria lugar ao diálogo com amorosidade.

A relação com os idosos e idosas eram de molde a fazer pensar em termos de educador e educando; e eu sabia que isso seria antes de tudo uma relação humana, demasiadamente humana.

Com isso a minha memória sonora, afetiva, fora acionada.

Memória que fora gestada, inicialmente, pela minha avó materna, na audição de músicas na sua radiola; depois, por minha mãe, ouvindo alto os boleros no rádio.

Trouxeram-me, ambas, ao trecho de uma música “Jogando sementes nos campos da mente”, que ao buscá-la decido-me por trazer um trecho maior. Que me mostrava que embora houvesse fado, destino, condicionantes, havia liberdade (relativa), encanto, e cavalo alado dos sonhos poderia seguir com a velhice. Com seu condão.

(Jornal da pesquisa)

E no contato com o grupo das idosas, fazendo reflexões, abri alas e trouxe a música Bandoleiros, que me levava um pouco mais longe no tempo, na intenção de

buscar elementos profundos para me tornar intensamente presente junto ao trabalho que estava a fazer. Esse élan vital era básico no pensamento de Lygia Clark, e eu deveria começar por me deixar envolver pelo que eu estudava, ao modo de uma obra de arte.

Bandoleiro
Ney Matogrosso¹⁵

Fossem ciganos a levantar poeira
A misturar nas patas
Terras de outras terras, ares de outras matas
Eu, bandoleiro, no meu cavalo alado
Na mão direita o fado
Jogando sementes nos campos da mente
E se falasses magia, sonho e fantasia
E se falasses encanto, quebranto e condão
Não te enganarias, não te enganarias
Não te enganarias, não!

Aqui o humano exigia sonhos, ainda que isso assustasse e fascinasse a um só tempo. O que estaria eu a semear? Estaria a conferir fantasias capazes de formar um vir a ser melhor?

Não seríamos nós educadores um pouco esse bandoleiro que como ciganos, artistas e loucos fascinam e assustam? Não seríamos nós educadores desbravadores dessas matas que são a mente humana e nela semeada? Não seríamos nós esses magos detentores de um saber, ainda que suposto saber, que fascinaríamos e nesse fascínio transmitiríamos sonhos e fantasias de um vir a ser melhor? Seríamos semeadores? Não seríamos apenas humanos? Demasiadamente humanos?

(Jornal da pesquisa)

Ao retomarmos a Voltolini (2011), pretendemos trazer a ideia de que a aprendizagem carrega, em si, uma posição ativa. Isso significa que, no movimento de sua própria expressividade, o ser “a-prende” ou “apreende”, indo para mais além, ou chegando mesmo a “ir lá e pegar no campo do Outro” (VOLTOLINI, 2011, p:33).

15 <<https://www.vagalume.com.br/ney-matogrosso/bandoleiro.html>>. Acesso em: 3 dez. 2017 às 6h40.

A posição ativa seria considerada como aquela que, diante da oferta, é realizada pelo educador que, fazendo uso de suas sementes, criaria a possibilidade de escolha do educando de se fazer como ensaio de si, ou seja, quadro ou jardim de sementes. Seria então possível cada um de nós, velhos e velhas, realizar a sua nova sementeira?

A metáfora da sementeira que eu escolhera, em Epicuro, para adentrar nos jardins da sementeira do trabalho com a velhice, era alimentada pela inspiração que Lygia Clark produzia em mim. Partindo desse ponto, passei a ver que a pré-expressividade dos velhos se dava como campo de sementeiras, um campo educacional. Porém, se compreendêssemos que existia um gradil entre o solo fértil e o infértil, poderíamos considerar a possibilidade de um trabalho de sementeiras se efetivar ali: sem idealizações demasiadas e sem negatividades paralisantes.

Outra dimensão da relação educativa em Voltolini (2011) que gostaríamos de acrescentar seria o fato de a artisticidade, dimensão que todos têm, se assentar em uma cadeia de vivências que mediará a relação educador e educando. No que diz respeito a isto, a relação pais e filhos, ou entre amores, se assemelharia. Por certo, isso iria compor um duplo desdobramento. Vamos a um breve diálogo com Voltolini.

No primeiro desdobramento, o autor estaria sinalizando que as experiências pretéritas trazidas, quer pelos pais, quer pelos educadores, ou velhos e velhas marcariam as relações subsequentes. No segundo desdobramento, Voltolini (2011) apresentaria algo que diz que a expectativa nos leva mais longe; e isso iria me auxiliar a entender como os velhos teriam, para com seus filhos e netos, uma idealização que o ser concreto, real, que eles eram, não responderia a tais expectativas. Então, caberia aos velhos e velhas, no passo da deles, filhos e netos, individuação, caminharem por terrenos, ainda pouco conhecidos. Lidar com as suas frustrações em relação a eles e ao mesmo tempo que reviam suas expectativas para com eles, refazendo seus projetos.

Nesta pesquisa, eu percebia que, realizando a ascensão desse projeto pessoal de Si, os velhos e velhas, com os quais eu vivenciava refletir sobre o envelhecer, deveriam pensar no ato educador, já que se viam em constante devir trabalhando em seu projeto ainda não executado completamente.

Voltemo-nos para outra vivência da pesquisa em grupo, conforme anunciamos anteriormente.

No primeiro dia em que nos reunimos, após apresentação do conteúdo pensado para nossos encontros, faço a primeira intervenção.

Julguei necessário realizar a vivência da relação professor - aluno.

Entendia que a proposta metodológica pensada, com a participação e interação, junto às idosas, isso deveria ficar evidente para que eu pudesse contar com a participação delas.

Mesmo porque para ascendermos de assistentes de nossa história para sujeitos históricos, havia de se sair da passiva escuta e nos colocarmos como construtores da experiência coletiva que fazíamos.

(Jornal da Pesquisa)

Figura N.º 4.3: Relação Professor e Aluno Comum.



O aluno visto de forma comum (Arquivo pessoal do pesquisador).

Figura N.º 4.4: Relação Professor e Aluno Comum singular.



O aluno visto de forma singular (Arquivo pessoal do pesquisador).

Viu-se que foram apresentadas duas situações: uma cena composta por copos descartáveis e uma jarra com água; e outra com copos coloridos e outra jarra também com água. Procuo apresentar aqui a dinâmica do trabalho. Devo enfatizar que não é o conteúdo o foco, mas a interatividade e o diálogo que se instauram e que trazem o movimento expressivo, em seu início. Há todo um encadeamento de perguntas e afirmações para levar à reflexão e chegar à ideia da proposta que se configura, como segue:

P.: O que é que vocês veem aqui? (Situação exposta nas fotos)

Idosa: Bocado de copo.

Idosa: Descartável.

P.: Tem diferença de uma pra outra? (situação 1 e 2)

Idosos: Tem, muita.

P: Mas, qual é a diferença?

Idosa: Que aqueles copos ali são pequenos e são brancos e esse aqui são maiores e coloridos.

Idosa: E outros tem o copo e tem a taça que é mais diferente porque só tem ela de taça.

P.: E se eu disser pra vocês que quando eu pensei isso daqui, quando eu pensei isso daqui, eu pensava em educação...?

Idosa: Educação?

Idosa: Diga aí.

P.: Venha cá, me coloque água nesse copo aqui.

Idosa: Água geladinha eu vou é beber. Tá geladinha.

P.: Pronto. Se isso fosse uma sala de aula, quem vocês acham que era professora e quem vocês acham que eram aluno, aqui?

Idosa (ajudando): Que é que vocês acham, quem é professor e quem é aluno aqui? Quem é que tá sendo representado como professor?

Idoso: É a jarra.

P.: Por que a jarra?

Idosa: Tá distribuindo, né, as coisas.

Idosa: Distribuindo as coisas pros outros.

P.: Que coisa é essa que a gente distribui na sala de aula?

Idosa: Educação.

Idosa: É o saber...

Idosa: Material, livro, lápis, caderno, anotações...

Idosa: Livro da vida. Educação.

(Jornal da Pesquisa - Vivência grupal)

Independente da resposta que pudesse advir dessa vivência que realizamos, a reflexão oriunda dessas experiências, a qual nomeamos pré-expressivas (por não se situarem dentro de um domínio de uma modalidade de arte em particular), mobilizaria novas possibilidades de se pensar, uma vez que articula campos simbólicos em um momento de relações cuja amorosidade torna o ambiente propício para ensaios de si. Observemos:

Idosa: - Educação, educação.

Idoso: - Explica, vai falar, vai dar explicação aí, tirar dessa água aí. E distribuir.

Idosa: - Na verdade quem é professor aqui é a jarra [demonstrando]. E aqui o que ela passa para o aluno tá aqui como a água que tira sede. E eu, oh, eu estou transmitindo a água com o meu conhecimento para o conhecimento do aluno, né?

P.: - Ensinaamos a todos eles transmitindo?

Idosas: - Eles também transmitem.

Idosas: Agora, esses alunos aqui são diferentes desses alunos daqui...

Idosos: - São.

Idosos: - São diferentes. Pela forma; pela cor; pela diferença da história de cada um.

Idosas: É.

P.: - Só que, neste caso, esse professor sabe que cada aluno é diferente do outro, e esse professor considera todo mundo igual, como se não houvesse diferença. Tá certo?

Idosos: Tá não.

P.: Então...

Idosas: - O que a gente vai tá trabalhando é sempre recomeçado com essa medida aqui, pensando em cada um de vocês como aluno. Com sua diferença.

Idosa: É diferente.

P.: - Não são todos iguais, e por que que são diferentes? Porque você tem uma história de vida, ela tem outra, ele tem outra, você tem outra.

Idosas: - Se eu quisesse deixar todo mundo igual eu dizia: é todo mundo velho, pronto. Mas não é porque cada velhice vai ter uma forma diferente porque você teve uma vida diferente.

(Jornal da Pesquisa - Vivência grupal)

A intervenção realizada propiciou reflexão sobre escolhas e função educadora. Com essa intervenção e as conclusões que daí se tirou, iríamos esclarecer, para nós mesmos, a proposta de trabalho nos encontros, qual seja: problematizar aspectos de uma educação que respeite as diferenças e considere as histórias de vida de cada uma. Diante de tantas histórias, diversas narrativas apareceram, e as vidas ainda guardavam muitas riquezas que, para percebê-las, seria preciso ter ouvidos disponíveis para captá-las em suas imensas voltas ao mundo. Nesse caminho, era dito por elas, da possibilidade de não repetição, de se fazer o novo; e que eram os possíveis aprendizados potentes para dar respostas humanas para situações humanas.

Agora, depois de tudo realizado, pude rever de forma mais clara o intercruzamento de minha vida com os sujeitos investigados. E também conhecendo um pouco cada participante e revendo o material, pude ver a relação da história de vida delas com as escolhas realizadas. A idosa que escolheu o copo dourado é segura de si, tem presença marcante, e já dera voltas na vida com suas escolhas, e por isso aprendeu a

dizer-se. A que preferiu o copo comum era resignada, branda em suas decisões, mas buscava superações quando refletia.

Nesse lugar de mudar, a dimensão espiritual nos ajudaria a compreender as situações e a fazer escolhas melhores que comportassem o Outro. Isso, para as idosas, era espiritualidade. Eu lembrava Kardec:

[...] se esse homem, que se recorda dos seus penares, dos seus esforços, for egoísta, impiedoso para com os pobres, bem mais culpado se tornará do que o outro, pois, quanto melhor cada um conhece por si mesmo as dores ocultas da miséria, tanto mais propenso deve sentir-se em aliviá-las nos outros. (KARDEC, 2013, p:228)

O trecho acima foi trazido para nos ajudar a elucidarmos a questão do sofrimento e da repetição. Aquele que conhecesse as dores poderia aliviá-las em outrem; seria inclusive desejável que o fosse. Assim, se evidenciaria a existência de escolhas e compreenderíamos o quanto seríamos responsáveis por elas. A não repetição, para ser vivida, exigiria mudanças; antes, parece ser preciso reflexão acerca do vivido e, na liberdade de escolha, o sujeito poderia considerar se elas satisfaziam os critérios da autonomia, da inventividade, da não repetição do que nos causa sofrimento e da ética da alteridade, da consideração ao Outro.

Retomando Epicuro (2002), ele advogaria a necessidade da observância do que traz felicidade, e, para isso, seria essencial a própria espiritualidade. Curiosamente, para mim, ou sabiamente por parte dos velhos, a espiritualidade estaria presente no trabalho e no cuidado na vida comum.

E isto se fazia presente tanto em Monteiro (2002), que colocaria a espiritualidade como um dos pés do tripé do atendimento a esta população (o físico, o psicossocial e o espiritual), quanto nesta pesquisa reafirmando importância desta para os velhos.

No momento da observação, pude verificar que a expressão da espiritualidade, com seu acento inclusive cultural, perdura no sujeito. Eu antes pensava que esta espiritualidade se dava em função do temor à morte ou da placidez da velhice. Porém, contraditoriamente, vi que a espiritualidade não se instauraria na velhice, porque ela advinha de experiências passadas que eram codificadas segundo as religiões professadas pelo sujeito. E, às vezes, me aprecia que se *modificava* na velhice.

Cada encontro terminava com orações. A pedido deles. Eles gostavam de rezar.

Mas houve algo que me pareceu singular.

Havia duas idosas sempre muito alegres e excessivamente arrumadas. Elas se destacavam, pois destoavam em função de estarem sempre bem produzidas, pareciam que iam para um baile. Roupas escolhidas a dedo, combinando tudo. Dançavam sozinhas, faziam dupla entre si e também dançavam com outros. Um delas tem uma gaitada maravilhosa.

Numa oportunidade conversei com ela. Disse-lhe que estava linda e que observara estar sempre bem-arrumada. Então me explicou dizendo: que se arrumava primeiro para Deus...

Isso pareceu-me um ato mutante.

(Jornal da Pesquisa)

Confesso que havia em mim o interesse pela espiritualidade que se projetava para o tempo do pós-trabalho. E foi nesse sentido que cheguei a problematizar a morte como experiência humana. Em outros tempos, vinha a questão do aspecto biológico com apropriações do saber médico que, de certo modo, tentavam realizar apagamentos das outras dimensões do sujeito.

Sabe-se que o controle sobre os agravos à saúde e, conseqüentemente, sobre o morrer manteve uma dose de poder em relação à leitura do sujeito a respeito de si. Isso se revelava, mais proeminentemente, na velhice. Neste contexto, é compreensível a tanatofobia, ou seja, o medo patológico da morte. Por conjugabilidade, esse medo da morte reforça a gerontofobia, que faz as pessoas temerem certa proximidade com os velhos, justamente por ser a fase propecta mais factível do morrer: a morte do outro impõe reflexões acerca de si no mundo.

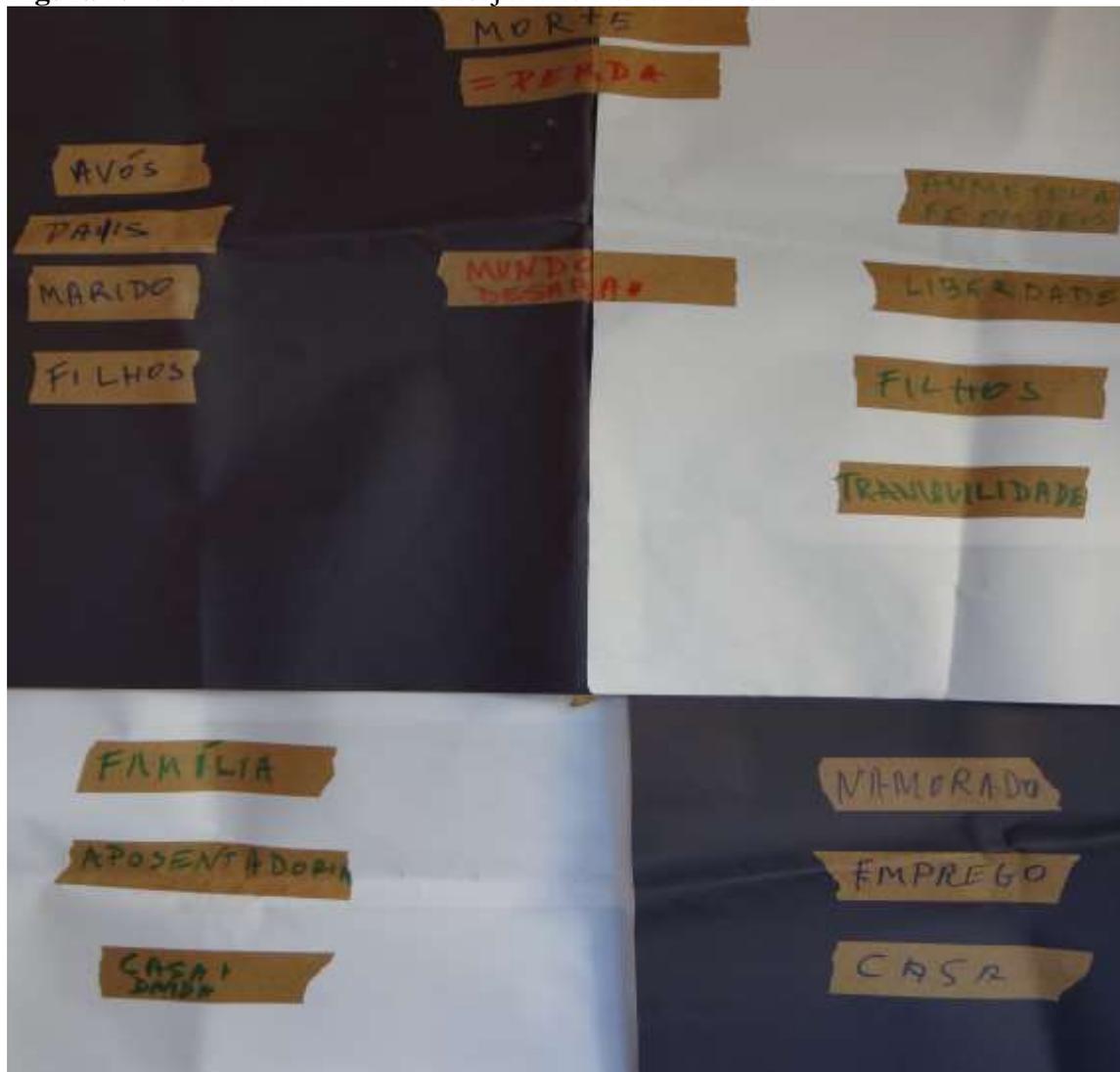
A morte biológica, diferentemente, se interpõe a esta idealização, frustrando e revelando, conjuntamente, a fragilidade da verdade do discurso médico científico quando tenta certa onipotência. Ante a predominância do pensamento materialista, retomemos Epicuro no ideal de Deus. Ele apresenta, para nós, uma continuidade da vida no pós-morte – a vida espiritual – que seria potencial anteparo ao terror da finitude.

Se em Epicuro havia o imperativo de vencer o temor da morte, hoje este fato se torna ainda mais acentuado por todo o construto sociocultural já exposto. Haveria, portanto, um trabalho hercúleo a ser feito, uma vez que o fim da gerontofobia parecia passar pelo fim da tanatofobia. Nesse quadro, faz-se necessário um trabalho de

educação gerontológica para a morte. E, nesse movimento reflexivo, problematizar a morte no envelhecer.

Prosseguimos observando a associação da morte com as perdas. Para finalizar o encontro, vimos que, segundo os sujeitos, a perda do Outro abre uma nova perspectiva, a do ganho. Isso foi posto e falado no quadro abaixo.

Figura Nº4.5: Morte: a vizinha indesejada no xadrez da vida?



No jogo da vida entre perda e ganhos. Arquivo pessoal do pesquisador.

A relação do homem com o tempo é outro aspecto vinculado à espiritualidade, que, por sua vez, traz implícita a ideia de morte e de vida. O tempo tratado por Epicuro é futuro. Assim "[...] o futuro não é nem totalmente nosso, nem totalmente não-nosso, [...]" (EPICURO, 2002, p:33). Entendemos em Epicuro que o

futuro seria nosso tão somente enquanto possibilidade, visto que não teríamos a certeza de que ele viria nem tão pouco de como seria. Segundo o autor, a certeza causaria ansiedade na espera; seria, literalmente, uma não pré-ocupação.

Esta antecipação aflitiva da morte e a sensação do tempo fugir se fariam presentes na velhice. Em sendo a última etapa da vida, seria um prenúncio da morte. Esta fase, no entanto, não tem data certa para acabar, não sabemos quando finda. E se houvesse uma certeza do porvir e os prenúncios do envelhecer no corpo desejante do sujeito, nós teríamos logo o desassossego da alma. A recomendação epicurista da felicidade fica, mais uma vez, como devir.

Entre a certeza do que virá e a efetivação da chegada do inexorável tempo da velhice há um lapso de tempo. Então, a questão que nos é colocada é: o que faríamos desse tempo incerto?

Nas minhas aulas quando o tema aparece, eu sempre trago algo do meu vivido. Citando o caso de um amigo. Ele está soro positivo para mais de 20 anos. E sempre mantemos contato. E num desse contatos eu lhe falo que comprei um carro. E ele me indagou: como foi que fez? Então digo que dei uma entrada e o restante parcelei em trinta e seis vezes. Ele parou e disse não faço plano para trinta e seis meses. Por conta da doença, sua percepção de tempo esta encurtada.

Igualmente assim era a velhice. Mas meu amigo faz um projeto para cada ano. Depois do adocimento ele encerrou a carreira de Terapeuta Ocupacional e iniciou uma de cantor. E cada ano trabalha em seu projeto e gravar um CD e trabalhar nele divulgando. Com isso ele nos responde o que fazer do tempo dos velhos. Ou seja, há projetos a trabalhar que deixamos calar.

Nós, velhos que trabalham com velhos, deveríamos ser acalentadores e viabilizadores de projetos pessoais e coletivos. Assim estaríamos dando uma dupla prenda, uma a nós mesmo e a outra ao Outro e ao trabalho. Com isso faríamos duas ações, nós seríamos um tônico para o narcisismo e a outra seria um devir da condição humana: a porção de vida que temos pode trabalhar projetos nossos e de outrem.

(Jornal da Pesquisa)

Refletindo sobre a filosofia como um modo de se chegar à compreensão de si e do Outro no mundo, e, portanto, à esfera da educação, partimos para a espiritualidade que nos leva a ter em mente a felicidade, segundo Epicuro, organizando-se internamente como um campo ético para o devir do sujeito e da alma que começa no presente. Isto nos aproximaria novamente de Lygia Clarck e da metodologia

intervencionista proposta nesta pesquisa. Seriam as vivências aguçadoras dos sentidos que, ativados, poderiam gerar novos pensamentos acerca da velhice e de seus estigmas?

4.2 A invenção de si no cotidiano: inspirações em Lygia Clark

Lygia Clark, artista plástica, pintora, escultora e desenhista, nasce em 23 de outubro de 1920 em Belo Horizonte-Minas Gerais. Inicia aprendizagem artística com Burle Marx, em 1947, no Rio de Janeiro-RJ.

A década seguinte – 1950 – foi um período extremamente fecundo e polêmico da cultura brasileira. Período de intenso desenvolvimento mundial no pós-guerra. O País vivia os planos progressistas do governo Kubitschek, cuja ascensão ao poder coincide com o lançamento do Concretismo, em 1956. Estilo artístico nascido com o cubismo e na reação à dissolvência impressionista; era natural que a arte geométrica se colocasse em oposição às facilidades técnicas e alusivas da pintura corrente. A arte Concreta refletia, assim, as conquistas das ciências abrindo a perspectiva para o pensamento objetivo, incentivando a tendência à racionalização cada vez mais nos processos e nos propósitos da pintura.

Estes elementos constitutivos da arte Concreta serão os mesmos que levam à sua refutação. Assim, a arte Neoconcreta se constitui uma reação dos concretistas cariocas às proposições dos concretistas paulistas. Origina-se de um grupo de artistas que trabalham no campo da pintura, da escultura, da gravura e da literatura. O diálogo entre eles era intenso e, mais tarde, os músicos também aderiram. Eles propunham a prevalência da obra sobre a teoria. Inspirados em Mondrian, que profetizava uma total integração da arte na vida cotidiana: ou isso é possível ou a obra se mostra frustrada. Do ponto de vista estético, a obra interessava pelo que nela há que transcende e que depois de um tempo se funda e se revela.

A arte Neoconcreta, ao advir da necessidade de exprimir a complexidade do homem moderno dentro da linguagem da nova plasticidade, nega a validade das atitudes científicas e positivistas excessivas e repõe o problema da expressão. A linguagem das artes está ligada a uma significação existencial, emotiva, afetiva. A obra é um *quasi-corpus*, é similar aos organismos vivos. Essa comparação não bastaria para expressar a realidade específica do organismo estético. Logo, o Neoconcretismo funda uma nova expressão que pretende reacender a experiência primeira – plena – do real.

Discutir a questão da expressão do sujeito em velhice nos levou a inspirações em Lygia Clark e Hélio Oiticica. Eles têm como ponto em comum: a Arte Contemporânea e o corpo como base. Segundo Catalano (2004), eles partem de pontos distintos: Clark, da interioridade, do inconsciente e do self; Oiticica, parte do meio externo, social e político, mas convergindo para o corpo.

Ainda segundo a autora, ela olharia para trajetória da produção de Lygia Clark e relataria ser perceptível o esforço dela para trazer o espectador para junto de si, para a participação na sua criação. A autora tem uma expressão muito forte em relação à artista quando afirma que “ela quer arrancar [o sujeito da recepção da arte] de sua posição contemplativa e jogar dentro da obra.” (CATALANO, 2004, p:39).

A assertiva de Catalano (2004) acerca da produção de Lygia Clark e de seu desejo de participação como apreciador da arte estaria em íntima relação com nosso querer. Diante disso, procuramos criar situações que suscitassem a participação no que estaria sendo discutido. Já apresentamos, anteriormente, algumas situações. Seguem outras agora.

Ao procurarmos tratar do tema educação, iniciamos com a proposição em que a palavra educação seria revelada. A palavra estava coberta e os participantes iriam fazendo-a aparecer a partir da retirada dos tampões; e nós fazíamos a indagação: educação para quê? Posteriormente, era colocado o que entendíamos por educação. Para as idosas, “Educação é para a vida”. Daí ter valores que se quer mudar e outros que se deseja conservar, disseram.

Figura N° 4.6.1: Educação Para Quê?



Arquivo pessoal do pesquisador.

Figura N° 4.6.2: Educação Para Vida



Arquivo pessoal do pesquisador.

Após este movimento pré-expressivo para problematização do tema – educação – foi suscitado debate. Nele, conseguimos identificar, nas falas delas, as seguintes categorias: as diferenças temporais na educação, a busca pela educação, a experiência de uma velha como educadora e a educação no lar.

As diferenças temporais na educação

Idosa: Porque no meu tempo a minha mãe era pobre, mas o que ela pôde fazer por mim ela fez.

Idosa: E o colégio? Mas não tinha lápis, não tinha borracha, não tinha caderno, não tinha merenda. Se você fosse sem nada você voltava. Era mais difícil. E nem era direito social.

(Narradora Idosa)

A idosa trouxe a realidade sócio-histórica-cultural que viveu na sua infância e mostrou o quanto isso foi determinante no seu (não) acesso à escola. Além disso, a consequente baixa escolaridade junto à pobreza impôs a dificuldade de sobreviver. Não culpou nem guardou ressentimento do pai nem da mãe. Ficou evidente que a política de educação não tinha tanta abrangência como nos dias atuais; não havia direitos sociais como se tem hoje. Deixou implícita a comparação com a escola pública que, atualmente, se tem e que não manda para casa o sujeito que não possui o material didático necessário ao estudo.

Os tempos mudaram, assim como o modo de viver e as políticas. Hoje a escola está mais acessível porque as exigências do nível de escolaridade aumentaram. Além disso, nesse momento histórico, as mulheres se envolviam mais nos trabalhos domésticos. Será isso visto mais abaixo.

A busca pela educação

Idosa: - Eu não ia aprender, não, porque nem se podia; se tinha de trabalhar para viver.

Eu, eu aprendi ler agora. Agora estou aprendendo ler.

A experiência de uma velha como educadora

Idosa: ... Eles chegavam botando apelidinho em um, botando apelidinho em outro.... Quando eles tavão comigo eu chamava, eu conversava, eu dizia É falta de educação desse jeito.

Então, eu não só ensinava a evangelização sobre a lei de Deus, que é amor.

E corrigia também as coisas que ajudando com na educação; eu ensinava desse jeito muitas e muitas coisas da vida, né?

(Narradora Idosa)

Observemos que a idosa educadora não se limitava à transmissão da informação, ficando implícita a educação repassada com amorosidade e para a vida.

A transmissão em educação: há o mundo do outro

Idosa: - Os homens chegava meio dia, acabava de almoçar a mãe dizia lá o que ela achasse, se os menino ia trabalhar de novo...
De noite eu tinha que botar menino pra dormir, fazia tapioca.

Idosa: - O pai trabalhando pra arrumar o de comer, fazia o roçado. Aí eu não boto culpa na minha mãe nem em meu pai, por não ter estudado.
Mas hoje eu escrevo, muito difícil, mas escrevo as coisas.

Idosa: - Não, porque ela era na máquina costurando todo dia.

Idosa: - Eu entendo que nós mulher era botada para costurar. Não guardo isso aí não [mágoa].

Idosa: - ... Eu criei meus filho, dei educação, ensinei eles a respeitar todo mundo, ser honesto, né?

Idosa: - Eu dou educação para meus netos, mas tem uma coisa que foge... Na criação a gente vê Há outro mundo deles... Também.

(Narradora Idosa)

Se havia o reconhecimento da parte dos idosos e das idosas de que elas haviam dado educação dos seus, por outro lado, havia o reconhecimento que algo fugia de si, e que pertencia ao mundo deles – do Outro.

Tecendo considerações sobre a educação e as diferenças geracionais

P.: - Educar está ligado à vida inteira, a nossa vida inteira a gente vai aprendendo. Hoje a G tá aprendendo a tirar foto, ... E quando vocês estão no grupo que o pessoal traz palestra, também é uma forma de aprendizado... Agora, eu preciso estar disponível pra aprender. Preciso buscar no aprendizado o que me importa saber.

Idosa: - Ninguém vai abrir minha cabeça e botar as coisas dentro sem eu querer, eu preciso ouvir, preciso pensar e decidir...

Idosa: - Agora, se eu entendo que essa fase da minha vida é só pra eu me divertir e dançar forró, eu vou só me divertir e dançar forró, não penso que posso aprender outra coisa. Isso era controle feminino. Gostou de dançar, ihhhhh!

Agora eu sei bem que eu posso gostar de forró e de coisas minhas, e eu também posso aprender outras coisas.

Idosa: - Veja o que foi que eu disse no começo, o tempo mudou, as coisas são outras e a gente não repete aquilo que aprendeu por repetir. Tem de pensar. Se é de isso continuar mesmo.

Idosa: - Aquilo que você brincou como criança, não é aquilo que seu filho brincou e nem é o que seu neto tá brincando. Tem diferença.

Idosa: - E a gente precisa entender disso, por isso que a gente precisa continuar se educando, batendo nessa questão da educação...

(Narradora Idosa)

Pudemos constatar que a nossa intervenção foi constituída de momentos de diálogos pedagógicos, ao modo de entrevistas semiestruturadas, e de vivências grupais, cujas falas ora indagavam, ora sinalizam a compreensão do que estávamos tratando, de modo a apresentar um outro olhar “por dentro” sobre o que se estava trabalhando. E ficava claro que, quanto mais adentrávamos na pesquisa, maior era o clamor para se compreender o que seria importante enxergar; e isso parecia nos impelir a pensar, como núcleo fundamental de um trabalho, os diálogos e campos reflexivos intergeracionais com os idosos.

4.2.1A intergeracionalidade como problema ou solução?

Januário (2006) alcança a existência da relação entre a produção da artista [Lygia Clark] e sua condição feminina. Lygia Clark transportaria seu corpo no nível onírico para sua obra. Assim, para a autora, “... suas divagações vão além do sentimento materno que renova a ideia num fazer e renascer a vida. Facilmente percebe em cada objeto construído como se fosse uma germinação e renascimento a cada momento...” (JANUÁRIO, 2006, p:10).

Retomando a ideia de Catalano (2004), identificamos em Lygia Clark uma ruptura que teria sido o rompimento com o limite posto na arte pela moldura; ao pintá-la, quer a artista que a moldura não se veja integrada à obra. A moldura parece se constituir em um lapso espacial na qual está inscrita a obra. Seria uma espécie de fronteira, uma divisão entre a obra e tudo mais que não é obra. A supressão da fronteira, no entanto, quebra-se com a limitação na qual estava inscrita a obra, havendo, conjuntamente, a ampliação da interatividade desta com o meio.

Poderíamos criar, como a própria Lygia Clark desejava, uma analogia com o plano biológico. A pintura seria uma célula, cujo conteúdo estaria contido pela membrana-moldura. A quebra da moldura ou supressão desta, por meio do seu chamamento para compor a obra, pintando-a, corresponderia à ruptura da membrana celular. Haveria, assim, um extravasamento, uma liberação de seu conteúdo para o interstício. Neste sentido, a obra caminharia em direção ao público e dele se aproximaria. O processo se daria, então, em uma crescente.

Eu me perguntava: que membrana deveria ser quebrada na relação educador e educando para que se pudesse extravasar uma obra comum? Certamente a intergeracionalidade seria importante nessa supressão da membrana que tentava afastá-la. E, aqui, educador e educando incluía toda relação entre sujeitos: avós e filhos, avós e netos, entre outras.

O movimento seguinte, na produção de Lygia Clark, seria “As Superfícies Moduladas”. No plano da pintura, o quadro emerge mediante subplanos articulados, como se a geometria criasse o movimento. Nas palavras de Januário (2006) sobre Lygia Clark, ela nos diz o seguinte: “Parece-nos um germinar, iniciando seu caminho para o despertar do “olhar” que se expande ao “tato” muito silenciosamente[...]” (JANUÁRIO, 2006, p:13).

Desta movimentação que a articulação dos subplanos traria, Lygia Clark criaria o conceito de *linha orgânica*. A concepção de linha orgânica surge da observação do cotidiano da artista: infere a artista que há vãos que estão presentes entre os planos, como a soleira da porta e os espaços entre os tacos. A geometria estaria agora entre os planos que trariam os germes à fase seguinte, a dos casulos. No casulo, os planos ainda estão na parede, mas se encharcam, ficam entumecidos. Nesse sentido, haverá um dilatamento do plano, passando ele a ter uma bidimensionalidade.

A obra escorregaria da parede, se desprenderia, assumindo, assim, a forma serpenteada, que seria feita com o uso de materiais distintos: os metais e a borracha, dependurados em galhos ou paredes, fariam circunvoluções. Aquilo que seria simplesmente para ser observado passaria, agora, a instigar o tato mediante a textura, dura ou mole, e o movimento. Os objetos não teriam somente a função exclusiva de serem vistos, mas também seriam tocados. Lygia Clark faz um convite à participação de forma lúdica e por intermédio do corpo, do sensível olhar que pensa. Nesse

momento, a arte está literal e metaforicamente ao alcance de todos. Neste ponto, haveria o encontro entre as dimensões do sujeito.

Nos três momentos acima, constata-se que haveria o olhar sensível, o pensante e o participativo. Nós também tivemos momento desta ordem, como a criação do totem trigeracional, como se segue:

Figura N° 4.7.1: As Gerações I



Arquivo pessoal do pesquisador.

Figura: N° 4.7.2: As Gerações II



Arquivo pessoal do pesquisador.

Figura: 4.7.3: As gerações III



As faces da triangulação geracional. Arquivo pessoal do pesquisador.

A transgeracionalidade – composta de avós, filhos e netos – foi pensada a partir do trabalho de Mead (1970), que traz a dificuldade relacional e comunicacional para a discussão intergeracional. Representada pela forma triangular, em que cada fase é uma geração, estando de costas uma para a outra, irá se perceber que cada geração, seguramente, não se vê nem se fala se se mantiver essa posição: de costas uma para a outra. Pode se ver e observar que essas nuances tornam a reflexão mais potente e compreensível.

A outra ação realizada envolvia múltiplas gerações pertencentes à família de origem, cuja preponderância incidia no visual; e a participação, no universo da oralidade.

Figura N° 4.8: O Bosque da Vida



Somos um elo na teia. Arquivo pessoal do pesquisador.

No Bosque da Vida, desenhamos, em forma de pirâmide, as árvores: sendo quatro na base, duas no meio e uma na ponta. Cada faixa representava uma geração da família de origem: os avós, na primeira; os pais, na segunda; elas [as idosas], na terceira; e os filhos, na quarta.

Procuramos preencher a pirâmide junto com elas, especificando quem eram seus avós, seus pais seu marido e filhos. Algumas pessoas não conheceram os avós ou pais. Depois de preenchido, buscamos as influências biológicas, psicossociais e espirituais que os formaram. Houve aqui a inversão de papéis: “filhos querendo mandar nas mães idosas”.

O homem como provedor sofria agora, na velhice, apagamentos dessa função; e havia amores feitos e desfeitos, refeitos, e, agora, revisitados por uma mulher-avó, chefe de família, emerge nesta atividade a referência de família, observamos que esta era a da biológica.

A obra seguinte, “Os bichos”, é composta de placas metálicas articuladas que assumem formas variadas e demandam a participação ativa do apreciador. O expectador, no sentido estrito, está abolido para sempre, doravante a obra solicite ainda mais o seu envolvimento e a sua participação.

Figura N° 4.9: Caminhado¹⁶



Em “Caminhado”, foto acima, vê-se que é na ação participativa que se cria ou se efetiva a obra; da intervenção, tem-se uma fita Möebius de papel. Esta é uma diferença significativa em relação aos Bichos, uma vez que ainda havia entre estes o objeto/obra e a interação. *Aqui a obra só se faz na interação.*

Dentro do mesmo princípio do Caminhado, encontra-se a obra “O Diálogo das Mãos”. Nela, as mãos de duas pessoas estavam unidas pela mesma fita Möebius; desta vez, era de elástico, o que permitia a movimentação ou a conversação de mãos.

¹⁶

https://www.google.com.br/search?q=a+obra+caminhado+de+lygia+clark&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj_iuSZuKPZAhWJhZAKHUesACwQ_AUICigB&biw=1333&bih=636#imgrc=tv8tnXVimCR3JM: acessado em 1/12/17

Figura Nº 4.10: Diálogo Com As Mãos¹⁷



Haveria aqui dois momentos: a nostalgia do corpo e o corpo coletivo em cena. A escritora se interroga: “Não teria as duas fases um mesmo sentido? Proporcionar uma maior percepção das relações que o indivíduo adquire com o mundo à sua volta e vice-versa?” (JANUÁRIO, 2006, p:20).

No meio do caminho, aparecem os trabalhos sensoriais: as máscaras. As Máscaras Sensoriais e a Máscara Abismo propõem uma estimulação senso-perceptiva que leva o sujeito a uma viagem ao interior de Si mesmo, interiorização esta que advém

¹⁷ https://www.google.com.br/search?q=Di%C3%A1logo+com+as+m%C3%A3os&client=firefox-b-ab&dcr=0&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiR1OqIuaPZAhXHPpAKHbFIBTQQ_AUICygC&biw=1333&bih=636#imgrc=PLHzwc290_XQOM: Acessado em 2/12/17

da experimentação do Si mesmo em contato direto com a obra. Catalano (2004) considera essa experiência solitária.

No primeiro encontro com Lygia Clark no MAM de São Paulo, eu me deparei com As Máscaras. Há uma série delas.
Mas dentre as máscaras, a que mais me impressionou é a que tem dois espelhos à frente dos olhos.
O olhar não estaria para fora, mas para si.
É um susto, posto que estamos acostumados a mirar para fora.
Como no Jornal da Pesquisa, uma mirar-se.
Em verdade há um incomodo.
Aí se aprende.

(Jornal da Pesquisa)

As máscaras são como um capuz que se veste. Nele, são feitos dois orifícios para os olhos, nos quais são colocados objetos diversos. Na altura do nariz, foram inseridos sachês com ervas ou sementes, mobilizando o olfato e a audição. E, dessa forma, provocaram-se sensibilidades novas a todos os sentidos.

Não elimina, mas turva a visão, tornando o mundo visto pelo participante um mundo estranho, desconhecido. Por fim, realça os sentidos do olfato e da audição. Dentro das *Máscaras sensoriais*, o participante está sozinho, isolado do mundo que conhece e, portanto, só resta seu próprio corpo a ser explorado. (CATALANO, 2004, p:52).

A seguir, apresentaremos o uso sensível do olhar que pensa e as sensações, para trabalhar no corpo as experiências de um envelhecer. Criar sensibilidades é avançar na compreensão das diferenças, eu pensava. E olhava, dessa forma cultivadora de sensibilidades, para compreender e atuar melhor. Veja, nos textos, as imagens que falam.

Figura Nº 4.11.1: As Limitações: vivenciando a velhice I



Arquivo pessoal do pesquisador.

Figura Nº 4.11.2: As Limitações: vivenciando a velhice II



Arquivo pessoal do pesquisador.

Figura N° 4.11.3: As Limitações: vivenciando a velhice III



Arquivo pessoal do pesquisador.

A imagem acima se refere à proposição realizada a partir das percepções e do sensível olhar que pensa, visando vivenciar, de outro modo, situações de limitação e graus de dificuldade – articulares e musculares – que poderiam ocorrer neste processo. Os processos infecciosos, artrites ou desgastes, artroses, seriam obstáculos a uma vida cotidiana ativa e participativa. Nesta situação, utilizamos ataduras nas articulações do tornozelo, do joelho, da mão, punho e cotovelo. As paresias ou fragilidades musculares foram vivenciadas com os pesos. Em ambos os casos, criava-se uma assimetria de modo a provocar um maior estranhamento.

Na segunda vivência das limitações, trouxemos a disgeusia, simulada por meio da total ausência de sal e açúcar. Neste momento, articulamos as limitações ao cuidado de si como medida preventiva de limitações.

Figura Nº 4.12: Sem Açúcar e Sem Sal, Mas com Afeto.



Arquivo pessoal do pesquisador. Vivenciando as limitações na velhice e refletindo sobre elas.

Em “A Casa é o Corpo”, Lygia Clark cria uma instalação reproduzindo o processo de fecundação em que o fruidor faz seu caminho de volta ao útero. Fico a pensar a que se refere esta trajetória: ao caminho de volta ao útero, como Outro, ou ao Si Mesmo, como retorno?

Lembro de ter lido em algum lugar o depoimento da artista Lygia Clark a respeito da sua produção.

Lygia Clark relatava ter um pesadelo constante. A mesma história recorrente. Quando concretizou a obra o pesadelo desapareceu.

Parecia ser o imperativo da criação rompendo as resistências da germinação.

(Jornal da Pesquisa)

É oportuno trazer a relação de Lygia Clark com a obra. Em *Januário* (2006), a produção é precedida de uma crise – ela vai aos limites das possibilidades da obra para, em seguida, começar a elaboração e produção do novo. Este momento é

comparado por ela como a própria gestação, ou seja, gestar seria fecundar e depois parir. Eis que o feminino de Lygia Clark se expressa na vida como na sua produção artística.

Após retornar de Paris, Lygia Clark inicia sua fase terapêutica com a criação dos objetos relacionais. Estes são pensados no intuito de sensibilizar o participante para um olhar de si mesmo, numa autopercepção, e ao Outro. Esta é a última fase da artista: libertar para a transcendência.

Clark faz um gradual abandono dos materiais para se concentrar apenas aos objetos relacionais, feitos com as mais banais matérias primas: sacos de plástico, elásticos, redes, pedras, tubos de borracha etc. Seu foco agora é o corpo e o fruidor. Seu compromisso passa a ser com um outro tipo de transcendência: libertar o outro para a vida. (CATALANO, 2004, p:56).

4.2.2 Do passado: pesar, pesa, mas se dança

Na trajetória de Lygia Clark, a artista foi cambiando sua posição na medida em que criava sua produção. Neste sentido, ela foi artista plástica, mas sua obra tinha uma dimensão educadora e terapêutica. Por conseguinte, o que está do outro lado da obra também muda. O espectador, fruidor e paciente, foi também um educando.

Os materiais da produção também se modificaram. Inicialmente, eram telas, pincéis e tintas; depois passaram a ser madeira, ferro e borracha até chegar aos materiais simples, inclusive os recicláveis. Se os materiais se tornaram mais simples, paradoxalmente sua ação se tornou mais complexa e sofisticada.

Essa relação espectador/obra vai aparecer na obra de Oiticica, nos *Parangolés*. Assim como a interferência nos *Bichos* é a interferência do outro, ao vestir a capa e dançar com ela é que se dá vida e se completa a obra. É, por meio desse ato, que se tem acesso à vivência proposta pelo artista. (CATALANO, 2004, p:48)

Assumimos os *Parangolés*, de Hélio Oiticica, como ritual para o nosso encerramento. Em função de termos suscitado diversas memórias, o fechamento teve como propósito amarrar todo trajeto feito pelo grupo. Neste sentido, este momento do

trabalho foi vivido como um ponto final, mas também como uma abertura para o que estava por vir.

Os parangolés fazem parte de mim desde minha infância. O vizinho da minha avó, o Joãozinho quando me via perguntava qual é o parangolé? Naturalmente eu nada entendia, mas ria me parecia divertido. Vou encontra os parangolés no Centro Cultural de Arte Hélio Oiticica. E os visto pela primeira vez. Mas qual o parangolé que visto primeiro? Parece que estou atravessado por esta arte deste sempre.

(Jornal da Pesquisa)

Figura N° 4.13.1: Parangolé – o passado passou I



Fonte: arquivo do pesquisador

Para o primeiro momento, foi criado o Parangolé O Passado Passou que se propunha ser um o fim de um ciclo, e se dizia: “Deixo o passado no passado”. Perceba que ele é praticamente monocromático, predominância do azul: o peso do passado que por vezes arrastamos era representado por pesos reais, como pode ser visto.

Figura Nº 4.13.2: Parangolé – o passado passou II



O peso do passado. Arquivo pessoal do pesquisador.

Hélio Oiticia concebeu os Parangolés para se revelarem nos movimentos. Mesmo com todo o peso do passado, é possível bailar; basta se reinventar e se ajustar ao nosso momento. E vestido de passado com tudo que carregamos podemos acionar o lúdico parangolé pondo a vida em movimento.

Figura Nº 4.13.3: Bailando na Vida



Arquivo pessoal do pesquisador.

Aos rodopios e bailados a arte do parangolé ia sendo incorporada a vida, uma arte viva, permitindo outros olhares para a vida ao viver com e através da arte. Um convite a abertura do projeto sempre em construção, a vida.

Figura N° 4.13.4: Respeito, Reverência ao Vivido.



O passado, o peso faz parte. Arquivo pessoal do pesquisador.

Também não era possível parar aqui, em um melancólico fim. Como perdas são ganhos, nós tínhamos que criar a possibilidade de abertura para o novo; afinal, a vida continua. É neste sentido que foi criado o Parangolé – O Futuro Começa Hoje e Aqui. Com a expectativa de um futuro melhor e promissor, Parangolé do Futuro vem vindo; ele foi criado, agora, mais colorido, a partir do amarelo e do branco, e também mais leve.

Figura N° 4.14.1: Parangolé – O futuro Começa Hoje e Aqui



Arquivo pessoal do pesquisador.

Observemos que os materiais, conforme anunciados, são diferentes e ajustados com o propósito de criar um clima de fé no futuro.

Abrindo-se com leveza para o que está por vir. A vida a se construir no hoje o seu amanhã.

Figura Nº 4.14.2: Recebendo o Futuro na Valsa



Leveza, encantamento para o que vem.

Figura N° 4.14.3: Reverenciando o Futuro



Arquivo pessoal do pesquisador.

De braços abertos para o futuro, o reverenciávamos. E íamos, em nossa dança, recebendo o futuro com movimento e leveza.

Saudando o futuro, em posição de reverência, dizíamos juntos: o futuro começa agora.

Mas findava a pesquisa. Findava?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A velhice, como construção social, requer que nossa perspectiva abarque a complexidade da questão, o que implica considerar, nos estudos da área, a interdisciplinaridade e a multirreferencialidade, de modo a compreender o processo de envelhecimento humano. A atenção ao aspecto multidisciplinar será importante para que não se medicalize a velhice, pois, colocando-se a biomedicina e seus procedimentos como panaceia para o olhar do envelhecer humano e fazendo com que as dificuldades físicas, que são realmente evidentes, sirvam de tampão para não se escutar um segmento populacional de inegável saber e contribuição social ao mundo.

Na realidade, os velhos, como categoria sociológica, segundo consideramos, devem ser vistos na nas suas multifaces: tomando-se, portanto, a velhice em seus aspectos biopsicossocial e espiritual.

As múltiplas respostas que as pessoas mais velhas podem dar a suas dificuldades e as suas possíveis felicidades foram evidenciadas nesta pesquisa: as idosas são chefes de família e sustentam 63% das famílias cearenses; elas vivenciam, em sua prática de vida, o papel de retaguarda, assumindo o encargo dos cuidados no universo parental, em particular, junto aos familiares adoecidos mentalmente, deficientes físicos ou mentais; e também realizam serviços de auxílio aos membros mais jovens – netos em especial –, assim como a outros velhos. Um perfil de trabalho, porém de outra espécie – é o de natureza doméstica, que é invisibilizado em seu valor social, embora se observe certa ambivalência: existem os laços de afeto familiares, no entanto, as idosas são tratadas de forma diminuída, sendo depreciadas no cotidiano.

Observamos que os desafios implicados no processo de envelhecimento populacional dizem respeito à sociedade como um todo, e não se pode pensar que é uma questão restrita aos idosos, já que as ações para com a velhice modificam o padrão relacional familiar e intergeracional – e esta é a principal conclusão desta tese. A construção social da velhice possui repercussões que afetam a sociedade como um todo.

Sabe-se que houve mudanças estruturais significativas na sociedade brasileira, como o decréscimo da taxa de crianças e adolescentes e o aumento da população em idade ativa como de pessoas idosas. Isso se articula com o perfil epidemiológico da população: no Brasil, a taxa de doenças crônico-degenerativas, com

altos índices de doenças infecciosas e parasitárias, características dos quadros de velhice, cresceu, mas ainda não nos libertamos dos problemas antigos de saúde.

A contradição se instala: enquanto a idosa sustenta a família, é diminuída em seu valor e, normalmente, maltratada, surgindo daí uma cultura da desvalia dos velhos em nossa sociedade que vai tomando corpo, principalmente no universo urbano, embora isso traga traços ambíguos.

Há um discurso que chega aos velhos e que vige como sintoma social: ele permeia a desvalia do tempo do pós-trabalho, como se diz do trabalho na velhice – porém, sem razão, já que os idosos, como se viu na pesquisa, fazem coisas diferentes, assumem encargos difíceis. Essa depreciação, no entanto, está a ser transmitida *entre gerações*.

Vimos, por outro lado, que, nos grupos para idosos e idosas, estes são bastante valorizados. Nesses espaços, rupturas são feitas, estando presente o olhar social que muitos lhes dão. Daí ser a dança proeminentemente uma atividade de sociabilidade e de revisitação da própria sexualidade.

Aqui já se percebe as rupturas feitas com os papéis tradicionais dados aos idosos, assim como as avaliações realizadas por eles mesmos sobre as lutas vividas, o que lhes permite observar as mudanças que ocorrem por meio de um olhar mais crítico. Dessa forma, estes se veem mais livres em suas escolhas e questionadores dos padrões relacionais que se lhes oferecem na família.

Assim, quanto mais avança o aspecto da vulnerabilidade do corpo no tempo, maior é o esforço de superação. E a partir dessa experiência com os limites, eles vencem barreiras. Viu-se, aqui, nesta pesquisa, que os trabalhos com idosos e seus relacionamentos familiares e comunitários devem enfatizar a escuta de suas singularidades, de suas simbolizações e percepções, de maneira que não se reduza o idoso a seus corpos. Da mesma forma, também não se reduza seus corpos a doenças e agravos, ainda que estes estejam concretizados ou em potencial.

O trabalho da educação permanente, inclusive do idoso e da idosa, deve ter como alvo a autocompreensão de si, a ser trabalhada com aqueles que estão a envelhecer, de maneira que possamos familiarizá-los com as mudanças que se darão em seus corpos e em suas vidas, para que eles não sejam estrangeiros em sua própria casa/corpo. Afinal, vimos que as idosas sempre se referem ao legado que se deixará como uma transmissão de seu saber: a força de lutar pela vida.

Pudemos observar, na pesquisa, que o campo biológico confere à morte o lugar de indesejada e de desordem insuportável que deve ser silenciada. As idosas, entretanto, mostram que a crença, a espiritualidade e a tradição cultural vivida por elas questionam isso. Se o saber técnico-científico realiza hoje a supressão da fala sobre o morrer, a cultura a sanciona por meio do conhecimento espiritual que as idosas continuam a alimentar em seus variados códigos expressivos.

Por fim, concluímos que a intervenção feita nos ensinou o papel chave da educação social e dos vários educadores sociais ou profissionais que lidam com essa dimensão. Eles são fundamentais na elaboração de questões afetivas, na promoção da autonomia, e na reflexão continuada que as idosas fazem sobre si e suas histórias familiar e social, considerando que o tempo presente é sua grande matéria. E que o potencial de saber e de lutar aprendidos não pode ser desperdiçado, pois é experiência social significativa.

Concluímos, ainda, que será importante tematizar o cotidiano nos grupos que lidam com a velhice, para que se possa complexificar as opções culturais, artísticas e educacionais nestes espaços interativos, já que se lida com sujeitos multidimensionais e com diversidades de culturas e trajetórias singulares de vida.

Como se colocara antes: a educação poderia trabalhar centralmente sobre aspectos dialógicos e intergeracionais, relacionais e humanos, valorizando, assim, as trocas reais e simbólicas entre sujeitos diversos, além de proporcionar a força coletiva para a superação de vulnerabilidades pessoais e sociais.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Danielle Lopes de *et al.* Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 8, p. 3533-3542, 2014.

ALMEIDA, Mauro W. Barbosa. Nota sobre a Resenha das Estruturas Elementares do Parentesco por Simone de Beauvoir. **Campos**, v. 8, n. 1, p. 191-193, 2007.

ANTUNES, Arnaldo; ORTINHO; JENECCI, Marcelo. **Envelhecer**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/arnaldo-antunes/envelhecer.html>. Acesso em: 20 out. 2016.

ARAÚJO, Ednaldo Cavalcante de. Exercício da sexualidade na terceira idade: riscos prementes às infecções sexualmente transmissíveis. *In*: MALAGUTTI, William; BERGO, Ana Maria Amato. **Abordagem interdisciplinar do idoso**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Rúbio, 2010.

ARIÊS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PÓSGRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 17, n. 8, ago. 2012.

BARROS, Mirian Lins de. **Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

BARROSO, Ary. Caco velho. *In*: CARDOSO, Elizeth. **Ary Amoroso**. Columbia, 1991. 1 CD.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENETTON, Maria José. **Trilhas associativas ampliando os recursos na terapia da psicose**. São Paulo: Lemos Editora, 1991.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BIRMAN, Joel. Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. *In*: VERAS, Renato (Org.). **Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

BOFF, Clodovis. **Como trabalhar com o povo e com os excluídos**. Petropolis, RJ: Vozes, 2015.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOTTICELLI, Sandro. **O Nascimento de Vênus**. 1485. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Nascimento_de_Vênus>. Acesso em: 8 nov. 2017.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1986. v.1.

BRANDÃO, Vera M^a A. Tordino. **Longevidade e espiritualidade: narrativas autobiográficas**. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

BRASIL. Decreto N^o 1.948, de 3 de Julho de 1996 que regulamenta a Lei n^o 8.842, de 4 de janeiro de 1994.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Lei n^o 10.741, de 1^o de outubro de 2003.

BRASIL fará parte de pesquisa internacional sobre idoso. Portal Brasil, 03 out. 2012 Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2012/10/brasil-fara-parte-de-pesquisa-internacional-sobre-idoso>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 4 mar. 2016.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico: Estado do Ceará. Séries regionais. Vol. XIV – Tomo I**. Rio de Janeiro, 1955. 131p.

BRASIL. Lei n. 8.742, de 7 de dezembro de 1993. **Lei orgânica da assistência social (LOAS)** [recurso eletrônico]. Lei n. 8.742, de 7 de dezembro de 1993, que dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências, e legislação correlata. – 3. ed. – Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. Versão PDF.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome/ Secretaria Nacional de Assistência Social. **Política Nacional de Assistência Social PNAS/ 2004**.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Pessoas Idosas: orientações técnicas**. Brasília, dez. 2012. Versão preliminar PDF.

BRASIL. **Norma Operacional Básica NOB/SUAS**. Brasília, nov. 2005. Reimpresso em maio de 2009.

BRASIL. O Conselho Nacional de Assistência Social – CNAS. **Resolução N^o 109**, de 11 de novembro de 2009. Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. PDF.

BRASIL. **Política Nacional do Idoso**, Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Brasília, 2010.

BUONAROTTI, Michelangelo. **A Criação de Adão**. 1511. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Cria%C3%A7%C3%A3o_de_Ad%C3%A3o#/media/File:God2-Sistine_Chapel.png>. Acesso em: 30 nov. 2017.

CANCELA, Diana Manuela Gomes. Processo de envelhecimento. **Portal da Psicologia**. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0097.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

CARAVAGGIO. **Narciso**. 1594-96. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Caravaggio#/media/File:Narcissus-Caravaggio_\(1594-96\)_edited.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caravaggio#/media/File:Narcissus-Caravaggio_(1594-96)_edited.jpg)>. Acesso em: 15 jul. 2016.

CARVALHO, José Alberto Magno de; RODRÍGUEZ-WONG, Laura L. A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XXI. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 597-605, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n3/13.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2017

CASTORIADIS, Cornelius. Poder, política, autonomia. *In*: _____. **Un mundo fragmentado**, Buenos Aires: Altamira, 1997. Disponível em: <<http://www.cuestiondepiel.com/castoriadis.PDF>>. Acesso em: 15 out. 2016.

CATALANO, Ana Rosa Saraiva. **O lugar do espectador-participante na obra de Lygia Clark e Hélio Oiticica**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio. Orientadora: Cecília Martins de Mello. Rio de Janeiro, 2004.

CATUSO, Marilu Chaves. Rompendo o silêncio: desvelando a sexualidade em idosos. **Revista Virtual Textos & Contextos**, n. 4, dez. 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/996/776>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

CAVALCANTE, Péricles; ANTUNES, Arnaldo. Velhos e Jovens. *In*: CALCANHOTO, Adriana. **Senhas**. 1996. 1 CD.

CEARÁ. Secretaria do Planejamento e Gestão. **Fundo Estadual de Combate à Pobreza**. Disponível em: <http://fecop.seplag.ce.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=43387&Itemid=21>. Acesso em: 25 abr. 2017.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artemed, 2000.

CIOSAK, Suely Itsuko *et al.* Senescência e senilidade: novo paradigma na atenção básica de saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, número especial 2, p. 1763-1768, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/40902/44371>>. Acesso em: 20 out. 2016.

CONSELHO ESTADUAL DOS DIREITOS DO IDOSO – CEDI-CE. **Relatório final do GT suicídio**. In mimeo, [s. d.].

CONSELHO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL – CNAS. **Resolução nº 109**, de 11 de novembro de 2009.

COSTA, E. F. A.; PORTO, C. C.; SOARES, A. T. Envelhecimento populacional brasileiro e o aprendizado de geriatria e gerontologia. **Revista da UFG**, v. 5, n. 2, dez. 2003. Disponível em:<https://teste.proec.ufg.br/revista_ufg/idoso/envelhecimento.html> Acesso em: 20 set. 2016.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem medica e norma familiar**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

COSTA, Leandro Oliveira. **Perfil Populacional do Ceará**. Fortaleza: IPECE, 2010.

CRENSHAW, Kimberlé W. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000100011&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 25 ago. 2017.

DAMATTA, Roberto. Racismo à brasileira: dois eventos. **O Estado de S. Paulo**, 25 jul. 2001.

DEBERT, Guita G. **A Reinvenção da velhice**: socialização e processo de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, 1999.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

DERRIDA, Jacques; ROMANE, Antônio. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos Cedes**, ano 21, n. 55, nov. 2001.

DIAS, Belidosn. A/r/tografia como metodologia e pedagogia em arte: uma introdução. *In*: DIAS, Belidosn; IRWIM, Rita L. (Org). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013.

DUARTE, Elisabeth Carmen; BARRETO, Sandhi Maria. Transição demográfica e epidemiológica: a epidemiologia e serviços de saúde revisita e atualiza o tema. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 21, n. 4, p. 529-532, out./dez. 2012.

DUTRA, Altemar. Meu velho. *In*: Dutra, Altemar. **Meus Momentos**. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/altemar-dutra/meu-velho.html>>. Acesso em: 20 out. 2017.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**: seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. v.2.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade**: (a Meneceu). São Paulo: Editora UNESP, 2002.

ESQUENAZI, Danuza; SILVA, Sandra R. Boiça da; GUIMARÃES, Marco Antônio M. Aspectos fisiopatológicos do envelhecimento humano e quedas em idosos. **Revista HUPE**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 11-20, 2014.

FECHINE, Basílio Rommel Almeida; TROMPIERI, Nicolino. O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. **InterSciencePlace**, edição 20, volume 1, artigo nº 7, jan./mar. 2012. Disponível em: < <http://www.fonovim.com.br/arquivos/534ca4b0b3855f1a4003d09b77ee4138-Modifica---es-fisiol--gicas-normais-no-sistema-nervoso-do-idoso.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O saber em jogo**: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERNANDEZ, Maribel Leon; PANIAGUA, Sandra Castro. Introdução. *In*: MURILLO, Ana Cecilia; BRENES, Marisol Rapso. **Envelhece la sexualidad?** Buenos Aires: Espaccio Editorial, 2007.

FINO, Carlos Nogueira. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. *In*: ESCALLIER, Christine; VERÍSSIMO, Nelson (Org.). **Educação e Cultura**. Funchal: DCE – Universidade da Madeira, p. 43-53, 2008. Disponível em : < <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo: ensaio de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **O Mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago editora, 1930.

FRUGOLI, A.; MAGALHÃES-JUNIOR, C. A. O. A sexualidade na terceira idade na percepção de um grupo de idosas e indicações para a educação sexual. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, Umuarama, v. 15, n. 1, p. 85-93, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/saude/article/view/3696/2398>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

GALVÃO, Ana Clara Duarte. Sexualidade no idoso e o cuidado em domicílio. *In*: DUARTE, Yeda Aparecida de Oliveira. **Atendimento domiciliar: um enfoque gerontológico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 1989.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e o educador social em projetos sociais. *In*: VERCELLI, Lígia (Org.). **Educação não formal: campos de atuação**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GOLDFARB, Delia Catullo. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

GOLDFARB, Délia Catullo. Mal-estar, luto envelhecimento na contemporaneidade. *In*: FREITA, Elizabete Viana de; PY, Lygia. 4. ed. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

GONZAGINHA. **Coisa Mais Maior de Grande - Pessoa**, EMI, 1981. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/gonzaguinha/discografia/coisa-mais-maior-de-grande-pessoa.html>>. Acesso em: 13 set. 2017

GONZALEZ, Ana Cecília M.; BRENES, Marisol Rapso. Modificaciones en la sexualidad ocasionada por el proceso de envejecimiento. *In*: MURILLLO, Ana Cecilia; BRENES, Marisol Rapso. **Envejece la sexualidad?** Buenos Aires: Espacio Editorial, 2007.

HUMBOLDT, Sofia Von; LEAL, Isabel; MONTEIRO, Ana. São adultos mais velhos Bem Sexualmente? Sexual Bem-Estar entre uma amostra transnacional de adultos mais velhos. **Canadian Center of Science and Education**. v. 8, n. 1, 2016.

HERÓIS DA RESISTÊNCIA. **O Estrangeiro**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/herois-da-resistencia/112704/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

IRWIM, Rita L. A/r/tografia. In: DIAS, Belidosn; IRWIM, Rita L. (Org). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013.

JANUARIO, Elizete Terezinha. **Arte para o corpo: vivenciar, perceber e sentir a arte contemporânea brasileira**. Dissertação apresentada ao Instituto de Artes, da Universidade Estadual de Campinas. Orientador: Marco Antonio Alves do Valle. 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KALACHE, A. *et al.* O envelhecimento da população mundial: um desafio novo. **Rev. Saúde Pública**, v. 21, n. 3, p. 200-10, 1987.

KAMII, Constance. **Autonomia**. Nittas Video, 2007. 1 DVD.

KANCYPER, L. **Confrontação de gerações: estudo psicanalítico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

KESSEL, Belinda. Sexuality in older person. **Age and ageing**, v. 30, p. 121-124, 2001. Disponível em: <<http://ageing.oxfordjournals.org/content/30/2/121.full.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2016.

KOLTAI, Caterina. **Política e psicanálise: o estrangeiro**. São Paulo: Escuta, 2000.

LEME, Luis Eugênio G.; SILVA, Paulo Sergio C. P. da. O idoso e a família. In: PAPALÉO NETTO, Matheus. **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996.

LIMON, M^a Rosário; CABORNERO, Juan A. Crespo. **Grupos de debate para Mayores: guia prática para animadore**. Madrid: Narcea, 2002.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. **O tortuoso e doce caminho da sensibilidade: um estudo sobre arte e educação**. 2. ed. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2003.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. **O pensamento criador ou narratividade enquanto ato criador: processos criativos na crítica da cultura**. Tese de doutoramento. Faculdade de Educação da UFC. 2001.

LINS, Ivan. Iluminado. In _____. **O Amor é meu país**. 2006. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/ivan-lins/discografia/o-amor-e-meu-pais.html>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

LINS, T. Gerontólogo educacional brasileiro: a construção do modelo brasileiro. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 16, n. 3, p.117-140, 2013.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. **Saúde na velhice**: as interpretações sociais e os reflexos no uso do medicamento. São Paulo: EDUC, 2000.

LUCIENTES, Francisco de Goya y. **Saturno devorando filho**. 1819-1823. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Saturno_devorando_um_filho#/media/File:Francisco_de_Goya,_Saturno_devorando_a_su_hijo_\(1819-1823\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Saturno_devorando_um_filho#/media/File:Francisco_de_Goya,_Saturno_devorando_a_su_hijo_(1819-1823).jpg)>. Acesso em 24 nov. 2017.

MAFFESOLI, M. **O conhecimento comum**: compêndio de sociologia compreensiva. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996.

MAFFESOLI, M. **O elogio da razão sensível**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MAGALHÃES, D. N. Envelhecimento e resistência cultural. **Intercâmbio**, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, p. 5-16, jan./abr. 1988.

MAGALHÃES, D. N. **Invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: edição do autor, 1987.

MAIS mulheres são chefes de família: e jovens optam por ser mãe mais tarde. **G1 Portal**, 31 dez. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/10/mais-mulheres-sao-chefes-de-familia-e-jovens-optam-por-ser-mae-mais-tarde.html>>. Acesso em: 01 dez. 2016.

MANIFESTO NEOCONCRETO. **Jornal do Brasil**. Disponível em: <<http://www.mariosantiago.net/textos%20em%20pdf/manifeto%20neoconcreto.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Memórias de minhas putas tristes**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MEAD, Margaret. **Culture and commiment**: a study of generation gap. New York: The American Museum of Natural History, 1970.

MEIRELES, Cecília. **Os melhores poemas de Cecília Meireles**. 11. ed. São Paulo: Global, 1999.

MENEGHEL, S. N. *et al.* Suicídio de idosos sob a perspectiva de gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 8, 2012.

MERCADANTE, Elizabeth. **A construção da identidade e da subjetividade do idoso**. Tese de doutorado no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais-PUC-SP. 1997.

MESSY, Jack. **A Pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice**. São Paulo: ALEPH, 1993.

MINAYO, M.^a Cecília. **Violência contra os idosos: o avesso do respeito à experiência e à sabedoria**. 2. ed. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

MINAYO, M.^a Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. (Org.) **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

MINOIS, Georges. **História da velhice no ocidente**. Lisboa: Editorial Teorema, 1999.

MIRABELLI, Sandra Carla Sarde; FONSECA, Suzana Carielo da. Educação permanente: diálogo com o contexto globalizado e impacto na vida de idosos. *In:* FONSECA, Suzana Carielo da (Org.) **O Envelhecimento ativo e seus fundamentos**. São Paulo: Portal Edições Envelhecimento, 2016.

MONTEIRO, Evaldo Cavalcante. O envelhecimento populacional e a prática da assistência social no Estado do Ceará: uma análise à luz da Política Nacional do Idoso. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 129-141, 2013.

MONTEIRO, Evaldo Cavalcante. **Se o idoso não é prioridade ele também não é esquecido: a complexidade de envelhecer no Ceará**. Dissertação de Mestrado em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro. Sexualidade e gênero no envelhecimento. **ALCEU**, v. 5, n. 9, p. 77-86, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n9_negreiros.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2016.

NÓBREGA, Antonio Claudio Lucas da *et al.* Posicionamento Oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte e da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia: atividade física e saúde no idoso. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 5, n. 6, nov./dez. 1999.

OLIVEIRA, Francilene Silva de. **A sexualidade das idosas: tabus e desafios enfrentados**. Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social no Centro de Ciências Sociais Aplicadas das Faculdades Cearense. Orientador: Evaldo Cavalcante Monteiro. Fortaleza, 2015.

OLIVEIRA, Paulo Salles. **Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana.** São Paulo: Hucitec, 1999.

PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice: história, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana Freitas; PY, Ligia (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Kooogan, 2016.

PAPALÉO NETTO, Matheus. **Gerontologia.** São Paulo: Atheneu, 1996.

PARKES, C. M. **Amor e perdas: as raízes do luto e suas complicações.** São Paulo: Summus, 2009.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. *In:* BARROS, Myrian M. L. (Org.) **Velhice ou terceira idade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

PEIXOTO, Clarice. **Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro.** São Paulo: Annablume, 2000.

PETERSON D. A. A history of the education of older learners. *In:* SHERRON, R. H.; LUMSDEM, D. B. **Introduction to educational gerontology.** Washington, D.C: Hemisphere Publishing Corporation, 1990.

POSTER, Mark. **Teoria crítica da família.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus Membros *in* **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago. 2007

PORTINARI, Candido. **As Lavadeiras.** 1944. Disponível em:

PORTINARI, Candido. **Café.** 1935. Disponível em: < <http://estudosavancadosinterdisciplinares.blogspot.com.br/2012/10/cafe-candido-portinari-1935.html> >. Acesso em: 22 nov. 2017.

QUEIROZ, Raquel de. **Memorial de Maria Moura.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2010.

RELATÓRIO global sobre aprendizagem e educação de adultos. Brasília: UNESCO, 2010.

RIBES, Gérard. Sexualité et vieillissement in **Journée inter-EMS**. 26 avril 2007. Disponível em: < <https://www.fegems.ch/documentation/?cat=actes>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

REMBRANDT, Harmenszoon van Rijn. **Velho em Oração**. 1660. Disponível em: < <https://br.pinterest.com/pin/531706299740683207/>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Primórdios do conceito de gênero. **Cadernos Pagu**, v.12, p.157-163, 1999.

SALEM, Tânia. **O velho e o novo**: um estudo de papéis e conflitos familiares. Petrópolis: Vozes, 1980.

SALGADO, M. Ant.º. **Velhice, uma nova questão social**. São Paulo: SESC-SP, 1982.

SALVAREZZA, Leopoldo. La defusión pulsional y los destinos de la sexualidad más allá de la genitalidad. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, v. 14, n. 5. São Paulo, p. 01-12, dez. 2011.

SALVAREZZA, Leopoldo. **Teoria y clínica**. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1991.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. Reestruturação nos Bancos no Brasil: desemprego, subcontratação e intensificação do trabalho. **Educação & Sociedade**, ano 20, n. 67, p. 183-209, ago. 1999.

SILVA, Janaina Corraza Barreto. **Educação para Velhos**: abordagem em grupos com idosos como espaço de prevenção e promoção de saúde. Tese. Orientadora: Maria Júlia Kovács. 2012.

SOARES, Maria Cidney da Silva *et al.* Sexualidade na terceira idade: compreensão e percepção do idoso, família e sociedade. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 12, n. 1, p. 317-326, jan./jul. 2014.

SOBRAL, Benigno. O Ser aposentado: a emergência de um ator social. *In*: Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. **Caminhos do envelhecer**. Rio de Janeiro: Revinter, 1994.

SOIHET, Rachel. História das mulheres e história de gênero, um depoimento. **Cadernos Pagu**, v. 11, p.77-87, 1998.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

SUASSUNA, Ariano. **O Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1975.

UCHOA, Elizabeth; FIRMO, Josélia O. A.; LIMA-COSTA, Maria Fernanda. Envelhecimento e saúde: experiência e construção cultural. *In*: MINAYO, M^a Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

Internacional. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO. Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos. – Brasília: UNESCO, 2010.

VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.) **Pesquisas Urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

VELHO, G. Observando o familiar. *In*: NUNES, E. de O. (Org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELOSO, Maristela Midlej Silva de Araujo; BONILLA, Maria Helena Silveira. O jornal de pesquisa e o diário de campo como dispositivos da pesquisa-formação. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 6, n. 1, p. 47 – 58, out. 2017.

VERAS, Renato P.; RAMOS, Luiz Roberto; KALECHE, Alexandre. Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e consequências na sociedade. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 225-33, 1987.

VERCELLI, Lígia (Org.). **Educação não formal**: campos de atuação. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

VIEIRA, Eliane Brandão. **Manual de gerontologia**: um guia teórico-prático para profissionais, cuidadores e familiares. 2. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 2004.

VIEIRA, Tereza Rosa Lins. Gerontologia Educacional: Que?? *In*: **Anais Congresso Internacional do Envelhecimento Humano – CIEH**, v. 2, n.1, 2015.

VITALE, Maria Amalia Falller. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. *In*: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amalia Falller (Org.) **Família: redes, laços e políticas públicas**. 6. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

VOLTOLINI, Rinaldo. **Educação e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

WAGNER, Adriana. **Desafios psicossociais da família contemporânea**: pesquisas e reflexões. Porto Alegre: Artmed, 2011.

WAGNER, Helmut R. **Fenomenologia e relações sociais**: textos escolhidos de Alfred Schütz. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WONG, L. L. R.; CARVALHO, J. A. O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil: sérios desafios para as políticas públicas. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 5-26, jan./jun. 2006.

WOODCOCK, George (Sel.) A ditadura do relógio. *In*: _____. **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre, L&PM, 1972.

XAVIER, Karla Rampim. **O sintoma social ou o sintoma com Marx**: um conceito psicanalítico. Dissertação em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientação Raul Albino Pacheco Filho. São Paulo, 2012.

YGLESIAS, Maria Pérez. Prólogo. *In*: MURILLLO, Ana Cecilia; BRENES, Marisol Rapso. **Envejece la sexualidad?** Buenos Aires: Espaccio Editorial, 2007.

ZAVALA, Verónica Montes de Oca. Viudez, soledad y sexualidad en la vejez: mecanismos de afrontamiento y superación. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 14, número especial 10, 2011.

ANEXO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ARTE CONTEMPORÂNEA COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS E AUTONOMIA: UMA PROPOSTA EDUCATIVA PARA PESSOAS IDOSAS

Pesquisador: Evaldo Cavalcante Monteiro

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 55096316.2.0000.5054

Instituição Proponente: Faculdade de Educacao

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.520.306

Apresentação do Projeto:

Este projeto de pesquisa parte da problemática da educação de idosos como desafio para pensar estratégias educativas estimulantes e adequadas a este universo de pessoas, o qual está em franco crescimento demográfico no Brasil. Propõe realizar uma experiência de animação sociocultural, sob a inspiração da arte contemporânea de base clarkeana, como meio de aprendizado da autonomia, por parte de pessoas idosas. Utiliza as ferramentas da etnografia como base de pesquisa de campo – qual sejam, observação participante, entrevistas e diário de campo – junto a um grupo de idosos vinculado a um serviço público que busca apoio com base na convivência e fortalecimento de vínculos. Tem como objetivo final oferecer uma nova estratégia de atividade sócio-educativa para o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV, no âmbito da Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social. A pesquisa proposta é de natureza qualitativa, e como tal, obedece ao recorte metodológico habitual nas pesquisas qualitativas. Serão utilizados como estratégia, os métodos: análise documental, cartografia com etnografia e pesquisa-ação. O presente projeto de pesquisa é fruto da prática profissional institucional do pesquisador, como Terapeuta Ocupacional e Gerontólogo da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social do estado do Ceará, no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Pessoas Idosas-SCFV, que o direcionou para instrumentalizar, na teoria e na

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

Continuação do Parecer: 1.520.306

prática, aqueles que realizam os encontros, os orientadores sociais responsáveis pela condução do SCFV, cuja atuação, será investigada. Coloca como perguntas o seguinte. O que está faltando na capacitação para que os idosos se tornem protagonistas e autônomos? Esperava que com o ajuste na teoria e na prática, dentro do que preconiza os ditames legais e a gerontologia, emergisse um idoso mais participativo, protagonista e autônomo. A pesquisa caminha neste sentido, posto que, ao propor desenvolver vivência da arte de base clarkeana junto às idosas, pretende verificar quão capaz ela será de suscitar aprendizado no sentido de gerar autonomia. Basea-se na Artografia, que tem caráter intervencionista e os artógrafos preocupam-se com suas intervenções, uma vez que afetam aos outros e a si mesmos. (IRWIN, 2013, p.32). Eles querem, sobretudo, que espectadores e leitores entendam algo de forma nova e atraente que faça diferença para a comunidade em que vivem e para o campo em que trabalham. Para tal a pesquisa será realizada em duas etapas e apresenta como critérios de inclusão: na etapa I, considerando o grupo de idosos como um todo, não é necessário estabelecer critérios. Na etapa II, os critérios para participação na Artografia são: 1) ser mulher, 2) estar inscrito Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, 3) ter sessenta anos ou mais, 4) desejar participar da pesquisa; 5) morar no bairro onde está instalado o serviço ou bairro circunvizinho. Caso haja mais de dez pessoas, serão selecionadas as dez primeiras participantes que se prontificarem a fazer parte da pesquisa. E, como Critério de Exclusão: não participarão da etapa II da pesquisa: 1) homens, 2) idade inferior a sessenta anos, 3) não estar inscrito e participando do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, 4) se auto-declarar incapaz, ter osteoporose grave e/ou fazer uso de anti-psicótico. Quanto a análise dos dados considera, um enfoque multidisciplinar. E assim o é porque as instituições, os grupos e as organizações são perpassados por pluralidade de saberes e poderes, conseqüentemente de práticas. Para Geertz (1989), a interpretação da cultura não é a busca para responder às questões individuais mais profundas. Mas, quer tomar um conjunto de atos simbólicos como base para análise. Essa relação fica evidente, ao afirmar que apreender a dimensão simbólica “não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionalizadas; é mergulhar no meio delas” (GEERTZ, 1989, p. 40). A interpretação da cultura é revelar o que está oculto, neste sentido, assemelha-se de algum modo à interpretação analítica.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Realizar atividade com arte contemporânea de base clarkeana como elemento pedagógico

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

Continuação do Parecer: 1.520.306

propositivo para a educação de pessoas idosas assistidas pelo Sistema Único da Assistência Social – SUAS, no Ceará, com vistas à sua interatividade social e autonomia.

Objetivo Secundário:

- Conhecer fatores intervenientes na aprendizagem das idosas nos locais de atendimento;
- Conhecer objetos e situações vivenciais na arte de Lygia Clark;
- Fomentar a criação, interação e vivências dos idosos com a arte contemporânea de base clarckiana a partir de temas propostos;
- Oferecer aos orientadores sociais e educadores uma estratégia pedagógica para idosos, capaz de suscitar sociabilidade e autonomia.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: No que diz respeito à observação participante o risco é mínimo, estranhamento comum a todo novo membro, contudo a explicação da pesquisa e a qualificação do pesquisador mitigarão o estranhamento. O que tange aos riscos, decorrentes de sua participação na pesquisa, posso esclarecer que a entrevista semi-estruturada, poderá trazer algum desconforto como constrangimento em relação às respostas e informações dadas, o que representa um risco mínimo, que será reduzido proporcionando ambiência e postura, por parte do pesquisador, acolhedoras, ambas favoráveis a entrevista, permitindo que os participantes fiquem a vontade para responder ou não às perguntas, mitigando, assim, o desconforto. Ainda com relação aos riscos, no desenvolvimento da animação sócio cultural pode haver divergências opiniões e pensamentos entre os participantes. Entretanto é previsto que pensamentos e opiniões podem ser expressos e que todos tem vez e voz. A pesquisa, também, não vai estabelecer quem está certo ou errado, ou seja, estabelecer um regime de verdades. Os temas serão trazidos a partir deles ou com anuência deles, já que o conteúdo é aberto, podem suprimir ou acrescentar temas.. O ambiente também será acolhedor propício a atividade e livre expressão. Caso haja mobilização de afetos eles poderão contar com a acolhida de sua expressão. Além disso o pesquisador utilizará os recursos do próprio grupo como suporte, acolhendo e sinalizando superação do fato. Benefícios:

promover aprendizado acerca da situação social do idoso e processo de envelhecimento trazendo-lhe maior autonomia.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é pertinente e extremamente relevante, uma vez que o trabalho com idosos baseado na arte tem se tornado foco da Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Certamente trará contribuições

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

Continuação do Parecer: 1.520.306

relevantes à área.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação estão todos adequados, cabendo apenas um ressalva no último item da ficha de Informações Preliminares do Projeto, quando responde "sim" ao item de pesquisa internacional, que de fato, não é.

Deve ter sido um engano na digitação, não comprometendo o projeto.

Recomendações:

A divulgação da pesquisa no âmbito da Secretaria de Educação, especificamente no setor competente, que trata da Educação de Jovens e Adultos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisa esta bem explicitada, quanto à fundamentação, metodologia e bibliografia, revelando sua pertinência, como pesquisa de doutorado e sua futura colaboração à área em estudo.

Não há pendências que comprometam a aprovação do projeto, apenas uma resposta inadequada a um item do formulário de Informações preliminares.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_689938.pdf	12/04/2016 16:02:01		Aceito
Folha de Rosto	scan.pdf	12/04/2016 16:00:54	Evaldo Cavalcante Monteiro	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_TLEC.doc	12/04/2016 15:56:32	Evaldo Cavalcante Monteiro	Aceito
Outros	Entrevista_familiar.doc	01/04/2016 01:27:44	Evaldo Cavalcante Monteiro	Aceito
Outros	Entrevista_coordenador_grupo.doc	01/04/2016 01:25:52	Evaldo Cavalcante Monteiro	Aceito
Outros	Entrevista_chefe_unidade.doc	01/04/2016 01:24:41	Evaldo Cavalcante Monteiro	Aceito
Outros	ANEXO_III.doc	01/04/2016 01:23:45	Evaldo Cavalcante Monteiro	Aceito
Outros	TERMO_CIENCIA_setor_pesquisa.PDF	01/04/2016 01:13:41	Evaldo Cavalcante Monteiro	Aceito
Outros	TERMO_COMPROMISSO_dados.PDF	01/04/2016 01:11:59	Evaldo Cavalcante Monteiro	Aceito

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ/ PROPESQ



Continuação do Parecer: 1.520.306

Outros	CurriculumLATTES_ECM2016.PDF	01/04/2016 01:06:56	Evaldo Cavalcante Monteiro	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_CONCORDANCIA.PDF	01/04/2016 01:05:35	Evaldo Cavalcante Monteiro	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_LIVRE_ESCLARECIDO.doc	01/04/2016 01:03:18	Evaldo Cavalcante Monteiro	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.PDF	01/04/2016 01:02:13	Evaldo Cavalcante Monteiro	Aceito
Outros	CARTA_APRECIACAO_CEP.PDF	01/04/2016 01:00:55	Evaldo Cavalcante Monteiro	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_FIEL_DEPOSITARIO.PDF	01/04/2016 00:58:52	Evaldo Cavalcante Monteiro	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	ANUENCIA_Institucional.PDF	01/04/2016 00:55:20	Evaldo Cavalcante Monteiro	Aceito
Cronograma	Cronograma.PDF	01/04/2016 00:54:48	Evaldo Cavalcante Monteiro	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 28 de Abril de 2016

Assinado por:
FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador)

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br